



# PUC RIO

TERESA CREUSA DE GÔES MONTEIRO NEGREIROS

A 'NOVA' MULHER EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO:  
CONFRONTOS E CONFLITOS

Tese de Doutorado  
Departamento de Psicologia  
Rio de Janeiro, fevereiro de 1996

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

**N.Cham. 150 N385n TESE UC**

**Autor Negreiros, Teresa Creusa de Goes Monteiro.**

**Título A "nova" mulher em processo de envelhecimento**

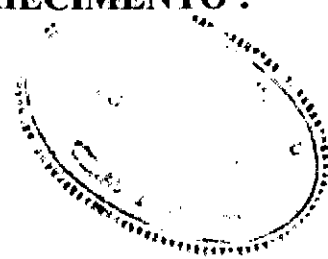


Ex.1 PUC-Rio - PUCB

63540

00092639

**A "NOVA" MULHER EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO :  
CONFRONTOS E CONFLITOS**



**Teresa Creusa de Góes Monteiro Negreiros**

Tese apresentada como requisito parcial para  
a obtenção do grau de Doutor em Psicologia  
Clínica à banca examinadora do Departamento  
de Psicologia da PUC - RIO.

Orientadora: *Profa Maria Helena Novaes Mira*

Rio de Janeiro, dezembro de 1995.  
Curso de Pós Graduação  
Departamento de Psicologia  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

63540

UC 64532-6



150  
N385m  
TESE UC  
TV

## Agradecimentos

À minha orientadora, Profa Maria Helena Novaes Mira, pela leitura atenta, pela interlocução precisa, pelo apoio e sensibilidade sempre presentes, pelas sugestões criativas e competentes.

Ao Prof. Sérvulo Augusto Figueira, orientador da primeira etapa, que, com suas preciosas observações, ofereceu importante contribuição à tese como um todo.

À Profa Fanny Tabak, pelo incentivo constante ao estudo sobre o tema da mulher e pela confiança no meu trabalho.

Ao Prof. José Otávio Naves, pela amizade com que leu alguns tópicos e habilmente sugeriu algumas mudanças.

Aos meus alunos do curso de Graduação em Psicologia, pela escuta carinhosa, pelo estímulo transmitido, pelo compartilhar do momento de desafio que atravessei. Em especial menciono alguns que, de uma forma ou de outra, participaram mais efetivamente deste estudo: Alciane Basílio de Almeida, Alexandre Souza Chaves, Ana Carla Pereira, João Luiz Selasco, Luciana Taboas Mello, Lucienne de Jesus Neri, Norma Quintela, Penélope de Melo e Souza, Regina Coeli Costa Coutinho, Teresa Beatriz Éder.

As entrevistadas, por terem aceito colaborar com seus depoimentos, através dos quais foi viabilizada esta tese.

As secretárias do Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Vera Lúcia Lima e Silva e Marize Lira de Souza, pela eficiência, consideração e gentileza com que me distinguiram no trabalho cotidiano.

Ao CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela concessão da bolsa de estudos.

Dedicatória

À minha mãe, *Teresa Lúcia de Góes Monteiro*,  
pelo amor que me permitiu ser o que sou.

## Sumário

O objetivo deste trabalho foi examinar os principais desafios e o projeto de vida da "nova" mulher em processo de envelhecimento. A partir da revisão de literatura em torno de temas referentes a essas mulheres - profissionais das camadas médias urbanas, com nível superior de escolaridade e idade entre 45 a 55 anos - levantaram-se questões a respeito de confrontos psico-sociais e de rupturas típicas desta geração feminina. Essas questões foram orientadas conforme interpretações teóricas sobre dimensões diversas de "crise" da meia-idade.

Analisados os conteúdos de 20 entrevistas realizadas, verificou-se que, participantes de mudanças culturais intensas das últimas décadas, essas mulheres vem experimentando vários dilemas principalmente relacionados à internalização de modelos tradicionais de papéis de gênero.

As mais marcantes polaridades dos conflitos emergentes dos depoimentos foram discutidas: apogeu idealizado x envelhecimento; (re) ativação "masculina" x resgate do "feminino"; poder x culpa; solidão x afiliação. Nesta discussão utilizaram-se, sobretudo, concepções psicanalíticas.

## Abstract

The purpose of this research was to examine the challenges and the life projects of the so called "new" woman who is in the process of aging. A review of literature related to these women - defined in this study as middle class professionals with a university education ranging 45 and 55 years of age - revealed certain themes and questions centering around the psychosocial confrontations and disruptions of this generation of women. These questions were oriented using theoretical interpretations concerning the dimensions of middle age "crisis".

An analysis of the content of twenty interviews showed that these women, participants in intensive cultural changes during the past de past decades, are now experiencing several dilemmas wich are frequently related to an internalization of traditional models of gender role.

The four major poies of conflict which emerged from interview were: idealized eternal youth versus aging; a reactivation of a masculine role versus the recovery of a feminine role; power versus guilt; solitude versus intimacy. They were discussed mainly through psychoanalytic concepts.



## Résumé

Cette étude a pour but d'examiner les principaux défis et les projets de vie de la "nouvelle" femme en processus de vieillissement. À partir de la littérature sur des sujets référents à la "nouvelle" femme - professionnelles de la classe moyenne urbaine, qui ont des niveaux supérieurs de scolarité et l'âge entre 45-55 ans - des questions ont été posées à propos des confrontations psycho-sociales et des ruptures propres de cette génération féminine, d'après les interprétations théoriques sur les différentes dimensions de "crise" de l'âge moyen.

D'après l'analyse du contenu de 20 entretiens qui ont été réalisés, on a vérifié que ces femmes, qui ont participé des intenses changements culturels pendant les dernières années, expérimentent plusieurs dilemmes référés à l'internalisation des modèles traditionnels de rôle de genre.

Les quatre principales polarités des conflits émergents des discours ont été discutées: apogée idéalisée x vieillissement; (re) activation "masculine" x recherche du "féminin"; pouvoir x culpabilité; solitude x affiliation. Des conceptions psychanalytiques ont été employées dans cette discussion.

# Índice

|  | <i>Página</i> |
|--|---------------|
| <b>Introdução</b>  | 1             |
| <b>Parte 1. Revisão da Literatura</b>  |               |
| <br>   |               |
| <b>Capítulo 1. <i>A “Nova” Mulher - breve caracterização</i></b>                     |               |
| 1.1. Educação, Trabalho e Organização Familiar                                       | 9             |
| 1.2. Modelo Tradicional x Modelo Novo  | 12            |
| 1.3. Contexto Psicologizado e Feminista: a emergência da “nova” mulher               | 14            |
| <br>   |               |
| <b>Capítulo 2. <i>Reflexões sobre o processo de envelhecimento</i></b>               |               |
| 2.1. Envelhecer na Atualidade: algumas apreciações.                                  | 18            |
| 2.2. Psicanálise e Envelhecimento  | 22            |
| <br>   |               |
| <b>Capítulo 3. <i>Crise da “nova” mulher diante da perspectiva de envelhecer</i></b> |               |
| 4.1. Crise e Desenvolvimento   | 32            |
| 4.2. Perspectivas de crise da “nova” mulher  | 38            |
| 4.3. Como envelhecer ?   | 44            |
| <br>   |               |
| <b>Parte 2. Pesquisa</b>   |               |
| <br>   |               |
| <b>Capítulo 4. <i>Metodologia da Investigação</i></b>                                |               |
| 4.1. Opção metodológica: considerações básicas                                       | 51            |
| 4.2. Sobre a Amostra   | 56            |
| 4.3. Entrevistas e Procedimentos   | 62            |
| 4.4. Organização dos Temas   | 68            |

## Capítulo 5. *Conflitos Emergentes de uma Geração Mutante*

|   |    |
|---|----|
| 5.1. Discussão Inicial                            | 72 |
| 5.2. A Presença das Psicoterapias nos Depoimentos | 79 |

## Capítulo 6. *Envelhecimento x Apogeu Idealizado*

|   |     |
|---|-----|
| 6.1. Ser Avó: um projeto longínquo                                      | 88  |
| 6.2. Envelhecimento: o sentido de uma ausência ou uma ausência sentida? | 91  |
| 6.3. Preservação da Identidade Social                                   | 102 |

## Capítulo 7. *(Re) ativação “masculina” x Resgate do “feminino”*

|  |     |
|--|-----|
| 7.1. Papéis de Gênero                          | 107 |
| 7.2. Identificação: uma forma de constituir-se | 110 |
| 7.3. Chapeuzinho Vermelho, Lobo Mau, Vovozinha | 114 |
| 7.4. As Marcas do Conflito                     | 117 |

## Capítulo 8. *Poder x Culpa*

|   |     |
|---|-----|
| 8.1. Poder e Sexualidade                  | 130 |
| 8.2. Culpa e Mulher                       | 137 |
| 8.3. Abdicar: o peso da punição           | 141 |
| 8.4. Usurpar: o mal estar da transgressão | 147 |

## Capítulo 9. *Solidão x Afiliação*

|   |     |
|---|-----|
| 9.1. Ideal Feminino: a importância do estágio pré edípico | 155 |
| 9.2. O Elo da Maternidade                                 | 160 |
| 9.3. Relação com o Companheiro: união - separação         | 167 |
| 9.4. Coletivo e Individual como Projeto                   | 175 |

|                        |     |
|------------------------|-----|
| <b>Discussão Final</b> | 180 |
|------------------------|-----|

|              |     |
|--------------|-----|
| <b>Anexo</b> | 192 |
|--------------|-----|

|                                   |     |
|-----------------------------------|-----|
| <b>Referências Bibliográficas</b> | 210 |
|-----------------------------------|-----|

## Introdução

A intenção inicial foi a de realizar um estudo sobre o processo de envelhecimento da mulher profissional de nível superior das camadas médias dos grandes centros urbanos, tema esse que foi abordado por diferentes autores, com diversos enfoques teóricos e metodológicos. Sem dúvida, constituiu-se questão tanto de interesse científico como de domínio público, explorado pela mídia, fazendo parte do "zeitgeist" de nosso tempo e contexto. A saber, duas publicações: Mulher: 40 graus à sombra- Reflexões sobre a vida a partir dos 40 anos, de Pereira, M.L.; Pimentel, R. M; Fontes, M (1994) e Quarenta, a Idade da Loba, de Lemos, R.(1994) figuraram, no decorrer do ano de 1995, dentre os livros mais vendidos, conforme lista apresentada por periódico no Rio de Janeiro.<sup>(1)</sup>

A noção de gênero foi aqui entendida como uma categoria sexo desbiologizada e integrada à rede socio-cultural na qual suas teias imaginárias foram tecidas, em compatibilidade com o acervo de conhecimentos já produzido no Brasil e no mundo sobre a mulher. (Costa & Bruschini, 1992).

A idéia central da pesquisa foi explorar o projeto de vida, o momento atual e as reminiscências marcantes dessa mulher, a que chamamos de "nova", a partir do seu relato oral, utilizando técnicas já empregadas por cientistas sociais, como recentemente

---

<sup>(1)</sup> Caderno Idéias do Jornal do Brasil.

Massi (1992), que conduziu um tipo de estudo situado no vértice do social e do psicológico sobre o cotidiano de mulheres dos estratos médios da cidade de São Paulo.

Cabe assinalar que a relação da autora da pesquisa com seu objeto de estudo é muito próxima, já que está incluída no recorte estudado. Com isto não estamos afirmando, às avessas, uma crença ingênua de uma posição totalmente insenta de influências por parte do pesquisador, que está sempre inserido numa cultura e num momento específico, com seus interesses - "inter-esses", tal como foi discutido por Stengers (1990), que se afasta da suposição de "objetividade" como valor máximo a ser alcançado em uma comunidade científica, declinando que toda relação sujeito-objeto é mediada socialmente.

Em coerência com esta posição, esclarecemos que, pertencendo ao mesmo segmento socio-cultural e geracional das mulheres investigadas, tornaram-se presentes, em nossas referências e observações, fragmentos e versões de um discurso tecido nas mesmas malhas em que se construíram as falas das entrevistadas.

Outrossim, podemos revelar que este estudo foi sendo elaborado através das leituras e das entrevistas que caminharam, lado a lado, a fim de promover as discussões teóricas possíveis a cada momento. Em outros termos, podemos afirmar que realizamos esta investigação, como um todo, com a "nova" mulher e não sobre a "nova" mulher, pois as falas das entrevistadas não somente ilustraram posições e concepções apresentadas, como se fizeram, elas próprias, constituintes do texto, desde que a partir dos depoimentos foi possível demarcar uma parte da temática examinada.

Dentro desta perspectiva, destacamos duas partes em nosso trabalho. Na primeira, em três capítulos, fundamentamos teoricamente o que recortamos como "nova" mulher em possível crise diante de seu processo de envelhecimento no contexto atual. Na segunda, procedemos a pesquisa de campo e organizamos seus resultados, articulando-os com as primeiras reflexões e com outras que se tornaram viáveis.

No capítulo inicial tecemos considerações a respeito da relação entre as aceleradas mudanças ocorridas nas últimas décadas em nosso contexto e a emergência da "nova" mulher - aquela profissional de nível superior que se encontra numa fase de meia-idade, discutindo os aspectos psico-sociais envolvidos.

Nos dois seguintes, após refletirmos sobre o processo de envelhecimento na atualidade, traçamos conjecturas a respeito da possível crise dessa mulher nessa etapa de sua trajetória, supondo-se a coexistência de "mapas contraditórios" em sua organização subjetiva, conforme abordagem de Figueira (1987).

Começamos a segunda parte, apresentando e justificando a metodologia da investigação - entrevistas não-diretivas, submetidas à análise de conteúdo para organização temática, bem como descrevendo o procedimento adotado.

Entrevistamos 20 mulheres dos estratos médios de um grande centro urbano - a cidade do Rio de Janeiro, todas profissionais de nível superior, em áreas de formação e atuação diferentes, com idade entre 45-55 anos e que já haviam se submetido (e/ou ainda se submetiam, quando foram entrevistadas) a algum processo psicoterapêutico .

Delimitamos a meia-idade deste grupo entre 45-55 anos, demarcando de 50 a 75 anos o último terço em expectativa, uma vez que, no caso dos setores médios urbanos da população brasileira feminina, a expectativa de vida vem aumentando muito.

O requisito do processo terapêutico já realizado ou em curso decorreu tanto de uma questão teórico-metodológica - equalizar a amostra no possível entendimento dos próprios conflitos, como de um dado pragmático, pois as possíveis entrevistadas estavam nesta categoria.

As vivências passadas, o momento presente e o projeto de vida futuro - facilidades e dificuldades, tal como revelados, foram considerados, em diversas áreas: na sexualidade, na afetividade, no trabalho, no lazer, na família e em outras instituições, enfim, no meio social em geral. Foi registrada, assim, a relação das entrevistadas com a esfera privada e pública, em suas múltiplas faces, através dos seus próprios enunciados discursivos, configurando a auto imagem imediata e uma projeção desta para uma etapa posterior da existência.

A instrução inicial era para cada entrevistada discorrer livremente sobre a vida atual e projetos que gostaria de realizar, abordando aspectos profissionais e pessoais (relações afetivas, familiares, sexuais e sociais, formação e evolução da profissão, e outros quaisquer pontos avaliados como significativos), na ordem e com a ênfase colocada a seu próprio critério.

Tentou-se, na decodificação de cada gravação, a apreensão do que estava sendo dito nas entrelinhas da narrativa, na forma de organizá-la, além dos dados objetivos. Foram levadas em conta hesitações, pausas, contradições, inflexões de voz e outras manifestações emocionais, como o choro e o riso, nas diversas dimensões do discurso - suas ações, lembranças, percepções, aspirações, desejos, fantasias, emoções, interdições, movimentos ou paralisações.

Procedendo a análise de conteúdo, selecionamos os temas mais destacados nos vários relatos, os quais configuraram os conflitos emergentes, analisados em quatro capítulos: estagnação x envelhecimento; (re) ativação "masculina" x resgate do "feminino"; poder x culpa; solidão x afiliação.

Utilizamos conceitos psicanalíticos, que consideramos de valor heurístico e poder explicativo para examinar tais polarizações. Estas foram entendidas como típicas de uma geração que enfrentou confrontos sociais e se vê diante do desafio de construir o seu destino sem uma referência ou pauta identificatória para tal, posto que foi protagonista, espectadora e autora de rupturas e mudanças nos papéis femininos tradicionais.



Ao falarmos em geração, cabe sinalizar que não pretendemos, neste trabalho, elaborar propriamente um estudo sociológico a partir do recorte selecionado, mas concordamos com Michelat (1987) a respeito de que:

"... a partir do individual e do afetivo se pode chegar ao sociológico, principalmente tendo em vista que o indivíduo, devido a interiorização dos modelos culturais, não fala o que sabe, mas o que sente e pensa, enquanto representante de um grupo. Cabe ao pesquisador reconhecer e captar no discurso manifesto e latente o que há de semelhante, constante, diferente e variável nos indivíduos pesquisados." (pg. 194).

Ou, ainda, como enuncia Guattari, propondo ultrapassar a oposição sujeito individual e sociedade (1991):

" Assim, em certos contextos sociais e semiológicos, a subjetividade se individualiza: uma pessoa, tida como responsável por si mesma, se posiciona em meio a relações de alteridade regidas por usos familiares, costumes locais, leis jurídicas. Em outras condições, a subjetividade se faz coletiva, o que não significa que ela se torne por isso exclusivamente social. Com efeito, o termo 'coletivo' deve ser entendido aqui no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao socius, assim como aquém da pessoa, junto a intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos mais do que uma lógica de conjuntos bem circunscritos. " (pp. 19-20).

Além do mais, neste estudo foi adotado um procedimento predominantemente descritivo, sem a pretensão de dar conta do que é ou do que quer a "nova" mulher na meia idade, mas que conseguisse ser expressivo de uma situação e tentasse responder algumas das indagações iniciais de nosso trabalho, tais como:

Qual a auto-representação desta mulher dos setores médios urbanos, profissional com nível superior de escolaridade, que atualmente está por envelhecer? Sob que marcas articula seu projeto de vida, numa sociedade que evoluiu em direções paradoxais: próximas e distantes de suas mães e avós? Como vem se desenvolvendo, a partir da infância até o presente e como prossegue, em vias de se tornar o que? Como e o que, no convívio intergeracional, considera acessível e vedado? O que busca nas psicoterapias a que se submete com tanta frequência - um ponto de apoio, de referência, de organização? O que diz desta busca, deste percurso? Coexiste, em sua subjetividade, tanto o elemento inovador, a acompanhar as mudanças aceleradas ocorridas e tentar resgatar o desejo libertário não realizado por suas ancestrais, como o conservador, apontando para o destino consumado por elas? Vivencia esta contradição com desconforto, sofrimento, caracterizando uma crise? Como libera ou conserva suas profundas raízes - a história da sexualidade assimétrica, da dupla moral, da reclusão ao lar, da dedicação exclusiva à família? Como convive com a interiorização no seio da família e a exteriorização que marca sua inserção no mundo do trabalho? O que sente e pensa esta mulher que, direta ou indiretamente, participou de movimentos políticos, feministas e da revolução sexual, que viveu a divulgação maciça de noções psicológicas, negociou novas formas de lidar com o doméstico e atingiu a esfera pública, com nível de instrução superior? Como se vê diante de suas fronteiras culturais, numa sociedade complexa como a nossa - onde estão presentes tanto os recursos e impedimentos do pós-modernismo, como uma dimensão anacrônica que nem sequer atingiu a modernidade?

Ao longo deste trabalho, examinamos, portanto, possibilidades e interdições tal como percebidas pela "nova" mulher, nesta fase de sua trajetória, em que busca a elaboração de um projeto de vida, com modelos identificatórios internalizados e por vir - desde que a constituição de cada um opera-se no processo de identificação, no qual o eu se apresenta, para si mesmo, na sucessão de seu constante constituir-se, como nos informa Mitchell (1988).

Enfim, consideramos que apreendemos e aprendemos muito na investigação de como se dá a percepção deste processo, de como a auto representação desta fase "meia-idade" foi descrita para uma entrevistadora da mesma geração. O produto dessa pesquisa teórico-prática, esperamos, possa frutificar em outras tantas mulheres e homens que se encontram nesta e em outras etapas de suas existências.

## A "nova" mulher - breve caracterização

### Educação, Trabalho e Organização Familiar

Diversos pesquisadores sociais estudaram, através de várias óticas, em nosso contexto, o impacto das transformações ocorridas nas últimas duas décadas sobre a educação, o trabalho, a organização familiar e a condição feminina.. Destacaremos alguns, por considerarmos mais próximos da temática a ser desenvolvida (Aguiar, 1984; Barroso, 1975; 1978; Barroso & Bruschini, 1981; Bruschini & Rosemberg, 1980; Burmeister, 1987; Halsenbach & Silva, 1984; Lewin, 1980; Lewin et al, 1977; Luz, 1982; Marques & Mardini, 1977; Moraes, 1981; Saffioti, 1979).

Desde as últimas décadas houve uma elevação progressiva da população economicamente ativa feminina (PEA)<sup>1)</sup>. Examinando a situação da mulher no mercado de trabalho, no entanto, verificamos algumas peculiaridades, a saber :- inferioridade numérica em relação a PEA masculina, embora a população feminina em idade economicamente ativa seja ligeiramente superior; - concentração em ocupações tradicionalmente femininas (atividades de comunicação, comércio, serviços educacionais, sociais, de saúde, administrativos, pessoais); - precária qualificação profissional, estratificação social inferior, baixo nível de instrução e menor tradição político sindical; - inexpressivo (embora crescente) índice de

---

<sup>1)</sup> Em 1960 a PEA feminina representava apenas 16,5% do total das brasileiras com idade superior a 10 anos. Esta proporção aumentou pra 18,5% em 1970, para 26,9% em 1980 e alcançou o índice de 36,9% em 1985 (Burmeister, 1987).

ocupação de cargos de chefia, direção e supervisão; - equiparação salarial e valorização social relativas ao universo masculino circunscrita a setores de administração pública, bancário, serviços sociais e de saúde, especialmente atingido pelo grupo oriundo dos estratos altos e médios da população.

Ao situarmos a posição da mulher face à educação, deduzimos que as dificuldades no mercado de trabalho vão além do nível de escolaridade, em si, poderia explicar, pois a proporção masculina e feminina no sistema escolar vem se mantendo bastante homogênea, tanto em relação aos números totais, como aos diferentes níveis de escolarização. Desde meados da década de 70, do pré-escolar ao universitário, há um equilíbrio entre os dois grupos, embora registre-se um acesso crescente do feminino a este último, tendo, nos anos 80, suplantado o masculino dentre todos os que concluem estudos universitários.

Esta escalada das mulheres ao mundo universitário, embora surpreendente, também se configura com aspectos específicos. Concentra-se, ainda, em áreas preferenciais - educação, enfermagem, letras, nutrição, psicologia, biblioteconomia e estudos sociais. Além disso, há uma tendência indireta ao exercício do magistério, de atividades assistenciais ou técnico administrativas para as diplomadas nas demais áreas e a produção científica feminina é reduzida e esparsa.

Se a aquisição formal e a sofisticação de conhecimentos não vem significando uma possibilidade efetiva para uma posição mais equilibrada no panorama geral do trabalho, há razões para supor a existência de outras interferências.

A organização familiar de nossa cultura nos parece um fator fundamental. Nela vigora a idéia central de que cabem às mulheres, senão total, ao menos primordialmente as responsabilidades pelas ocupações domésticas e criação dos filhos.

"Por mais que tenda a aumentar o número de mulheres que trabalham fora, e que se valorize mais sua participação na vida política, a esfera doméstica tem uma importância inarredável, principalmente havendo filhos." (Velho, 1985, p.172).

Assim sendo, a produção e o rendimento extra-doméstico feminino passa a depender, fundamentalmente, do ciclo vital da família - gravidez, parto, aleitamento, faixa etária dos filhos, enfermidade e envelhecimento de parentes. Geralmente as mulheres das camadas médias só podem trabalhar se solteiras ou quando dispõem de outra figura feminina - mãe, sogra, irmã, cunhada e, especialmente, empregada doméstica - para substituí-las. Admitindo a responsabilidade do lar e dos filhos exclusiva ou preponderantemente para si, este grupo, por outro lado, vem mantendo um elo com o trabalho fluído e ambivalente, peculiar da dupla jornada. Ou seja, enquanto os homens associam-no à realização de si próprios, as mulheres encaram-no como um desvio de seu eixo central - casa e filhos - ou tentam visualizar possibilidades de convergência com ele, ou, ainda, esforçam-se para superar e negar a sobrecarga.

Certamente os padrões tradicionais de organização familiar vem abrindo fendas. Um considerável número de estudos psicossociais, em nosso país, já possibilita certo padrão de consistência às apreciações que a seguir desenvolveremos. (Almeida, 1987; D'Ávilla Netto, 1980; Dauster, 1984; Figueira, 1981, 1985, 1987; Jablonski, 1988, 1991; Lins e Barros, 1981; Lo Bianco, 1985; Lo Bianco et alii, 1988; Massi, 1992; Negreiros, 1985, 1988; Nicolaci-da-Costa, 1987; Salem, 1980, 1985, 1986; Velho, 1981, 1983, 1985, entre outros).

Constatamos que esses diversos trabalhos, ao abordarem temas como visão de mundo, representações sociais, apreensão de valores, discurso cotidiano, relações familiares, casamento, separação, gestação, maternidade, psicologização da sociedade e outros, inseridos nos segmentos médios urbanos, atestam um fenômeno comum: a convivência de

representações tradicionais e modernas, a despeito da aparência de substituição de modelos antigos por novos.

### **Modelo Tradicional x Modelo Novo**

Denominamos "modelo antigo" à rede de relações com raízes no esquema patriarcal tradicional de nosso país. Nele os dois sexos são concebidos como "naturalmente" diferentes: bio-psíquico e socialmente. As identidades masculinas e femininas configuram-se demarcadas com precisão - o que cabe a um exclui o outro, quer em comportamentos, atitudes, sentimentos, inclinações ou interesses.

O casamento é considerado indissolúvel, monogâmico e ligado à reprodução. Abriga duas ordens de responsabilidades morais. A masculina é fundada na relação com o trabalho e na virilidade - manutenção econômica da família e atitude protetora para com os seus membros. A feminina está calcada na preservação da sexualidade e no exercício da maternidade - virgindade pré-nupcial, fidelidade conjugal e dedicação ao lar e filhos. Na organização familiar verifica-se uma clara e explícita assimetria entre homem-mulher e adulto-criança, os primeiros sendo porta vozes da autoridade, detentores de saber e poder.

A dimensão pública -masculina- é mais valorizada que a privada -feminina- e a participação do homem ou da mulher na área do outro é eventual, descontínua. O ponto de

equilíbrio se dá na aceitação -acordo tácito- de que cada um deve fazer o melhor possível em seus domínios excludentes.

Designamos por modelo "novo" aquele marcado pelo fenômeno do individualismo, peculiar dos grandes centros urbanos brasileiros e absorvido principalmente pelos segmentos médios, onde o processo de modernização se expandiu intensa e rapidamente, conforme afirmam, entre outros, Da Matta (1979), Duarte (1985), Velho (1981, 1985, 1989).

Neste modelo as fronteiras de identidades entre os dois sexos são fluidas e permeáveis, com possibilidades plurais de representação: mulher oficial de forças armadas, homem dono-de-casa, casal grávido, mãe e pai solteiros, mulher chefe de família, produção independente, bebê de proveta, e demais.

A instituição casamento já traz, em si, o embrião da dissolução - desde a junção informal e descomprometida até a separação consensual e o divórcio, crescentemente observados.

A sexualidade dos parceiros é desvinculada da reprodução ou de uma resposta feminina ao desejo masculino. No interior da relação é esperado que o homem seja, ao menos, um coadjuvante na criação dos filhos e lidas domésticas e a mulher exerça, no mínimo, um papel auxiliar quanto à economia da família.

As peculiaridades de cada membro do casal - companheiros nas obrigações e prazeres- e as necessidades emergentes substituem a hierarquia por sexo ou faixa etária. Ou seja, deveres e privilégios são preferivelmente compartilhados, bem como é enfatizada a atenção e pretendido o apreço aos desejos, às idéias e aos projetos dos filhos - crianças ou adolescentes.



Podemos mencionar vários fatores que, em seu conjunto, contribuíram para a expansão do "modelo novo", nas camadas médias urbanas, nas duas últimas décadas : - o crescimento da economia, possibilitando uma mobilidade social ascendente dos setores médios; - a inserção da mulher no mercado de trabalho, modificando o cotidiano familiar; - o poder do homem, baseado na relação econômica, como único provedor, caindo em contradição; - a escolaridade crescente da mulher, ampliando o seu nível de compreensão; - os avanços da medicina, permitindo um controle efetivo da função reprodutora;- a rapidez da transmissão de informações através da informatização e dos meios de comunicação de massa, permitindo uma constante exposição aos novos acontecimentos; - mudanças jurídicas, garantindo direitos à mulher; - progressos científicos e tecnológicos, abrindo espaços diversos.

### **Contexto psicologizado e feminista - a emergência da "nova" mulher**

Destacaremos, porém, que, para a aceleração deste modelo novo em nosso meio, neste período, foram decisivos dois eixos, pautados no ideário individualista - a difusão da psicanálise (ancorada na existência de cada "eu" idiossincrático) e a repercussão do feminismo (baseada na luta por direitos iguais).

O fenômeno da difusão da psicanálise é exaustivamente explorado por Figueira (1981, 1984, 1985, 1987, 1988, 1991). Aqui destacaríamos apenas que a expressão "boom"

psicanalítico, referida à década de 70, segundo este autor, até deveria ser trocada por outra metáfora, a "cultura da psicanálise". E, explicando esta posição :

"Se este termo tem a desvantagem de ser sociologicamente impreciso (quando não mesmo impossível), tem a vantagem de chamar a atenção para o fato de que a psicanálise difundida está maciçamente presente nos valores, crenças e perspectivas ideológicas dos setores médios brasileiros, aí desempenhando um papel orgânico fundamental."(Figueira, 1991,p.211)

Consideramos que a psicanálise difundida passou a exercer um alto fascínio para as mulheres dos setores médios, nos anos 70. Não só as terapêuticas de base analítica foram muito procuradas, como fragmentos do discurso analítico tornaram-se avidamente consumidos e incorporados ao cotidiano. Nos lares, faculdades, locais de trabalho e de lazer consagrava-se o discurso psicanalítico.

A concepção disseminada, desde debates em congressos científicos até programas e textos da mídia, reforça a possibilidade de liberação de opressões externas, porquanto os seres humanos seriam determinados por forças inconscientes, as quais, conscientizadas, abririam campo à liberdade e a formas de vida mais confortáveis, tendo funcionado como o cumprimento de uma promessa longamente esperada pelo grupo feminino.

Afinal, o desejo sexual da mulher e seu direito ao prazer saíam da clandestinidade, sob o aval de uma ciência. Neste caso, ao submeter-se a um tratamento analítico, mergulhando no auto-conhecimento, tentava-se, sobretudo, a liberação de um estado secular de submissão.

Quanto ao feminismo, embora seu papel seja relativizável pela adesão oscilante em nosso contexto, também significou uma força reestruturadora de histórias pessoais e coletivas. A

esse respeito, assim se pronunciam Toscano & Goldemberg (1992), ao escreverem sobre a história do movimento de mulheres no Brasil e de suas implicações:

"Há uma tendência a diminuir, ou até mesmo ignorar, a importância do movimento feminista nas transformações e avanços dos padrões de comportamento masculino e feminino em nossa sociedade, atribuindo-se essas mudanças a fatores como a modernização, a industrialização, o movimento de contra-cultura e, principalmente, a vulgarização de teorias e terapias psicanalíticas. Não desconhecemos o peso de tais fatores, mas apontamos como um fator decisivo desta transformação a maior participação e conscientização feminina, em todas as instâncias da vida social. Defendemos que o feminismo é um elemento crucial na mudança de comportamentos que se observam hoje, em diferentes níveis: sexualidade, casamento, filhos, trabalho, política...Na verdade, em todos os níveis de vida de cada homem e mulher deste país." (p.13)

Cabe ressaltar que, a partir dos anos 70 e, especificamente com o Ano Internacional da Mulher (1975), a participação das mulheres das camadas médias intelectuais e mais politizadas tornou-se significativa. No interior de lutas específicas - por creches, por direitos trabalhistas - mesclavam-se outras mais amplas - pela anistia, por liberdades democráticas.

Muitas idéias e propostas conseguiram visibilidade e foram assimiladas: livre disposição do corpo e do exercício da sexualidade, queda do tabu da virgindade, denúncias sobre a dupla moral no casamento, a violência doméstica e o estupro, questionamentos sobre a dupla jornada de trabalho, reivindicações a respeito da liberação do aborto, de equiparação salarial, de assistência materno-infantil, entre outras.

Novos discursos sobre o feminino foram produzidos por estas mulheres intelectuais que passaram desde a questionar paradigmas científicos mantenedores do sexismo em teses

acadêmicas até a organizar revistas, programas de rádio e televisão, perpassando vários espaços da sociedade.

Neste contexto psicologizado e feminista, refletindo profundas mudanças sociais, constituiu-se a "nova" mulher. É a mulher profissional de nível superior, representante de novas matrizes de referência, que ganhou lugar nas universidades, na política, na ciência, nas artes, nos debates públicos, nos processos decisórios sociais e culturais. Viveu a modernização da sociedade brasileira como agente e paciente das transformações das relações de gênero e do universo privado e público, de acordo com suas experiências e percepções particulares na específica trajetória.

Ao ingressar no mundo do trabalho extra-doméstico, munida de escolaridade superior - ora conseguida por abdicar do casamento, ora obtida a custo de sua ruptura, ora perseverada dentro de sua manutenção - filtrou valores herdados e reafirmou suas conquistas - direito à cidadania, à sexualidade, à visibilidade científica, literária e histórica. Mas qual o peso dos valores plantados em suas raízes, nesta fase de sua existência? Se a mulher alcançou um lugar no mundo masculino, garantiu também seu espaço no que idealizou, em diferentes etapas de sua existência, como feminino?

## **Reflexões sobre o processo de envelhecimento**

### **Envelhecer na atualidade: algumas apreciações**

Primeiramente, faremos observações a respeito da relação de alguns fenômenos da sociedade atual e do processo de envelhecimento, bem como situaremos o que estamos chamando, neste estudo, de envelhecimento da “nova” mulher. A seguir, discutiremos sobre a visão da psicanálise a respeito de pessoas mais velhas e de seu tratamento, porque, além de ser uma teoria amplamente difundida em nosso meio, é aquela que tem informado a maioria das práticas psicoterápicas a que vem se submetendo uma parcela das camadas médias dos grandes centros urbanos brasileiros (Negreiros, 1988). Nesta se inclui a “nova” mulher, que vem demandando, em diferentes etapas de sua existência, algum tipo de terapia ou apoio especializado.

Diferentes estudos, como os de Bosi (1979), Lins e Barros (1981, 1987), Haddad (1986), Magalhães (1987), entre outros, apreciam o impacto dos processos de transformações socio-político-culturais das últimas décadas sobre os idosos no Brasil.

Em relação às camadas altas e médias urbanas, a partir de uma assimilação crescente do binômio produção - consumo, do avanço rápido de tecnologias, dos progressos científicos, da intensificação dos meios de comunicação de massa alteraram-se as relações intergeracionais. Todos estes ingredientes favoreceram as concepções, também absorvidas, de que homens e máquinas tornam-se rapidamente obsoletos e ultrapassados. Ou seja,

descartáveis, se inúteis, se não produzem lucros, informações atualizadas, ações eficazes. Portanto, neste contexto, os mais velhos desalojaram-se do continente do saber, passando a ocupar a ilha do isolamento, posto que o mais recente passou a valer mais do que experiências acumuladas.

De acordo com a análise que Magalhães (1987) faz a respeito, no panorama atual - pelo incentivo à inovação, à rápida substituição - a memória humana, juntamente com a tradição, é desprezada de modo que os objetos são consumidos mais rápida e amplamente. Enuncia ele que tais circunstâncias traz implicações relevantes ao processo de envelhecimento, posto que estamos diante de construções sociais as quais:

"não só descrevem, mas atribuem significados, valor e função social aos diversos momentos de nossa existência." (pg. 14).

Nesse sentido, o estilo de vida da atualidade, ao privar o velho do exercício de suas lembranças, subtrai um instrumento básico de comunicação intergeracional. E, ao mesmo tempo em que se amplia a duração média de vida pelo progresso científico e tecnológico, aprofunda-se a distância entre gerações.

Dai o esforço por parte dos idosos das camadas médias, registrado por Lins e Barros (1987), para se manterem presentes e atuantes na vida dos filhos e netos. Os conflitos geracionais, para esta autora, marcam as posições na família. Ou seja :

... "espelham as questões fundamentais daqueles que, tendo uma visão de um longo período de vida, vêem na recusa de seus conhecimentos a denúncia de sua velhice. A luta pelo poder na família adquire, para esses avós, a conotação de uma luta contra a própria idéia da velhice decrepita e assistida". (pp. 97-98)

Esta temática é também explorada por Bosi (1979), para quem o velho, se despojado, por injunções diversas em nossa sociedade atual, de um aspecto essencial de sua existência -

lembrar e aconselhar - fica, especialmente após a aposentadoria, deslocado, sem possibilidade de conferir um sentido a sua vida.

“Aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal, sustentou sua existência passa (ou deveria passar) a outra geração como um valor. As idéias de memória e conselho são afins: *memini* e *moneo*, ‘eu me lembro’ e ‘eu advirto’, são verbos parentes próximos”(p.399)

Por outro lado, do ponto de vista demográfico, há vinte anos, dos quase 100 milhões de habitantes do Brasil, mais da metade tinha menos de 20 anos e apenas 5% constituía a população considerada velha - idade acima dos 60 anos. Em duas décadas, passamos por expressiva transformação deste quadro, pela diminuição da taxa de natalidade e aumento da longevidade, com projeção de, no ano 2000, duplicarmos o número de idosos, enquanto que os jovens cairão para 40% da totalidade (IBGE, 1991).

A esta elevação vem correspondendo um aumento de interesse no tema da velhice por parte de nossos estudiosos e profissionais das áreas de ciências sociais (gerontologia) e bio-médicas (geriatria). Interesse este, segundo Haddad (1986), muitas vezes orientado para programas em que se visa mais propriamente diminuir o custo social da velhice, sem uma genuína contribuição ao processo de envelhecer, deixando o idoso sujeito a práticas institucionais de dominação e mistificação.

Para Ferreira & Martins (1988), a produção acadêmica é escassa e esparsa sobre o envelhecimento e quase todos os estudos científicos a respeito do tema estão concentrados em teses acadêmicas, em sua grande maioria nas áreas de sociologia, antropologia e serviço social, e só mais recentemente, de psicologia. Dentre eles, uma primeira foi elaborada no Departamento de Psicologia da PUC/RIO, por Weine (1975), focalizando o tipo de demanda e a psicoterapia de velhos.

A insuficiente produção na área da psicologia sobre o processo de envelhecimento, no contexto brasileiro, pode ter várias razões. Em primeiro lugar, a ênfase da psicologia do desenvolvimento humano recai sobre a infância e adolescência, somente se abrindo para a senescência, a partir da década de 70, quando os idosos passaram a constituir uma parcela significativa da população mundial (Castro, 1990). Em segundo, reflete um reforço à valorização da juventude - "O Brasil é um país de jovens". E também pode expressar a tradição de pouca atenção dispensada à psicoterapia de indivíduos deste grupo etário, desde a psicanálise, como abordaremos adiante.

Em nosso estudo, considerando formulações de Coupland, Coupland & Giles (1991) e Riley (1987), entre outras, utilizamos uma dimensão sociológica do ciclo de vida, desautorizando a categoria "velhice" em si e enfatizando a relação dos sucessivos grupos geracionais, que continuamente envelhecem, numa pluralidade de inscrições culturais e institucionais.

Nesse enfoque, critica-se a concepção linear de tempo - curso de vida com uma direção hierarquizada - onde o clímax ocorreria na maturidade, desembocando numa visão de velhice como declínio, decadência, fossilização.

Por outro lado, adotamos uma perspectiva psicossocial tal como discutida por Neri (1991), indicando que as diferenças das vivências contribuem para as diversas formações de significados. Diz a autora que antes de falarmos de envelhecimento devemos indagar :

"Mas de que velho estamos falando? Onde mora? O que faz? Que idade tem? Quais suas condições de saúde? É rico ou pobre? É homem ou mulher? Tem ou teve família? Trabalha ou é aposentado? Tem poder e prestígio? O que sabe? Vive em casa ou em asilo? Qual sua experiência pessoal de envelhecimento e velhice?...

[...] a resposta a qualquer tipo de questão sobre velho e velhice no Brasil depende de *a quem* e *como* ela é feita, o que aliás é verdadeiro em relação a qualquer pergunta. Não existe uma resposta única, porque o



próprio fenômeno da velhice tem múltiplos significados, contextualizados por fatores individuais, interindividuais, grupais e socio-culturais." (pg. 33)

Assim sendo, para formular indagações e focalizar observações de nossa investigação, consideramos a mulher - denominada "nova" por estar inserida num quadro de transformações bastante complexo de nossa sociedade, conforme descrito no capítulo anterior - e apresentada como "em processo de envelhecimento", por estimativa de sua expectativa de vida. Ou seja, se consideramos que possa ultrapassar os 70 anos, dado o aumento de expectativa de vida de seu grupo social, estaria ela atravessando o último terço de sua existência possivelmente ao redor dos 50 anos.

Então, na faixa dos 45-55 anos, experimenta este percurso como um patamar para o envelhecimento? De que envelhecimento se trata? Percebe-se numa transição? Experimenta o que podemos chamar por crise? O que procura e como avalia o que encontra nas intervenções psicoterapêuticas a que se submete ?

### **Psicanálise e Envelhecimento**

Na perspectiva psicanalítica, o tratamento de idosos foi, de certo modo, algo desacreditado, sob a premissa de rígidos limites etários compatíveis com benefícios e transformações, através do processo. Sobre o tema, Machado (1992) desenvolveu tese na qual discute esta posição, apontando para um repensar a questão de tal contra-indicação.

Aqui destacaremos alguns pontos da obra freudiana e de alguns seguidores, por nos parecer relevantes a questões ligadas à “nova” mulher em processo de envelhecimento. Ademais, conforme Figueira (1991), a dinâmica do campo analítico - teoria, prática e reverberações - atinge várias dimensões das camadas médias urbanas brasileiras, onde se aloca nossa amostra.

Desde os primórdios de sua obra, a postura de Freud frente a aplicabilidade da técnica psicanalítica aos pacientes de mais idade foi desfavorável.

"A terapia psicanalítica não é, no momento, aplicável a todos os casos. Ela tem, a meu ver, as seguintes limitações. Requer um certo grau de maturidade e compreensão nos pacientes e não é, portanto, adequado a jovens e adultos mentalmente débeis ou incultos. Fracassa com pessoas idosas, porque o tratamento demoraria tanto tempo, devido a acumulação de material, que ao fim elas teriam chegado a um período de vida em que nenhum valor se atribui à saúde nervosa". (Freud, 1898, pg. 309).

Em 1904/ 1905, encontramos em seus escritos uma confirmação desta tendência :

"Se a idade do paciente estiver na casa dos cinquenta as condições para a psicanálise tornam-se desfavoráveis. A massa de material psíquico deixa então de ser controlável; o tempo necessário à recuperação é demasiado longo; e a capacidade de desfazer os processos psíquicos começa a tornar-se mais fraca". ( Freud, 1904, pg. 262).

"A idade dos pacientes tem assim essa grande importância no determinar sua adequabilidade ao tratamento psicanalítico que, por outro lado, perto ou acima dos cinquenta a elasticidade dos processos mentais, dos quais dependem o tratamento, via de regra se acha ausente - pessoas idosas não são mais educáveis - e, por outro, o

volume de material com o qual se tem de lidar prolongaria indefinidamente a duração do tratamento. (Freud, 1905, pg. 274).

Até o final de sua obra, Freud (1937) reafirma esta posição, ao apontar limitações quanto às possibilidades de mudança através da análise :

"Com os pacientes que tenho em mente, porém, todos os processos mentais, relacionamentos e distribuições de forças são imutáveis, fixos e rígidos. Encontra-se a mesma coisa em pessoas muito idosas, cujo caso ela é explicada como sendo devida ao que se descreve como força do hábito ou exaustão da receptividade - uma espécie de entropia psíquica. (p. 275)

Aqui destacamos a necessidade de relativizar o que Freud chamou de "idoso", numa época em que a expectativa de vida era incrivelmente inferior a dos dias atuais. Mesmo assim, lembramos que, embora apontasse contra-indicação para o tratamento, ele próprio psicanalisou vários pacientes que ultrapassaram o limite etário de suas prescrições. Referências a tais tratamentos são encontradas em vários trechos de sua obra, desde as cartas dirigidas a Fliess (1899), onde, por exemplo, nos relata um episódio de um cliente de 60 anos.

Registramos, também, desde os primeiros analistas, discordâncias das formulações quanto à ineficiência do tratamento analítico com pacientes de idade mais avançada, através da apresentação de casos clínicos bem sucedidos com pacientes idosos. (Abraham, 1959; Segal, 1958, entre outros).

Em relação à mulher, especificamente, podemos ilustrar, em momentos diferentes da obra freudiana, que esta visão negativa sobre o processo de envelhecimento acirra-se.

Em 1895, a respeito de fatores etiológicos da neurose de angústia, Freud assim se coloca:

"... Há homens que têm um climatério, como as mulheres, e que desenvolvem uma neurose de angústia nessa ocasião de potência decrescente e crescente libido" (p.119)

Acrescentando adiante :

"... os casos de viuvez e abstinência voluntária, e também os de climatério são tratados do mesmo modo em ambos os sexos; contudo, no que se refere à abstinência, no caso das mulheres não há dúvida de que envolve a questão posterior da repressão intencional do círculo de idéias sexuais, a qual uma mulher abstinente com freqüência deve ter em mente, na sua luta contra a tentação. O horror que na época da menopausa uma mulher isolada sente diante de sua libido indevidamente aumentada pode agir de maneira semelhante." (p.129-130).

Referindo-se a Leonardo da Vinci, Freud (1910) reforça esta diferença de concepção a respeito da evolução psico-sexual de homens e mulheres nesta fase :

"Ao atingir o ápice de sua vida, quando ingressava na casa dos cinquenta - época em que as características sexuais das mulheres já sofreram a involução, enquanto nos homens a libido, com freqüência, apresenta um enérgico surto - sofreu ele uma nova transformação. Camadas ainda mais profundas de seu conteúdo animico tornam-se cada vez mais ativas, mas esta nova regressão veio beneficiar a sua arte que se encontrava em processo de atrofiamento." (p. 121).

Já analisando o caso Schereber, no ano seguinte, repete a idéia, sempre de forma mais atenuada em relação aos homens, embora admitindo vulnerabilidade nesta etapa da trajetória de vida.

"Na época dessa doença, o Dr Schreber contava 51 anos e, portanto, atingira uma idade de importância decisiva na vida sexual. É um período no qual nas mulheres, a função sexual, após uma fase de atividade intensificada, ingressa num processo de involução de grandes conseqüências; tampouco os homens parecem estar isentos de sua influência, pois tanto eles quanto as mulheres estão sujeitos a um climatério e às suscetibilidades à doença que o acompanham."(Freud, 1911, p.65)

No relato do caso clínico de uma paciente com 53 anos, Freud (1916), analisando o que considerou delírio de ciúmes, do material extraído das duas únicas sessões ocorridas, deixa entrever a visão de homem de seu tempo (a despeito da fala do cientista) no texto. Detecta que houve um mecanismo de deslocamento, embora admitindo que:

"...é certo que senhores casados tenham casos amorosos com mocinhas"(p.298)

Ou seja, assim explica:

"Se ao menos não somente ela, a senhora idosa, estivesse apaixonada por um homem jovem, mas também seu idoso marido estivesse mantendo um caso amoroso com uma jovem, então sua consciência se aliviaria do peso da infidelidade. A fantasia da infidelidade do seu esposo agiu assim como uma compressa fria em sua ferida ardente." (pp.298-299)

Explicação esta acoplada ao fato de que:

"A senhora estava em idade crítica, na qual as necessidades da mulher sofrem um aumento súbito e indesejado"( p.300).

Quanto à questão do ciclo vital de homem e mulher, ao final de sua obra, Freud (1933) ainda se revela mais contundente:

"Um homem, nos seus trinta anos, parece-nos um adolescente, um indivíduo não formado, que esperamos faça pleno uso das possibilidades de desenvolvimento que se lhe abrem com a análise. Uma mulher da mesma idade, porém, muitas vezes nos aterroriza com sua rigidez psíquica e imutabilidade." ( p. 165).

E, no que concerne à fase que ora chamamos de meia-idade da mulher, o criador da Psicanálise deu certo realce, associando desequilíbrio e menopausa. Ao discorrer, por exemplo, sobre os tipos de desencadeamento de neuroses, advertiu que os sintomas poderiam surgir, neste etapa, com aparência de espontaneidade em mulheres até então sadias :

"Em resultado de haverem atingido um período específico de vida e em conformidade com processos biológicos normais, a quantidade de libido em sua economia mental experimentou um aumento que em si é suficiente para perturbar o equilíbrio da saúde e estabelecer as condições necessárias para a neurose. É notório que aumentos mais ou menos súbitos da libido deste tipo acham-se habitualmente associados à puberdade e à menopausa → quando as mulheres chegam a uma determinada idade". (Freud, 1912, p. 296).

Sem pretendermos resenhar os trabalhos dos seguidores de Freud, destacamos algumas psicanalistas que prosseguiram na discussão desta fase.

Deutsh destinou o último capítulo de seu livro, publicado em 1925, "Psychanalyse der weiblichen Sexualfunktionen" - o primeiro escrito por uma analista mulher sobre a psicologia feminina (\*) ao tema da menopausa, retornando a ele vinte anos depois (Deutsch, 1952, 1984). Nestes trabalhos avaliou o período da menopausa como uma reedição da crise da adolescência, quando houve o impacto pela identidade infantil perdida. Destacou que as aquisições da menina por ocasião da menarca, transformam-

(\*) De acordo com a nota introdutória contida em Deutsch (1984).

se em perdas na menopausa. Perdas estas referentes não apenas a impossibilidade de fecundar, mas ao sofrimento amoroso, pois, enquanto a menina púbere luta ativamente para separar-se de seus objetos incestuosos (pais), a mulher envelhecida esforça-se por aceitar passivamente a perda dos seus (filhos). E, de acordo com Freud, explica:

"The libido, now without the possibility of cathexis and with a diminished capacity for sublimation, has go into reverse and seek out earlier positions i.e. set out on path that is familiar to us from the formation of neurotic symptoms. (Deutsch, 1984,p.56)

Outras psicanalistas (Benedek, 1980, Langer, 1981; Dolto, 1982), em suas publicações, sustentam que o sofrimento psíquico e a neurose nesta etapa seriam peculiares às mulheres que não desenvolveram perspectivas sexuais e maternas, ou ainda, que viveram em permanente transposição afetiva para os familiares, sem envolvimento com interesses profissionais ou grupais mais amplos.

A primeira, fundamentando-se em achados antropológicos, afirma que o climatério não significa, de per si, um período crítico, deprimente, de restrição existencial ou sexual. Comparando as transformações hormonais do período pré-menstrual com as do climatério, afirma que as mulheres satisfeitas com suas vidas sexuais e com a maternidade não experimentam transtornos físicos ou psicológicos nesta fase.

Para a segunda, analogamente, unindo-se sexualidade, maternidade, interesses profissionais e pessoais no decorrer da vida, parece que se conquista um passaporte de bem estar para se chegar ao envelhecimento. Ou, com suas palavras:

"São as mulheres de ajustamento sexual pobre, de caráter rígido, com dificuldades de adaptar-se a mudanças e de um campo de interesses limitado, que correm riscos ao envelhecer. Isso é fácil de compreender. A mulher que gozava sexualmente até então.

comprovará logo que não perdeu essa faculdade, já tão firmemente estabelecida, que adquiriu independência dos processos hormonais, enquanto que a mulher que nunca gozou vê agora desaparecer sua última possibilidade. A mulher de caráter rígido tolerará pior as mudanças que agora sofre seu corpo e que padecerá mais ainda sua vida com a velhice que se aproxima. E a mulher de interesses limitados, ao ver desintegrar-se o campo de suas atividades (o trabalho amiúde perde importância quando os filhos se vão), se sentirá facilmente inútil e centrará todos os seus cuidados, que antes dedicava a sua família, em atitude hipocondriaca em seu próprio corpo. Em contraste com ela, a mulher que sempre tinha múltiplos interesses, renunciará mais facilmente e quase sem se dar conta a sua capacidade de criar biologicamente, já que é criativa em outros terrenos." (Langer, 1981, pg. 238).

E, ainda, para explicitar mais claramente sua posição, reproduzimos o texto que se segue :

"Depois, os filhos crescem, o trabalho diminui pouco a pouco e, finalmente, quando aqueles abandonam a casa desaparece também a causa que a subtraiu de sua carreira ou profissão. Nesta época a mulher geralmente é demasiado jovem para ficar inativa, mas amiúde já muito velha para reiniciar o trabalho que abandonou muitos anos atrás, ou para dedicar-se seriamente a novas atividades. Não é porque na sua idade já seria realmente impossível estudar: mas não se ocupou em estudos sistemáticos há muito, já que suas obrigações não lhe deram o tempo necessário. Agora, que tem tempo de sobra a sua disposição, sua mente já perdeu o costume da disciplina. Então fica sozinha em casa, ociosa pela primeira vez em muitos anos. Antes desejava dispor de tempo livre para ela. Agora já não sabe o que fazer dessa liberdade. Seu marido vem ao meio-dia, vem à noite, mas as manhãs e tardes logo lhe parecem intermináveis. Esta época crítica de sua vida geralmente coincide com o climatério. Segundo Margaret Mead, as reações depressivas não se devem principalmente a isto, mas à situação crítica descrita, pela qual tantas mulheres de nossa sociedade devem passar por



haver renunciado, em favor da educação de seus filhos, a criar-se valores e ocupações que pertençam exclusivamente a elas.

Esta é a reação da mulher que teve filhos e dedicou-se a eles. É certo que a reação da mulher que não realizou sua maternidade, frente à menopausa é ainda mais intensa, ainda que tenha sua profissão, seu ambiente social bem estabelecido e outras fontes mais de gratificações."

(Langer, 1981, pg. 241-242).

Quanto à Dolto, a importância que confere ao envolvimento extra-lar fica claramente expressa no parágrafo seguinte:

"As mulheres infantis, com Édipo não formulado ou permanentemente transposto para objetos de transferência, bem como aquelas com Édipo não-resolvido, vêem a ameaça perseguidora da velhice na mutação hormonal que assinala o fim da sua eventual fecundabilidade fisiológica. Ao desaparecer o sinal da sua fecundidade, elas sofrem em pensar que já não são, ética e esteticamente, válidas como mulheres; esse sofrimento é uma angústia de castração real, se até esse momento a mulher sentiu a sua existência vazia de fertilidade simbólica, sua única utilidade sendo representada por suas maternidades e pelas tarefas domésticas." (Dolto, 1982, pg. 93).

Embora admitamos a alta frequência da chamada síndrome do "ninho vazio" (analisada por Oliver, 1977), não concordamos que a constelação de sintomas e a procura por psicoterapia seja particularidade de mulheres que se dedicaram exclusivamente a marido, filhos, lar.

Aliás, desde Horney (1991), ao discorrer sobre mulheres que supervalorizam o amor, foi sinalizado que o mal estar e enfermidade não estão ligado necessariamente à perda das funções definidas culturalmente como femininas, ainda que o conflito fosse circunscrito a casos pré-existentes de auto-desvalorização:

“E, finalmente, o vazio que invade o campo de trabalho e das realizações é sentido cada vez mais, conforme se acentua a ênfase, com o avançar da idade, dada pela pessoa ou pelas condições circunstantes às realizações. A vida parece cada vez mais sem sentido; vai aumentando a amargura porque estas pessoas vão necessariamente se perdendo na própria duplicidade de sua ilusão. Elas acham que só podem ser felizes pelo amor, contudo, pela sua constituição, jamais poderão ser ; por outro lado, acreditam cada vez menos no valor das suas habilidades.

Qualquer leitor terá provavelmente observado que o tipo de mulher aqui descrito ocorre frequentemente hoje em dia de forma mais branda, pelo menos em nossos círculos intelectuais de classe média. No início, expressei opinião de que isto fosse em grande parte determinado por motivos sociais, que residem no estreitamento social da área feminina de trabalho. Nos casos aqui descritos, contudo, os impedimentos neuróticos particulares surgem nitidamente de um desenvolvimento individual desastroso”. (pp. 209-210).

Vários outros psicanalistas discorrem sobre o tema, sendo que alguns serão mencionados no capítulo que se segue, por se aproximarem mais do assunto nele abordado.

## **Crise da "nova" mulher diante da perspectiva de envelhecer**

### **Crise e desenvolvimento**

A noção de crise vinculada ao processo de desenvolvimento humano vem sendo discutida por diferentes autores. Dentre diversas abordagens, coloca-se a perspectiva comum de que, no processo do nascimento à morte do ser humano, há momentos decisivos com valor de organização, reajuste e mudança. Neles estão presentes dúvidas e incertezas e são mobilizadas reações como mecanismos de soluções aos problemas postos em movimento. A noção não se restringe, pois, a uma idéia de catástrofe iminente, mas tem dupla conotação - tanto se refere a perigo, envolvendo tensão, como a oportunidade, possibilitando evolução.

Um pressuposto seria de que o desenvolvimento ocorre em estágios sucessivos e claramente definidos. Alguns admitem que cada um desses estágios, contendo características próprias, desde a primeira infância até a velhice, é caracterizado por etapas críticas cuja resolução ou fracasso se refletirá na fase subsequente. Cada etapa inserida no ciclo vital, guardaria também uma relação com o meio social que pode propiciar elementos e chances para uma reorganização mais ou menos satisfatória para a situação. De qualquer forma, fica presente um sentimento de desconforto e uma certa nostalgia por um equilíbrio anterior ameaçado, até que sejam acionados os recursos e redimensionadas as dificuldades, garantindo-se um novo equilíbrio.

Destacamos Kaplan & Sadock (1990), Jung (1969), Erikson (1976, 1987), Deutsh (1984), Kernberg (1989), Burin (1987, 1990) e Friedan (1993) por apresentarem perspectivas psicossociais como referências iniciais para questões que iremos desenvolver. Questões

estas relacionadas a um momento de encontro entre forças paradoxais - aquelas internalizadas na infância e adolescência e as absorvidas no percurso da vida adulta da “nova” mulher. Ou seja, essa experiência conjunta de conservadorismo e inovação que vem sendo acumulada, atualizando-se nos anos de meia-idade, em nosso meio socio-cultural, podem configurar um período crítico, conforme discutiremos.

Kaplan & Sadock (1990) discorrem, a partir de um enfoque da psiquiatria, que, à medida em que homens e mulheres atingem a metade da faixa dos 40, ou o início dos 50, estão vulneráveis a sofrer algum tipo de distúrbio emocional, caracterizando a “crise da meia-idade”. De acordo com estatística norte-americana, informam que 78% experimentam um transtorno, de moderado a severo, nesse período, consistindo em mudanças súbitas e drásticas no trabalho, na relação conjugal, perdas diversas que podem remeter a quadros depressivos, angústia, sentimentos de pânico, uso aumentado de álcool e drogas, etc..

No caso da mulher, a ocorrência da menopausa, com alterações hormonais e sintomas decorrentes, associada a um sentimento de menos valia, de empobrecimento pela incapacidade de procriação, também pode se constituir num fator deflagrador da crise, segundo estes autores. Se os recursos são inadequados ou insuficientes para enfrentar tensões e adversidades deste ponto de “virada”, com a percepção do próprio envelhecimento e da morte, configurar-se-á a síndrome da crise da meia idade, para a qual eles assinalam necessidade de tratamento e prevenção.

Para Jung (1969) a transição da meia idade, em torno dos 40 anos, é crucial na existência humana. Um novo processo se iniciaria nesta etapa, de tonalidade diferente daquela que havia marcado a primeira metade. Em condições favoráveis se chegaria mais próximo a fontes de sabedoria e criatividade pessoal, desenvolvendo-se potencialidades para a integração dos aspectos vividos. O indivíduo se tornaria menos impulsivo e extrovertido e adotaria valores religiosos, sociais, cívicos e filosóficos mais consistentes. No entanto, faz a ressalva, a partir de sua experiência pessoal :

“o pior de tudo é que gente inteligente e educada vive suas vidas sem mesmo saber da possibilidade de tais transformações. Totalmente despreparados, eles embarcam na segunda metade da vida. (...) fortemente despreparados damos o passo em direção ao ocaso da vida: pior que isso, nós damos este passo com o falso pressuposto que nossas verdades e ideais irão nos servir como até então. Mas não podemos viver o ocaso de acordo com o programa da manhã da vida; o que foi grande na manhã será pequeno ao anoitecer, e o que de manhã era verdade irá tornar-se mentira ao anoitecer.”(p.398-399)

No caminho do entardecer, estabelece o autor que o despojamento paulatino da máscara social - “persona”- será necessário na direção do processo de individuação. Para ele, quanto mais o indivíduo se compensa em papéis sociais (títulos, cargos, ocupações - “mito do herói”), mais sofrimento advirá. Inclinações e interesses aparentemente desaparecidos, desde a infância, ressurgiriam, nesta etapa que já não é mais de formação e expansão, e sim de reconciliação e integração.

Erikson (1987) postula uma série de oito tarefas psicossociais do nascimento a morte, cada uma referindo-se a um momento decisivo, com mudança inevitável, cujo resultado pode ser um desenvolvimento gradual bem sucedido ou um prejuízo do ciclo de vida que irá agravar futuras crises. Apresenta, pois, o desenvolvimento humano do ponto de vista de :

“...conflitos internos e externos, que a personalidade vital suporta, ressurgindo de cada crise com um sentimento maior de unidade interior, um aumento de bom juízo e um incremento na capacidade de ‘agir bem’, de acordo com seus próprios padrões e aqueles padrões adotados pelas pessoas que são significativas para ela” (pp.90-91).

Considera a questão “generatividade versus estagnação”, como a tarefa vital básica da fase que chama “idade adulta intermediária”, estendendo-se entre 40 e 65 anos. Em caso de resolução favorável, a tendência seria tornar-se compassivo, empático, produtivo, criativo, escolhendo caminhos alternativos e viáveis para um saudável envelhecimento, etapa final, cujo confronto seria “integridade versus desespero”. Do contrário, se tenderia a auto-absorção, ao aprisionamento num egoísmo estéril, estagnando o desenvolvimento. A esse respeito, adverte que o ser humano necessita ser necessitado para não sofrer uma deformação de auto-absorção, na qual ele se torna “o seu próprio e único filho”(p.139).

Aponta, como essencial, um investimento libidinal nas gerações seguintes, gerando-se, em expansão, coisas e idéias e partilhando-se responsabilidades .

Deutsh (1984) dedicou um capítulo de seu livro *Psychoanalyse der weiblichen Sexualfunktionen* ao tema da menopausa. Discorre, neste trabalho, que esta seria uma fase crítica, onde simultaneamente ao processo de regressão genital ocorreria a perda da feminilidade e frequentemente a formação de sintomas neuróticos: depressão e numerosos equivalentes de ansiedades e sintomas conversivos (vertigens, palpitações, pulsação alta, dores de cabeça, distúrbios gástricos, cardíacos e demais). Admite, porém, a insuficiência de estudos analíticos para elucidar quando essa regressão iniciaria e como se processaria.

É interessante notar que a autora destaca o fato de que as mudanças nesta fase de vida na mulher seriam muito mais difíceis que no homem, porquanto as possibilidades de sublimação abertas para os dois sexos seriam diferentes, estando a das mulheres confinadas às funções genitais maternas. Assim sendo, considera, ao final deste estudo, dois caminhos para atravessar essa etapa com menos sofrimento:

“ Two ways lie open to women to protect her against the disconsolateness of old age: the continuation of psychical motherhood to the outside world or now biologically revived bisexual constitution that frequently also emerges in the physical appearance of the aging woman; by means of this male oriented relations to life can be maintained after the final disappearance of femininity.

The hopes of therapeutic success for psychoanalysis at the age of involution is associated with these two possibilities” ( Deutsh, 1984, p. 61).

Apoiado em Erikson, entre outros, e em sua experiência clínica, o psicanalista Kernberg (1989) descreve “tarefas de vida na meia-idade”. - “anos que vão do final da casa dos 30 ao início da casa dos 60”(p. 117) - e examina o que denominou de “narcismo normal” e “narcisismo patológico” desta etapa. A questão para a maioria das pessoas seria aprender a aceitar-se dentro de seus limites e dos riscos das próprias escolhas “em contraste com a racionalização narcísica, com a negação, a resignação, o ceticismo e com a autocolpa masoquista”(p.120). Considera especialmente relevante nesta fase de vida, a consolidação

de uma relação afetivo-sexual, dentro ou fora do casamento, nela desenvolvendo-se a tolerância aos conflitos e a capacidade de intimidade.

“A aceitação dos conflitos inerentes ao amor e ao casamento e sua contenção numa relação objetal estável talvez seja a principal tarefa da meia-idade”(p.121)

Quanto à psicanalista Burin (1987, 1990), aborda especificamente a crise da mulher de meia idade (dos 30-35 aos 50-55 anos). Concebe-a como um jogo de forças operando em duplo aspecto, ou seja, ruptura de um equilíbrio prévio e possibilidade do exercício de uma crítica sobre situações já vividas. Apresenta o conceito de “desejo hostil”, peculiar desta fase, impulsionando e orientando para novas buscas de objetos libidinais. Esta hostilidade, complexa e muitas vezes dirigida a si própria, viria revestida de críticas ao passado, por se haver forjado certos ideais e se submetido passivamente a ilusões de ser amada e valorizada: “donde su enemiga parecería ser aquella que ella fue”. (Burin, 1987, p.97)

A propósito da proposta de Jacques (1966), para quem a resolução da crise desta etapa se processaria como um passo entre a inspiração e o produto terminado, num trabalho criativo, com elaborações sucessivas, a referida autora questiona: Como a mulher pode reelaborar seus impulsos hostis, recuperar seu próprio egoísmo, renunciar a sua “generosa entrega” anterior, se tal reestruturação precisa estar entrelaçada com as necessidades culturais, para uma validação social? Onde estaria localizada a recuperação do poder feminino numa sociedade em que os homens cumprem papéis sociais de dominação e autoridade e as metas da mulher estariam relativizadas ou ao menos precisariam ser coordenadas com as de seus parceiros masculinos?

A idéia central de Burin (1987) é de que a mulher que mais sucumbe à crise da meia idade é aquela que cumpriu quase exclusivamente papéis femininos, tendo estruturado seu desejo em torno de ser o objeto de desejo do marido e dos filhos. No entanto, em suas investigações sobre a depressão, ao analisar estatísticas referentes a faixa etária de maior

demanda de mulheres a serviços psiquiátricos (40 a 60 anos), relativiza a hipótese de situação de risco pela perda da capacidade procriativa :

... "fundada en una perspectiva patriarcal que identifica a las mujeres con la procreacion"

(Burin, 1990, p.57).

Portanto, para esta autora, uma complexidade de condições, que envolvem tanto o casamento e a criação dos filhos, como a dupla jornada de trabalho, a falta de suporte de amigos ou de familiares e a ausência de uma comunicação íntima com um par podem constituir-se fatores de risco.

Já Friedan (1993), apreciando os resultados de suas recentes pesquisas, bem como as de outras pesquisadoras norte-americanas, comenta que as mulheres de meia idade estão lidando melhor, desde a década de 80, com a crise dessa fase, por terem, atualmente, mais controle sobre suas vidas em geral. A maioria, segundo esta autora, demonstrou experimentar uma orientação positiva para enfrentar desafios e uma revitalização que lhes dava confiança no futuro. Os fatores necessários para esta flexibilidade de emprestar um novo e significativo sentido para suas existências, ao invés do declínio previsto por outros estudos, foram não só um maior sentido de controle sobre suas próprias vidas, como também a sensação de intimidade partilhada, visto que as mulheres que não eram casadas ou mães sofriam pela falta desta intimidade, dificultando-lhes atingir um bem-estar. Este, por sua vez, seria mais facilmente alcançado por aquelas que combinavam casamento, maternidade e trabalho nesta etapa de meia-idade.



Um outro aspecto apreciado por esta autora e que diz respeito ao nosso tema é o fato de que, com o aumento da idade, os homens passariam a desenvolver características femininas e as mulheres masculinas, e que este atravessar os limites de seu próprio gênero poderia reverter em benefícios para a trajetória de ambos e para as relações afetivas.

### **Perspectivas de crise da "nova" mulher**

A partir das abordagens aqui sumarizadas a respeito do processo crítico da meia-idade, cada qual numa perspectiva, e utilizando uma linguagem peculiar, conjecturamos que, nesta etapa de vida da "nova" mulher, o que foi adquirido e consolidado até então é passível de ser questionado, emergindo contradições. Mas como se dará este processo de redefinições e resignificações e a resolução dos impasses ?

Do ponto de vista social, nas últimas duas décadas, ampliaram-se condições para a "nova" mulher entrar em contacto com as barreiras culturais, políticas, jurídicas e morais que subjugaram as mulheres durante séculos. Ela as denunciou e tentou mudá-las, com maior ou menor participação ativa. Porém, várias dimensões inerentes ao modelo antigo de relacionamento foram, no percurso de sua vida, percebidas e idealizadas como estáveis, protegidas, garantidas, desarmadas, confortáveis.

Supomos que ligações com raízes tradicionais se fazem ainda presentes, abalando os novos alicerces e fazendo as experiências enfrentadas na sua vida adulta passíveis de serem

sentidas como insatisfatórias, contendo esforços vãos, incertezas, desconfortos, relacionamentos efêmeros e frustrantes, separações, competição, solidão.

Olhando para trás, no entanto, diante do testemunho feminino das gerações anteriores - via observação direta na própria família ou indireta por meio da literatura, cinema, televisão, etc..- o "antigo" não se apresenta como uma perspectiva atraente. Não é difícil constatar que a assimetria de direitos e deveres foi uma "cruz" que as antepassadas tiveram que carregar. Retroagir ao modelo, pois, seria inconcebível. O destino da mãe precisa, antes de tudo, ser evitado. Daí a força da identificação com o padrão paterno - de domínio do espaço exterior, com uma liberdade que para ela, porém, contém um preço.

É como se a "nova" mulher vivesse o paradoxo de uma terceira opção idealizada e inacessível. Os dois modelos - antigo e novo - configuram-se testados e desaprovados, muito embora nem o primeiro jamais tenha sido por ela vivido em seu formato original (face às transformações ocorridas), nem o segundo sequer tenha conseguido se instalar mais efetivamente (novos papéis da mulher como geradora de renda substantiva não foram, por exemplo, acompanhados por novas atribuições domésticas e paternas dos homens, no cotidiano). O incômodo resulta provavelmente da ambivalência em relação aos dois - há uma percepção de inadequação das tradicionais pautas de conduta quanto às requisições do presente, mas, por outro lado, os padrões que os substituíram parecem não trazerem a almejada sensação de gratificação, isto é, antes são percebidos como pesados, frustrantes, incompletos.

Tal como se esta mulher, produto e produtora de novas relações públicas e privadas, não houvesse recebido os prêmios e troféus pelos intensos e incessantes esforços.

Os depoimentos das feministas Marta Suplicy e Rosiska de Oliveira, reproduzidos abaixo e extraídos de Toscano & Goldemberg (1992), ilustram estes estados de cansaço, de frustração, de solidão, de desalento, para os quais ambas, na época com 46 e 47 anos, respectivamente, buscam razões, expondo seus pontos de vista:

"A mulher está muito mais no presente do que o homem, mas ela resvala direitinho, principalmente quando ela se sente cansada, explorada, em vista de as condições sociais reais não ajudarem e as condições também do lado privado não ajudarem, porque o marido não divide o trabalho doméstico. Então ela volta a esse passado, na hora em que ela fica exausta. Mas ela tem mais consciência que o homem, ela está mais avançada que o homem."(p.68-69).

Eu acho que as mulheres, em geral, estão muito solitárias porque, feminista ou não feminista, a relação homem-mulher saiu dos eixos, sem dúvida nenhuma. Eu acho que hoje há um desencontro entre homens e mulheres, porque as mulheres mudaram muito, e os homens não. Os homens ainda estão muito parecidos com o modelo tradicional. Nem eles encontram, nessas novas mulheres, um ideal feminino que eles têm na cabeça, nem elas encontram, nesse homem, um ideal masculino que elas, agora, têm na cabeça". (p.84)

A discussão do processo de envelhecimento da "nova" mulher, no quadro complexo da sociedade contemporânea, abrange alguns aspectos discutidos, em diferentes contextos, por Lasch (1984, 1991), Ariès e Béjin (1985) e Freire Costa (1984, 1988). Estes autores sinalizam, em geral, que na sociedade atual, marcada pela ideologia individualista, fomenta-se o sujeito auto-absorvido, competitivo, eterno produtor-consumidor, que acaba por adotar uma forma hedonista e materialista, na qual viver significa procurar sensações prazerosas e imediatas, sem medir os meios e as consequências.

Lasch denuncia esta cultura predatória em dois momentos de sua obra. No primeiro (1984), denominando-a "cultura de sobrevivência", pelo desamparo e impotência típicos do que chamou de "mínimo eu". No segundo, apontando a precariedade da estrutura e dinâmica da família, ou, nas suas próprias palavras:

"A situação da família espelha assim a situação da sociedade como um todo que criou uma sensação sempre presente de ameaça e reduziu a vida social a um estado de guerra.

freqüentemente empreendido sob a aparência de uma cooperação amistosa." (Lasch, 1991, pg. 204).

Assim sendo, em nosso entender, esta cultura orientada para o lucro, para o novo e para o belo alimenta sobretudo, nos que estão por envelhecer, a insegurança e o temor, isto é, a realidade externa estimula a emergência dos fantasmas da realidade psíquica. Ou, melhor dizendo, pairando, na sociedade, uma ameaça de ruptura, de efemeridade, com quase total reificação das relações humanas estimula-se a insegurança e o temor de todos os que se aproximam do envelhecimento.

Supomos que, no caso da "nova" mulher, este quadro apresenta feições típicas e assume representações específicas, como passaremos a expor.

Quanto ao universo afetivo e sexual surgem dificuldades, pois experiências prazerosas elevaram-se, nesta sociedade narcísica e neófila, à categoria de valor máximo e delas sente-se, de algum modo, excluída.

Primeiramente, pela restrição, em si, da vida sexual feminina após a maturidade, derivada do afastamento de seu parceiro - por doença, morte ou separação. Mesmo sem ruptura formal, isto é, mantendo-se a conjugalidade, é freqüente o esposo agir, mesmo em nossos tempos atuais, de acordo com o casamento tradicional e a dupla moral. Ao repudiar a esposa como objeto de desejo (até por representar um reflexo de sua própria idade e

revitalizar sua virilidade com as mais jovens, abandona, no todo ou em parte, a vida sexual com a antiga companheira.

Em segundo lugar, dificultando a realização de desejos incestuosos substitutos. Ao contrário da facilitação quando se trata do sexo masculino, ainda é reprovado o amor entre uma mulher mais velha e um homem mais jovem, fazendo com que o par reprima e anule essa possibilidade. A recente pesquisa de Gutiérrez (1992) atesta a presença deste fenômeno, pois nela homens jovens declararam que, na época da menopausa, as mulheres "já estavam fora de cogitação", enquanto afirmavam que o oposto ocorria com os homens mais velhos - "sabemos que as gatinhas preferem os coroas". (p.42).

Aliás, este aspecto também já fora discutido pela escritora e ensaísta Sontag (1979), quando afirmou, referindo-se à cultura norte-americana, que os homens de meia-idade mantêm-se objetos sexuais desejáveis, ou até ampliam suas conquistas amorosas, se obtiveram poder econômico, intelectual e prestígio social, em contraste com as mulheres, que, no caso de semelhantes êxitos no âmbito público, nesta fase de suas vidas, são consideradas menos femininas e pouco atraentes. O que ela denominou de "double standard of aging" aponta para um aspecto de grande desvantagem por parte das mulheres mais velhas nas possibilidades afetivo-sexuais, podendo fazer crescer uma aversão ao envelhecimento.

Um terceiro fator agravante é que o número de potenciais parceiras jovens ampliou-se, com a desvinculação do binômio sexualidade-reprodução. Agora a "outra" (Goldemberg, 1990,1991) pertence a mesma camada social; é escolhida e escolhe. Não se trata de uma

mulher mantida econômica e clandestinamente. É uma nova versão de "nora"- uma jovem prestes a levar-lhe o marido, tal como o faz com o filho.

Trata-se de uma competição mais clara ou mais velada, mas sempre desvantajosa para as mais velhas, que nem sequer ganham a gratificação secundária de ter a abstinência considerada virtude, como no passado. O significado atual é, antes de tudo, falta de opção, ou seja, os homens da mesma faixa etária, mais velhos ou mais novos escolherão as mais jovens. Até porque mulher jovem (especialmente se é bela) significa poder em nossa cultura e configura um valor social, um "uso emblemático" (Linhares, 1991).

Estabelece-se, assim, um círculo vicioso: o desejo insatisfeito pela impossibilidade de realização gera impossibilidade de desejar, caracterizando um dilema, posto que o "desejo" garantiu uma posição de valor na experiência social, a partir da própria divulgação e vulgarização de algumas noções psicanalíticas, no sentido de se enfatizar os benefícios da satisfação de desejos, ou, pelo menos, os prejuízos relacionados à repressão deles .

## Como envelhecer ?

Num panorama socio-cultural de mudanças, é de se supor que já não há um lugar social definido para as mais velhas, posto que se desfaz a rede de apoios solidários e estáveis para o envelhecimento feminino que lhes assegurava um novo status: o de avó - retomada da maternidade, sem o ônus dos pesados encargos; missão valorizada pela transmissão da experiência, com escuta de certa forma garantida.

Conjecturamos, pois, que sentimentos ambivalentes da "nova" mulher que envelhece - desejo e repúdio - sejam dirigidos ao potencial destinatário libidinal: o neto, pois qual o significado de ser avó atualmente? Debruçar-se sobre uma criança para possibilitar a entrada ou manutenção no mercado de trabalho da filha ou nora? Quando a recém avó ainda se acha apta ao exercício de sua atividade fora do lar, ora reconhecida e valorizada? Quando sequer conseguiu alcançar o patamar almejado na profissão ou nela inseriu-se por não haver atingido um nível educacional mais alto, geralmente por ter priorizado o ciclo de sua família, o cuidado com o lar, filhos, idosos e enfermos? Quando pressente que, mesmo se abdicar de seus interesses, seu poder familiar estará, senão nulo, diminuído, diante de outros agentes educacionais, médicos e psicológicos aos quais será confiado o neto? Quando a mulher-avó deixa de ser objeto erótico?

Vale assinalar que, do ponto de vista intergeracional, a "nova" mulher nem recupera o que perdeu, através da continuidade do papel de "boa" filha, ao qual se mantém fiel pelos valores herdados, nem conquista o que pretendeu em algum ponto de sua vida - o reconhecimento, o respeito, a retribuição amorosa pelos esforços dispendidos na dupla jornada.

Sua geração se vê premiada por valores assumidos pela anterior, a de seus pais, que se ampara nos "direitos adquiridos" frente aos filhos e pela posterior, a de seus filhos, criados num contexto de relações familiares mais igualitárias (conforme a caracterização de Figueira, 1987). Relações estas permeadas de clichês psicológicos tais como liberação de sentimentos de culpa, oriundos de cobrança de cuidados e gratidão por parte de figuras parentais exigentes. Ou seja, o que antes era validado consensualmente como direito inquestionável, hoje se inverte, sendo até passível de ser rotulado como neurose e/ou imaturidade de pais exacerbadamente reivindicadores ou excessivamente possessivos, a exemplo das difundidas noções de mãe "simbiotizante", "castradora". Assim, a "nova" mulher precisaria comportar-se à antiga, disponível e atenta para seus pais e mostrar-se atualizada e desprendida diante de seus filhos. E se manteria onerada, de parte a parte.

A "nova" mulher viveria, pois, um paradoxo, no qual, por um lado, está presa a uma crença na autonomia econômica e psicológica do adulto, e por outro, vivencia a dependência típica da relação intergeracional, destacando-se a de pais idosos e enfermos frente à prole de meia idade. E se filhos e filhas de meia-idade, em alguns casos, arcam com despesas e providências, certamente cuidados mais intensos pesarão mais sobre elas, que ficam também mais expostas às dificuldades enfrentadas pelos pais.

Logo, a imagem idílica de cabelos brancos, cercada por descendentes devotados é ameaçada constantemente pela figura da velha solitária, amarga, desiludida, doente e abandonada,



Logo, a imagem idílica de cabelos brancos, cercada por descendentes devotados é ameaçada constantemente pela figura da velha solitária, amarga, desiludida, doente e abandonada, imagem mais próxima a uma projeção futura antevista com as lentes realísticas de um presente, já sombrio. Os filhos não retribuirão, tal como a geração atual ainda o faz, mesmo com esforços. Ou seja, o longínquo quadro da vovozinha que recebia a visita, as frutas e o aconchego da neta, alterna-se com o da sinistra bruxa malvada, mais presente, de certo modo até reforçado por algumas interpretações psicanalíticas, onde desde o pai da Psicanálise, ao explicar sobre o problema da escolha da neurose, enuncia:

"É fato bem conhecido, e que tem dado muito motivo para queixas, que após as mulheres perderem a função genital seu caráter amiúde sofre uma alteração peculiar. Tornam-se briguentas, irritantes, despóticas, mesquinhas e sovinas, o que equivale a dizer que apresentam tipicamente traços sádicos e anal-eróticos que não possuíam antes, durante seu período de feminilidade. Os autores de comédias e os satiristas de todas as épocas dirigiram as suas invectivas contra o 'dragão velho' no qual a moça encantadora, a esposa amante e a terna mãe se transformaram." (Freud, 1913, pp 406)

Ou, mais recentemente, também pelas palavras de Dolto (1989), uma psicanalista que se propõe rever concepções freudianas sobre o feminino:

"Por outro lado, na mulher, a velhice neurótica traz consigo a máscara do horror. A agressividade reivindicadora é simbolizada por essas velhas bruxas mal-amadas e incapazes

de amar. A presença de tais criaturas teratológicas, de instintos vorazes, enlouquecidas por não poderem fugir à sua insuperável angústia, temendo ainda ser violadas em suas menores e mais insignificantes posses narcísicas, é um perigo real para seus descendentes genéticos, que, para elas, simbolizam, em sua regressão simbiótica, o mal, o outro fálico a quem odeiam, a fim de continuarem a se sentir poderosas." (pg. 95).

É como se, no imaginário social, com o envelhecimento da mulher, se operasse uma drástica transformação: de jovem, bela, boa, para velha, feia, má. Mitos e contos alicerçam tais crenças. A figura da bruxa, da feiticeira solitária fabricando mágicas e malévolas poções ou voando sobre as nuvens com sua vassoura - símbolo fálico da mãe pré-edípica toda-poderosa - é temível.

Desde que o fluxo do bem sucedido é "natural" e coletivo, não apresenta uma marca no social, mas os pontos de confronto e de desordem, as questões problemáticas em si, em nossa cultura, tornam-se individuais, nesta passagem da "boa" imagem para a "má", é plausível que inquietações mobilizem a "nova" mulher, que, num esforço para afugentar as visões ameaçadoras e fazer retornar a figura quimérica da bondosa e querida vovozinha, faria as indagações: Onde falhei? O que fiz a mais ou deixei de fazer? De que conflitos fui geradora ou, ao menos, participei? Que tipo de relação desenvolvi com meus filhos, com meu trabalho? Acertei ou errei na dosagem e na qualidade dispensada ao setor familiar e profissional? Devo me preparar para a dupla aposentadoria ou me agarrar ao que ainda possuo, mas que tende a me escapar? Como retirar-me da vida ativa, sem perspectivas de chegar ao território de valorização, paz e amor para o qual supus ter conseguido as credenciais? O que ainda posso fazer por mim?

Despojada da almejada condição de objeto de desejo, com deveres de atenção e proteção frente a filhos adolescentes exigentes e pais idosos carentes, sem prazeres de domínio e reconhecimento, a "nova" mulher oscilaria, muitas vezes, entre uma busca de racionalidade e um retorno ao irracional, ao mágico.

Inserida numa cultura que desloca as representações para a singularidade, participante de uma sociedade onde impera o individualismo como valor, tal como caracteriza Dumont (1985) a ideologia moderna, ela própria considera-se autora de seu destino. Seu comprometimento, investimento e engajamento com singularidade, progresso, mudança, liberdade acaba, pois, por dirigir ou ampliar constrangimentos e responsabilidades sobre si. (Velho, 1981; 1985).

"Sob uma perspectiva de camada média intelectualizada nada mais 'natural' do que a idéia de que cada individuo tem um conjunto de potencialidades peculiar que constitui sua marca própria e que sua história (biografia) é a atualização bem sucedida daquelas"(Velho, 1985, p.22).

Algumas procuram, então, construir, a quatro mãos, sua trajetória, quando percebe que esta vai mal-sucedida. Isto é, para solucionar a crise, lançam mão do recurso em voga em sua cultura: as psicoterapias (por acréscimo a magias diversas, quiromancia, cultos religiosos, astrologia, tarô, técnicas alternativas, ginásticas, e demais, em crescente procura) .

Retomando brevemente a idéia de crise, não estamos supervalorizando um momento do percurso existencial, como se houvessem etapas prévias não críticas, totalmente equilibradas, estáveis ou integradas. Ao contrário, entendemos esta erupção na fase da meia idade da mulher antes como o resultado de contradições latentes (tanto em seu psiquismo, com na própria sociedade) que se tornam manifestas. Estamos considerando, pois, a crise da “nova” mulher como a emergência de um impasse, onde se confrontam opostos, e no qual tenta-se o enfrentamento, sem as estratégias disponíveis para a superação imediata, provocando tensão. Tensão esta em parte decorrente da auto percepção de uma atrofia da “feminilidade”, diluída na capa de “lobo-mau”, que vestiu há muito, identificando-se com a figura de poder, masculina, ativa, peculiar à esfera pública.

A analogia que aqui fazemos do personagem “lobo-mau”, oriundo de contos de fada com o representante paterno é encontrada na literatura psicanalítica, desde Freud (1913a), quando analisou material de sonhos.

Supomos, porém, que o “lobo”, em algum nível, também é mal visto pela “nova” mulher, mas como despojar-se desta identificação masculina e promover um reencontro com seus primeiros ideais de ego, onde a figura materna e de todas as suas ancestrais onipotentes era o projeto, o destino majestoso?

É possível que, às portas da morada da vovozinha, a "nova" mulher, algumas vezes sozinha e outras auxiliada por uma nova versão do lenhador-caçador (o especialista ou um atual parceiro amoroso), tente abrir a barriga (esfera emocional) e extrair a antiga idealização. Mas o que resulta desta cirurgia?

Mata o lobo para ressuscitar a vovozinha? Com a morte do lobo, que tipo de vida supõe para si? Onde colocar a agressividade-atividade do lobo-mau? Como reviver o sonho de ser amada e valorizada em sua feminilidade? Será possível reeditar a vovozinha no atual livro de sua vida, marcado por páginas tão diferentes de suas ancestrais e por pressões sociais tão complexas que fazem parecer mais e mais longínquo um final feliz?

Importante registrar que resgatar a "vovozinha" seria assumir o poder numa outra dimensão, a da mulher tradicional que obtinha e dava proteção. Mas como será possível o resgate, numa visão crítica e diante dos novos padrões e de seus ideais? Como se imagina quando afastada de suas funções sociais, suporte de sua identidade até então? Se o trabalho externo tornou-se o espaço de criação, recriação e recreação? Desobrigando-se do duplo encargo se perceberá livre ou condenada ao ócio? Tentará ainda buscar uma conciliação entre o trabalho dentro do lar (invisível) e fora (incompleto)? Como pensar o próprio envelhecimento sem um referencial anterior à sua geração, destituída de um modelo identificatório? Será sua adoção ao ideário modernizante tão sólida que banuiu o de que mais arcaico havia em si? Ou exatamente a crise estaria expressando tanto o descompasso de algo que não muda, quanto as dificuldades inerentes a um ideal de renovação que ainda não conseguiu atingir sua consumação?

## Metodologia

### Opção metodológica: considerações básicas

Nossa pesquisa privilegiou, num sentido amplo, a análise de conteúdo tal como conceituada por Henry e Moscovici, citados por Bardin (1977, p. 33) :

“tudo que é dito ou escrito é suscetível de ser submetido a uma análise de conteúdo”.

Cumpriu, em nosso entender, suas funções essenciais, colocadas na referida obra: a “heurística” - dizendo respeito ao contexto da descoberta, em direção a exploração livre para ver o que acontecerá ; a de “administração de prova”- tendo como guia prévio questões e afirmações provisórias, que apelavam para uma verificação.

Tal como previsto nesta abordagem metodológica, em nossa investigação as duas funções coexistiram de forma complementar. Orientada inicialmente pela problemática teórica a respeito da “nova” mulher, reinventamos temas e problemas a partir do contato com as entrevistadas.

... “Este vai e vem contínuo, possibilita facilmente a compreensão da frequente impressão de dificuldade no começo de uma análise, pois que nunca se sabe exatamente ‘por que ponta começar’.

A análise de conteúdo (seria melhor falar de análises de conteúdo), é um método muito empírico, dependente do tipo de ‘fala’ a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe o pronto-a-vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos, tem que ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da descodificação e

de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas." (Bardin, 1977, pp.30-31).

Optamos pela entrevista livre e a partir do seu conteúdo recortariamos os temas, posto que, dada a natureza do problema pesquisado, não cabia respostas a alternativas pré-formuladas. Consideramos mais importante dar voz e vez às mulheres, liberdade para que falassem e abordassem a temática como quisessem, sem uma ordem pré-estabelecida. Ao invés de dirigir as entrevistadas com itens ordenados ou guiá-las através de perguntas específicas, apenas mostramos atenção e interesse em seus relatos, para que desenvolvessem seus pontos de vista, destacados, priorizados e organizados por si próprias. A opção baseou-se no fato de estarmos interessadas em como, quando, e especialmente em alguns momentos, no porque do surgimento, da ênfase, do tom lacônico, da evasão e do recorte dos discursos.

Norteou nossa postura e, conseqüentemente as opções de estratégias de pesquisa, uma perspectiva crítica das possibilidades de investigação, conforme posição defendida em especial por Stengers (1990), para quem a compreensão da realidade está muito além de uma mera facticidade. Conceitos, métodos e instrumentos afirmam e desenvolvem situações destinadas a interlocutores efetivos ou potenciais, havendo sempre uma dupla face - os fenômenos e os interlocutores; ou seja, só existe atividade de pesquisa quando há uma rede de "interesses" na comunidade científica engajada na descoberta e discussão de problemas "interessantes".

Também nos apoiamos metodologicamente em Bleger (1971), cuja abordagem apresenta o fenômeno observado não se esgotando naquilo que se vê, que se ouve, mas também no que se sente.

Portanto, captar e decifrar as estruturas contraditórias de qualquer discurso, é abdicar também do mito da neutralidade e objetividade do pesquisador. Tudo dependerá, pois, de um jogo de interação pesquisador - pesquisado. A esse respeito, fazemos nossas as palavras de Brandão (1981), quando discutiu aspectos da pesquisa participante:

“...Dentro desta relação de interação não há mais lugar para um pesquisador separado de seu objeto de pesquisa. O pesquisador é um homem ou uma mulher com uma inserção social determinada e com uma experiência de vida e de trabalho que condicionam sua visão de mundo, modelam o ponto de vista a partir do qual ele ou ela interagem com a realidade. E é esta visão de mundo, este ponto de vista que vai determinar a intencionalidade de seus atos, a natureza e a finalidade de sua pesquisa, a escolha dos instrumentos metodológicos a serem utilizados.” ( p.24).

Em se tratando de registrar e analisar o momento vivido por um grupo de mulheres do qual a própria pesquisadora faz parte, a entrevista livre foi o caminho escolhido como possível para compreender este instante de descobertas. Não olhávamos para nosso “objeto de estudo” à distância, com lentes poderosas. Tentamos ouvir para entender. Registrar para decifrar. Não apenas o conteúdo dos discursos, mas até o impacto que as palavras nos provocavam, a fim de que isto não se constituísse numa tendenciosidade às cegas, mas, pelo oposto, pudesse favorecer o encaminhamento das análises e sínteses a serem realizadas.

As ordenações, os destaques, a atribuição de alguns significados certamente foram tecidos com as malhas de nossa experiência pessoal e profissional. A esse respeito, seguimos a orientação de Devereux (1977), psicanalista e antropólogo, o qual propõe que se transforme a subjetividade do entrevistador, ao invés de descartá-la ou ignorá-la. Segundo seu ponto de vista, para que esta subjetividade não se torne um viés deformador da pesquisa, mas, ao contrário, torne-se um instrumento de compreensão e esclarecimento, é preciso que seja



apropriada e refletida, em suas diversas dimensões (manobras defensivas, decisões e indecisões, transtornos ...) pelo próprio pesquisador.

Diante desta perspectiva, tentamos não introduzir valores e conteúdos que viessem a impedir, dificultar ou estabelecer tendenciosidades no fio condutor das narrativas. Apenas procuramos estabelecer um contato facilitador para todo o processo da entrevista, sem negar a interferência de nossa demanda.

Explorar expressões e manifestações utilizadas para conhecer melhor as condições e motivações de determinados trechos das entrevistas foi sendo possível, não apenas através de olhares e assentimentos com a cabeça, como também por meio de eventuais perguntas do tipo : - “você poderia explorar melhor o que disse há pouco sobre culpa?”; - “o que você está chamando de paz?” ; - “de que exatamente você disse que havia se desviado?”; - “então você está me dizendo que se considera responsável por isto? ”

Em algumas ocasiões, a intervenção emergia de certos sintomas no decorrer da entrevista, tal como nos adverte Richardson et alli (1985):

“...Existem diversos sintomas que ajudam a detectar problemas no transcurso da entrevista: as repetições, as discordâncias, as alusões evasivas fazendo crer que podem ser importantes. Todos esses sintomas o entrevistador deve analisar para determinar a necessidade de intervir, retomando aspectos já colocados pelo entrevistado” (p.164).

Algumas raras vezes a intervenção se dava ao final, para focalizar uma das temáticas propostas, mas não abordada ou mencionada de forma muito vaga, a exemplo de : “- e a propósito de sua vida pessoal, você tem algum projeto?”; - “será que você poderia falar, ainda, para finalizar, algo sobre seu momento atual com seu companheiro?”; - “poderia repetir o que você colocou inicialmente sobre sua relação com seus pais, pois não me ficou muito claro o que quis dizer?”

De qualquer modo, a ausência, como a repetição, foi uma variável considerada na análise de conteúdo, de acordo com orientação de Holsti (1969) e Bardin (1977). Dentro deste complexo texto, contendo o elemento da falta, o da frequência, o da reticência, o da incoerência, para além das coincidências, foram extraídos os temas - unidades de significação emergentes dos discursos analisados, constituindo-se em proposições portadoras de significações demarcáveis das informações veiculadas.

Podemos mesmo dizer que nossos resultados foram produto de múltiplas relações que se estabeleceram, desde as primeiras idéias, até o final da redação, num percurso sinuoso, desdobrado em vários recortes, a partir das indagações e inquirições iniciais. Formamos, então, um texto de múltiplas mãos - as nossas, aquelas dos autores que lemos e as das mulheres que entrevistamos.

### Sobre a Amostra

Para compor a amostra de 20 “novas mulheres”, de acordo com a conceituação introdutória desta pesquisa, fizemos uma seleção daquelas disponíveis, através de contato realizado por meio de colegas e amigas - ponte de ligação e confiabilidade - a quem foram dadas informações e que as passavam. Informavam às mulheres de sua rede de relações familiares, sociais ou profissionais, compatíveis com os critérios definidos, de que se tratava de uma pesquisa referente a uma tese de doutorado em Psicologia sobre o tema : mulher na meia idade. Consultavam-nas, então, no sentido de obter um consentimento preliminar para serem encaminhadas à pesquisadora , a fim de uma possível entrevista.

A partir daí, as candidatas eram por nós procuradas, em geral por telefone, no trabalho ou residência. Nesse primeiro contato, após breve apresentação, explicávamos sucintamente o tema e o propósito geral da entrevista . O conteúdo básico dessa informação era o que se segue:

“Estamos realizando uma tese de doutorado junto ao Departamento de Psicologia da PUC/Rio, sobre aspectos psicossociais da mulher de uma determinada faixa de idade: 45 a 55 anos. Necessitamos, para compor nossa amostra, de profissionais de nível universitário de diferentes áreas. Nossa colega comum, X, encaminhou o seu nome e telefone para que fosse consultada a respeito de sua possível participação, já que se encontra dentro das condições pré-estabelecidas e pareceu a ela (ou fui informada de) você já haver se submetido a algum tipo de terapia (ou ainda estar em processo psicoterápico). A entrevista

será gravada e você será solicitada a discorrer livremente sobre o seu momento atual de vida e seu projeto futuro”.

Garantias para a preservação de anonimato eram oferecidas . Revelávamos que trechos das falas poderiam ser incluídos em nosso texto, porém desvinculados dos dados identificatórios, constantes exclusivamente na descrição da amostra. No caso de perguntas formuladas ou demonstrações de ansiedade e expectativa (raros), prestávamos os esclarecimentos possíveis, tentando ser breves. Marcávamos data e local para a entrevista, oferecendo as opções de nosso próprio local de trabalho e residência, bem como os da entrevistada ou qualquer outro sugerido por ela.

Embora algumas colegas solicitadas a contribuir, introduzindo-nos uma possível candidata não o fizessem (duas não deram notícias a respeito, uma declarou não haver conseguido uma profissional na área em questão e uma outra encaminhou uma candidata com idade inferior a estipulada como limite mínimo e não mais se interessou), todas as mulheres que a nós chegaram e foram consultadas, concordaram, sem qualquer hesitação, em participar. Uma única pediu uma semana para pensar e, ao final, aceitou.

As escolhas de local foram: residência da entrevistadora - 4; consultório da entrevistadora - 6; residência da entrevistada : 3; trabalho da entrevistada - 7.

Três das entrevistadas não foram indicadas por pessoa das relações comuns, mas contactadas diretamente por nós, posto que o acesso imediato tornou-se possível face a um conhecimento prévio profissional. Não mantínhamos, no entanto, qualquer relacionamento de amizade ou profissional próximo que pudesse interferir ou, mais precisamente, se constituir num fator diferencial das demais componentes da amostra.

De início, para facilitar o encaminhamento, solicitamos apenas profissionais de nível superior, sem especificar a área. Do meio para o final, a fim de evitar tendenciosidade

quanto à variável atividade profissional, chegamos a selecionar a área de atuação, para compor uma amostra razoavelmente diversificada.

No entanto, não foi possível evitar uma grande incidência de professoras universitárias - fosse em atual exercício ou em atividade passada - nas diversas áreas. Este fato se deu, em nosso entender, em decorrência de dois fatores: o primeiro devido a rede de relacionamentos da pesquisadora, também professora universitária; o segundo devido a universidade - ensino e pesquisa, absorver, ou abrigar grande parte de profissionais de nível superior do sexo feminino, seja qual for a sua formação, pelo menos em nosso contexto, tal como observou Lewin (1980).

Ao todo, foram realizadas 22 entrevistas, no período compreendido entre agosto de 1994 e março de 1995. No entanto, alguns meses antes, fizemos três entrevistas com voluntárias, a título de estudo piloto e treino da adequação da forma e desenvolvimento da pesquisa. Essas entrevistadas, com perfil compatível com as demais (apenas uma delas já havia ultrapassado o limite superior da faixa etária), voluntariaram-se a partir de contatos que mantínhamos em nível profissional, embora com nenhuma delas tivéssemos uma proximidade maior o que, de certa forma, cumpria os requisitos das entrevistas com a amostra pesquisada.

O total da amostra -20, com aproximadamente 20 horas de gravação, foi assim estimado para delinear algumas possibilidades de semelhanças nos discursos dentro das diversidades das experiências de cada uma, para além das coincidências aleatórias, conforme nos sugerem alguns estudiosos da análise de conteúdo (Bardin, 1977; Holsti, 1969).

Duas entrevistas precisaram ser substituídas. Uma, por falha na gravação e a outra por não haver tido a entrevistada qualquer experiência psicoterápica. Não podemos afirmar, neste

caso, se as instruções não ficaram claras para ela, para a colega ponte de ligação ou se não foram seguidas, tal o entusiasmo em participar da pesquisa.

Chamou muito nossa atenção a facilidade discursiva de quase todas, mas, especialmente, o grande interesse em participar. Apenas três das entrevistadas não utilizaram o tempo total de gravação previsto - 60 minutos. Algumas continuavam a discorrer sobre assuntos vários e a maior parte só dava por terminado o contato, em função do tempo disponível - seu próprio ou da entrevistadora - ter-se esgotado, face a compromissos de trabalho e outros.

A composição de nossa amostra final foi a que se segue, pela ordem de realização das entrevistas. Apresentamos a formação universitária, profissão, estado civil, idade, número, sexo e idade dos filhos e netos, à época da entrevista. Quanto ao estado civil, respeitamos os próprios termos utilizados pelas entrevistadas :

1. A., psicóloga, mestrado em educação, aposentada como funcionária na área de recursos humanos, especialização em psicodrama, 50 anos, separada de dois casamentos, relação estável há 2 anos, 3 filhos (sexo masculino: 21 e 10 anos, sexo feminino: 18 anos)
2. B., engenheira, mestrado, doutorado e pós doutorado, professora universitária, 47anos, separada de 3 casamentos , 3 filhos do sexo masculino (25, 21 e 16 anos).
3. C., assistente social, funcionária pública na área de formação universitária, 54 anos, companheira (com histórico de separação desta relação de 22 anos), 2 filhos (sexo feminino: 17anos, sexo masculino: 14 anos ).
4. D., nutricionista, mestrado, professora universitária, 50 anos, separada de dois casamentos, uma filha de 26 anos.
5. E., filósofa , mestrado e doutorado, professora universitária, 46 anos, divorciada, 2 filhas (26 e 23 anos)

6. F., médica psiquiatra, psicanalista, 53 anos, divorciada e separada, vive com o terceiro companheiro, 2 filhos ( sexo masculino:31 anos; sexo feminino: 29 anos).
7. G., desenhista industrial e professora universitária, casada, 49 anos, 3 filhos (dois do sexo feminino: 23 e 14 anos e um do sexo masculino: 13 anos ).
8. H., economista , funcionária pública na área de saúde, mestrado em planejamento urbano e engenharia de produção, 45 anos, casada, separada do primeiro casamento, 2 filhos (sexo masculino; 12 anos e sexo feminino: 7 anos).
9. I., graduada em comunicação social, jornalista, 53anos, casada, 2 filhos (sexo masculino: 27 anos; sexo feminino: 21anos)
10. J., socióloga, pesquisadora e funcionária pública, 46 anos, casada pela segunda vez, um filho de 5 anos.
11. L., graduada em sociologia e comunicação social, publicitária, empresária, 45 anos, separada, com uma relação estável há 5 anos, 3 filhos (sexo feminino: 18 anos, sexomascullino: 16 e 8 anos).
- 12.M., advogada criminalista, professora universitária, 51 anos, divorciada (2 casamentos), vivendo uma relação estável de 4 anos, 3 filhos (sexo masculino: 25anos, sexo feminino: 22 e 14 anos).
- 13.N., graduada em artes e filosofia, mestrado e doutorado em filosofia, crítica de arte, professora universitária, 51 anos, solteira, separada de 2 relações estáveis, vivendo uma terceira, sem filhos.
14. O., economista, funcionária pública na área de formação universitária, 48 anos, divorciada, 2 filhos sexo masculino (23 e 17 anos)

15. P., psicóloga clínica, com especialização em terapia corporal, 46 anos , casada (com histórico de separações deste único marido), 3 filhos ( dois do sexo feminino; 22 e 13 anos e um do sexo masculino, 20 anos).
16. Q., dentista, 55 anos, separada de um único casamento com duração de 30 anos, 2 filhas (31 e 30 anos), 5 netos.
17. R., médica pediatra, mestrado, 45 anos, solteira, separada de uma relação estável de 5 anos, sem filhos.
18. S., música , mestrado e doutorado, professora universitária, 50 anos, 3 filhas ( 29, 27 e 26 anos), separada de dois casamentos, atualmente vivendo uma relação estável de 2 anos.
19. T., graduada em educação e teologia, professora universitária, casada, 52 anos, uma filha de 25 anos.
20. U., física, mestrado, doutorado e pós doutorado, professora universitária, 46 anos, separada de um único casamento, 3 filhos (sexo feminino: 21 anos, sexo masculino: 18 e 19 anos).



## Entrevistas e Procedimentos

Após realizar estudo piloto com três entrevistas de voluntárias, delimitamos e treinamos nosso tipo de intervenção, bem como asseguramos o recorte temático a ser sugerido - suficientemente abrangente, mas sem prejudicar um possível aprofundamento a critério de cada participante .

Os dados objetivos de todas as entrevistadas - formação universitária, atividade profissional atual, estado civil, idade e sexo e número de filhos foram colhidos de início, antes da gravação, a fim de dar livre curso a narrativa, além de firmar a preservação do anonimato. Várias, porém, desprezavam a possibilidade de identificação, pois no decorrer de seus relatos, de um modo ou de outro, rerepresentavam-se, sem reservas.

Consideramos que o fato de toda a amostra já ter passado por sessões psicoterápicas, - principalmente dentro da técnica psicanalítica, facilitou o andamento da entrevista, feita basicamente em caráter de livre associação, com o objetivo de explorar, ao máximo, o conteúdo trazido pela própria entrevistada, com um mínimo de interferência verbal por parte da entrevistadora.

Desde as entrevistas piloto, percebemos “o aspecto de ‘vai-vem’ da análise de conteúdo, entre a teoria e a técnica, hipóteses, interpretações e métodos de análise.” (Bardin, 1977, p. 80). Assim, o desenvolvimento da pesquisa foi entrelaçado com a realização das entrevistas, o fruto de reflexões e as ações desencadeantes e desencadeadas.

Podemos mesmo dizer de um processo contínuo, tomando-se como ponto de partida conjecturas, norteando a instrução inicial, gravada em algumas das entrevistas e repetindo-se nas demais, com leves e circunstanciais modificações:

“Fale livremente, o que e como lhe ocorrer, a respeito de seu projeto de vida e do seu momento atual. Quer dizer, como você está no momento, em termos de suas relações familiares, afetivas, sexuais, sociais, com o trabalho, e como você se imagina num futuro próximo, médio, distante. Enfim, fale de seus desejos, o que ainda pretende da vida - realizações, sonhos. É um discurso livre sobre a visão que você tem agora sobre si mesma e como se vê no futuro. O recorte e a ênfase a respeito de qualquer aspecto, você dará como achar melhor. Se não for mencionado algo e fizermos alguma pergunta, você responderá se quiser.”

Este foi um recurso para estimular a expressão das entrevistadas, dando-lhes oportunidade de colocar suas experiências, opiniões, certezas e dúvidas, manifestar suas contradições e emoções (chegando várias delas ao riso e choro em diversas ocasiões).

A instrução inicial foi discutida, em supervisão, a partir das entrevistas piloto. Nosso propósito de estudar como a “nova” mulher estava envelhecendo, incluía, a princípio, o termo envelhecimento, isto é, designaríamos nosso intento de pesquisar este processo. No entanto, certas manifestações das entrevistadas, do tipo : “Será que eu já estou sendo objeto de estudo de velhice”? “Puxa, que é que eu vou saber falar? eu nem sei me projetar como uma velha...” ; “Quem diria, eu já participando de nossos estudos de terceira idade...” apontaram para que abolíssemos o termo, pois verificamos na prática que ele carrega consigo, pela estereotipia negativa, um elemento gerador de ansiedade, o qual, de alguma forma, demonstrou dificultar, ou pelo menos não facilitar o transcorrer do discurso.

Nosso interesse pelo grupo alvo foi então configurado, aliás, propriamente, como “meia idade”. E nas informações prestadas tanto por telefone, quanto pessoalmente, optamos, também, por, apenas genericamente, nomearmos projeto, futuro, ao lado da solicitação de discorrer sobre o momento presente. Nestes termos já estaria incluída a possibilidade de se nomear ou não o processo de envelhecimento.

Por outro lado, a solicitação para falar sobre o futuro também gerou uma interessante e esclarecedora observação por parte de uma das entrevistadas:

“Bom , mas para eu falar de meu futuro, de meus desejos por realizar, eu tenho que começar pelo passado, porque você não me conhece e poderá entender melhor o que sou e o que quero se eu contar um pouco do que fui, do que fui sendo e me transformando...”

Com efeito, todas as entrevistadas dispensaram boa parte do tempo a falar sobre o passado, não necessariamente numa seqüência lógica de acontecimentos, mas pela própria importância que emprestavam a estes, sendo alguns itens repetidos, num zigue-zague complexo, que demandou muita atenção na decodificação dos dados.

Após o estudo das transcrições das fitas das entrevistas piloto, dimensionamos os temas eixos que foram sugeridos para deflagrar o relato - relações com a família (de origem e constituída), com o (s) companheiro (s), com a afetividade, com a sexualidade, com amigos, com o trabalho, como o meio social. Todos eles foram abordados pelas entrevistadas da amostra. Somente em algumas entrevistas precisamos intervir para inserir ou esclarecer alguns aspectos desses itens.

Quase todas iniciaram pela dimensão presente e do trabalho, caracterizando tanto um item mais superficial e de mais fácil abordagem, como sugerindo a força da identidade profissional. No entanto, aspectos muitas vezes bastante íntimos e delicados foram tocados, sem reservas, pela maioria, no transcorrer dos depoimentos .

Embora facultássemos a interrupção da gravação a critério de cada entrevistada, nenhuma delas utilizou este recurso, exceto em casos de chamadas telefônicas, ou entrada inadvertida de familiares ou colegas no local reservado para entrevista.

Nossa profissão declarada de psicóloga clínica e nossa condição de mulher de meia-idade, pode ter facilitado algumas narrativas, favorecendo a confiança no depoimento a ser feito, como, por exemplo, depreendemos dos textos de duas entrevistas, o primeiro deles no início e o segundo ao final:

“Eu já fiz também pesquisa em cima de entrevistas, semi-formuladas. Então tinha uma seqüência, uma espécie de roteiro que eu queria saber e muitas coisas que vinham espontaneamente. E eu fiquei com uma quantidade de material fantástica e depois pinçar isto, dar um corpo a isto foi um negócio ‘cavalar’...Quando você me falou que estava entrevistando as pessoas para saber dos momentos de vida e dos projetos delas, eu fiquei pensando - gente, olha o que será que você vai achar de comum, pensei que era extremamente trabalhoso para você, né, difícil mesmo. Mas, enfim, também pensei na sua qualidade de psicóloga que tem uma diferença muito grande entre você e a minha pessoa. Você tem toda uma forma de abordar quem você escuta de maneira que você interfira pouco. Então entendi essa sua maneira de colocar a questão como uma vontade de fato de não estar interferindo. Lógico que nenhum entrevistador quer interferir com quem entrevista, mas a coisa vai tomando um lado de conversa e a gente acaba, sei lá...indo atrás de certos pontos com mais...é sempre uma coisa norteadada de uma certa maneira. Bom, eu vou lá reponder ao que você está me perguntando, você perguntou o que é, como é que eu estou agora, que planos eu tenho para o futuro...”

“...E eu achei quase como uma repetição de uma sessão de análise, como um reciclar...Sei lá...Foi bom recordar e parar pra pensar tanta coisa neste ‘agito’ todo. E também foi bom saber que uma pessoa da área psicológica está interessada na meia-idade, nas coisas da gente, do cotidiano ... É lógico que você está interessada, porque também está atravessando ela (risos). ..Tá passando pela meia-idade.. Mas não é só isto, eu estou querendo dizer... estar voltada assim ...profissionalmente, né?...”

A identificação através da experiência profissional de professora universitária e a familiaridade com pesquisas acadêmicas e teses de mestrado e doutorado, certamente esteve presente. Havia como que uma espécie de solidariedade condescendente de quem já passara pelo processo ou um apoio atencioso por parte das que ainda estavam envolvidas ou por se envolver. Serviu, pois, como ponto de referência e elemento facilitador, aparecendo diversas vezes, antes, durante ou depois das gravações, expressões do tipo:- “já vivi isto também de mergulhar em tese e compreendo sua situação”; “- você está animada? É um período muito trabalhoso, mas também fascinante..”; - “não se inquiete, se houver falha na gravação a gente remarca, já passei por uma situação dessas...”; - “mas claro que participei com muito gosto, depois vou precisar de sujeitos para minha tese também e quero contar com boa vontade...”; “- não se preocupe com o que está interferindo ou deixando de interferir. Eu já fiz entrevistas e há uma discussão acerca disso, mas gente, a consciência é seletiva e tudo é interferência. Pode parar com isto, pode parar com estes pruridos bobos...”

No entanto, algumas se prontificavam a participar mobilizadas pela temática em si, tal como sugere as primeiras palavras de uma das entrevistadas:

“A primeira coisa interessante foi o que a sua solicitação provocou em mim, porque eu nunca tinha me conscientizado dessa questão de romper uma tradição. Foi a partir de nosso telefonema que me dei conta de uma nova mulher, que as mães não teriam cursado uma universidade...”

Eu fiz um retrospecto de minhas amigas atuais e das minhas amigas de adolescência, e constatei: é realmente uma coisa muito rara ver esse movimento inaugural a nível de família, apesar de na minha família haver uma tradição de estudo (...) ...Eu achei que você me propiciou, com a sua demanda, constatar algo na minha própria história de vida, que eu não tinha tido esse insight, essa percepção, essa ruptura dessa tradição, desse modelo, e me coloquei, a partir daí uma série de questões. O que teria sido esperado de mim por parte de meus pais ou por parte desse elenco feminino da família?”

Pensar-se como uma primeira geração feminina que acumulou idêntica educação formal e similar experiência profissional dos companheiros do gênero masculino, pensar-se como um corte geracional, uma ruptura é admitir enfrentar todo um condicionamento cultural que gerou uma representação social, tanto para o homem como para a mulher, considerando as mulheres como namoradas, esposas, amantes, filhas, secretárias, ajudantes, donas de casa - e não como pares equivalentes. E isto, em si, pode ter sido um dos incentivos a participar da pesquisa, deixar o registro de uma experiência às vezes colocada a distância, pouco refletida, pouco referida, pouco referendada.

“Last but not least”, um dos fatores motivadores para as confidências e o livre expressar-se, explica-se, como aventou Massi (1992, p.36) quando de sua pesquisa sobre o cotidiano e imaginário de mulheres - “quase como um pacto inconsciente: é bom nos conhecermos melhor, é preciso saber o que é isto de ser mulher”. Ou, pela fala final de uma das entrevistadas, transcrita abaixo:

“Puxa, gostei mesmo de contar tudo isso. Eu acho que já era tempo das mulheres falarem sobre essas questões, porque nós temos uma possibilidade de conversar com uma outra mulher, que depois vai publicar, para outras mulheres e homens (risos), o que nós pensamos mesmo. E sentimos, e vivemos. Pra coisa de mulher não ficar nesse nível do privado, do mítico. Eu acho que este é um espaço que nós, da nossa geração, ainda temos que cavar e daí começarmos a descobrir coisas que ainda não descobrimos. Eu acho que o que eu falei para você foi espontâneo e aberto.. E eu mesma nunca podia imaginar estas coisas todas a meu próprio respeito. Foi um sintetizar.... E mais talvez... ( pausa). Foi assim como uma síntese do que eu fui, estou sendo e quero ser e...quero que outros conheçam. Porque, afinal de contas, é uma vida de uma mulher de 46 anos, que atingiu ganhos e sofreu perdas, como contei. Eu é que fico grata a você por ter me sugerido participar da sua pesquisa”.

## Organização dos Temas

Um conjunto lógico, ensina Bachrach (1972) aos psicólogos pesquisadores, deve ser definido pelas regras que inclui ou exclui elementos, posto que qualquer elemento pode ser simultaneamente membro de diferentes conjuntos, isto é, satisfazer a definições diversas e fazer parte de agrupamentos vários.

Por sua vez, a codificação representa sempre uma transformação. Mesmo seguindo os critérios de objetividade, sistematização e generalização, corre-se o risco de omissão e deturpação ao se coletar unidades de registro, segundo alguns estudiosos de análise de conteúdo (Bardin, 1977, Holsti, 1969, Berelson, 1954).

Diante do rico material que foi surgindo das falas das mulheres, tomou-se um processo difícil o reconhecimento dos temas, o extrair significados mais significativos pela presença ou ausência. Que unidades de conteúdo deveriam ser consideradas? Como formar categorias do farto universo através de palavras e silêncios obtidos?

Os princípios previstos para a análise: homogeneidade - fundamentar-se num único critério classificatório; exaustividade - incluir todos os elementos levantados; exclusividade - evitar repetição em categorias diferentes; concretude - evitar a ambiguidade; fidelidade - definir claramente indicadores que determinam a classificação; produtividade - fornecer resultados férteis - poderiam ser seguidos ?

Em meio a dúvidas e hesitações, tentamos trilhar a orientação de Bardin (1977) quanto a organização cronológica das fases de nosso trabalho: pré-análise; análise propriamente dita do material; tratamento dos resultados: inferência e interpretação.

Na primeira fase, tal como já mencionado quando da referência ao estudo piloto, substituímos e introduzimos elementos, escolhemos e colhemos material, situamos objetivos e formulamos algumas hipóteses já delineadas a partir do referencial teórico que organizamos previamente. O contato inicial com o material das entrevistas permitiu as primeiras orientações e impressões empíricas relativas às questões básicas levantadas na parte introdutória.

O texto transcrito facilitou o distanciamento necessário para a pré-análise. Por exemplo, a estereotipia negativa ao termo envelhecimento, por nós sugerido - “Como você se vê no futuro, em processo de envelhecimento?” já era esperável de ser suscitada. Mas não ao ponto de interferir no relato chegando a inibi-lo, conforme ocorreu, seja com longos silêncios, como se as entrevistadas recebessem um choque, ou com risos e expressões muito defendidas.

A questão de ser avó ou visualizar a proximidade de tornar-se, incluída no roteiro do estudo piloto também foi reconsiderada, por não receber atenção especial nos depoimentos. A maternidade, esta sim, apareceu com muita força, constituindo-se num tema desenvolvido.

Também registramos, desde as entrevistas-ensaio, a importância da relação com o dinheiro e o poder, associado ao processo de culpa e ao relacionamento do casal, entre outras ocorrências que ficaram na fronteira entre o esperado e o inesperado.

Muitas das falas da amostra entrevistada já havíamos intuído e se encaixavam, com precisão, nas conjecturas tecidas a partir do recorte da literatura que organizamos ao estudar o tema. Por exemplo, a ambivalência entre papéis tradicionais e novos; as referências à dupla jornada de trabalho; a aspiração de retorno mágico a uma feminilidade perdida ou nunca experimentada plenamente, convivendo com a necessidade de permanência nos papéis masculinos, de acordo com as demandas socio-profissionais.



Esses e outros conjuntos emergentes foram constatados com velocidade e regularidade diferenciadas. Com efeito, procedemos a análise propriamente dita do material das entrevistas em muitas sub-fases, num processo longo e trabalhoso, até atingirmos um razoável nível de confiabilidade. Várias dificuldades enfrentamos e ora discorreremos sobre algumas delas.

Primeiramente, as mulheres entrevistadas possuíam um nível intelectual elevado, compatível com um discurso muito bem articulado, alguns dos quais beiravam a uma exposição temática em sala de aula, caricaturando um pouco a condição presente ou passada de professoras universitárias. Além do que, todas haviam percorrido um processo psicoterápico e algumas organizavam explicações sensatas e coerentes para situações diversas, até utilizando o vocabulário psicológico, fazendo parecer que suas emoções estavam muito “arrumadas” e os conflitos “solucionados”. Nesses casos, respeitar o discurso livre e ter acesso aos sutis encobrimentos e as sofisticadas ambiguidades não foi uma tarefa fácil ....

Um problema de outra ordem - ética, surgiu a partir da própria transcrição das fitas. Devido a extensão do material, tornou-se impossível a transcrição de todas de próprio punho. Para viabilizar o trabalho, necessitamos selecionar e treinar cinco estagiárias de psicologia. Como auxiliares de pesquisa, porquanto a natureza do material demandava todo o sigilo e respeito, cada qual responsabilizou-se pela transcrição de suas fitas e foi instruída para manter discricção total sobre o material trabalhado.

Na verdade, as estagiárias acabaram por contribuir, com comentários e sugestões, para o enriquecimento da interpretação dos textos. Por se tratarem de pontos de vista algo “naives” no tema em questão, as contribuições valeram muito, no sentido de evitar um viés sistemático por parte da pesquisadora, passível de comprometimento com as conjecturas formuladas.

Uma outra dificuldade foi a própria comparação dos discursos, aparentemente tão diversos em suas manifestações de conteúdo e forma. A leitura e releitura atenta forneceu possibilidades para percorrer o instigante e sinuoso labirinto de semelhanças e diferenças, repetições e omissões. Somente uma intimidade maior com os textos foi permitindo, aos poucos, formar certos agrupamentos e achar novas correlações entre assuntos abordados em estilos, ordem e ênfase totalmente diversificados e esparsos, num primeiro contato.

Destacamos, por fim, como fator complicador, a vulnerabilidade a agir de duas maneiras tendenciosas no decorrer das entrevistas e, especialmente, na análise destas: ou nos afastávamos demais dos objetivos iniciais da pesquisa, fascinadas pelos ricas narrativas que coletávamos; ou tentávamos amarrá-las numa camisa-de-força, fazendo os discursos modelarem-se sutilmente às nossas próprias idéias. Entre esses dois polos navegamos, tentando, porém, ao reconhecermos tais tendências, minimizá-las.

De qualquer modo, segundo as palavras de Bardin (1977, p. 36):

“(...) O analista, no seu trabalho de poda, é considerado como aquele que delimita as unidades de codificação, ou as de registro. Estas, de acordo com o material ou código, podem ser: a palavra, a frase, o minuto, o centímetro quadrado. O aspecto exato e bem delimitado do corte, tranquiliza a consciência do analista”.

Ao produzirmos, pois, nossos cortes e recortes, isolando elementos e destacando os temas principais, procuramos confrontar a necessidade de descobrir, com o rigor da observação. Em anexo, apresentamos sumário dos temas mais enunciados. Nele fizemos constar o número da entrevista e das páginas da transcrição, onde apareceram e reapareceram os tópicos. A presença, a frequência, a intensidade, a distribuição foram contínua e cuidadosamente verificadas entre elementos dispersos no texto, constituindo-se, enfim, em pontos significativos, sobre os quais discorreremos a seguir.

## Conflitos emergentes de uma geração mutante

### Discussão Inicial

“ Somos a geração da mudança de comportamento dos anos 60, como estamos encarando a despedida da juventude e o início deste segundo ato? ” ( Lemos, 1994, p. 97)

Esta foi uma das muitas perguntas feitas por Lemos às 96 mulheres entrevistadas em 27 capitais do nosso país, de julho de 1992 a março de 1994. Tais depoimentos e mais o seu próprio redundaram num livro “best-seller”: “Quarenta, a idade da loba”, que apresentou, segundo as palavras da autora:

“97 maneiras de viver a crise da meia idade e todas as questões relacionadas - o mito da beleza jovem, cuidados com o corpo, com a saúde, sim ou não à plástica, hormônios, maternidade, espiritualidade, as perdas, o estigma da velhice e o medo da morte, sexo e sedução - sem conselhos nem fórmulas, mas em toda a sua diversidade e originalidade.”( pp. 21-22 )

Embora, inicialmente, a proposta fosse entrevistar mulheres de 40 a 50 anos, acabou por concentrar sessenta por cento das entrevistas das nascidas na década de 40, situando-se entre 44 e 54 anos.

Quando, a princípio, pensamos estudar o processo de envelhecimento da “nova” mulher, ocorreu-nos estabelecer como critério para delimitar a faixa etária, a própria expectativa de vida deste grupo social, tal como exposto na parte introdutória. Assim procedendo, focalizariamos a geração da década de 40, considerada por nós uma geração participante de mudanças psicossociais aceleradas e intensas. Ou seja, uma geração “bucha de canhão”- expressão tomada, por empréstimo, de uma das nossas entrevistadas.

Contudo, ao termos acesso ao livro de Lemos, durante o andamento de nossos trabalhos, após a realização das entrevistas, chamou nossa atenção a justificativa da escolha da autora quanto a concentrar-se nesta etapa de vida :

“Isso porque fui percebendo que, como eu, quase todas as mulheres completam os 40 sem sentir nada diferente - as mudanças físicas só começam alguns poucos anos depois - e que um grande número delas só vive a crise da meia-idade em torno da menopausa, mais perto dos 50.” ( p. 20).

Não obstante, mais adiante ressalva que não é apenas a percepção das mudanças físicas, do envelhecimento corporal e da possibilidade de morrer que marca a crise da mulher.

“Para outras a crise da meia idade parece não ter nada a ver com a idade, não surge diretamente da consciência de nossa finitude nem de nossa decadência física, mas resulta de uma separação, da necessidade de virar a vida do avesso, de recomeçar”. (p.23 ).

A posição de uma de suas entrevistadas, médica ginecologista de 46 anos, nos informa algo significativo sobre as crises - oportunidades e chances - atravessadas por uma geração promotora e protagonista de mudanças em dimensões diversas:

“A geração que está chegando ao climatério agora de fato está mais jovem. As mulheres se sentem mais jovens de espírito, com mais chances na vida, então elas começam a ficar mais jovens de aparência, elas se cuidam, caminham, fazem ginástica, vão ao ginecologista, fazem terapia de reposição hormonal do mesmo jeito que tomaram a pílula aos 20 anos para não ter uma gravidez indesejada”.(p. 30)

Apresentada há, aproximadamente uma década, a tese de doutorado de Neves (1986), a partir da qual surgiu o livro “Homem, Mulher e Medo - Metáforas da Relação Homem-Mulher”, a respeito da dinâmica do relacionamento homem-mulher na faixa de 35 a 45 anos, vista e percebida por um grupo de profissionais de nível superior de ambos os sexos, também sugere a eclosão de crise, permeada por conflitos.

A amostra feminina estudada, além de idênticas condições socio culturais e agora situando-se na mesma faixa etária das mulheres de nosso estudo, desde a época da pesquisa já experimentava conflitos, tal como descreve a autora:

“As pessoas que estão ao redor dos quarenta anos de idade constituem uma geração que testemunhou grandes e rápidas transformações. Vivem conflitos típicos de uma época, conflitos que atingem, talvez, mais prontamente, aqueles que cursam universidade e tem acesso ao panorama filosófico-político-social de seu tempo. São indivíduos que questionaram e contestaram valores herdados de seus pais, como inadequados às novas concepções que se apresentavam na década de sessenta. De lá para cá, as mudanças não cessaram e talvez eu possa sugerir que vivem a incerteza e ambigüidade no seu cotidiano. ( p.23).

A esse respeito, consideramos que, conforme esboçamos na parte introdutória, o que emerge como crise numa fase específica, já se contém, anteriormente, em estado latente. Por outro lado, não existindo uma condição completamente estável, configuram-se, ao longo da existência humana, conflitos diversos - oposições com similar carga afetiva, trazendo desconforto. Eles se inscrevem e se desenvolvem, em meio às contradições da história pessoal de cada um, em interrelação com os confrontos do contexto socio-cultural, podendo eclodir em momentos distintos, com deflagradores diversos.

A recente discussão de Novaes (1995) a respeito dos modelos femininos geracionais, sugere que em cada época há um paradigma de mulher ideal, sendo o nosso modelo atual o da mulher ágil, dinâmica, capaz, versátil, afirmativa diante de um mundo preconceituoso, cujos códigos e regras foram também internalizados por ela mesma. Isto se torna, de certo modo, um móvel permanente para o conflito, pois não consideramos fácil ser uma malabarista no cotidiano. Conforme a autora:

“A mulher plural procura superar os modelos outrora impostos e até certo ponto excludentes: mulher-esposa, mulher-mãe, mulher-profissional, mulher-intelectual, mulher-política e demais. Ao eleger suas prioridades na pluralidade de papéis convive certamente com a incerteza e a permanente necessidade da escolha e da opção, definindo-se como sujeito de seu querer, de sua libido e de sua palavra”(p.66).

Um fator complicador é que as mudanças solicitadas não dependem exclusivamente de uma disposição para mudar, para revisar os papéis masculino-feminino, para transpor as funções do lar e se realocar conjuntamente no espaço doméstico e profissional. Subverter a ordem introjetada, galgar o terreno interpessoal ainda permeado pela tradição e criar novas concepções e valores seria dissolver conflitos de um modo algo mágico.

A perspectiva de algumas obras é otimista a esse respeito, tanto no contexto norte-americano, como, por exemplo a de Aburdene & Naisbitt (1993), como no nosso (Oliveira, 1991; Novaes, 1995). Fala-se de uma nova configuração de valores a partir do feminino, que está se instalando na sociedade, em caráter irreversível, fundada na própria falência de um poder masculino decadente. Seria um novo mundo reorganizado-humanizado onde homens e mulheres criariam e desfrutariam conjuntamente prazeres e poderes.

A transição, tanto sob a forma de pressão social, como de tensão interna, no entanto, foi com o que nos deparamos ao entrevistarmos nossa amostra, a semelhança das observações contidas na tese de Jablonski (1991). Reproduzindo suas palavras :

“Ao mesmo tempo, a revolução tecnológica, que prometia mas não cumpriu, seu papel no alívio das cargas domésticas, juntava-se ao que poderíamos chamar de respeitável confusão psicológica, fruto de culpas e indefinições quanto a se saber qual o papel certo a ser desempenhado: o ensinado pelas mães ou o acenado pela nova realidade? O que ‘se deve ser’: dona de casa ou executiva liberada? Tudo isso trouxe por fim os ingredientes que faltavam para se obter um formidável e indigesto bolo.”(p. 144).

A metáfora de um “formidável e indigesto bolo” poderia ser traduzida como oposições entre forças antagônicas que conviveriam ao longo do percurso feminino - fenômeno do “desmapeamento” relatado por Figueira (1988) e por nós já suposto, antes mesmo da ida a campo.

Este conjunto de valores, de mapas, habitando níveis diferentes, com presença de demandas e metas contraditórias e invisíveis foi captado através dos discursos de cada uma

de nossas entrevistadas - conflitos e inseguranças no momento atual, em meio às lembranças de realizações e buscas de projetos de vida.

Ousáramos até falar de uma geração em crise permanente, desde a adolescência, quando, conforme conceituação de Erikson (1976,1987), como jovem enfrentou e ultrapassou a dualidade “formação de identidade x confusão de papel”, e que, nos meados dos 40-50 anos, pensa, sente e age com um longo aprendizado de acertos e erros, experimentando os desafios do dia a dia, superando alguns dilemas e deixando-se habitar - às vezes abater - pela dúvida. Como revela uma entrevistada:

“Vivo entre a curiosidade e o medo. Desde a faculdade... Não, desde antes, do colégio, sei lá... Outro dia um ator falou uma coisa que concordo. Devia haver um ensaio para a vida. Sem ensaio a gente representa mal. Estou sempre estrelando, sem ensaio. Por isso a gente erra, né? Não posso dizer que já aprendi, mas sinto que mudei em muitas coisas. Nunca tenho certeza de nada. Mas ultrapassei muita dificuldade...É...dois casamentos desfeitos, decepções no trabalho... A criação dos filhos, com aquela correria. Há a sensação de euforia, de liberdade, mas também muito peso, né? ”

Várias mulheres discorreram espontaneamente, durante a entrevista, sobre o que elas próprias nomeiam como crise - eclosão de conflitos, ponto de mudança ou momento marcante. Ora enfatizam aspectos profissionais, ora pessoais. Ora avaliam a experiência de forma positiva, ora negativa, ora uma mistura de ambas. A situação crítica foi destacada em momentos diferentes para cada uma - logo no início, no meio do discurso, como uma reflexão final, ou até em vários pontos do relato. Às vezes, o mal estar decorrente da ruptura de um equilíbrio foi vinculado a um acontecimento específico, a um confronto e a uma pressão de seu meio profissional ou familiar. Mais frequentemente, porém, as entrevistadas perceberam a crise como uma transição interna e um desafio íntimo, envolvendo sentimentos de transformação. Eis alguns trechos de diferentes depoimentos a esse respeito:

“...Estou vivendo momentos políticos difíceis. As coisas se acabando na frente da gente e eu não tô vendo perspectivas de futuro, nesse sentido. E isso é o que está mais me conflitando hoje, mais do que qualquer outra parte da minha vida. Essas aí são coisas que independem da gente... O meu momento profissional tá

sendo assim. Nesse aspecto eu sempre pensei que as crises existenciais fossem da adolescência e atualmente eu vivo nelas, bem dentro da crise existencial, igualzinho quando eu era adolescente.”

“ Agora eles estão saindo de casa. Ano passado o mais velho se casou, então eu tive que viver isto, que é o rompimento, a saída da casa de um filho. E me defronto com a velhice... Porque eu vi isso como já ligado à menopausa, a velhice, a uma separação recente, então foi um momento muito difícil...O fim de uma fase para mim.Foi uma coisa muito difícil de segurar”.

“No momento, o que eu estou vivendo no momento, tá uma situação meio complicada, porque eu estou com 45 anos, faço 46 no mês que vem. No momento, o meu espaço profissional eu sinto que estou num momento de transição....[ ] ...junto a isso, a esse aspecto profissional, no pessoal, eu já estava numa busca de um contato maior comigo mesma... Tudo num conjunto de coisas, era uma dinâmica, uma coisa, uma teia, uma teia em que eu estava emaranhada, afetivamente, emocionalmente, na minha relação com o trabalho, com o meu casamento, com meus filhos, né? Toda uma busca mesmo do meu projeto individual...[ ]..Talvez a coisa não esteja muito clara ainda. Eu estou num momento de transição na minha vida. Eu não tenho muita clareza de como vou fazer esta ‘salada de frutas’.”

“... Eu acho que essa é uma marca desse tempo, no sentido que eu acabei de mudar de década, eu acho que a gente... Muito marcante isso, por alguma razão...Eu agora fiz 50, depois 60... a gente acha que são sempre ciclos que se estão fechando. Eu acho, então, que a cor desse momento é a cor desse ciclo cumprido, a criação mesmo de minhas filhas... E uma coisa que é minha, agora. Mas que dentro do meu ser tem uma certa...um certo vazio, até mesmo pela coisa da casa cheia...Porque a casa funcionava como um ponto de reuniões e isso tudo mudou, mudou mesmo, né? É esse o momento. Agora, daqui pra frente, daqui a ‘x’ anos, eu não sei dizer a você, eu não antecipo, sinceramente não sei se vou estar mais tristonha ou mais ‘serelepe’ ”.

“ Olha, eu estou assim meio despreparada para falar, mas acho que seria também interessante pra mim falar sobre isso, sobre esse momento meu agora. Eu posso até falar que eu estou numa fase de vida bastante interessante, com 46 anos, porque de fato muita coisa mudou de uns dois anos para cá. Menos de dois anos. Do ano passado para este ano, muita coisa realmente mudou. Eu me separei no ano passado. Eu comecei uma terapia que foi muito importante para mim. Eu acho que aí foi um marco... Bom, eu acho que eu hoje vejo a minha vida de uma forma bem diferente. Eu acho que eu amadureci bastante, nesse processo todo...”



apropriada e refletida, em suas diversas dimensões (manobras defensivas, decisões e indecisões, transtornos ...) pelo próprio pesquisador.

Diante desta perspectiva, tentamos não introduzir valores e conteúdos que viessem a impedir, dificultar ou estabelecer tendenciosidades no fio condutor das narrativas. Apenas procuramos estabelecer um contato facilitador para todo o processo da entrevista, sem negar a interferência de nossa demanda.

Explorar expressões e manifestações utilizadas para conhecer melhor as condições e motivações de determinados trechos das entrevistas foi sendo possível, não apenas através de olhares e assentimentos com a cabeça, como também por meio de eventuais perguntas do tipo : - “você poderia explorar melhor o que disse há pouco sobre culpa?”; - “o que você está chamando de paz?” ; - “de que exatamente você disse que havia se desviado?”; - “então você está me dizendo que se considera responsável por isto? ”

Em algumas ocasiões, a intervenção emergia de certos sintomas no decorrer da entrevista, tal como nos adverte Richardson et alli (1985):

“...Existem diversos sintomas que ajudam a detectar problemas no transcurso da entrevista: as repetições, as discordâncias, as alusões evasivas fazendo crer que podem ser importantes. Todos esses sintomas o entrevistador deve analisar para determinar a necessidade de intervir, retomando aspectos já colocados pelo entrevistado” (p.164).

Algumas raras vezes a intervenção se dava ao final, para focalizar uma das temáticas propostas, mas não abordada ou mencionada de forma muito vaga, a exemplo de : “- e a propósito de sua vida pessoal, você tem algum projeto?”; - “será que você poderia falar, ainda, para finalizar, algo sobre seu momento atual com seu companheiro?”; - “poderia repetir o que você colocou inicialmente sobre sua relação com seus pais, pois não me ficou muito claro o que quis dizer?”

Algumas entrevistadas não se referem ao momento atual como decisivo, conflituado, permeado de dúvidas ou marcado por mudanças evidentes. Mas a grande maioria dos depoimentos permite inferir que a "nova" mulher, ao diferenciar-se do modelo materno, ao ampliar seu raio de ação profissional e social, obtendo respeito e reconhecimento na esfera pública, considera que paga um preço por ter sido participante da geração da ruptura .

Não estamos, com isto, afirmando que o conflito, em si - condição inerente à estrutura psíquica - seja peculiaridade das mudanças ocorridas nesta particular trajetória de vida da "nova" mulher e de seus confrontos. Ademais, na teoria psicanalítica freudiana, que consideramos consistente e esclarecedora para o tema, o conflito é visto como constitutivo do ser humano, podendo ser manifesto - entre dois sentimentos contraditórios, entre um desejo e um imperativo moral - ou latente - expressando-se sob a forma de sintomas e de distúrbios do comportamento e do caráter.

Nem estamos, tampouco, supondo dois conjuntos de forças - sociais e individuais - separados entre si, promovendo desconfortos. Assinalamos apenas que se apresentam, na atualidade, novas perspectivas a serem examinadas. Houve rupturas, nos últimos tempos, com os moldes tradicionais do que veio sendo considerado o papel e o lugar da mulher, com repercussões contraditórias. E, com a ampla difusão de noções psicológicas e psicanalíticas, a própria expressão "conflito" e sua vivência passou à categoria de valor na experiência discursiva. Portanto, sobre tais nuances focalizaremos os conflitos emergentes da "nova" mulher, pois o que está em pauta mais precisamente em nosso trabalho é como esta mulher, em seu percurso existencial, vivenciando contradições psicossociais, vem construindo sua vida e a si própria, isto é, como deseja, enfrenta, desiste, dentro do que lhe parece ou não viável.

Tomamos, pois, neste estudo, o conceito conflito na acepção abrangente colocada por Laplanche & Pontalis (1983) para definir o termo:

"Fala-se em psicanálise de conflito quando, no indivíduo, se opõem exigências contrárias." (p. 131)

Além do mais, prescramos que tipo de apoio busca para o desconforto inerente a tais exigências, e como se sente acolhida, tema que ora salientamos.

## A Presença das Psicoterapias nos Depoimentos

Segundo a maioria dos depoimentos, as psicoterapias exerceram papel de algum modo relevante na construção de vida da “nova” mulher. A exceção de quatro, as demais entrevistadas, em seus relatos, referiram-se a seus processos terapêuticos, independentemente de qualquer pergunta.

Embora todas estivessem cientes de que estava incluído o critério de haver sido ou estar sendo paciente de algum tipo de psicoterapia e isto, em si, pudesse impulsionar a fala nesta direção, várias emprestaram um tom de importância ao fato. Importância esta sinalizada pelo retorno ao tema, em momentos distintos, que se verificou em muitas entrevistas.

Em nove casos, houve menção de mais de um processo psicoterápico, ao longo da trajetória. A maioria dos tratamentos, pelo que pudemos depreender, foi de orientação psicanalítica, embora o tipo de abordagem raramente foi destacado, não parecendo ter relevância, em meio a outros fatores, para as entrevistadas, quer em relação a opção de aproximação, quer como determinante na permanência.

“Fiz ao todo já mais de 20 anos de análise, com diversos terapeutas de formação diferentes. Eu hoje faço com uma pessoa que eu imagino que seja kleiniano, bastante ortodoxo, que é o .... (nome do terapeuta), mas com tudo isso, ele me passa uma figura muito humana.”

“Nessa época eu não teria sobrevivido, eu acho, com uma análise tradicional. O que eu tenho de agradecer a ela, de suporte mesmo que ela me deu para criar os meninos e na minha briga com a .....(nome da instituição de trabalho). Aí eu acho que tem alguma coisa, porque ela não era uma terapeuta de apoio, ela tinha todo um embasamento psicanalítico”.

“...Eu confundia muito as coisas e aí eu procurei um auxílio de terapia. Fui primeiro, era um homem, aí fui... não gostei. Aí fui num outro também, não fiquei muito tempo, não gostei, não me interessou. Até que a ... (nome de uma amiga) me lembrou para ir na ... (nome da terapeuta). Ela tinha feito terapia com ela. E aí eu fui e gostei muito e estou com ela até hoje. Não sei se eu comecei em 88 ou 89...”

Dentre as onze que se submetiam ao processo, no momento da entrevista, apenas duas o realizavam pela primeira vez, recentemente. Cada qual valorizava esta experiência a sua maneira, embora a tônica recaísse na expectativa, aparentemente atendida, no presente, de mudança na direção de obter mais clareza e equilíbrio nesta fase de suas vidas:

“...eu não conseguia ver isto muito bem. Estava realmente complicado. Eu acho que fundamental nisso tudo, foi a terapia. Eu realmente acredito nisto. Foi como um desvelar, né?... Tirar um véu da minha frente. Eu consegui ver muita coisa melhor. Tô conseguindo ver muita coisa melhor. Eu acho que a gente muda, a noção de realidade muda, de cor, de gosto, de sabor, de tudo...”

“Eu tô fazendo análise. Isso é muito interessante porque eu até comento que, quando eu separei foi um momento tão difícil na minha vida e eu não procurei analista. Eu acho que talvez naquele momento eu tinha uma certa resistência, também talvez porque meu primeiro marido era contra. Eu não sei ... [ ] ...Eu tou sempre fazendo as coisas, mas é como se eu tivesse meio atrás da coisa de fato que eu estou assumindo... [ ] Então, a análise vai me dar essa coisa... Está me dando uma maior tranquilidade diante dos meus atos, da minha vivência, sabe?”

Similarmente, as que se encontram em psicoterapia há mais tempo, quer tendo trocado de terapeuta ou de abordagem, ao longo da trajetória, ou não, revelam sua disposição de mudança e esperança de menos sofrimento e mais harmonia. Não obstante, de um modo ou de outro, demonstram, como a maioria das entrevistadas, ter conseguido atingir alguns objetivos procurados ou já usufruir de efeitos benéficos.

“Sou veterana de análise. Fiz de tudo um pouco: clássica, corporal, psicodrama, individual, familiar ... Cada uma me deu um pouco de sensatez. Acho, pelo menos acho ... ( risos ). Fui me transformando, me metiformo... Uma metamorfôse... Quase não saiu..( risos). [ ] ... Tirou muita dor, muita dor mesmo... Me aceitar do jeito que sou e não do jeito que os outros queriam e eu me idealizei, mas acho que ainda posso melhorar.”

“Mas eu vejo o processo de análise como realmente uma coisa fundamental na minha vida. Eu teria até um voto assim de gratidão ao meu analista que é uma pessoa seríssima, com quem eu pretendo continuar durante alguns anos mais e acho que a análise me ajudou a realizar muita coisa. E uma nova ótica, né? ... [ ] ..E a medida que a gente é mais exigente parece que a gente se cerca também de pessoas mais agradáveis, a gente cobra uma coisa e a pessoa aceita aquela cobrança e aceita a gente como é, com a nossa cobrança. Inclusive houve uma reviravolta. Eu mudei de amigos. Eu não só me direcionei profissionalmente, mas eu mudei de amigos, mudei de relacionamento afetivo, eu mudei de companheiro. Eu acho que tudo é muito importante e o processo de análise foi fundamental. ”

Das nove que referiram-se às psicoterapias realizadas no passado, três explicitaram seu desejo de, tão logo possível, retornar ao processo, por razões diversas, mas deixando claro que percebem, através dele, um tipo de acréscimo às suas vidas, tal como podemos observar no texto abaixo:

“...Pronta e acabada eu não me sinto de jeito nenhum, e assim que ‘pintar’ mais tempo e... grana (risos) volto à análise. Para mim é um ponto fundamental - rever meus limites, atropelos...Ter que parar pra pensar nas minhas condições. Uma parada obrigatória com dia e hora marcada. Dentro de um movimento de mudança que eu hoje vivo, como falei, com muita sofreguidão, com sede ao pote. Quero mais equilíbrio e ... isto eu acho que vou ter que procurar outra vez lá...”

Três entrevistadas relataram, com farto material, experiências negativas com um dos tratamentos que realizaram. Nos depoimentos, aparecem, posteriormente, relato de benefícios por parte de outra abordagem psicoterápica. Embora fosse sublinhado, por uma delas, a manutenção do sigilo quanto à questão, isto não impediu que discorresse com pormenores sobre ela, ainda que fosse facultada a interrupção da gravação. Como se, em suas lembranças, estivessem presentes e marcantes a “boa” e a “má” terapia e tivessem necessidade de falar a respeito. Transcrevemos dois trechos da entrevista de uma das que não fez restrições à reprodução de sua fala, representativos da avaliação positiva e negativa efetuada.

“... E esse tratamento, ah...a avaliação que eu faço hoje foi desastroso. porque o que mais ele fazia era me tornar ainda mais frágil e o tratamento como que justificava aquela etiqueta que era dada socialmente. Era

plenamente chancelada, autenticada por uma autoridade médica. Então eu era uma pessoa que tava mal, que tava doente. É...esse meu comportamento era um comportamento doentio. Eu precisava sarar e para eu ser curada eu tive que me submeter, curada entre aspas, eu tive que me submeter a tratamento que me fragilizava muito mais ainda, me tirava a vontade. É...é incrível eu conseguir me libertar desse tratamento quando eu estava tão intoxicada de medicamentos....[ ] Foi nesse pequeno intervalo de lucidez que eu resolvi nunca mais voltar. Então as pessoas me diziam ‘você não pode fazer isto, que esses remédios que você toma, se você não tomar você vai ter convulsão, vai ter uma série de efeitos’. Então tudo aterrorizava de tal modo...[ ] É, então eu realmente liguei para meu médico e disse: ‘-olha, eu não vou voltar mais’. Ele disse: ‘Você não quer vir aqui conversar sobre isso?’. Eu disse: ‘Não, não quero começar tudo de novo’.

‘...Ela disse pra mim o seguinte : ‘Olha eu não vou permitir que você gaste o seu dinheiro à toa aqui comigo, eu não posso deixar você vir falar aqui que quer ser bailarina, ou que quer ser teóloga, quando você ainda não experimentou o que é ser ... (profissão da entrevistada). Você tá trabalhando nisto há tantos anos, mas você ainda não sabe o que é ser....(profissão da entrevistada). Você ainda não tá em condições de desistir, porque você tá desistindo de uma coisa que você ainda não é’. Imagina ...Eu já era uma pessoa mais ou menos conhecida, mas ela conhecia essa história... Então eu acho que essa psicóloga, ela realmente foi muito feliz quando me cortou qualquer possibilidade de divagar. É...naquele momento eu precisava os pés no chão....[ ].. É porque ela sabia que eu não ia ter condições de ficar fazendo anos e anos de tratamento... Então eu acho que devo muito a essa psicóloga.”

Embora não fizessemos nenhuma pergunta sobre a duração do tratamento, percebeu-se, através de vários depoimentos, que se tratavam de processos longos, independentemente da abordagem teórica ou do fato de ser individual ou grupal.

“... Eu fiz psicodrama em grupo por uns 3 ou 4 anos, o que foi ótimo para mim. Excelente, excelente. Ai eu parei um tempinho...eu fiquei muito mal... eu fui procurar um psicodrama com outro terapeuta, um psicodrama individual.”

Uma única entrevistada deixou claro que foi uma rápida passagem, sem um significado mais expressivo.

“...Eu fiz uma terapia digamos assim, que foi muito rápida, porque eu tava, eu ia pras consultas, aquela coisa...No início foi muito bom, eu tava me apoiando bastante, mas depois eu comecei a achar que eu tava indo é...pro consultório como se eu fosse fazer um programa... Ia pra conversar, etecetera e tal. Então achei que aquilo... que eu tava trocando uma dependência por outra e achei que aquilo pra mim não ia ser bom. E aí resolvi me dar alta. Se estava na época ou não de me dar alta...”

Algumas referiram-se ao processo de forma algo lacônica, no transcurso de um relato em que se detinham - separação, dificuldades nas relações afetivas e sexuais, questões relacionadas a trabalho, problemas na maternidade e família. Outras, só o fizeram a partir de indagação direta. De algum modo, porém, deixavam transparecer um suporte, uma clarificação ou um tipo qualquer de auxílio obtido ou, pelo menos, tentado, como pode ser depreendido dos vários depoimentos que se seguem:

“Bom, do término desse casamento até os dias de hoje, foi um vácuo afetivo-sexual muito grande, porque essa minha reentrada, digamos assim, no mercado afetivo, no mercado social, foi muito presa, atada, a essa ligação como esse homem. [ ]... Eu já entrava de banda, de má vontade... digamos assim, uma obrigação.[ ] Um dos toques do meu analista...Nessa época ele falava: - ‘por que essa coisa tão isolada?’ Que eu tinha condições de quebrar isso. Mas tava uma coisa muito difícil...”

“...E aí, mas eu tava muito confusa e eu me lembro que o ... (nome do psicoterapeuta de grupo) perguntou: - ... ‘mas e você, quer fazer o que?’ E eu pensei que eu gostaria de fazer; eu falei: - ‘ política !’-. Foi assim completamente inesperado para mim também...”

“...Pra mim sempre foi muito difícil usar essa palavra que a minha analista me ajudou a usar: eu sou incompetente. Essa palavra não existia no meu vocabulário...Então você vai fazendo, você vai se superando o tempo todo, só que depois essa coisa vai ficar muito pesada para você.”

“V. me perguntou da terapia, foi quando eu me separei pela segunda vez que eu senti necessidade. Eu já estava fazendo um trabalho ligado a corpo... [ ] ...E eu comecei a fazer uma coisa individual que tinha uma parte de relato mesmo, contar, dividir, foi super bom...”

“Foi bom. Eu acho que foi bom na época. Hoje eu tenho até algumas críticas da psicoterapia que eu fiz. Mas acho que são críticas intelectuais. Mas, assim, na época, foi muito bom, emocionalmente. Eu fiquei muito bem.”

Confirmando tendência já observada em outro estudo nosso (Negreiros,1988), a demanda para psicoterapia da “nova”mulher, nas diversas fases de sua vida, fundou-se basicamente na procura de apoio e de uma intervenção organizadora para enfrentar desafios e dificuldades de ordem interna e externa.Ou, de acordo com concepção de Figueira (1991), no tocante a questões de desmapeamento e desenvolvimento da vida familiar:

.. “O conflito mudar/permanecer clamando por uma intervenção psicanalítica modernizadora; ... o conflito isolar-se/diluir-se, demandando uma intervenção psicanalítica discriminadora” ( p.199 ).

Resgatar possibilidades, aceitar limites, reparar culpas, progredir em algum nível, remover aflições, eliminar confusões, reduzir ansiedades, entender contradições, ajudar a restaurar perdas, superar dificuldades foram situações mencionadas claramente ou passadas nas entrelinhas, quer como móvel para a busca ou como resultado do processo terapêutico.

“uma coisa muito boa, uma das coisas importantes para mim, foi essa experiência com a psicanálise. E que eu acho que me possibilitou conhecer minhas dificuldades e aprender a lidar com elas e me conhecer melhor.”

“me ajudou mais no sentido da culpa, eu vivia num emaranhado muito grande, sem saber o que eu tinha direito e o que me era devido e o terapeuta foi assim... um esclarecimento, uma pessoa amiga, que me ouvia nas aflições. Eu tava muito angustiada sem saber quais eram os meus limites”.

A referência a qualquer tipo de sintoma denunciador de um quadro psicopatológico raramente surgiu, a não ser sob a forma de depressão, como no exemplo que se segue:

... “Naquela fase eu tava mal, mas mal mesmo. Uma depressão muito forte. Tudo era um esforço enorme. Até para me levantar e escovar os dentes, fazer o trivial. Mal conseguia falar e até ouvir era sacrifício. Ouvir o que o ....(nome do terapeuta) me dizia era difícil. Mas um dia, foi assim um clique, um despertar.”



Em se tratando de uma “cultura psicanalítica”, como nos lembra Figueira (1991), especialmente quanto à importância das idéias e dos termos psicanalíticos, em vários trechos do depoimento da “nova” mulher foi utilizado um vocabulário permeado de tais conceitos popularizados, verificando-se isto frequentemente, quando se tratava de descrever o processo a que se submeteram ou estava em curso.

“Da primeira vez eu quase não pude aproveitar. Acho que era resistência minha mesmo...”

“... E minha terapeuta me falava que eu tava projetando no .... (nome do chefe) aquela sabedoria toda, aquele poder. Que eu ficava com a impotência e ele com o poder... Mas os dois eram meus e eu me apropriaria deles...”

Cabe aqui esclarecer, que, ao fazer comentários sobre a presença das psicoterapias nos depoimentos da “nova” mulher, não houve intenção de analisar ou tecer qualquer tipo de apreciação crítica quanto às propostas, os procedimentos, os resultados ou outras particularidades de tais práticas. Tentamos, tão somente, descrever o sentido sugerido pelas entrevistadas a respeito dessa experiência. Limitamo-nos, pois, ao que, através de uma fala atual, as entrevistadas deixaram transparecer como recortes principais do papel desempenhado pelas psicoterapias em suas vidas, em momentos distintos.

Lembramos, ainda, que as psicoterapias não vem sendo o único recurso procurado pela “nova” mulher para solucionar conflitos. Várias fizeram referência, em alguns pontos de seus depoimentos, a diversos processos: grupos de mútua ajuda, religião, livros de auto-ajuda, filosofia oriental, astrologia, apoio místico e espiritual, entre outros citados. Através deles, várias declararam sentir-se esperançosas, fortalecidas ou recompensadas em circunstâncias passadas ou atuais. Por exemplo, ao referir-se a um grupo de oração, diz uma delas:

“... senti que eu tive um despertar espiritual e que, a partir dali, a minha vida começou realmente a mudar”.

Acrescenta, porém, que não foi fácil vencer os próprios preconceitos a respeito.

“... Talvez, né, eu tivesse vergonha - o lado do preconceito e da intelectualização - mas foi o lado religioso que segurou minha cabeça”.

Uma certa ambivalência credibilidade-descrédito também foi manifestada, quando de um apelo ao místico, ao não legitimado como científico:

“Um tempo desse eu fiz um mapa astral, aliás, pela segunda vez, e a astróloga disse que meu casamento não existia mais. Não existe e tal, não sei o que... Aí eu achei uma coisa muito taxativa, pra você dizer assim, sabe?[ ] ...Quando a procurei eu estava num período muito ruim, mas eu via. Aí eu disse não, não vou cair não...”

Algumas, no entanto, não apresentaram qualquer acanhamento ou demonstraram perceber incompatibilidade com a imagem intelectual-profissional para essa busca, expondo-a sem reservas, como se a prática já fosse corriqueira e validada consensualmente:

... “aí eu já tinha começado um projeto de estudo espiritual, que mudou muito a minha cabeça... Isso começou a me trazer mais harmonia...[ ] ...Desde os 30, entrei em contato com teorias orientais, comecei a estudar astrologia e fui parar na holística. De certa forma continuo estudando isso tudo até hoje.”

“...Trabalho pra mim tem um peso fundamental na minha vida, quer dizer, nunca foi muito pela necessidade de dinheiro, mas por uma necessidade psíquica, entende? É uma coisa que... Eu fui fazer um mapa astral com a ..., que é uma pessoa fantástica. Ela disse assim: o trabalho pra você é uma coisa assim. É quando você fica com o pé no chão.”

“...Mas tudo pode ser valioso na vida, se você souber aproveitar. Até vou te contar, uma coisa que me ajudou neste caso foi o ....., de.....(título de livro de auto ajuda e seu respectivo autor)”.

Há depoimentos nos quais esses recursos figuram paralela ou posteriormente a algum tipo de psicoterapia, entendidos pelas entrevistadas como intervenções eficazes para um determinado problema, como se verifica no exemplo abaixo:

“... encontrei os grupos de mútua ajuda e tem me ajudado muito nesta questão familiar, de como lidar com esta questão da droga. A psicoterapia não deu conta. Todas as pilastras em que eu estava apoiada naquele momento não foram capazes de me segurar”.

De qualquer modo, a familiaridade de expor problemas e reconhecer contradições, em parte facilitou o transcurso da entrevista e o surgimento das polaridades e dos confrontos que abalam o presente, e que afetam, de alguma forma, alguns projetos futuros.

Analisando os discursos e os temas recorrentes, destacamos quatro pares de polos mais significativos dos conflitos emergentes, quer pela alta incidência de seu aparecimento, quer pela ambivalência e intensidade emocional que acompanharam as falas das entrevistadas. São eles:

Apogeu Idealizado x Envelhecimento

( Re) ativação “masculina” x Resgate do “feminino”.

Poder x Culpa

Solidão x Afiliação

Tais polaridades serão, a seguir, desenvolvidas separadamente, a fim de se abrir um espaço para apresentar dados colhidos na investigação, com observações e comentários, bem como a articulação desses temas com os subsídios teóricos já propostos ou que se tornaram pertinentes.

## Apogeu Idealizado x Envelhecimento

### Ser avó - um projeto longínquo

A “nova” mulher envelhecerá? Eis uma questão que surgiu a partir dos relatos. A maioria deles concentrou-se na fase atual ou em projetos das entrevistadas de curto prazo. Os de longo prazo, além de, em geral, serem algo abstratos, foram referidos como uma evolução de suas histórias de vida e não como característicos de uma nova etapa.

Lins e Barros (1987), ao analisar a família de camadas médias urbanas, da perspectiva dos avós, entrevistando 14 mulheres e 8 homens, entre 50 a 72 anos, considerou que a vida independente desses avós (pela situação econômica e outros fatores que os impediam de se avaliarem como doentes e incapazes) traduzia um recorte específico da velhice no quadro de relações familiares e, por isso, supôs a não pregnância da questão. Segundo a autora :

“Essa perspectiva realça, por outro lado, o momento peculiar em que vivem esses indivíduos, que ainda não fazem da velhice o tema principal de seus discursos, mas que despertaram para essa questão quando viram seus filhos tornarem-se pais”( p. 13)

Quanto às relações entre essas entrevistadas e suas filhas e noras, Barros considerou que o movimento se dá na direção das primeiras tentarem garantir o seu espaço, ainda que em meio a impactos e conflitos mais ou menos claros.

“Ser babá de neto não apenas é uma expressão que revela os auxílios domésticos prestados no dia-a dia, como também denuncia uma luta por um poder doméstico no âmbito da família .” ( p. 69)

Mas, em quase todos os depoimentos por nós coletados, ficou omissa ou diluída a dimensão avó-netos. E, principalmente, não foram feitas quaisquer referências a este tipo de relacionamento como parte do projeto de vida das entrevistadas.

Poderíamos justificar esta ausência, em virtude de 19 das 20 entrevistadas ainda não terem passado por esta experiência. No entanto, quando falamos de projetos nos remetemos a desejos, sonhos, aspirações, algo a realizar e a ser vivido. Além do mais, a maior parte tem filhos e filhas em idade compatível com uma atual ou próxima maternidade-paternidade. A possibilidade de ser avó, portanto, não estaria distante, no sentido do tempo em si.

No total, somente cinco mencionaram, assim mesmo sem destaque, algo a respeito de ser ou tornar-se avó. Destas, uma já é avó de 5 netos, outra tem uma filha grávida. Ambas referiram-se positivamente ao tema, embora este tenha ocupado um espaço reduzido em seus depoimentos como um todo.

A primeira revelou alguma ambivalência quanto ao papel de avó - prazer e impecilho, sendo sua fala provocada por uma pergunta realizada ao final da entrevista:

-“ É o seguinte, a última pergunta diz respeito a algo que você falou e que agora me lembrei. Foi uma frase sobre essa questão de que seu marido parece que ficou um pouco acabrunhado, conflituado, com a posição de avô. E como essa posição ficou para você? ”

- “Eu sempre curti muito o fato de ser avó. Até depois da separação, quando a separação era recente, eu fiquei até muito avó, mais avó do que outra coisa, porque tava me dedicando assim muito pros netos... Até que eu achei que não era por aí também, porque eu tinha toda a minha vida pra manipular e pra me distrair, pra divertir. Que embora o fato de ser avó seja uma coisa muito gratificante, e eu curta muito, eu queria ter minha vida pessoal. Então... é... (pausa) agora já estão se queixando um pouquinho, porque eu já estou deixando um pouquinho as netas de lado, porque eu tenho saído muito. Saio muito, vou ao teatro, muito ao cinema, é... vernissage, coquetel, eu tenho saído demais. Até mais do que eu tenho resistência física, porque a gente continua com o trabalho, né? É... Mas.. eu achei, eu acho o fato de ser avó uma coisa muito boa”.

Por outro lado, a expectativa de tornar-se avó, para a segunda entrevistada, não parece significar um sinal de finalização de uma etapa ou de um possível envelhecimento, mas, ao contrário, como ela diz, representa um recomeço e talvez daí a sua importância neste momento.

“... Estou às vésperas de ter uma experiência nova que é ser avó, uma coisa muito, muito forte. É como se eu fosse assistir o recomeço de um ciclo - minha filha ter um filho, começar de novo aquilo que eu já fiz, há tempos, né? Parece até certo ponto que foi ontem ...”

Uma outra entrevistada - a que mais se deteve no tema do envelhecimento, como um todo - parece que, ao imaginar a perspectiva de ser avó e supor seu contentamento diante da situação, também assim o faz, mantendo uma ligação com as atuais ocupações e interesses profissionais, quer seja:

“No dia em que minha filha me telefonou e avisou que passou na seleção de seu emprego, eu pulei tanto de alegria !. Mais do que no dia em que eu arranjei o meu primeiro emprego...Então, nesse dia eu me dei conta do tamanho da alegria que eu vou ficar quando ela disser que está grávida, e que vai ter um filho. Acho que eu vou curtir mais o parto dela, até por eu trabalhar com isto, do que eu curti os meus.”

As demais colocaram a questão como uma possibilidade gratificante, embora algo distante e vaga, tal como se pode depreender pelo trecho abaixo:

“Bem, mais adiante me vejo morando no campo, provavelmente. Lendo, pintando, talvez até fazendo uma pesquisa ainda, cozinhando, andando a pé, ouvindo música, lendo, com um companheiro que tenha também uma vida pessoal rica. Quanto aos netos...Tirar um mês por ano, pedindo para meus filhos mandar todos os netos. Durante um mês vou convidar os netos - fazer teatrinho, bolos, pães, cozinhar, tudo. Ser avó. Isto também é uma forma de ajudar os meninos.”

Percebe-se que essa entrevistada, ainda que revele seu desejo de soltar-se e viver uma vida diferente da atual, cercada pelos filhos dos “meninos”, só permite esta imagem idílica de vovó tempo integral do passado por um período limitado, por ela estipulado e com a finalidade de ser útil. E, ainda, insere no quadro, um companheiro “com vida pessoal rica”, leitura (“lendo” foi repetido na frase) e talvez pesquisa... Possivelmente como forma de conciliar mapas contraditórios inscritos em seu psiquismo, em estágios diferentes de seu ciclo vital, tal como discutimos anteriormente.

Estas menções remotas sobre ser ou tornar-se avó confluem na direção de nossas conjecturas iniciais quanto a ambivalência diante do neto como um possível destinatário para a libido.

Por um lado, as relações de parentesco ficaram mais definidas dentro da pequena família - mãe-pai-filho. As avós deixaram de ser executoras de cuidados e de ser uma referência decisiva para orientação das mães em relação às crianças. Quando muito, ensejam apenas o papel de consultoras eventuais.

Por outro, em plena atividade na vida pessoal e profissional, a mulher de meia idade está muito distante do estereótipo de uma senhora grisalha dedicada ao lar e aos filhos de seus filhos. Segundo Goldin (1994), a “humanidade está ganhando uma geração”, pois “a bisavó de ontem é a avó de hoje”.

### **Envelhecimento: o sentido de uma ausência ou uma ausência sentida?**

A questão da diluição do papel de avó no projeto de vida das entrevistadas, observada de um prisma mais amplo, remete-nos à representação do processo de envelhecimento para a “nova” mulher.

Em princípio, concordamos com Leal (1994) quando observa, em sua tese de doutorado sobre o “Envelhecer na Instituição Religiosa Feminina” :

“A velhice biológica como conformadora do comportamento foi uma herança muito pesada na identidade dos mais velhos. Estudar esta geração, que luta contra preconceitos de uma sociedade de índole acentuadamente

produtiva, é importante e ajuda a compreender o seu desenvolvimento neste ambiente de final de século. Mas nos diz muito pouco sobre o amanhã.

Hoje, acredito que a atual geração de meia-idade, com seus diferentes valores e variadas demandas psicossociais, produzirá um novo sujeito nas idades mais avançadas. É o surgimento da velhice social atendendo a uma diferenciação entre os que envelhecem e valorizando diferentes comportamentos antes negados à esta faixa etária.”( p. 76)

Ou, ainda, fazendo nossas as palavras de Langer (1981, p.238), ao discutir sobre vivências psicológicas no processo de envelhecimento e sua interrelação socio-cultural:

“... E também a mulher de 50 e 60 anos tem em nossa sociedade a possibilidade de realizar-se em muitos campos. Consequentemente, as crises de idade aparecem, sempre que se apresentam, em uma idade posterior à de antes”.

Não podemos nos esquecer, no entanto, de que quando um indivíduo ou grupo é discriminado e alvo de preconceitos incorpora idéias e sentimentos negativos sobre si próprio, identificando-se com os valores do grupo majoritário e, de certa forma, contribui para a manutenção dos estereótipos (Lewin, 1965, 1978). Quanto ao grupo de idosos, de acordo com Brink (1983), há uma peculiaridade: a identificação com valores do grupo dominante (jovens, adultos) é dupla, ainda que sutil, pois o velho de hoje já foi um discriminador e, lentamente, sem sentir, foi passando para o grupo discriminado.

E, desde que este grupo vem sendo concebido, em nossa sociedade, não pelo que é ou o que pode, mas pelo que não é e não pode, admitir desenvolvimento e evolução para além da juventude requer mudanças de paradigmas que ainda requererão muito esforço (Friedan, 1993).

Assim sendo, a negação do processo de envelhecer num futuro próximo ou distante que esteve presente nas entrevistas não foi surpreendente. Mesmo quando foram projetadas situações mais longínquas, o envelhecimento fica escamoteado e, portanto, esquecida a atual fase de transição para uma outra etapa de vida



Em sete entrevistas existe uma menção explícita ao tema, mas somente duas delas nele se detiveram um pouco mais. Como se, enquanto sujeito do discurso, a “nova” mulher pertencesse a uma condição excepcional que não será atingida pelo “vírus” da velhice. Como se ficasse escondida esta ponte de passagem ou caminhar lento para o grupo discriminado pela sociedade e, em algum nível, por ela própria. Como se um ponto idealizado de maturidade, atingido em algum momento do ciclo vital, expressando os direitos e as conquistas do ser adulto, pudesse se eternizar.

Ora esta negação é mais óbvia e aparece de imediato, às primeiras palavras do discurso, às avessas, como uma reação defensiva:

“Bom eu sou .....(profissão), tenho 50 anos, **nenhum problema de dizer minha idade**, 50 anos e meio. para ser mais exata, sou.....(profissão), com mestrado em .....(especialização profissional)..”

Ora é mais sutil e vem sob uma forma racionalizada:

“Eu sou uma pessoa... **Não sou velha**, mas sou muito antequinha. Eu tenho uma visão das coisas muito ligada, talvez devido a minha formação profissional, ao ato inaugural, isto é, aquilo que engendrou o espírito da coisa...”

Ou, ainda, sob algum tipo de disfarce, tentando-se adiar o momento presente, como se pode verificar nos dois depoimentos abaixo:

“... eu não sei o que dizer de um futuro mais longínquo, não, não sei se alguma coisa muda. Eu não estou me preparando para nada”.

“... Eu não consigo pensar no futuro. É como o presente de certa maneira já fosse o futuro para mim - a sensação de querer agarrar aquele negócio e quando e o que eu vou agarrar. Então tem sempre esse distanciamento que eu tenho do futuro, do meu sonho, dessa tranquilidade que eu possa ter a mais...”

Ou então emerge de um depoimento voltado para uma denúncia de preconceito social, colocando-se, no entanto, o sujeito do discurso a salvo do problema:

“Mas tinha um problema no..... (nome da instituição de trabalho). Numa determinada idade que você pode ser o máximo, você sai. Essa idade é mais ou menos por volta dos 40 anos. Quando eu fiz 40 anos eu dei uma festa dos 40 anos e convidei muitas pessoas. Então todo mundo dizia assim pra mim: - ‘Você não devia ter dito que tinha 40 anos, agora eles vão contar nos dedos pra te demitir’. Aí eu falei: - ‘Ah, se tiver que demitir eu, eu vou fazer outra coisa, né?’ Eu trabalhava no.....(nome da instituição de trabalho) e trabalhava em muitas outras publicações, como ‘free-lancer’. E ganhava muito bem, porque eu não tinha só aquele ordenado. Eu não teria problema de trabalho, e.. mas quando.. mas eu também não aparentava na época ter 40 ou 45 anos. Todo mundo me dava muito menos do que eu tinha.”

Ou manifesta-se como um medo mais abrangente de dependência:

“Aí, envelhecimento é uma coisa que me perturba. Primeiro, por conta da situação mesmo financeira, que a gente não sabe, né? Vai descendo o padrão de vida e não sabe como será isso quando a gente deixar de ser produtiva. Eu e .....(nome do marido) é uma coisa que eu tenho medo. Eu tenho muito medo, apesar da gente se garantir, não sei que lá, com planos de aposentadoria...Eu fico temerosa. E, às vezes, fico mais pelo .... (nome do marido) do que por mim, porque eu sei que, eu sei que eu tenho muito recurso pra depois, pra minha vida. Eu adoro fazer colagem, faço umas colagens assim que as pessoas adoram. Eu gosto de escrever. Eu gosto muito de ler...”

Ou vem até como uma questão mais concreta, espelhada na decadência de figura parental, mas somente encontrado uma única vez, numa outra parte do depoimento da mesma entrevistada acima mencionada :

“E aí a minha grande preocupação é essa, quer dizer, é o envelhecimento. É uma coisa que me dá muita indagação. Sabe, porque eu vejo a minha mãe. Em todas as férias eu fico assim, né? Porque cada férias que a gente vai a gente fica numa praia em .....(cidade do nordeste, onde mora a família). .....[ ] ... aí cada férias a mamãe está mais caída, mais velha e eu fico olhando e pensando - daqui há pouco serei eu que estarei naquela idade.”

Para além da marcante ausência do tema envelhecimento, do início ao fim da maioria das entrevistas, entendemos certas colocações feitas como um temor de perder uma situação socio-profissional já consolidada. Isto fica claro quando as falas convergem para a proximidade da aposentadoria.

A perda, pois, não se localiza exatamente no que se convencionou como belo e feminino - a suavidade da pele, o brilho dos cabelos, a capacidade de procriar, a sensualidade das formas do rosto e do corpo. Até porque aspectos físicos raramente foram mencionados, talvez por não se coadunarem com uma auto-imagem de mulher intelectual-profissional. Se colocados, apontaram para uma direção teórica, genérica:

“...O Rio é uma cidade muito narcisista, muito fútil. E alguns valores de uma mulher - corpo bonito, beleza, juventude, passam a não existir, depois de certa idade. No exterior, a coisa não é bem assim. Não é só isto...”

Ou, se foi feita, ainda que de passagem, tímida e brevemente, uma auto-referência à beleza da juventude ou a outro atributo da imagem física, a estética apareceu como um valor menor, como pode ser exemplificado nas seguintes passagens de duas entrevistas:

“... eu não queria ficar lá porque era o ‘peixinho’ da casa, porque era a gracinha da agência, a menina prodígio, a bonitinha, não sei que lá ...[ ] ...eu sei que eu tenho uma cara meiga, que tenho um tipo físico bonito, meigo e tal. Então, a minha figura não é daquela mulher que dá murro na mesa. Então essas contradições foram o tempo todo vividas e intensamente...”

“...É...eu era u...uma pessoa bonitinha, tinha uma boa aparência, era nova, trinta e quatro anos, eu acho que ainda é nova, tinha dois filhos, então...[ ] ...e...é .. começava a ser assediada também e eu não tava preparada para isso... sou de formação protestante - e então aquilo...[ ] .. Eu tinha que me proteger e a maneira que achei de me proteger, mesmo sem tomar consciência disso, foi me casando de novo no Rio de Janeiro.”

Além do distanciamento da imagem corporal em si, chamou-nos a atenção que alterações biológicas e fisiológicas, em torno do fenómeno da menopausa, não foram citadas em nenhum depoimento. Uma única entrevistada, em dois trechos de seu relato, menciona o termo menopausa. Uma vez, relacionando-o a uma crise, pela perda - saída do filho de

casa. A outra, ainda seguindo a temática do irrecuperável, chegando ao limite do próprio físico. Diz ela, nestes dois trechos:

“Agora eles estão saindo de casa, ano passado o mais velho se casou e então eu tive que viver isso, que é o rompimento, a saída de casa de um filho. E me defronto com a velhice, porque eu vi isso como ligado já a menopausa, a velhice, a uma separação recente. Então foi um momento muito difícil... Fiquei muito deprimida com o casamento de meu filho mais velho, muito deprimida. O fim de uma fase para mim. Foi uma coisa difícil de segurar...”

“Depois tem a relação comigo mesma, e chega a hora que vem a menopausa, o tempo vai ficando para trás, e as coisas que a gente não cura, o cabelo branco, as rugas, e uma vontade grande de se dar coisas. Assim um tempo para não trabalhar no fim de semana, tomar sol, dar uma descansada. E a dificuldade de uma mulher feito eu, que trabalhou a vida inteira, e gastou toda a energia dela dando para os outros coisas, de fazer isso sem culpa? ...”

Minimizada pela “nova” mulher a importância da aparência física, possivelmente por um juízo crítico, o medo de perda canaliza-se, sobretudo, para um marco subjetivo e idealizado, na curva da vida, considerado como “natural”, “estável”, “maduro”, a partir do qual se sucumbirá ao inexorável declínio físico, mental, moral e social.

No momento atual, como no projeto de vida, parece que ela prolonga esse ponto indefinidamente - a energia, a saúde, o vigor físico e intelectual serão sempre abundantes para a realização dos múltiplos e diversificados planos a serem realizados. Observamos que quase nunca é aventada, como um possível impecilho ou transtorno aos projetos de vida, qualquer tipo de dificuldade desta natureza. Ao contrário, os depoimentos sinalizam uma vitalidade quase inesgotável, embora algumas contradições possam ser percebidas em algumas entrevistas, a exemplo dos dois momentos de um depoimento, abaixo transcritos:

“ Eu te diria até que me sinto agora com muito, mais muito mais disposição de enfrentar desafios. E os meus projetos são tantos... Quero ainda fazer a minha tese, o meu livro... Também aquela idéia do sebo que te falei, mas isto vai ficar para depois, quando eu tiver mais tempo disponível e também... mais livre...vou ficar com mais energia ainda, porque precisarei dela, porque nunca fiz comércio e para isto minha cabeça deve estar muito descansada e lúcida. Mas, num futuro próximo estará. Melhor do que agora... (risos). Depois do sebo quero ...Ah, ainda vou aprender francês antes disso, melhorar o meu francês. Acho fundamental no meu caso

porque...primeiro porque uma língua só é insuficiente se eu for fazer mesmo o doutorado, depois tem aquela vontade de ... Eu sempre fui muito afinada com a cultura francesa por conta da família por parte de..[ ].....

[ ] Bem, você falou para dizer as facilidades e dificuldades em relação aos meus projetos. Bem, eu acho que as dificuldades já superei, as principais - meus medos e inseguranças. As facilidades estão aí, diante do meu presente e do meu futuro - um companheiro que me dá força. Pela primeira vez tenho um relacionamento assim. Estou com muita energia, maturidade, filhos criados, muita facilidade mesmo. Pra viajar, curtir, tudo com muita tranquilidade. Este.. este é um projeto de longo prazo, ainda não tenho tempo suficiente e ainda falta 'grana', mas estou cavando para ter, batalhando.”

Ou, ainda, no trecho em que uma das entrevistadas fala sobre sua visão a respeito do envelhecer corpóreo e, mais adiante, após declinar suas inúmeras atividades atuais e formular dinâmicos planos futuros plenos de novidades, assume uma diminuição de seu fôlego :

“E talvez também a médio prazo uma vontade assim, essa coisa de trabalho de corpo, porque eu acho que eu tenho vontade de me preparar para envelhecer bem corporalmente. Acho que não é só emocionalmente e intelectualmente não, é corporalmente mesmo. Eu comecei este ano a fazer uma ginástica na água, na piscina, quero ver se continuo...[ ] Topo dançar, fazer dança de salão, que eu tenho muita vontade. Eu adoro dançar. Eu não quero morrer sem aprender a dançar um tango muito bem dançado. Isso fora as idéias malucas. Isso são planos mais concretos, eu espero realizar todos. .. [ ]... Fora idéias malucas, tipo de repente um sonho que eu tive, isso é mais um sonho do que um plano. Escrever um roteiro de um filme sobre a vida de Mme Curie, que é uma mulher que eu admiro até não poder mais. Isto é, se sobrar tempo, após os 65 anos, uma coisa assim.”

Note-se que esta entrevistada, até aqui - próximo ao final da entrevista - já havia descrito, com entusiasmo e pormenores, vários projetos, desde o doutorado à organização de grupos literários. E continua, dando-se conta da contradição e para ela apresentando uma explicação:

“[ ]... Não é que eu não queira ir parando, eu acho claro que o ritmo de atividade da gente tende a diminuir. Evidentemente eu não tenho hoje a energia que eu tinha há dez anos atrás. Há dez anos atrás eu faria muito

mais coisa ainda, me atolava de muito mais coisa do que me atolo hoje. E hoje, apesar de eu ter tantos planos, eu procuro diminuir o ritmo de atividade tão frenético... Porque eu sinto que me canso mesmo...”

“ [ ] Então pode te parecer contraditório, mas, ao mesmo tempo que eu tenho a maior sede, e tenho plano para todo tipo, desde para sexualidade, pra trabalho corporal, trabalho artístico, trabalho manual, vida profissional, vida afetiva, vida com filho, eu tenho a maior sede dessas coisas, ao mesmo tempo, cada dia eu me sinto ligeiramente, milimetricamente, mais desprendida delas. E acho que isso é um processo de me preparar para envelhecer bem, pra morrer, entendeu? Acho que aos 82, 85, sei lá ...”

E, sobretudo, ao discorrer sobre o exercício de sua sexualidade na velhice esta entrevistada deixa clara sua visão otimista, contando que tudo poderá correr bem, se o seu companheiro for convenientemente “instruído” para tal:

“... Uma das primeiras conversas que eu tive com o meu namorado foi sobre a questão da sexualidade. É que eu pretendo viver a minha sexualidade até bem velhinha. E pra isso você tem que preparar o seu homem, porque, se eles não são preparados, eles desistem da sexualidade quando perdem a ereção, o que não tem nada que desistir. Porque a ereção não é fundamental nem pro prazer nem pro orgasmo. Ela só é fundamental pra fecundação. E depois de velha eu não vou fecundar nada (risos). Nem poderia, nem quereria. Atualmente ainda posso, porque ainda menstruo regularmente, mas não quero mais, três filhos basta. ...[ ] Então eu não pretendo desistir da minha vida sexual e não quero desistir da minha vida com ele...”

É importante ressaltar que três das quatro entrevistadas que estavam sem um companheiro ou namorado, em contraste com as demais, associaram, em seus depoimentos, a idade mais avançada à dificuldade de parceria amorosa. Trechos deles retirados e abaixo transcritos, testemunham o mal estar de se perceberem menos desejáveis ou atraentes, especialmente em comparação com mulheres mais jovens, tal como            havíamos suposto e discutido previamente, na parte introdutória do trabalho. Mesmo que sejam oferecidas explicações bem construídas e plausíveis para o problema, como no caso do último relato, depreende-se um sentimento de desvalia, frustração ou desapontamento. Especialmente no tocante ao impedimento do exercício da sexualidade, o que fica implícito, embora não revelado às claras - como, de resto, tudo que se referiu ao tema sexualidade foi tocado com reservas e certo constrangimento.

“Eu acho que paz no lado pessoal é encontrar alguém que caminhe junto com você. Eu não sei se vou encontrar mais não. Eu não tenho muita esperança mais não... Olhando aí, você vê assim que apareceu uma ruga... Já não é a mesma pessoa que era antes. Então já é mais complicado do que era antes...”

“Agora, em relação a vida afetiva, eu vejo dificuldade de arranjar um companheiro, realmente, que eu sinta alguma coisa... porque eu acho que pra gente ter um companheiro, digamos...Eu de cabeça me considero jovem, embora ainda tenha alguns tabus da criação antiga...[ ] ...Agora em relação a vida afetiva mesmo, um companheiro pra você dividir os bons momentos, os maus ...enfim, aquilo que eu falei mais atrás, eu me sentia acima deles..não sei...Fica difícil, porque os mais velhos, como eu falei...- generalizando, né? - estão interessados em pessoas mais jovens, não na faixa etária que eu estou agora. É difícil a gente encontrar, não vou dizer que não existe. É difícil... Os mais jovens, que eu me relaciono bem, porque eu gosto de praticar esportes, gosto de fazer coisas que os jovens fazem...às vezes até se interessam, mas não é uma coisa assim... mais consistente, pelo menos pelo que me parece.”

“E tem uma coisa de idade também, né? Eu acho que ainda é uma coisa cultural, que te espanta muito ver uma mulher mais velha com um homem mais novo, mas um homem mais velho com uma mulher mais nova é bem aceito. Então eu acho que a idade também assusta um pouco. Quer dizer... o homem tem mais status se ele está com uma mulher mais nova. Então o fato de apesar de você ser ainda atraente, você já não é tão nova... Então pra um homem da sua idade, eu acho que ele se sente mais... com mais espaço mesmo, melhor assim... se ele tiver com uma mulher mais nova do que se ele tiver com você, com uma ‘coroa’, né? E ao mesmo tempo, você...Eu acho que a mulher da nossa idade, eu pelo menos sou assim, não tem nenhuma vontade de ter uma relação com gente mais nova, porque eu acho que ele não entende os problemas, não tem os problemas que eu tenho, não tem mesmo...Não tem nenhum espaço pra ocupar a não ser que eu fosse ‘mãe’...Eu acho que o homem com uma mulher mais nova, ele tem espaço, porque ele é a razão e ela fica admirada, né? Ele tem a experiência, tem mais coisa pra ensinar...[ ] Já com as da mesma idade ele se sente avaliado e as vezes até ameaçado por isto. E outras vezes até sem espaço de ser masculino pra elas. Nós já fazemos tudo... Não deixamos espaço pra eles [ ] ....Seria natural eu agora casar com um cara de 60 anos. Só que um cara de 60 anos já não faz mais as coisas que você gosta de fazer, já não tem mais a mesma disponibilidade que você tem. Então não é uma coisa que atraí. Então resta os homens de sua idade e os homens de sua idade preferem as mais novas. Então essa é uma dificuldade que eu vejo...”

Não obstante revelarem satisfação com a parceria, as que vivem atualmente com um companheiro, ou mantêm uma relação amorosa estável, não mencionam um projeto de

envelhecimento a dois. E, as poucas que fazem esta referência é de forma breve e vaga, ensejando apenas um final feliz:

“...E a vida amorosa... quer dizer, eu tenho desejo de continuar com o .....(nome do marido atual) . Mas é uma coisa assim que eu não sei...Como sempre foi uma relação que parecia que não tinha futuro e já tem quinze anos, eu não sei...A gente às vezes, falava assim: a gente se imagina velhos juntos? Não muito... Agora a gente já um pouco se imagina, entendeu?”

“...E é lógico, neste futuro que falei quero estar acompanhada. De preferência, estar ao lado do meu companheiro - para caminharmos, lermos, cuidarmos de uma horta, do jardim, de tudo...de um modo melhor, mais calmo, sem o atropelo de hoje...”

Parece que a negação ao envelhecimento também pode ser desmentida, a contra-gosto, pelo olhar do outro e, através dele, de alguma forma incorpora-se à auto percepção, mantendo-se o conflito ser-não ser, como ilustra o relato abaixo:

“... Eu não me sinto diferente, assim lá dentro..Para dizer a verdade eu não sei como se envelhece, porque eu **não consigo me ver velha**. Só me sinto quando me chamam de senhora. De 5 anos para cá eu comecei a ser chamada de senhora. Antes chamava um ou outro. Mas agora todo mundo chama . Então, de repente, você olha no espelho e você envelhece. Agora, **dentro de mim eu não sinto**. Eu me sinto igualzinha, assim no sentido de querer mudar as coisas. Querer tal e tal ...”

No plano do desejo, permanece-se imutável. Há uma descrença íntima quanto a aproximação do envelhecimento. Por que ? Podemos relacionar este descrédito a um tipo de exorcismo da presença da morte. Porque, para além de vivermos numa sociedade em que domina a valorização da juventude e da fase adulta, onde é inconveniente o envelhecimento, este se torna perigoso por uma associação com uma realidade inconcebível: nosso fim. Aliás, a propósito, lembra-nos Freud (1915) de que o ser humano sente-se imortal.



“ De fato, é impossível imaginar nossa própria morte e, sempre que tentamos fazê-lo, podemos perceber que ainda estamos como espectadores. Por isso, a escola psicanalítica pôde aventurar-se a afirmar que no fundo ninguém crê na sua própria morte, ou, dizendo a mesma coisa de uma outra maneira, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade” (Freud, 1915, p.327).

E, se à meia-idade sucede a velhice, cuja etapa seguinte desemboca na morte, é suposto que se afaste uma representação desta sucessão. Não se encarando como uma etapa de vida, de conquistas, mas associando-se à inércia e ao colapso final, há uma tendência, de, diante do envelhecimento, tal como na morte, cada um se manter como exceção e como mero espectador do outro.

“ Estou pensando de no futuro botar alguma coisa no papel, pra ajudar.. no sentido assim de uma ajuda pra outras pessoas, sabe? Inclusive eu tenho uma amiga que também queria fazer isso, e a gente tava querendo fazer junto. Mas de repente a vida dela mudou e tal, eu não sei.. Pode ser, no futuro, alguma coisa nesse sentido. Pra ajudar também as mulheres, porque eu vejo assim, muitas mulheres que ... talvez tiveram uma história parecida com a minha. De repente no meio do caminho se perderam. É, se perderam nesse sentido, de achar que.. **Tem pessoas na minha idade que acham que a vida acabou. Algumas amigas minhas que foram assim de tempos mais antigos: “Ah, eu ‘tô’ velha, já não sei o que ...”** Eu falo: **“Não, pois agora eu ‘tô’ me sentindo cheia de vida”**. Apesar de toda essa problemática da minha mãe, de outros problemas aí, do dia-a-dia, eu estou me sentindo muito bem. Essa terapia tem me ajudado a perceber que a vida é importante ”.

### Preservação da Identidade Social

A necessidade de preservar uma identidade social, conseguida através do trabalho e de uma independência econômica, às vezes arduamente conquistada, foi manifestada nas entrevistas, revelando-se um possível aspecto que levou a um certo distanciamento discursivo do processo de envelhecimento.

A interpretação de Freire-Costa (1989) a respeito da constituição da identidade do indivíduo de classes trabalhadoras, ajuda nessa reflexão. Diz o autor:

“Identidade é tudo aquilo que se vivencia (sente, enuncia) como sendo eu, por oposição àquilo que se percebe ou se enuncia como não-eu (aquilo que é meu; aquilo que é outro; aquilo que é do outro). A identidade, entretanto, não é uma experiência uniforme, pois é formada por sistemas de representações diversos. Cada um desses sistemas corresponde ao modo como o sujeito se atrela ao universo socio-cultural. Existe, assim, uma identidade social; étnica; religiosa; de classe; profissional; política; etc..” (p.22)

O componente “ter capacidade de trabalho” ou “ser trabalhador”, seria um elemento definidor, por excelência, da identidade do segmento estudado por ele. Entendemos que esta via do trabalho como um marco crucial no registro subjetivo, porém, não se restrinja às camadas de baixa renda trabalhadoras. De alguma forma, preservadas as peculiaridades de cada grupo, pode ser ampliada.

No caso da “nova”mulher, a representação que tece a respeito de si mesma é de alguém que foi e continua sendo capaz de se engajar num trabalho intelectual, economicamente rentável, obtendo prestígio. Então nos parece que sua trajetória seja marcada fortemente pela condição de ser trabalhadora, embora de uma outra natureza. Trata-se da marca de sua diferença da dona-de-casa à antiga, da “rainha do lar”, desmascarada em súdita exausta das “prendas domésticas”, caídas em desuso.

Nas entrevistas a primeira abordagem foi, quase invariavelmente, sobre o trabalho, ao qual foi dado grande relevância. Ele aparece como espaço de necessidade, de realização pessoal, de conquista de autonomia, de afirmação do próprio valor. Citamos, entre vários, quatro exemplos diferentes, mas que dizem respeito à importância desta identificação:

“Quando eu me apresento em qualquer lugar, eu noto isso, quando eu me apresento em qualquer lugar eu **costumo primeiro me colocar como profissional**. Acho que não é só por orgulho da minha carreira, embora eu tenha orgulho dela, lógico.... É ...para **traçar o meu limite, o meu recorte, diferenciar-me**, não sei bem.. Talvez seja porque eu fiz uma trajetória totalmente diferente da minha mãe. Eu e minha irmã nos recusamos a repetirmos ‘modelitos’ de donas de casa e mães de família do passado...”

“Eu venho de uma família muito machista...Então, o que eu percebo, por exemplo, as mulheres da minha família não tiveram um lugar muito valorizado, está entendendo? Então eu sinto que eu sou uma pessoa que, no meio dessas mulheres **consegui me discriminar um pouco, me diferenciar um pouco** dessas mulheres da minha família, da história da minha família, a trancos e barrancos, né?”

.. “**Trabalho pra mim tem um peso fundamental na minha vida**, quer dizer, nunca foi muito pela necessidade de dinheiro, mas por uma necessidade psíquica, entende? É uma coisa que...Eu fui fazer um mapa astral com a ..., que é uma pessoa fantástica. Ela disse assim: **o trabalho pra você é uma coisa assim. É quando você fica com o pé no chão.**”

“E eu estou agora num fase muito boa no meu trabalho, acho que atingi o melhor ponto e eu me pergunto se é para me aquietar ou continuar me inquietando, porque senão posso **me confundir totalmente com o meu lado profissional** e isto também será demais... Mas o trabalho eu tenho que reconhecer, depois de muitas batalhas, tem sido **recompensador** em muitos níveis...”

O envelhecimento, por uma associação com o afastamento do trabalho, através da aposentadoria ou de uma redução no rendimento, poderia, pois, significar incorporar um não-eu; um do outro; um outro. E, estando comprometido com a perda do já estabelecido como “eu”, também, por esta razão, torna-se um elemento ausente ou inexpressivo nos discursos da “nova” mulher.

Um outro suporte para a compreensão deste fenômeno - vinculação da rejeição ao envelhecimento com uma identificação com papéis sociais tradicionalmente masculinos, através do exercício profissional e da autonomia financeira - adveio da pesquisa de campo que realizamos recentemente, com 120 sujeitos, estratificados por camada socio-econômica, sexo e faixa etária. (Negreiros, 1992).

Nesta investigação, que visava identificar concepções e preconceitos ao termos “velhice”, “velho”, através da pergunta básica: “o que é uma pessoa velha para você?”, verificamos que, em nossa sociedade atual, o envelhecimento contém inúmeros significados, sendo grande parte deles com conotação negativa e depreciativa. E as representações mais negativas vinculadas ao conceito “velhice”, vieram por parte dos estratos mais altos, dos mais velhos e do sexo masculino.

Uma das possíveis explicações que arguimos para tais resultados - e que diz respeito ao tema ora estudado - foi fundamentada nos ensaios de Beauvoir (1990) e de Ariès (1986), entre outros.

Para Beauvoir, a sociedade contemporânea, aparentemente aberta a mudanças, fecha-se ao tipo de alteração inerente ao envelhecimento, considerando-a degradante e irreversível. E, por isso, o envelhecer é algo que só diz respeito ao outro, existindo apenas pessoas menos jovens do que outras e um pacto de silêncio entre elas, enquanto as perdas permanecem esporádicas e contornáveis. Daí, segundo a autora, a velhice ser um fato, além de biológico, fundamentalmente cultural, adquirindo um contorno específico e sentido preciso, de acordo com a sociedade. Na atualidade, desfez-se a associação entre saber e magia, existente entre os primitivos - ambos cresciam com a idade. Ao contrário, o avançar dos anos está associado à deterioração temida, pois na fase adulta atinge-se “o ideal viril ou feminino”, a partir do qual haverá uma regressão, um declínio inelutável... E, por isso, o adulto trapaceia-se, recusando-se a projetar-se velho no futuro.

“Diante da imagem que os velhos nos propõe de nosso futuro, permanecemos incrédulos; uma voz dentro de nós murmura absurdamente que aquilo não vai acontecer conosco; não será mais a nossa pessoa quando aquilo acontecer. Antes que se abata sobre nós, a velhice é uma coisa que só concerne aos outros. Assim, pode-se compreender que a sociedade consiga impedir-nos de ver nos velhos nossos semelhantes”. (Beauvoir, 1990, p.12)

Além do mais, na nossa cultura, como toda e qualquer diferença é hierarquizada, o homem adulto tem preponderância sobre a criança, o jovem, o velho e a mulher. Logo, acrescentaríamos, esta época privilegiada da existência - especialmente se coincide com o poder econômico - precisa, sobretudo, ser preservada.

A análise que Ariès (1986) faz a respeito e que está sintetizada no texto abaixo, também nos parece significativa para elucidar o tema em questão:

“ Hoje a velhice desapareceu ao menos do francês falado, onde a expressão ‘un vieux’, ‘um velho’ , subsiste com um sentido de gíria, pejorativo ou protetor. A evolução ocorreu em duas etapas: primeiro houve o ancião respeitável, o ancestral de cabelos de prata, o Nestor dos sábios e prudentes conselhos, o patriarca de experiência preciosa: o ancião de Greuze, Restif la Bretonne e todo o século XIX. Ele não era muito ágil, mas também não era tão decrepito como o ancião dos séculos XVI e XVII. Ainda hoje resta alguma coisa desse respeito pelo ancião em nossos costumes. Mas esse respeito, na realidade, não tem mais objeto, pois, em nossa época, e esta foi a segunda etapa, o ancião desapareceu. Foi substituído pelo ‘homem de certa idade’, e por ‘senhores ou senhoras muito bem conservados’. Noção ainda burguesa, mas que tende a se tornar popular. A idéia tecnológica de conservação substitui a idéia ao mesmo tempo biológica e moral da velhice”(p. 47-48)

Embora cunhadas no contexto europeu, podemos estender estas idéias à questão da “nova” mulher. Assim, vejamos: se o “velho sábio” desapareceu do mundo contemporâneo, os sábios, por outro lado, não se tornarão velhos, ao menos na capacidade, aparência, cultivo de hábitos “saudáveis”, agilidade intelectual ou jovialidade de espírito.

E são exatamente os que pertencem ao grupo majoritário, em termos de poder, - “homens de certa idade” e “senhores muito bem conservados”, das camadas socio-econômicas mais altas - os que mais excluem de seus discursos um diagnóstico pessoal de velhice, execrando-a como um mal acidental, do qual já estão escapando e escaparão.

Como já mencionado, em nossa pesquisa sobre a representação social do idoso, a maioria significativa dos entrevistados, especialmente deste grupo, percebem o velho e a velhice

com atribuições de valor negativo. Os velhos são qualificados como dependentes, desamparados, tristes, inúteis, desatualizados, desanimados, fechados em si próprios, ressentidos, rabujentos, improdutivos, segregados, fardo social, esclerosados, doentes, sofridos, solitários, entre outros. Quase como se, ao se compararem com uma imagem tão negativa, garantam a certeza do não ingresso nesta fase de vida. E se perpetuem, por serem o oposto de suas próprias definições e convicções do que seja velho, como “senhores e senhoras muito bem conservados”.

Ressalte-se que as mulheres incluídas na faixa designada como meia-idade, nessa pesquisa, estavam entre 40 a 64 anos (tendo sido o grupo de idosos demarcado a partir dos 65 anos) e apresentaram um resultado próximo aos dos homens, embora mais brando. Muitas delas, no entanto, não tinham o perfil da amostra ora estudada, nem quanto a idade, nem quanto ao nível de escolaridade e status profissional.

Logo, focalizando a “nova” mulher, estamos diante de uma geração feminina que garantiu uma ascensão profissional a qual lhe permitiu olhar para seu companheiro masculino como um par equivalente. Do ponto de vista socio-político-econômico, um número significativo de mulheres, nesta fase de meia-idade, ascendeu a postos importantes, antes privilégio do grupo masculino.

Desta forma, assimilou o universo de valores deste grupo, aprendendo, em alguns momentos, a “falar masculino sem sotaque” - expressão de Rosiska de Oliveira, segundo Pereira, Pimentel & Fontes, 1994. E, também por esta razão, esconde, camufla, minimiza ou remove inteiramente, de seu projeto de vida e de seu depoimento sobre ele, o tema do envelhecimento. Pelo menos enquanto durar o “elixir da eterna fase áurea”, do “ainda jovem”, do “ainda produtiva”, fazendo afugentar um temido ostracismo e manter um apogeu idealizado.

## (Re) ativação “masculina” x Resgate do “feminino”

### Papéis de Gênero

O conflito aqui apresentado emergiu, mais sutil ou claramente, de várias formas, e com maior ou menor intensidade nos depoimentos coletados, remetendo às noções de papéis de gênero e processos de identificação.

Papel, um conceito complexo, pode ser, no seu sentido geral indicado por Goffman (1975) e Berger (1978), interpretado como um conjunto de prescrições e proscricões para determinada inserção no meio social; compreende direitos e deveres, com as respectivas sanções, numa condição. Ou seja:

“A sociedade, como fato objetivo e externo, manifesta-se sobretudo na forma de coerção. Suas instituições moldam nossas ações e até mesmo nossas expectativas. Recompensam-nos na medida em que nos ativermos a nossos papéis. Se saímos fora desses papéis, a sociedade dispõe de um número quase infinito de meios de controle e coerção”. (Berger, 1978, p. 105)

O papel aqui denominado papel de gênero configuraria uma tipificação do que seria pertinente a um e outro sexo em dado contexto. Trata-se de aprovações, restrições e proibições que seriam apreendidas e transmitidas ao longo das gerações.

De acordo com Money & Ehrhardt (1972) e Tucker & Money (1981) a identidade sexual e o papel sexual não são dois conceitos distintos, mas aspectos diferentes - verso e reverso - da mesma questão. O papel expressaria publicamente a identidade sexual e esta seria a experiência particular daquele.

Algumas abordagens do corpo da psicologia social focalizam a socialização dos papéis dos dois sexos, como a teoria da aprendizagem social de Bandura (1971) e a teoria do

desenvolvimento cognitivo de Kohlberg (1966). Esses autores, em suas inúmeras pesquisas, estudaram aspectos variados quanto à aprendizagem de papéis masculino e feminino, mas concordaram que as diferenças psicossociais entre os gêneros são, de certo modo, absorvidas, desde tenra idade, porque os agentes socializadores influenciam através de expectativas, reforços, disposições, atitudes, comportamentos típicos para cada sexo, uma noção do que é ser homem ou ser mulher e do que é esperado, permitido, consentido e excluído para tal. Além do mais, essas noções são mantidas porque meninos e meninas inclinam-se mais a imitarem os seus iguais do que os do outro sexo, baseando-se tanto na observação direta, como na interpretação do que percebem como “masculino” e “feminino”.

A dicotomia sexual - cada gênero tem características e peculiaridades próprias e mutuamente exclusivas - assumida pelos pais, familiares, escola, meios de comunicação e sociedade em geral, é incorporada como uma forte formação, através da vida humana. Ou seja, os desempenhos esperados culturalmente - que os meninos sejam, como assinalou Biaggio (1976) “fortes, independentes, agressivos, competentes e dominantes” e as meninas “dependentes, sensíveis, afetuosas e que suprimam seus impulsos agressivos e sexuais”, de algum modo, formam conjuntos de disposições diferenciais a serem seguidos em todas as fases da existência.

Essas disposições orientam os homens de uma forma instrumental, com ênfase na competência e capacidade para a ação - respostas impessoais - e as mulheres para uma dimensão expressiva, com foco na ternura e bem estar dos outros - respostas pessoais. (Parsons, 1964; Bem, 1974, 1975).

Kohlberg (1966) registra também a importância da interação contínua, isto é, apesar das atitudes dos adultos emergirem de uma aprendizagem infantil inicial, elas configuram, a cada momento, uma reestruturação das concepções e dos valores anteriores. Trata-se, pois, de uma avaliação cognitiva gradativa e permanente do que é ou não adequado como pauta de conduta feminina ou masculina a ser seguida e não de um modelo rígido a ser imitado, através do ensinamento direto, de prêmio-castigo pelo acerto-erro da resposta ou da mera observação das referências de cada gênero. A experiência com o meio social estimularia assim, uma reorganização das concepções, conforme oportunidades e recompensas acompanhem atitudes e comportamentos adotados como masculino ou feminino.



Resultados encontrados por Oliveira (1983), quando da adaptação do instrumento de Bem (1974) - Sex-Role Inventory - à nossa cultura, aplicado em 700 universitários, sugerem uma maior flexibilidade de papéis em relação ao homem: a ele é permitido penetrar no universo feminino, isto é, além de instrumental, lhe é concedido ser expressivo, tanto por parte de homens, como de mulheres; a estas últimas, porém, nossa cultura aprova mais especificamente o mundo expressivo, considerando algo indesejável a adoção de características instrumentais, reservadas ao domínio masculino.

Em nosso entender, esses resultados apontam na direção de relações de poder, pois o domínio do mais fraco é atingível pelo mais forte, não se verificando necessariamente o oposto, porquanto o território do dominador não permite acesso por parte do dominado. No caso dos gêneros, a inserção da mulher em áreas não tradicionalmente femininas poderia caracterizar, portanto, uma usurpação indevida, geradora de sentimentos de inadequação.

Outros aspectos relacionados ao conflito “masculinidade” x “feminilidade”, observado tão constantemente nas entrevistas realizadas, em torno de mudança de papéis sociais de gênero, ligadas ao confronto da herança cultural feminina com a experiência de ampliação de limites para o território masculino, nos levam a enfatizar a contribuição psicanalítica, pois este corpo de estudo é um campo fértil para a compreensão dos mesmos, especialmente no que se refere à noção de identificação.

## Identificação - uma forma de constituir-se

Identificação aqui entendemos como o processo através do qual se assimila um aspecto, um atributo, uma característica, uma imagem, um traço do outro e se transforma, segundo esta referência. A identidade se produz e se refaz através deste processo, ao longo da vida de cada ser humano.

Assinalamos que não estamos nos referindo a identidade da "nova" mulher como um somatório das identificações processadas até este momento de sua existência concreta. Estamos propondo a estruturação desta identidade sobre as bases de fantasias, iniciando-se quando ainda é pura representação do desejo de um outro, dentro da expectativa que antecede a sua própria experiência vital e se estende por todo este percurso. Um modo de constituição psicológica segundo um outro.

Aliás, na perspectiva psicanalítica freudiana, identificação foi apresentada como :

“a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (Freud, 1921, p.133).

E, a propósito deste conceito, Laplanche & Pontalis (1983) informam que:

“O conceito de identificação assumiu progressivamente na obra de Freud o valor central que faz dela, mais que um mecanismo psicológico entre outros, a operação pela qual o indivíduo humano se constitui”(p.296)

Certas noções da referida obra, esclarecedoras ao nosso estudo, serão, pois, destacadas, como aquelas que sugerem que a resolução do complexo de Édipo, típico de um dos estágios do desenvolvimento infantil - fase fálica - estaria intrinsecamente ligada à

identificação das crianças aos pais do mesmo sexo. O menino nutriria desejos de possuir a mãe, sendo detido pela figura do pai - rival que o ameaçaria com a castração e com o qual se identificaria para, em sendo como ele, um dia poder realizar seu desejo em relação ao objeto amoroso.

A resolução do conflito edipiano, na menina, passou por reformulações (Freud, 1905, 1923, 1924, 1925). No texto “Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, o autor consolida a idéia de que, após a ligação inicial com a mãe, comum aos dois sexos, será a própria constatação de ser castrada como ela e a conseqüente “inveja do pênis” que levará a menina a uma identificação com a sua genitora. Ou seja, abandona-a como objeto sexual, por não ter lhe proporcionado um pênis e volta-se para o pai que poderá dar-lhe, como o fez com a mãe, um filho-pênis, caso seja como ela. E as figuras parentais introjetadas a partir do Édipo abririam caminho para outros modelos culturais a serem absorvidos, durante a vida.

Em “Luto e Melancolia”, por outro lado, Freud (1917) apontou uma forma de resolução do processo de luto, através da identificação - o indivíduo se identifica com o objeto perdido, assumindo algumas de suas características, aspecto esse que retomaremos adiante.

Ao tratar de grupo social, Freud (1921) desenvolve mais ainda o conceito, demarcando três principais modalidades de identificação: - como forma originária de laço emocional com o objeto (identificação pré-edipiana); - por introjeção, no ego, do objeto perdido, abandonado ou renunciado (substituto de uma escolha de objeto perdida); - por percepção de qualidade comum partilhada por outrem não objeto de pulsão sexual (identificação na medida em que se possui um elemento em comum). De qualquer forma, neste trabalho, adverte:

“a identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo do afastamento de alguém.”( Freud, 1921, p.133)

Dentre as várias revisões apresentadas por seguidores da psicanálise a respeito do processo de identificação da mulher, destacamos as colocações de Bleichmar (1988) e de Chodorow (1990). A primeira propõe que este se opera por múltiplas vias pautadas pelos ideais de masculinidade e feminilidade preponderantes na família e na cultura em que se está inserido.

"desde as origens míticas, a identificação acontece pela tomada do valor do modelo. A sintaxe sobre a qual se articula 'eu desejo ser como tu' deriva do fato que o tu é avaliado, ainda no registro mais elementar, como possuindo uma qualidade superior". (Bleichmar, 1988, p.47).

Porém, para esta autora, no desenvolvimento psicosssexual da menina, tal como sugerido por Freud, este modelo já estaria, em princípio, comprometido com algum tipo de desqualificação, pois o abandono do primeiro objeto amoroso teria se efetuado a partir de uma desvalorização e não de uma proibição-interdição, como no caso masculino.

Em suas formulações, contudo, Bleichmar (1988) enfatiza a identidade de gênero anterior ao reconhecimento e aceitação da diferença anatômica entre os sexos, ou seja, com a mãe toda poderosa da primeira infância e que corresponde ao seu ego ideal feminino primário, carregado de libido narcísica. Para ela, identificação, unidade, continuidade e simbiose envolveriam precocemente a relação mãe-filha (investimento narcísico), enquanto que, com o filho do sexo masculino a experiência seria a de um outro oposto a si, um diferente (investimento libidinal).

Nessa mesma linha de argumentação, Chodorow (1990), já sinalizara, também, que o período de simbiose entre mãe e filha era mais intenso e demorado do que entre mãe e filho, além de constituir-se a mãe, em nossa cultura, num modelo mais presente durante a infância, enquanto o pai seria um modelo ausente. Esta condição conduziria a processos de identificação distintos entre os dois sexos, isto é, a menina se encaminharia para uma

reprodução mais fiel de pautas de conduta materna, posto que a distância e ausência favoreceria uma identificação mais diferenciada do menino em relação ao pai.

Concordamos com esta apreciação, e, especialmente, com a observação tecida por Bleichmar a propósito da questão pré-edípica, a qual transcrevemos, com seu próprio grifo, posto que ela confere com as idéias expostas a seguir:

“Freud (1931-1933) assinalou este fato - maior longitude e maior importância da fase pré edípica na menina que no rapaz, intuindo e sugerindo sua relevância no desenvolvimento diferencial de ambos. É interessante constatar que foi levado a esta afirmação por trabalhos clínicos de psicanalistas mulheres que mostraram a importância desta fase para a mulher (Deutsch, 1925; Lampl-de-Groot, 1928; Mack Brunswick, 1940). Entretanto a orientação final que Freud outorgou a tais descobertas deve ser revisada e reformulada a partir da perspectiva que introduz a noção de gênero, já que a pré história - o pré-edípico - o vínculo com a mãe, é essencial para o desenvolvimento da feminilidade, não pela suposta masculinidade que encerra, mas, sim, pela inevitável feminização que gera.” (Bleichmar, 1988, p. 72)

Quer dizer, essa identificação primeira da menina, até o reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos, seria marcada por uma condição ideal de uma experiência globalizante de ser igual à mãe onipotente. O modo de constituição do indivíduo segundo o modelo de outrem, no caso da mulher, seria marcado, pois, por uma valorização inicial do seu gênero, cujos vestígios se prolongariam no curso de sua existência - no anseio de restaurar a unidade perdida, na perseguição de ideais que restituam o feminino pleno de atributos e poderes.

### Chapeuzinho Vermelho, Lobo Mau e Vovozinha

Assumindo que os contos de fada referem-se a personagens recorrentes e estruturas afetivas coletivas, além de se fundarem em longínquos desejos e temores dos seres humanos, retomamos a analogia esboçada na parte introdutória deste trabalho com o conto “Chapeuzinho Vermelho” - uma metáfora para sintetizar o conflito da masculinidade x feminilidade ora examinado e com o qual nos deparamos tão frequentemente. Conflito que se expressou basicamente em: permanecer na atividade “masculina”, geradora de sentimentos ambivalentes de prazer e desprazer, versus retirar-se para um universo “feminino”, envolvido por suposições de equilíbrio, ternura e paz.

Cabe lembrar que Bettelheim (1990), ao apresentar várias versões deste e de outros contos, indicou que cada qual remete a possibilidades múltiplas de interpretação e a uma riqueza inesgotável de sugestões psicológicas.

No caso de “Chapeuzinho Vermelho”, conforme Salas (1990), coloca-se em destaque a orientação materna, a desobediência, a figura masculina dissociada: lobo mau e lenhador, o final feliz. A respeito do chapéu, “o que tem na cabeça”, supõe ela:

“Leva-o vaidosa, confiante, com anseio de chegar a ser bonita e atraente. (Ainda não o é. Inclusive esses pelos que começam a crescer-lhe pelas pernas, braços, costas, um pouco no pubis... Não é um pouco feio, um pouco masculino? ). Alguns comentaristas sublinham por isto certa identidade com o lobo.”( p. 107).

Nossa interpretação é a de que, se “Chapeuzinho Vermelho”, ao longo de sua trajetória, virou “lobo-mau”, encontrando-se em meio ao caminho para chegar à casa da “vovozinha”,

na etapa da meia-idade, com suas identificações “femininas” e “masculinas”, sente certo desconforto subjetivo, até porque:

"o ideal de ego é constituído por identificações com ideais culturais não necessariamente harmonizados entre si". (Laplanche & Pontalis, 1983, p.299).

Discorreremos, a seguir, a respeito dos três tipos de identificação que atribuímos à “nova” mulher.

O primeiro, característico da fase oral primitiva, com a mãe fálica, detentora de todos os poderes e prazeres (fase pré-edípica salientada por Bleichmar, 1988), sem o registro da castração constatada a posteriori. Haveria um caráter essencial nesta identificação, com repercussões contundentes de um ato inaugural, onde a criança não faria qualquer distinção fundamental de valor entre pai e mãe.

O segundo, após o referido reconhecimento, com a mãe inferiorizada socialmente, mas que recebe o filho-falo-pênis do companheiro. É a identificação típica de "Chapeuzinho Vermelho", púbere que segue as sugestões e o destino da mãe, tal qual as mulheres "femininas" ou as que teriam um desenvolvimento sexual “normal”, de acordo com Freud (1933).

E o terceiro, que diz respeito à identificação com o objeto perdido, aponta para o fato de que, num meio competitivo, onde a mulher não encontrou o "pai" substituto, o homem provedor-protetor, introjetou-o. Passou a tomar para si atitudes, atributos e atividades que caracterizavam os símbolos culturais para designar o pai-poder, conforme a solução do processo de luto proposta por Freud (1917). A morte - perda do pai - proteção remeteria à identificação com o modelo tentador, prestigioso, ditador dos deveres e detentor dos

direitos - o modelo fálico, o modelo "lobo-mau." Apreendendo-o dentro de si, não mais seria possível perde-lo.

A identificação no lugar da escolha do objeto permitiu à "nova" mulher, por um período, o enfrentamento das adversidades e o provisório apaziguamento pela falta. Após tentar, sem sucesso, ter, passou a ser o homem, o animal forte, sexual e agressivo, o indivíduo astuto, competitivo e ativo, na floresta da vida. A característica devoradora desta identificação também propicia uma analogia com o "lobo".

Sublinhamos que as identificações, embora não sejam diretamente acessíveis à consciência tornam-se um mecanismo para lidar com a realidade que também está em contínuo processo de mudança, podendo corresponder tanto a uma evocação remota, como a uma presença imediata, ou seja, podem vincular-se a um personagem do romance familiar ou a uma figura literária, mitológica, enfim, a fragmentos de uma instância qualquer (Nazio, 1992).

Em nossa investigação, captou-se tensão entre esses registros identificatórios da "nova" mulher, conforme já foi assinalado, ao abordarmos o fenômeno do "desmapeamento", de Figueira (1987). Uma tensão no sentido de tentativas para desfazer-se do modelo masculino, com fins a uma reapropriação de uma feminilidade valorizada da primeira fase, ao mesmo tempo em que há dificuldades de despojar-se da "capa de lobo-mau". Trata-se da consolidação de uma identidade profissional, acoplada a papéis masculinos, em contraposição a uma nostalgia narcísica da grande mãe sábia, generosa, transmissora do saber, do afeto e do poder, que poderia conferir com a imagem da "vovó" dos contos infantis - mítica representante da segurança e do equilíbrio e uma fonte inesgotavelmente procurada.



O fato de querer retirar-se da atividade “masculina” para resgatar a “feminilidade” perdida em algum ponto da existência, em confronto com o desejo de permanecer ou mesmo reengajar-se nestas atividades e manter a capa de “lobo mau”, seria, pois, a expressão de um conflito oriundo de diferentes registros: - sou-tenho tudo; - desejo ter um homem para me prover (filho-pênis); - preciso ser um homem para recompor meu luto; - tenho que ser uma mulher para voltar a ter e ser. Conflito esse emergente dos discursos da “nova mulher”, onde a dificuldade de conciliação de interesses extra-domésticos e realizações na dimensão pública, com a aspiração de volta ao mundo privado, de resgate de um “reinado” no lar, para obter paz, aconchego e plenitude, ora foi claramente explicitada, ora deixada entrever em diferentes momentos dos depoimentos, como apresentamos em seguida.

### **As Marcas do Conflito**

Quase todas as entrevistadas iniciaram os depoimentos discorrendo sobre o momento profissional vivido, deixando transparecer que a inserção na esfera pública era um elemento essencial na apresentação de si próprias e através do qual se afirmavam, pois, ainda que seja mais fácil iniciar a fala por uma via menos íntima e mais formal, várias delas se prolongaram no tema. E, ainda, ao se estenderem neste aspecto de suas vidas, entremeado de considerações diversas, a ele voltavam, enfatizando o percurso percorrido até o patamar em que se encontravam, descrevendo múltiplos trabalhos e projetos a realizar.

Mesmo uma delas que inverteu essa ordem mais frequente ao esquematizar, didaticamente, níveis para apresentar seu depoimento, quando iniciou o seu relato, o fez pela experiência profissional, nela se detendo e a ela retornando em diversas ocasiões. Eis o trecho inicial desse depoimento:

“Bem... Quer dizer, para falar de um momento de vida, eu acho que poderia separar isso em quatro partes, já que sou uma engenheira meio matemática. E acho que a gente teria um momento afetivo - aí não seria só a relação homem -mulher, mas unia relação com amigos também, com afeto, com uma coisa mais global - , um momento familiar, um profissional e a relação minha comigo mesma. Eu acho importante colocar isso com o mesmo peso. Profissionalmente eu acho que a minha carreira atual deslança. Deslança por que? Porque durante muito tempo eu fiquei pressionada pelo fato de criar três filhos. Todo envolvimento emocional me tira muita energia... E também porque, **para você ser mulher dentro de uma vida acadêmica de engenheira**, você precisa fazer um esforço inicial muito maior do que qualquer homem precisaria, para você começar a ser respeitada, para te darem espaço. Então, quer dizer, tem diversos fatores que atrasam e impedem; são impecilhos numa vida profissional.”

Para entrar no mundo masculino, várias entrevistadas relataram suas trajetórias de rupturas com o modo de viver tradicionalmente feminino.

“Eu cheguei aqui com 22 anos, quer dizer, eu vim lá do nordeste, quando eu rompi de uma certa maneira radical com minha família... Eu acho que esse foi o momento de muitas rupturas, ruptura com minha terra natal, ruptura com minha família - e uma família de 8 irmãos - e ruptura com todo um estilo, porque minha família é uma família de aristocratas, entende?”

Concomitante a essas rupturas, a entrada na esfera masculina se processou pelo engajamento político, por uma conduta crítica, por uma postura questionadora. A atividade política dos tempos de juventude, em geral durante estudos universitários, apareceu, pois, em algumas falas como um marco de iniciação no universo masculino e de afastamento do

que caracterizava a vida até então, compreendida num espaço da família, avaliado como reduzido para as pretensões.

“ Eu estava na faculdade quando estorou o golpe de 64. Eu participei de muita coisa... A nossa escola em ... (cidade de origem da entrevistada) foi uma escola que liderou todo o movimento estudantil. A Arquitetura e o meu curso, Serviço Social, principalmente. E aí a revolução, a ditadura cortou muita coisa do que eu tinha como plano de vida e nisso eu vim para o Rio e aí tive que me ‘virar’ num meio maior.”

“...Aí depois eu me engajei na política estudantil e a Escolinha de Arte foi ficando um pouco de lado, quer dizer, foi um momento grande...Mas aí naquela época a escolha era muito em cima da demanda política de 68, que era aquele negócio que nós éramos os ‘salvadores da pátria’ e eu fui fazer Sociologia que naquele momento era o mais importante - fazer política naquela universidade que era tida como muito revolucionária, enfim...E aí eu fui cassada pelo 477 ... ”

Algumas apontam, sem subterfúgios, na escolha profissional, um meio para viver mais plenamente, saindo de um confinamento destinado às mulheres. Ou seja:

“Porque eu escolhi advocacia criminal numa época em que esse terreno era, declaradamente, expressamente reconhecido como um terreno masculino; era uma profissão para homens.É...eu só posso atribuir essa paixão que eu tive pela advocacia criminal, à minha ânsia mesmo de liberdade, porque eu, de alguma maneira, pensava que se eu conseguisse contribuir pra quebrar as algemas e as grades das demais pessoas, eu talvez ajudasse a quebrar as minhas próprias.”

“Na minha família as mulheres não trabalhavam. E quando eu quis trabalhar, meu pai...ele apesar de ser uma pessoa assim...à .antiga...achava que as mulheres deviam ser emancipadas. Em termos, porque ele limitava duas carreiras - enfermeira ou professora. Então fui ser professora primária, que era o sonho da vida dele... Nesse meio tempo comecei a namorar e me casei, fui pra Brasília...[ ] ...E o meu marido trabalhava num jornal e me incentivava a ser jornalista....[ ] Comecei a querer alargar os horizontes e fui fazer a faculdade...”

Ao longo dos relatos, porém, as ambivalências prazer x desprazer; orgulho x cansaço, entre outras, por atuar na esfera pública e exercer papéis masculinos, priorizando-os em detrimento da “feminilidade”, esteve presente, de modo mais ou menos evidente, tal como nos seguintes:

“Posso te dizer que adoro meu trabalho, mas agora pretendo... gostaria (risos) de entrar numa fase mais devagar, porque as vezes me sinto sugada com tantas demandas, sabe? Cansada de lutar como um homem pra sobreviver, pra conseguir um lugar ao ‘mormaço’ (risos)..., porque ao sol não dá mesmo...Sol não é pra intelectual... Mas se não são as imposições de prazo, de tarefas, essas coisas, você também nem consegue produzir, porque a vida te chama para outros lados, outros compromissos, com a casa, com a família, com o seu lado mulher. São tantas prioridades que afinal, onde vai parar a tua feminilidade, o teu descanso? ...”

“... Eu acho que isto é a sobrecarga que a gente, que a mulher brasileira atualmente que quer trabalhar, que quer ter uma vida dinâmica, que tem interesses outros que não seja somente a vida doméstica. Então é muito difícil, porque você concilia muita coisa... e fica prejudicada, pessoalmente prejudicada.”

As palavras “guerreira”, “batalha”, “luta”, “briga”, “murro”, “brava”, “coragem”, “combate”, “força” e similares foram constantemente empregadas em depoimentos diversos, alguns deles deixando entrever uma disposição para manter o que nomeamos de “capa de lobo-mau”. Destacamos trechos de quatro entrevistas para exemplificar, sendo o primeiro deles bastante significativo de uma identificação com a figura paterna.

“Eu tenho como alicerces, assim da minha família de origem, da minha vida, uma presença muito forte do meu pai e o que ele me deixou de herança, de uma certa forma, diagnosticando essa presença forte, ele me deixou uma espingarda e a coleção ‘Os Pensadores’. São dois instrumentos até hoje...São com eles que eu enfrento a vida. Digamos assim resumidamente - luta e sabedoria; ou saber pela luta ou luta pelo saber, as duas coisas são válidas.”

“Eu sou muito **guerreira**. Eu nunca tenho as coisas com muita facilidade, mas ao mesmo tempo tenho, entendeu ? Minha vida é uma **batalha**. Não tem sorte, assim, essa sorte de graça, mas ao mesmo tempo tem, sempre vai abrindo, sempre. Na **batalha** vão se abrindo os caminhos...”

“Chegou num momento que eu via claro que eu tinha duas opções - ou pegava a minha bolsa e ia embora ou **enfrentava** aquele mundo. Como eu não tinha muita saída em termos de dinheiro, eu acabei optando por dar um **murro em cima da mesa**. Passei a ser extremamente **brava**, decidida no meu trabalho e **brigando** por novos caminhos ...[ ]... É uma área de trabalho muito masculina, praticamente não tinha mulheres, naquela época, em atendimento, então foi uma coisa muito **guerreira** mesmo, de segurar a barra.”

“Mas eu sou, sempre fui, uma pessoa muito **arrojada**, assim de ter cara e **coragem**, sabe? As coisas podem não estar favoráveis, podem não estar disponíveis mas eu vou atrás. Entro no **combate** pra valer. Sempre foi uma característica minha não ser tímida”.

“Não é fácil você ficar **brigando** pelo teu espaço profissional, mas às vezes é necessário. O importante é não esmorecer e ter **força**, porque o mundo está muito competitivo e hostil... Seu colega às vezes tenta em tirar algum proveito de uma fraqueza sua e você precisa ficar alerta. É difícil na minha profissão, porque ainda existe um certo preconceito disfarçado, é claro, a este tipo de trabalho feito por mulher...”

“Eu sei que de repente quando eu **brigo** pelas coisas eu **brigo mesmo** e **brigo em todos os instantes** que **precisar brigar**, e às vezes até meio atabalhoadamente, até meio infantilmente”.

Verificamos certa indefinição quanto às “armas”- desejo e possibilidades concretas - para matar o “lobo-mau,” pois mesmo revelando estarem fatigadas pela dupla jornada de trabalho, algumas entrevistadas demonstram percebê-la como se fora uma missão, algo imutável, sem saída, um círculo que se repete indefinidamente. Os textos abaixo, transcritos de diferentes entrevistas, ilustram esse impasse, como se despojar-se dos papéis masculinos fosse difícil, além de indesejável, ainda que cansativo, frustrante ou insensato; e como se

abdicar de uma identidade-papel feminino também o fosse. Ambos são partes integrantes de si própria.

“Aí o neném nasceu, minha mãe ajudava a cuidar, eu fiquei trabalhando e estudando e fazendo estágio. Mil coisas...Até hoje eu não sei como consegui fazer tanta coisa ao mesmo tempo. Era uma loucura... Mas até hoje, confesso, é um pouco loucura (risos)...”

“ Era um ambiente que eu ainda não tinha enfrentado - os homens me paquerando, aquela coisa difícil de viver para mim que vinha de uma coisa muito centrada, com um namorado só, de um trabalho cercado de mulheres. Então foi um grande aprendizado. Eu chorava muito, chorava sozinha, porque perante as pessoas no trabalho eu mantinha a pose.”

“...E mesmo a dedicação aos filhos e ao trabalho, tudo isso me deixou muito de lado. Me deixou eu mesma, comigo mesma bastante dévedora, nesse sentido de me realizar como pessoa individual. Era uma coisa que eu estava completamente envolvida nisso. Mesmo assim foi um período, por uma série de outros fatores, foi bastante...foi rico em vários aspectos, mas do ponto de vista pessoal ...”

“... acho que essa conciliação da casa com a carreira, da criação dos filhos também com a carreira, se hoje com elas adultas a gente continua num processo de troca que demanda tempo, imagina quando elas eram crianças e adolescentes...Tinha que ter mesmo tempo para elas, e isso era complicado, mas, de certa forma a gente conseguiu, passou por isso...Até hoje elas falam, essa que vai ter bebê brinca: - ‘você vai reservar o mês de abril pra me ajudar’. E ela, elas sempre falam que eu estou ocupada o tempo todo. Isso é meio que um pano de fundo aí constante. Mas é a minha vida também, então é isso aí...”

Raramente foram mencionadas soluções para a questão dos múltiplos engargos de mulher-mãe-profissional, embora a maioria coloque-a como fato do passado, de alguma forma superado ou minimizado, deixando entrever, no entanto, a permanência do conflito. Como

se a sobrecarga fosse uma espécie de expiação necessária e obrigatória. As falas de algumas entrevistadas seguem como exemplo.

“Eu posso te dizer que o papel masculino foi preponderante. Eu acho que até pela quantidade de filhos que eu tive, posso dizer que o feminino também estava ali presente. Eram desintegrados e se falavam com dificuldade. Então hoje eles dialogam sem problemas. É como se você tivesse água e óleo, que não se dissolvem. Num momento isso virou um conjunto, um todo, que hoje não me preocupa mais - ser mulher no trabalho e ser homem em casa, misturar as coisas... **Eu era uma pessoa desintegrada. Tinha a mãe que não tinha nada a ver com a profissional...** Eu chegava em casa - eu sempre fui dona de casa muito boa, gosto disso, adoro cozinhar, faço crochê, adoro cuidar de crianças - que não ‘batia’, de jeito nenhum, com a outra, a profissional que às vezes entrava um cara na minha sala e ‘não, você não chora, você é o tipo de mulher que nunca deve ter chorado’. **De alguma forma o personagem que eles viam ali no trabalho era uma pessoa que tinha que ter o nariz em pé, para enfrentar todo aquele mundo extremamente masculino, agressivo, competitivo que eu vivia no trabalho.**”

“Então eu fiz um consultório particular com uma entrada independente, larguei a clínica e estou até hoje trabalhando em casa. Eu pude me dividir um pouco melhor entre essa coisa da casa, de arrumar a casa, de fazer a comida, de atender a minha filha menor, enfim...[ ]...Minhas amigas, elas ficaram até minhas amigas em função de me atender e eu também de atender a elas, quando elas precisavam. **Teve que haver um ‘complô’ da mulherada que trabalhava fora, que tinha algum curso fora, pra gente poder fazer alguma coisa. Senão a gente vivia até hoje sendo ‘empregada doméstica’.**”

“... Filhos crescidos, separação, a estória mudou muito...mas naquela época a coisa esteve ruim, inclusive os meninos cobravam muito e eu me cobrava muito, muito mesmo...[ ]...Bem, o que a minha família queria era que eu fizesse concurso para uma estabilidade e largasse a minha carreira. Eu falei: - **‘olha, eu talvez tivesse disposta a dar minha vida pelos meus filhos, mas eu não vou dar a minha carreira’.** [ ]...Hoje as pessoas já tem talvez uma cabeça diferente. mas os da minha geração, os homens e mulheres da minha geração, a gente

“ Eu acho que esse é o grande problema da mulher hoje. O homem sente que não tem um espaço determinado pra ocupar nesse mundo da mulher que se estabeleceu, porque ela é independente. Não tem um papel pro homem desempenhar. Eu acho que este é o grande problema da mulher hoje - faz a vida sozinha, vai enfrentando as dificuldades sozinha, constrói a casa sozinha ... Além disso, essas necessidades vão fazendo você avançar cada vez mais. Então você dirige, você faz tudo que um homem faz e qual o espaço que o homem tem pra ocupar nessa relação? [ ] ... Antigamente o que era? O homem cuidava do sustento fora de casa e a mulher ficava em casa cuidando dos filhos e da casa em si, da administração da casa. Agora ela faz tudo isso que ela fazia, o homem não divide direito isso com ela e ela ainda trabalha e às vezes é até mais competente que o homem no mercado de trabalho. Eu acho que isso é uma coisa que assusta muito, né ? ”

Vislumbrando a proximidade de uma aposentadoria, algumas mulheres dizem mesmo da necessidade de reengajar-se em outros desafios profissionais ou tentam adiar um também desejado reencontro com o nostálgico “feminino”, num discurso ambivalente, conforme sugerem os trechos abaixo transcritos, de três entrevistadas. Duas delas - do depoimento de uma das quais extraímos o último texto - já haviam se aposentado em um dos empregos, na época da entrevista, mas continuavam com outras atividades profissionais, explorando novas áreas e intensificando as anteriores.

“Pois é, aí eu tinha vontade de sair daqui do Rio para morar num lugar assim menor, onde eu pudesse realmente ouvir música, parar para ler, para escrever... O que eu quero fazer daqui em diante é isso. Agora, no momento, eu quero até algo mais. Eu ainda tenho mais 6 anos de ... (nome da instituição em que trabalha), pra me aposentar. Eu quero antes de sair daqui fazer, na área de Serviço Social, um trabalho. Resgatar o Serviço Social, nem que seja pra ficar documentado...”

“ Esse tumulto eu acho que é uma coisa que a gente constrói, também. Não sou vítima disso não, mas é que isso de trabalhar em exagero é típico de algumas pessoas e eu tenho que reconhecer que sou uma delas. Agora com essa questão de aposentadoria que o governo está pretendendo, massacrando os trabalhadores, diante disso eu



nunca consegue, eu nunca consegui de todo escapar dessa antiga mulher. Ainda está muito dentro, eu tenho que ter uma vigilância constante, pra não me... eu de vez em quando me surpreendo tomando atitudes que ...é ... eu não queria tomar, quer dizer, conscientemente não tomaria. De repente me dou conta disso, mas não é uma coisa fácil, o processo parece que não termina nunca.”

“O que aconteceu de lá pra cá foi que eu aprendi a lidar melhor com o sofrimento, entender melhor minha participação nos problemas. Na terapia vi muita coisa, aprendi a me proteger, me preservar, amadureci. Mas meu companheiro ilustra bem a fase que vivemos, dos filhos criados e trabalhos dobrados - ‘ Só muda o tipo de problema, o tipo de solicitação.’ Não é simples você estar concentrada no seu trabalho e voltada também para uma situação aflitiva que seu filho está passando, essas coisas...”

Conforme considerações já tecidas a respeito do confronto dos modelos tradicional e novo, manifestações de algumas entrevistadas evocam, com tom nostálgico, a figura de um protetor, plantada nas raízes culturais, mas atualmente inexistente, a qual tiveram que assumir para conduzir a própria vida e a dos filhos. Transcrevemos textos proferidos por duas delas, que, após discorrerem sobre o esforço e o prazer experimentados no envolvimento com suas profissões, deixam escapar a contradição e o desconforto da condição em que se encontram, embora utilizando um tom teórico, quase impessoal :

“ Divorciei-me dele, mas foi, digamos assim, uma continuidade do meu pai. Eu tenho em relação a ele - e isso interfere muito na minha visão de homem atual - aquela coisa de proteção, aquela coisa do homem forte. Eu tenho uma figura de homem muito forte na cabeça, é aquela coisa do Nordeste também, que o homem é o provedor.. [ ] ... A produção do dinheiro, na cabeça do meu pai, era de responsabilidade do homem porque ele achava que o homem estava culturalmente destinado a isso, era um destino. Então o homem seria bem ou mal sucedido em função ou na medida em que ele cumprisse com suas tarefas. Eu diria até que meu pai não sabia, mas ele estava sendo muito kantiano. Kant mesmo, a moral kantiana, o dever kantiano. Quer dizer, você atinge um bem comum quando você cumpriu com suas obrigações”.

passsei a pensar sério em me aposentar, porque já poderei brevemente. Antes não havia pensado, queria dar um tempo para fazer outras pesquisas e tal e tenho que admitir que gosto da vida acadêmica, dar aulas e tudo o mais. Agora já estou traçando outros projetos diante deste fato novo e me calçando em outras atividades que me garantam - não só financeiramente, mas mantenham o meu interesse vivo também... Agora, lá pelos 65 anos, acho que quero também curtir uma coisa de descanso, de casa, fazer uma coisa mais com as mãos, trabalhos manuais, que eu levo até jeito, e ir espaçando o intelectual. Quer dizer, ler, tudo bem, isso eu não pretendo parar nunca. Mas será bom também poder ler sem compromissos de prazos ou sem exigência de temas. Ler por ler, só o que quiser, devagar, curtindo...”

“... Então falei - vou me aposentar e uma vez aposentada fico ganhando um dinheiro básico da aposentadoria, que dá uma certa tranquilidade e aí vou poder realmente me dedicar muito mais a questão dos trabalhos que são minha paixão. Esse trabalho com mulheres, com gestantes, que é a questão da maternidade, da paternidade. Então esse ano eu fiz esse trabalho, esse ano que eu estive aposentada, já fiz esse trabalho com gestantes e de formação de profissionais e tentei escrever o livro, mas fica complicado, né? Escrever um livro, você tendo que fazer mil e um trabalhos...”

Um fenômeno bem marcante, registrado em quase todos os depoimentos, foi a vontade manifesta de resgatar um aspecto feminino, como se para suprir uma lacuna. Executar uma tarefa doméstica, aproximar-se da natureza, descomprometer-se de obrigações externas, encontrar serenidade no mundo privado figurou como uma espécie de final feliz para o conto de suas vidas. Até porque essas revelações apareceram geralmente ao final das entrevistas, quando as mulheres já se mostravam mais descontraídas, em contraste com um discurso mais formal do início, quando discorriam sobre a identidade profissional e suas variações. É como se, através daquela fala última apresentassem um aspecto mais submerso de seus relatos, despido da “capa de lobo-mau”.

Duas das entrevistadas chegam a mencionar esses dois lados. Uma chama-os de “divisão de temperamento”, destacando, ao término do depoimento, como um objetivo seu, considerado difícil, reconciliar-se com essas contradições, embora tenha que desistir do seu “nirvana”. A outra assume que o papel masculino já foi muito “usado” e que pretende um desengajamento progressivo dele, reencontrando nesta etapa de vida algo inesperado - um movimento em direção ao papel tradicional feminino, que nomeia de sua “feminilidade”.

“Eu tenho um projeto que é de equilibrar um pouco melhor as coisas, de ter mais **paz**, mais **equilíbrio** mesmo. A dúvida aí é se eu consigo... Em que medida que essa confusão, essa energia toda, ela vem como uma força propulsora - e é força de bem, muito mais que força do mal - e eu tenho mais é que me entregar um pouco mais, deixar para lá, sei lá, parar de me preocupar com o meu **nirvana**, entende? É **uma coisa muito dividida minha**. Eu tenho uma coisa **super calma** do jeito de falar, do ritmo mesmo e, no entanto, um **fogo enorme** por dentro. Então, uma **divisão de temperamento** mesmo e isso se reflete em tudo...”

“E por incrível que pareça, hoje em dia uma das coisas que me dá mais prazer na vida é **afundar os meus pés na areia**, **andar com os cabelos soltos**, **fritar uns peixinhos**... Reencontrar mesmo um aspecto da minha vida deixado à margem no turbilhão dos acontecimentos - **a mulher, a do interior, a de casa**. Nunca pensei de ficar assim tão farta deste papel já tão usado, **bem usado** é verdade, mas **um tanto o quanto gasto** - **de decidir, de conferir, de expedir, de mandar**, ‘ufff’... Fui me inscrevendo neste turbilhão aos poucos e tenho que sair dele devagar também. Para chegar até onde não sei... Acho que é na **minha feminilidade**, **me sentir bem dentro de casa**...E isso só está me vindo recentemente, de mansinho...**Os dois lados** não estão mais **brigando**, não...”

As expressões “pequenas coisas”, “vida tranqüila”, “leveza”, “cidade do interior”, “casa de campo”, “coisa simples”, “trabalho manual”, “ouvir música”, “arte”, “paz”, “simplicidade”, “recuperar algo que falta”, “falar abobrinha”, “ver TV que nem uma boba”, “olhar o tempo passar sem ter nada pra fazer”, “descoberta dos reais desejos”, “resgatar minha espiritualidade”, “cozinhar”, “lidar com barro”, “mexer com planta”, “fazer colagens”, “afundar os pés na areia”, foram extraídas dos inúmeros trechos em que a “nova” mulher revelou esperanças de um resgate mágico de paz e prazer - a grande mãe, a mulher - natureza. O que dizia de um reencontro com a terra, o campo, o mistério, a fé, a intuição, o simples, o doméstico ou outro aspecto bucólico, ecológico, religioso ou transcendental, cotejando com um discurso lógico e bem argumentado, onde prevaleceu a dimensão da razão, da ciência, da objetividade, da explicação, do trabalho externo, da produção, da competição urbana, da participação política e social.

Destacamos, por fim, dentre os ricos e diversos trechos, duas falas da “nova” mulher, bem expressivas da interpretação conferida ao conflito.

“Mas eu, assim, tendo que ... se eu me aposentar eu tenho mais tempo livre e eu vou ficar mais tempo em Trancoso, porque lá em Trancoso é aquilo que eu disse, é um lugar que eu tenho uma vida de roça, eu tenho a minha casa, o meu espaço que eu construí, entendeu? **É ali que eu fico feliz.** É uma coisa impressionante. Eu tô no Rio eu tô desajustada, eu fico assim...**é como se eu estivesse passando por aqui.** E tem gente que acha que eu sou super-carioca, né. Mas eu atualmente não faço mais muitos programas. Eu vivo de casa pro trabalho, vou a um cineminha, não sei o que...Trancoso pra mim é a minha casa. **É a felicidade total.**”

“ Atualmente eu tenho feito uma coisa que eu nunca fiz na vida que é ver televisão. Eu não conseguia ver. Eu estou achando ótimo ver novela... Eu acho bom porque ter o tempo todo ocupado com coisas importantes... [ ] Me interessa esse tipo de conversa que eu tinha há muito tempo - eu ia pros lugares, falava muitas besteiras, ria muito e assim terminava uma noite, de ‘bobeira’. Eu acho ótimo. **Me interessa esse tipo de conversa - falar bobagem, besteira, mas eu acabo conversando só coisas importantes, política...**Não sei..O que me falta... acho que é uma coisa assim do sem compromisso, do falar o que vem a cabeça. Eu acho que isso é o que está me faltando e eu não sei se está faltando pras outras pessoas, mas pra mim está faltando e eu acho ótimo...Assim, ‘jogar conversa fora’ mesmo. [ ] ... Eu acho que eu queria ser uma pessoa mais leve, que não pensasse tantas coisas. Assim...que fosse feliz. Me interessasse mais pelas coisas cotidianas, o que a gente chama de bobagem - o que tem na geladeira, o que não tem, vou fazer uma festa, vou fazer um bolo, o bolo vai ser de amêndoa com chocolate. Essas coisas bem do cotidiano. Eu acho legal você se interessar pela casa, pelo...pelo..enfim, por essas coisas assim...É...é um discurso contraditório em muitos momentos, **mas eu acho que eu sou contraditória mesmo.**”

## Poder x Culpa.

### Poder e sexualidade

“Sempre senti muita culpa. Certamente eu sempre senti muita culpa, eu era muito dividida. Eu sentia culpa no trabalho, por não estar em casa. Eu sentia culpa em casa, por não estar no trabalho E a noite ... Porque o trabalho de pesquisa exige muito tempo, inclusive a noite e fim de semana...Então eu sempre estive muito dividida mesmo. Tinha culpa sim. Eu me achava uma mãe ruim. Certamente eu estava convencida disso, tinha certeza absoluta que era uma mãe fracassada, que eu não era capaz de criar os meus filhos como devia. Estava sempre alguma coisa errada, sempre alguma coisa por fazer, sempre alguma coisa que eu não tinha feito e que deveria ter feito, mas na época não me dava conta que isto era culpa..[ ] ... Então eu nunca fui de dividir o tempo - esse é o tempo do trabalho, esse é o tempo da mãe - e fazer os dois tranquilamente, fazer bem feito os dois. Isso é uma coisa que, para mim, eu não conseguia. Ficava tudo muito misturado, tudo muito ligado. Mas ligado no sentido da culpa, não no sentido das atividades. No sentido da culpa, te lançando fora da concentração. Isto é, quando eu estava no trabalho eu tava fora do trabalho, tirando o tempo das crianças. Quando eu estava com as crianças eu tava fora daquilo, eu tava fora delas, porque eu tava tirando o tempo do trabalho.”

Este depoimento de uma das entrevistadas foi um dos muitos que expressaram o conflito da articulação poder x culpa, que será feita através do viés da sexualidade.

A conexão da sexualidade com o poder foi destacada na obra de Foucault (1980, 1984, 1993), na qual encontramos subsídios e vários esclarecimentos ao tema estudado, como na passagem transcrita abaixo:

“Não se deve descrever a sexualidade como um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade, a um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeitá-la e muitas vezes fracassa em dominá-la inteiramente. Ela aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder, entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre

padres e leigos, entre administração e população. Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias". (Foucault, 1980, p.98 )

A instigante discussão de Foucault em torno das práticas e relações de poder e do binômio sexualidade-poder não cabe no escopo deste trabalho. Dentro do interesse do conflito examinado, apenas selecionamos o seu pensamento em dois momentos distintos.

O primeiro, ao focalizar a forma de poder que se exerce diretamente no cotidiano e que transforma o indivíduo em sujeito, em dupla acepção da palavra - como aquele que se sujeita a outrem (por controle e dependência) e como aquele que está atrelado à própria identidade (por internalização das regras). E, neste caso, o poder muito mais do que um afrontamento entre adversários ou um contrato voluntário ou, ainda, uma subjugação sem qualquer nível de consentimento (violência, arbítrio), consistiria na possibilidade da "condução de condutas". Ou seja, para além da dimensão bélica ou jurídica, no âmbito cotidiano, "a subjetividade e a submissão caminhariam lado a lado"(Foucault, 1984).

O segundo, relacionado a dois dispositivos <sup>(1)</sup> conjunturais de poder entre homem-mulher: o da *aliança*, definido pelo sistema de casamento, organização de parentesco, transmissão de nomes, títulos e bens e o da *sexualidade*, com ênfase nas sensações e prazeres de um corpo produtor-consumidor. Na medida em que os processos econômicos e estruturas políticas não mais encontraram no primeiro um suporte suficiente à homeostase do tecido social, instalou-se o segundo. Este, por sua vez, não suprimiu o anterior, sendo a família o foco permutador entre um e outro. Tanto transporta a lei para o regime da sexualidade,

---

<sup>(1)</sup> O sentido que damos ao termo dispositivo é o que Foucault (1993) explicita em *Microfísica do Poder*, isto é: "... um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre os elementos"(p.244)

como as sensações para o dispositivo da aliança, detendo um lugar privilegiado como sede dos afetos e da sexualidade. E, através da sexualidade, mas de um discurso que lhe é exterior, legitimam-se formas de opressão.

Dentro desta perspectiva, consideramos aqui duas nuances que envolvem o binômio poder-sexualidade: permissão-interdição e capacidade-impotência.

Analisando-se o poder, enquanto permissão social, verifica-se que tradicionalmente foi interdito o exercício da sexualidade fora do casamento para as mulheres e dificultado o acesso para serem suas próprias provedoras materiais e de sua prole, conclamando-se para que fossem as provedoras afetivas da família. A propósito desta questão, D'Avila Neto (1980), ao estudar o que intitulou de "jogo de dominação macho-fêmea no Brasil", diz que o conformismo à ordem patriarcal é um fenômeno muito complexo, e que também envolve uma projeção idealizada da mulher média brasileira a seus papéis convencionais, "uma idolatria narcísica da própria imagem", na qual se aliena, mantendo-se afastada do poder, no sentido de influência política e encontrando satisfação nos poderes madonísticos, místicos.

Assim, mesmo que se constatem avanços na participação feminina no nível público - em associações profissionais, sindicatos, partidos políticos, nos poderes legislativo, judiciário e executivo, e outros, tal como discutidos por Tabak (1987, 1989, 1994), e, ainda que, na atualidade brasileira, uma em cada cinco famílias seja chefiada por mulheres (IBGE, 1991), mantém-se um registro subjetivo de erro, de falta, quando, efetivamente, se acumulam trabalho externo e educação dos filhos. Esta impressão de invasão da área "masculina" e omissão na "feminina" acompanhando as mudanças socio-históricas diz respeito à convivência de um modelo tradicional com um modelo antigo, tal como já



abordamos, especialmente no tocante as áreas de poder, ou seja, o relógio interno não tem o mesmo ritmo das velozes demandas externas e seus desdobramentos.

Permanecer no interior do lar, ser dona de casa, mas não dona da casa foi a mensagem recebida e internalizada. Não obstante uma compreensão lógica das mudanças ocorridas e das quais participou efetivamente, a própria ascensão social, profissional e financeira não é aceita com facilidade, pois não há plena permissão interna para o exercício de competências para além do doméstico e familiar. A esse respeito, assim se expressa uma das entrevistadas, que no momento da entrevista era a principal provedora da família:

“ Se eu gosto do meu carro ou não gosto, hoje, depois da separação, é importante, antes não era. Era como se aquilo não me pertencesse, sabe? O carro era uma necessidade: eu tinha que ir pro trabalho, pegar as crianças na escola e... É, eu não era dona do carro. **Eu não era dona da casa. Isso ainda hoje volta, toda hora.** E até essa vontade de morar sozinha tem um pouco de resquício dessa coisa - **eu não sou dona da casa**”

Além de permissão, o poder evoca capacidade e a potência masculina, incluindo a sexual, também veio sendo vinculada, através dos tempos, à possibilidade do homem de sustentar o custo econômico da família e a honra das mulheres da casa, enquanto que a feminina estava ligada a manter-se sedutora e fiel para o marido e dar conta da educação e saúde física e mental de sua prole. Se um e outro falhavam nesta missão, atestavam sua impotência, perdiam o respeito alheio, a sua importância e auto-confiança, ficando diante do impasse do “rei está nu”. Vários discursos de nossas entrevistadas confirmam que esta tendência se mantém em algum nível, ainda que, de certa forma, algumas falas sejam camufladas, como se fosse incompatível expressar um pensamento-sentimento à antiga. Eis

um exemplo representativo do dizer indireto, via as palavras de um outro, no caso a avó, figura passível de veicular idéias conservadoras:

“ Quando um homem se sente competente para realizar suas tarefas, ele só pode se sentir realizado, e olhar com respeito para si próprio. Eu me lembro de uma frase de minha avó que vem a confirmar isso: ‘o meu homem, quer dizer, aquele que está deitado ao meu lado, ele não pode ser um vagabundo e um corno’, expressões dela. Quer dizer, ele tem que ser um homem respeitado, você tem que respeitar a pessoa que está deitada a seu lado. Não é só amar, não. Você tem que admirar. Então, baseada nessa admiração, que eu me casei também. Aquilo para mim, na época, era amor. Mas eu amava ‘meu pai’, eu admirava o que via nele, uma segurança. Claro que, mais tarde, a gente vê que é inseguro, aqueles desdobramentos todos, mas na época, o que solidificou mesmo, o que ficou como uma matriz foi a segurança.”

Através de vários relatos, notou-se que os estereótipos dos domínios excludentes masculino-feminino não foram diluídos e a “nova”mulher a eles ainda está submetida. Estereótipos esses tão bem expressos pelas significações encontradas nos dicionários dos termos "homem público", "mulher pública" ; "governante", "governanta".

É curioso observar que, em diversas entrevistas, apareceram comentários sobre o “machismo” das instituições de trabalho, mas raramente isso ocorreu quanto à situação doméstica, excetuando-se quando de algumas referências aos pais ou ex-maridos, admitidos como “autoritários”, “conservadores”, “convencionais”. Como se fosse difícil semelhante admissão em relação ao atual companheiro, em geral mencionado como “alguém especialíssimo”, “um homem diferente”, “maravilhoso”, “compreensivo”, “não ciumento ou possessivo”, “incentivador”, “cooperador”. Eis alguns desses comentários, sendo os dois últimos a respeito de companheiros atuais - um de um casamento de muitos anos e outro de uma relação recente:

“A estrutura do ...( nome da instituição de trabalho ) era, era não, é altamente machista. Nas regionais a gente ainda vê mulher como diretora, mas aqui dentro, de jeito nenhum.”

“ A relação com meu primeiro marido foi muito parecida com a de minha mãe e meu pai, de obediência, resguardadas as proporções, claro... [ ] ..E pra me separar foi muito difícil porque a minha família, os amigos e vizinhos de ....(cidade em que morava) achavam que eu estava louca. Como me separar de um homem tão bom, um médico, um homem que organizava tudo pra família? ...”

“... O ciúme dele, ele coloca numa gaveta lá, que ele abre de vez em quando, fica olhando pra gaveta e tem que fechar, porque não tem muito espaço pra ele... Então, no nosso casamento, não houve o desgaste que a gente ouve falar. Ah, é um inferno! Não deixa fazer isso, não deixa fazer aquilo..[ ].. Ele soube administrar isso, que eu acho que às vezes não é muito fácil...”

“..Ele é uma pessoa totalmente maravilhosa, em tudo. É professor da minha área também, mas ao mesmo tempo é uma pessoa que gosta de música, que gosta de ler, que tem toda essa espiritualidade que eu tenho...”

Notou-se, outrossim, o quanto o tema da sexualidade ainda se mantém como tabu para a “nova” mulher, que raramente dele tratou diretamente nas entrevistas, e, quando o fez, foi, em geral de modo inibido, reservado, fazendo lembrar a proposição de Adorno & Horkheimer (1974) sobre a “dessexualização da sexualidade” como uma forma de legitimar a opressão patriarcal.

“Às vezes eu vejo o meu marido. Ele está com muito mais disposição do que eu. De vez em quando eu estou simplesmente estourada, quando volto do trabalho e tenho que olhar meu filho que é ainda pequeno, conciliar tanta coisa... Então é uma coisa que eu me preocupo, de como você se manter...Eu sei que sou uma pessoa

que tem muita energia, mas me preocupa como conseguir espalhar bem essa energia, inclusive para a tua sexualidade, para a vida de homem-mulher não ser prejudicada .”

Valores como “virgindade”, “castidade”, “dupla moral” “fidelidade”, “honra” e outros, gravitaram em vários discursos, como se fosse preciso exorcisar fantasmas do passado, ou se escapassem inadvertidamente, ou até chegando a serem assumidos, especialmente dentre aquelas que permaneciam na primeira e única relação conjugal. A necessidade de manter-se fiel, mesmo a custo de algum esforço, foi enunciada por três delas, uma das quais a despeito do sofrimento manifesto, com palavras e lágrimas, ao recordar a fase de descoberta de uma relação extra-conjugal do companheiro. Transcrevemos três trechos extraídos de depoimentos diferentes, sobre esses valores.

“Ficamos noivos em 67 e em 68 casamos. **Mas casei virgem...** Tinha momentos que a gente estava assim no maior ‘love’, não sei o quê, mas aí eu dava aquela freada, porque casar, tinha que casar virgem”.

“... Aquela velha história de **infidelidade masculina**, já tive momentos muito difíceis com ele, como falei... [ ] E foi uma relação por que eu lutei a minha vida toda... Mas agora eu, parece, eu desisti de lutar. Se der deus, se não der também... acabou, sabe? ... [ ] ... Nesse meio do caminho, tantos anos que a gente está junto, conheci uma outra pessoa, com quem eu não tive nenhum relacionamento... Foi uma coisa... Só mesmo de muito interesse, de coincidências, de contato... Mas eu achei interessantíssimo. Um colega... mas era uma coisa que tava no nível da conversa... [ ] ... Quando eu viajava pra lá retomava aquele entusiasmo de estar perto, de ir a barzinho pra ‘bater papo’. **Mas nunca passou disso não...**”

“...Ele é legal, mas decidi: não, eu não vou transar com ele. A possibilidade de com isso ferir meu marido e meus filhos por um prazer que seria momentâneo... E você não sabe ao certo quando está apaixonada ou quando está seduzida ...Então eu nunca coloquei isto em risco, porque a minha família é muito importante para mim. **Colocar o homem que eu gosto, a minha família em risco por uma sedução? ...**”

Como verificamos, se a “nova” mulher absorveu costumes e valores nos moldes de sua família de origem, com os respectivos territórios de influência social apreendidos dentro dos domínios pai-mãe e se age e/ou se percebem em desacordo com esta referência, é passível de sentir culpa ou seus efeitos. Ou melhor dizendo, a culpa, presente em nossa cultura, alimentada no seio da família, numa aliança invisível, acopla-se ao poder cotidiano de Foucault, isto é, onde “a subjetividade e a submissão caminham lado a lado”.

### **Culpa e mulher**

Culpa é aqui considerada como o processo de mal estar provocado por uma atitude de transgressão real ou imaginária das normas morais e sociais, que desencadeia e/ou inibe algum tipo de atitude ou de comportamento.

O conceito culpa, na concepção psicanalítica, é muito complexo e amplo. Ao longo de sua obra, Freud (1907, 1912-13, 1916, [16a], [16b], 1917, 1923, 1924, 1925, 1930, 1937) formulou idéias sobre necessidade de castigo, culpa e auto-punição de formas diversas, relacionando-as desde às proibições obsessivas de neuróticos e outros sintomas, à criminalidade, à melancolia, ao masoquismo, à formação do caráter, ao processo civilizatório, até à pulsão de morte.

Por ter implicações com o tema estudado, abordaremos algumas noções da psicanálise freudiana a respeito da formação deste sentimento, tal como sua associação com o superego - instância que tanto produz valores ideais a serem alcançados, como age enquanto consciência crítica, isto é, exorta, inibe, ordena, condena. Ademais, a idéia de culpa ganhou relêvo quando Freud introduziu o conceito de superego, tornando seu papel mais central no desenvolvimento do caráter humano, embora desde 1913, em *Totem e Tabu*, o autor admitisse - na discussão da imagem culpabilizante do pai morto, da transgressão original mítica - que o freio repressivo da culpa era necessário ao processo de civilização.

Sobre as instâncias psíquicas e sua relação com os códigos morais da cultura, Freud (1923) assim enuncia :

"Do ponto de vista do controle instintual, da moralidade, pode-se dizer do id que ele é totalmente amoral; do ego que se esforça por ser moral, e do superego que pode ser supermoral e tornar-se tão cruel quanto somente o id pode ser. É notável que quanto mais um homem controla sua agressividade para com o exterior, mais severo - isto é, agressivo - ele se torna em seu ideal do ego. A opinião comum vê a situação do outro lado; o padrão erigido pelo ideal do ego parece ser o motivo para a supressão da agressividade. Permanece contudo, o fato de que, como afirmamos, **quanto mais um homem controla sua agressividade, mais intensa se torna a inclinação de seu ideal à agressividade contra seu ego.** É como um deslocamento, uma volta contra seu próprio ego. **Mas mesmo a moralidade normal e comum possui uma qualidade severamente restritiva, cruelmente proibidora.** É disso, em verdade, que surge a concepção de um ser superior que distribui castigos inexoravelmente" (pp 70-71).<sup>(1)</sup>

Adiante, em "O Mal Estar da Civilização", Freud (1930) dá destaque ao sentimento de culpa, conforme suas palavras, nas quais introduzimos nossos grifos:

" Em primeiro lugar, desconfio que o leitor tem a impressão de que nosso exame do sentimento de culpa quebra a estrutura deste ensaio; que ocupa espaço demais, de maneira que o resto do tema geral, ao qual não

---

<sup>(1)</sup> O grifo é nosso

se acha sempre estreitamente vinculado, é posto de lado. Isto pode ter prejudicado a estrutura do trabalho, mas **corresponde fielmente à minha intenção de representar o sentimento de culpa como o mais importante problema no desenvolvimento da civilização, e de demonstrar que o preço que pagamos em termos de civilização é uma perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa**" (Freud, 1930, p.158).

Neste ensaio se coloca que a vida em sociedade submete o ser humano ao sofrimento, impedindo a livre manifestação de seus impulsos sexuais e agressivos e exigindo renúncia aos prazeres imediatos. Logo, a civilização, qualquer que seja o formato que tome, imporá regras e normas que restringiriam o prazer, retendo, postergando ou desviando os impulsos, através da introjeção de uma autoridade inatacável, autorizada a advertir, controlar e punir.

Dentro da visão freudiana, pois, o superego - "herdeiro do Complexo de Édipo" (Freud, 1923, p.48) - guardião e censor, apontando ideais, seria fonte contínua da culpa. No mesmo ensaio, ele diz:

"Conhecemos assim duas origens do sentimento de culpa: uma que surge do medo de uma autoridade, e outra, posterior, que surge do medo do superego. A primeira insiste numa renúncia às satisfações instintivas; a segunda, ao mesmo tempo que faz isso, exige punição, de uma vez que a continuação dos desejos proibidos não pode ser escondida do superego. [ ] .... Uma ameaça de infelicidade externa - perda de amor e castigo por parte da autoridade externa - foi permutada por uma **permanente infelicidade interna, pela tensão do sentimento de culpa** <sup>(\*)</sup>." (Freud, 1930, p.151)

A respeito do superego da mulher, porém, Freud formulou premissas que não se coadunam com a severidade e intensidade desta instância psíquica por nós inferidas a partir dos dados coletados sobre a "nova" mulher, tais como aquelas que ele apresenta ao explicar

---

(\*) O grifo é nosso

“Algumas Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos”, ou no texto em que trata da “Feminilidade”, dos quais reproduzimos e grifamos os trechos abaixo:

“ Os traços de caráter, que criticos de todas as épocas erigiram contra as mulheres - que demonstram menor senso de justiça que os homens, que estão menos aptas a submeter-se às grandes exigências da vida, que são mais amiúde influenciadas em seus julgamentos por sentimentos de aflição ou hostilidade - todos eles seria amplamente explicados pela modificação na formação de seu superego que acima inferimos ”.  
(Freud, 1925, p.230)

“ As meninas permanecem nele por um tempo indeterminado, destroem-no tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto. Nessas circunstâncias, a formação do superego deve sofrer um prejuízo: não consegue atingir a intensidade e independência, as quais lhes conferem sua importância cultural...”(Freud, 1933, p. 159)

Tais inferências estavam calcadas em que, enquanto que para os meninos o superego sucederia ao complexo de Édipo, para evitar a castração, nas meninas, por já serem “castradas”, o Édipo seria uma formação a posteriori. E, na ausência do temor e da necessidade de se proteger, faltava-lhes o motivo principal para superar tal complexo.

Essas formulações vem sendo atribuídas às condições socio-históricas da obra freudiana por diversos autores, tais como Garcia (1993), que as relativiza em nosso contexto atual, considerando-as, diante do discursos oriundos da clínica e de sua experiência frente às suas pacientes, “um pouco inusitadas ou insólitas”, porquanto :



“É inegável que nossas pacientes apresentam formações psíquicas da ordem do superego, nos falam de conflitos que envolvem valores éticos e morais e parecem envolvidas em questões sociais e culturais tanto quanto seus companheiros ou até onde lhes permite sua neurose”. (p.46).

Concordamos com essas ponderações da autora e acrescentamos ainda que, restringindo a agressividade frente ao espaço público, mantendo, durante a infância e adolescência, disciplina, obediência e “bons” modos exigidos ao universo feminino de época, reprimindo o desejo sexual mais fortemente que o homem de seu tempo, tendo um acesso mais tardio ao saber formal e ao mercado de trabalho (muitas vezes em decorrência do casamento e dos cuidados com a família), a “nova” mulher persegue um ideal tão elevado quanto o controle efetuado. E, portanto, é submetida, para mais além da eventual cobrança externa para “ficar no seu lugar”, a fortes pressões de culpa. Pois, repetindo as palavras do próprio Freud, transcritas acima : “quanto mais um homem controla sua agressividade, mais intensa se torna a inclinação de seu ideal à agressividade contra seu ego”. E, no caso, tomamos a palavra homem para designar ser humano, incluindo os do sexo masculino e feminino.

#### **Abdicar: o peso da punição.**

Se ser mulher vem significando, através de gerações, reservar-se à privacidade e exercer o poder materno, a “nova” mulher pode experimentar culpa em dupla via - por usurpar um poder proibido e por abdicar de um outro, a ela destinado. Sofrendo, pois, pela

transgressão de invadir um território masculino interdito e de desalojar-se do lugar ocupado pela mãe.

Ainda que os processos de modernização da sociedade, as condições materiais e tantas outras variáveis discutidas do ponto de vista da sociologia, da economia e da política impulsionem as mulheres para o mercado de trabalho e para a composição do orçamento familiar, o espaço público ainda é representado, em sua subjetividade, como um desvio de seu eixo central, de sua trajetória fundamental: esposa- mãe.

Para D'Avila Neto (1980) :

“ Não tendo acesso (definitivamente?) ao poder, no sentido político, a mulher brasileira média encontrou suas saídas através da exaltação dos poderes místicos ou mágicos, ou nos **modelos ideais madonísticos** <sup>(\*)</sup>, segundo a classe-cor, definida ou atribuída...” ( p.113).

A “nova” mulher, mesmo em se constituindo um grupo nas camadas médias com estilo de vida inovador, onde o acesso ao trabalho de nível superior foi uma marca diferencial, atribui muita importância à maternidade. Isto ficou demonstrado nas entrevistas, quer pelo tempo dispensado ao tema, quer pelas expressões de orgulho, alegria ou tristeza ao se referirem aos filhos, quer pela preocupação com seu presente e seu futuro, e, especialmente, pelas demonstrações de culpa no processo de criação deles. As entrevistadas revelaram, pois, a persistência da maternidade como “locus” supremo e idealizado para a mulher, como fazem crer, dentre outros, os diferentes depoimentos abaixo citados.

---

(\*) O grifo é nosso

“A maternidade é muito, muito importante, fundamental. Eu não seria a mulher que sou hoje se eu não tivesse tido filhos [ ] ...Adoro os meus filhos. Tanto que consegui adotar mais 3 filhos e que são como se fossem meus mesmo - no meu coração eles são iguais mesmo - que são os filhos do meu atual marido”.

“Ter filho pra mim sempre foi uma coisa muito importante. Na época em que as pessoas começaram a lutar, a morrer e tal, eu me questioneei - Ai, meu Deus, eu acredito num mundo socialista, mas eu acho que eu preferia estar num país construindo socialismo, casada com filhos, do que ter que destruir o capitalismo...Porque na época se discutia assim: casamento era uma coisa que atrapalhava o movimento revolucionário, ter filhos atrapalhava o movimento revolucionário. E eu sabia que queria essas coisas também. Ai juntou tudo e eu fui para fora do país”.

...“ser mãe para mim foi realmente um momento assim total...sublime, realmente, no meio da minha vida”...

“Eu tenho muito medo de ficar na dependência de filho, tenho pavor. Embora eu ache que, se na velhice eu não tiver filhos que me amem, realmente eu fui um fracasso na vida. Não vim pra cá fazer nada, porque eu acho que, dessas coisas todas o que fica é o amor e a amizade, principalmente dos filhos.”

Como as mulheres entrevistadas tinham familiaridade com psicoterapia - especialmente de base teórica psicanalítica - foi freqüente a menção da palavra culpa, como se, nesses momentos, elas interpretassem seus próprios conflitos. Algumas vezes, essa culpa apareceu sob a forma de um controle social externo, isto é, como uma cobrança por parte do esposo, de familiares, da vizinhança, de colegas, de médicos e outros. Outras vezes, surgiu numa forma mais sutil de sofrimento ou de aflição ou, ainda, entre uma e outra: cobrança externa e punição interna. Em alguns relatos há uma articulação com situações específicas, enquanto que em outros a referência é mais genérica. São diversos os exemplos que poderiam ser citados, mas destacamos apenas os dois transcritos abaixo:

“É gozado eu sinto uma coisa de muita generosidade no que eu faço com o outro, mas é aquela coisa sempre de eu achar que tenho que fazer mais, aquela culpa que a gente carrega da nossa tradição também, da nossa formação cristã e de coisas que a gente tá achando que tá em dívida com o outro...”

“Se as crianças adoeciam, aí o meu marido, o meu marido e o pediatra falavam na época que - ‘é falta de mãe, isso é ansiedade, e ‘pê, pê, pê’ ...o dinheiro que você está gastando com a babá e antibiótico é o dinheiro que você está recebendo, porque não sei o que está adiantando e ‘pá, pá, pá’ e as crianças não são filhas da empregada’ ... Sabe, há vinte anos atrás a creche era um horror. Colocar o filho numa creche não era essa maravilha que todo mundo hoje acha ótimo colocar. Uma mãe que pensava em colocar filho em creche era crucificada pela família, pelos vizinhos, tudo. Então foi muito difícil romper, foi muito difícil passar todos esses anos sem largar a minha profissão. Eu tive vários momentos de crise, culpas ...”

É curioso registrar que, mesmo as duas únicas entrevistadas que não eram mães deixaram escapar que este papel lhes era devido, consagrado e, de algum modo, estariam faltosas, incompletas, por não have-lo cumprido - fosse isto formulado pela voz alheia ou própria, sob a forma de negação ou afirmação. Uma e outra assim se expressaram, voltando ao tema em momentos distintos de seus depoimentos:

“... E eu acho que realmente a afetividade é importante na vida da mulher, mas não naquela ótica... é ...a da minha família e do que eu ouvia com 17 anos: ‘ah, você tem que casar, ter um filho, ter dois filhos.’ [ ] ...Eu sinto que eles me aceitam hoje em dia como uma coisa que deu certo, por exemplo - ‘Ah, ela é uma doutora em filosofia’...[ ] ...eu seria inclusive talvez sufocada por essas pessoas que até hoje tentam me cobrar um padrão do casamento tradicional, ter filhos...[ ]... A minha mãe hoje em dia ela vê com outra ótica. Mas tinha também a perspectiva que eu casasse tradicionalmente e, enfim, ficasse com o curso normal, lecionasse numa escola primária, tivesse 10 filhos e casasse com aquele noivo tradicional que eu tive e não aguentei. E eu sou cobrada sim, de todas as formas, até hoje.”

“ Eu não tenho filhos, mas não foi por desejo, foi simplesmente por alguns problemas. Acabei não tendo. Gostaria de ter, porque eu acho que filho é uma coisa que completa...[ ] ... Não tenho filhos, embora eu não fique assim....Eu acho até que tem uma certa vantagem de não ter, assim, na vida profissional e tal...(pausa). Eu acho que tem mais vantagem tê-los, né? Eu acho mesmo... Eu sou pediatra, gosto muito das crianças e, numa certa medida eu vejo elas crescerem, tenho uma ligação afetiva muito grande... Mas filho é filho, né? É diferente...”

Foi na maternidade que diversas entrevistadas deixaram transparecer as ligações mais profundas com suas raízes - “geladeira sempre cheia pros meninos”, “noites em claro à cabeceira dele”, “fazer dever de casa com elas”, entre outras expressões, sinalizaram um comprometimento rígido com a criação dos filhos nos moldes tradicionais. A presença da mãe - avó materna - para substituir as ausências e o tempo dedicado ao trabalho foi vista por algumas como um “privilégio”. Como se, no tocante a maternidade, utilizar os mesmos canais das antepassadas minimizasse uma ameaça de fracasso, nesse campo inconcebível. Os riscos seriam mais facilmente admissíveis em outras áreas, mas não na maternidade - campo preservado a todo custo. Para ilustrar, destacamos o discurso de duas das entrevistadas, que revelaram atitudes e comportamentos de ruptura com padrões convencionais durante sua trajetória, tanto no nível profissional, como afetivo-sexual, mas não com relação à maternidade.

“...Ele ficou tão apavorado com a idéia de ter um filho que eu abortei... Uma coisa que eu sei que depois me marcou muito, que inclusive eu ficava pensando muito, muito tempo assim... pensando se eu deveria ter feito aquilo. Ai hoje eu digo assim, se eu tivesse a cabeça que eu tenho hoje, eu teria assumido independente do outro, mas naquela época eu nem podia pensar nisso. Ou os dois queriam, ou ele queria...Então pra mim nem pensar tomar uma atitude sozinha. Hoje eu acho que agiria diferente...”

“Eu tinha desejo de ter filho, uma vontade louca, mas um ‘medaço’ danado de ter filho com ele, 10 anos mais novo que eu, muito imaturo, não era uma pessoa firmada profissionalmente... [ ] Eu queria garantir um pai, que o meu medo sempre foi o de ser mãe solteira, nesse sentido de criar filho sozinha. Não tenho a menor inveja, nunca tive nenhum projeto de ‘produção independente’, acho uma loucura... Então, enfim, com o compromisso paterno ali presente, a gente topou... e eu fiquei grávida.”

A falta-falha em relação à maternidade - poder abdicado ou colocado em plano secundário em algum momento da trajetória da “nova” mulher - com sua conseqüente punição, foi muito mencionada, sob as mais diversas nuances. Extraímos três exemplos, sendo o primeiro de uma entrevistada que acabara de se separar por sua iniciativa, o segundo de uma que vivia, na época, uma relação em que se sentia rejeitada, e o terceiro de uma mulher dentro de um casamento por ela considerado bem ajustado.

“... a vida era muito dura porque meu filho mais velho não quis vir para o Rio e eu sofria muito de saudades do meu filho, embora isso tenha sido uma coisa temporária. É... e sofria muito de ver minha filha mais nova ter dificuldade de adaptação... Então a angústia era realmente muito grande ...”

“... Depois que o ....(nome do filho) nasceu eu descobri que o ....(nome do companheiro) estava num relacionamento com uma moça mais nova. Foi horrível, um baque violento, porque eu estava toda ‘gordona’, deformada ... [ ] ... A minha vida estava tão dentro de ocupações ... A partir daí eu mudei..... [ ] Deixava os meninos em casa. Eu tinha uma empregada maravilhosa... E aí eu larguei muito os meninos.. Hoje a ....(nome da filha) tem sérios problemas de insegurança. Me preocupo com isto. Eu passei muita insegurança pra ela, eu acho”...

“Quando um sinal fechava, quando eu voltava pra casa, tinha vontade de subir no poste, desatarrachar a lâmpada, botar verde em vez da vermelha, para chegar mais rápido. Esse nascimento da minha filha foi um encargo brutal na minha cabeça. Ao mesmo tempo que eu estava com ela, eu ficava as vezes irritada de não

estar fazendo coisas, outras coisas da minha atividade...Eu sofria muito e uma das fantasias que eu criei é que eu era a responsável pela felicidade dela. Imagina que 'doidera', assumir esse encargo, caramba, a felicidade da gente já é complicada..."

### **Usurpar - o mal estar da transgressão**

Para mais além do que em si já poderia explicar o peso objetivo da dupla jornada - deslocamento de tempo, talento, habilidade, energia física e mental - carrega-se a culpa por invadir um território proibido. Ela está presente no precário e assistemático investimento na capacidade profissional, na reserva com a competição e ambição material, na sensação de fracasso, nas pálidas reivindicações de ajuda mais consistente por parte de figuras masculinas, e ainda, no uso emblemático que delas se faz.

Sobre este uso, Linhares (1991) adverte que a figura masculina de proteção frente aos perigos do mundo externo é uma norma muito poderosa e profundamente arraigada, resistindo a qualquer desmentido da vivência concreta (mulheres chefe de família, maridos alcóolatrás, companheiros em quase total ausência). Uma de nossas entrevistadas chega a comentar, quando do início de sua inserção profissional, após sua separação conjugal, o seguinte:

...E...é...eu começava a ser assediada também e eu não tava preparada para isso - sou de formação protestante - e então aquilo...Eu tinha que me proteger e a maneira que eu achei de me proteger, mesmo sem tomar consciência disso, foi me casando de novo no Rio de Janeiro.”

Pereira, Pimentel e Fontes (1994), em recente livro cujo enfoque é a crise feminina dos 40 anos, apresentam diversas considerações a respeito da revisão de papéis masculino-feminino. Segundo as autoras, psicanalistas, tais experiências contemporâneas ameaçariam a virilidade, pela possibilidade de enfraquecimento de uma forma de poder instituído e as mulheres participariam desta ordem de coisas, sabotando suas capacidades.

“Para os homens o que elas não podem é subverter a ordem, rompendo o equilíbrio vigente. Mas pode acontecer também que a própria mulher diante de suas conquistas e êxitos obtidos com tanto esforço sintam-se ameaçada e insegura. Coloca tudo em questão e, num impulso de auto-estima baixa, entorna o caldo”. (p.44 ).

Também Oliveira (1991) discorre sobre a ambiguidade feminina com o espaço público, através do domínio do saber. Para ela as ambições da mulher interagem com o medo do sucesso - "travestido de medo do fracasso", dificultando-a a assumir seus desejos ou então punindo-se por atendê-los, o que, de uma forma ou de outra, travará e sabotará suas possibilidades na travessia saber-poder.

“As mulheres querem mudar de vida mas temem as consequências da mudança. Tem medo de questionar sua auto imagem tradicional sem a certeza de encontrar outra mais satisfatória por meio de sua inserção no mundo do trabalho. Têm medo de não estarem mais em condições de desempenhar seu papel de alicerce emotivo e afetivo da família sem a certeza de encontrar compensações em suas atividades profissionais.

Insatisfação, ambição, desejos de independência e autonomia são sentimentos que, nas mulheres, muitas vezes são acompanhados pelo fantasma da culpa. É essa culpa que o fracasso vem sancionar. Sendo a culpa um



sentimento que se nutre das provas de que está errada, a melhor dessas provas é o fracasso. Lugar de transgressão, o espaço público torna-se lugar de expiação.” (Oliveira, 1991, p.84).

Encontramos vários relatos que apontam nesta direção de sabotagem, de fracasso de que nos falam as autoras acima, sendo uns mais e outros menos assumidos, a saber:

“Eu fui fazer psicanálise porque eu estava percebendo uma série de dificuldades, talvez me assustando, talvez vislumbrando uma possibilidade de eu cair nas mesmas ou outras armadilhas que eu já tinha sofrido. Com isso - emperramentos... ou eu obstruindo meus caminhos, sabotando minhas possibilidades - e isso tendo conseqüências claras pros meus filhos, que a essa altura já eram três, pro meu relacionamento com meu marido, eu achei que era hora de olhar pra dentro e conhecer os meus processos... Que eu, às vezes, me sentia a mercê deles e que até podia dar justificativas de tudo que eu era, tudo que eu tinha feito, escrever laudas, mas isso não resolvia, não era por aí.”

“ Eu sou uma pessoa que tenho uma capacidade de liderança muito grande, é uma qualidade, eu gosto e tal, mas quando você exerce isso fortemente eu acho que passa a ser uma coisa complicada, porque aí tem toda uma série de relações com o poder que complica muito... [ ] ...e foi muito bom porque na hora que eu deixei de ser chefe... é uma coisa muito interessante, foi quando eu efetivamente passei a exercer um papel de liderança na coordenação do meu trabalho”.

“...É curioso como isso acontecia frequentemente e até hoje, as vêzes, - hoje mesmo aconteceu, engraçado... - de eu saber que posso cobrar mais pelo meu trabalho, tenho esse direito - e se recusar, recusou - mas não consigo... É uma trava qualquer, como se eu não me levasse tão a sério, ou não soubesse valorizar ainda bem o que eu faço ou posso fazer, sei lá...”

Coria (1986), por sua vez, apresenta interessante discussão a respeito da relação da mulher com o dinheiro, relacionando o fantasma da prostituição e da dupla moral internalizada a uma referência de vergonha e culpa no desempenho feminino de tarefas remuneradas. Sua hipótese é de que o comportamento conflituado de atração-inibição em relação ao dinheiro é vivido inconscientemente pelas mulheres como um gozo sexual pecaminoso, indigno de uma "mulher de bem". Representaria uma infração imaginária exercer atividade pública em troca do "vil" metal. E, sobretudo, dispor de dinheiro e pagar, fazer uso de sua mobilidade e autonomia impunemente é algo da ordem da transgressão mais temível. Haja visto o ainda vigente horror da idéia de uma mulher pagar para obter prazer sexual.

Com efeito, a relação de nossas entrevistadas com o dinheiro mostrou-se complexa e ambivalente, muitas vezes tênue, ou apenas lúdica, ou firmada em bases convencionais (o dinheiro do marido é para "a família" e o da mulher é para "os alfinetes"). A tendência geral foi substimar, de alguma forma, o valor do próprio salário, como se houvesse uma incompatibilidade do ganho material com o prazer com o trabalho e a realização profissional. Seguem-se três exemplos distintos da dificuldade manifestada pela "nova" mulher com relação ao dinheiro advindo do seu exercício profissional:

" Eu gostaria muito de que houvesse esse trabalho de consciência, de melhorar as condições de vida da nossa população. Eu gostaria muito de me engajar num negócio desses, mas não estou vendo ainda como e por onde... Agora, do ponto de vista do salário... Quer dizer, evidentemente que em todos esses meus trabalhos eu nunca ganhei muito dinheiro, e tem um lado que a gente... **Eu não procurei ganhar muito dinheiro**, porque eu sempre escolhi carreiras que não dão muito dinheiro nesse país, as ditas carreiras 'femininas', ligadas à educação, à cultura".

“ Eu tento ser ambiciosa, ambiciosa no sentido de querer ‘grana’ e não consigo, é mais forte do que eu. Não quero dar uma de purista, não. Eu saio na rua pelo sindicato, eu entro em greve pra ‘batalhar’ pelo salário. Não é por aí, nem por aquele espaço que o filósofo vive sonhando, que hoje em dia eu sou chefe de família... Mas lá dentro, lá dentro mesmo ficou uma incompatibilidade muito forte, absoluta, diria eu, entre eu e os valores materiais desse mundo atual.”

“ Fui dar aula no morro...Paralelamente eu tinha esse emprego, um emprego que eu fiz concurso no serviço público como economista e ganhava bem, tanto que todo mundo dizia: - ‘Que é que você faz aqui? Você não ganha nada...’ - ‘Eu sou paga pelo Estado para trabalhar contra o governo’ - eu falava assim...[ ] ...Então eu consegui uma transferência e a primeira vez que eu encaxeii instituição com trabalho profissional foi na Assembléia. Até então eu trabalhava no paralelo e ganhava no oficial e aí eu tinha uma fama de vagabunda. Todo mundo achava que eu não trabalhava porque eu era muito livre ”.

Este último depoimento é bem característico de uma transgressão imaginária da qual a entrevistada procura se redimir. Como se houvesse necessidade de um esforço extra para fazer juz ao alto salário, de uma penitência para merecer ganhar bem no “oficial”.

Logo, para além da ainda existente e já denunciada desigualdade salarial entre os gêneros em nossa sociedade, o peso da culpa pode interferir, como vimos, na motivação e na disposição para maiores ganhos. A representação do trabalho externo como desvio de um percurso existencial pré traçado, de uma "verdadeira" identidade, isto é, daquela imagem formada desde a infância (e mesmo a ela antecedendo), por múltiplas identificações, em especial com sua mãe - pura e dedicada ao lar - coloca a mulher numa posição deslocada, ao assumir o poder na área masculina, mais profunda e complexa do que os papéis e estereótipos sociais já ensejam, como “mulher da vida” - “homem da vida”...

Assim sendo, o que é êxito para o homem pode significar, paradoxalmente, um tipo de fracasso para a mulher. E, num certo nível, a mulher bem sucedida na esfera pública, na profissão, nas conquistas materiais, no saber, pode se perceber apenas compensando o fracasso por sua falta quanto a realização de um projeto "feminino" para o qual sentiu-se incompetente, desqualificada.

“ ...Então, eu sei fazer um pouco de cada coisa. Sei cozinhar um pouco, sei fazer um... Não sei porque me lembrei da cozinha, né? Que é uma coisa que eu tenho pouca ligação... Acho que é porque eu cozinhei ontem...Tudo eu sei fazer um pouco. Se precisar passar uma roupa, eu sei fazer, mas também não é perfeita...Mas aí, na minha profissão eu sou obsessiva e então tem vários ramos que eu trabalho, mas assim não sou especialista em nenhum.[ ] ...Então eu não sei assim.. eu não consigo...(eu acabei perdendo, porque o telefone interrompeu)... A gente estava falando dos impedimentos, né? Então, esse daí é um impedimento. Fazer um pouquinho de cada coisa. As pessoas não dão muito valor, preferem as pessoas que sejam mais assim.. .especializadas, sabendo profundamente alguma coisa...”

Ou ainda, mesmo creditando a si própria parte do sucesso obtido, os percalços e dificuldades parecem ser bemvindos, talvez por servirem de expiação para o mal estar da transgressão, tal como sugerem certos relatos, entre os quais o transcrito abaixo, parecendo, à primeira vista, apenas como uma valorização do próprio esforço, mas num segundo exame, deixando entrever o conflito.

“ Fui indicada para ser eleita para a .....( nome de uma instituição de prestígio), e eu pensei assim, que caso isso acontecesse a quem eu devia essas coisas... Eu acho que, em proporções iguais, eu devia a meus inimigos e a mim, na vida. Muito mesmo a essas pessoas que são meus inimigos, mas não tanto... São pessoas que me dificultaram muito a vida. Porque, como elas me fecharam muitas portas, elas me obrigaram a procurar outras, e as portas que encontrei são muito mais interessantes do que as portas que me foram fechadas. Então eu devo

dizer, em última análise - eu saí ganhando com essa dificuldade. Eu sei que eu só trilho um caminho que eu sou muito feliz, porque me dificultaram muito.”

Moraes (1979) ao discutir sobre o processo de socialização das mulheres através das leituras de revistas femininas da década de 60 - na qual nossa amostra se situava na faixa etária de 10 a 20 anos, em que se fazia uso frequente de tais leituras - destaca a insistente valorização do lar, mostrando qual é o lugar da mulher. E, dentre os vários textos selecionados por ela, o transcrito abaixo, "fala por si":

"Algumas mulheres se valem de suas tarefas fora do lar como pretexto para negligenciar as ocupações domésticas. Os filhos são entregues a babá, as necessidades do marido confiadas aos caprichos das empregadas, o orçamento da casa delegado ao capricho dos fornecedores - tudo fica ao deus-dará, sem fiscalização, porque a mulher se nega a 'aterrissar' nas pequenas coisas. Esses casos são bastante raros, felizmente, (...) Pessoalmente, costumo desconfiar da qualidade dos êxitos externos das mulheres que descuidam suas atividades elementares com a desculpa de suas ocupações importantes". (Carmem da Silva, "A favor ... não contra os homens ", *Cláudia*, n. 30). (Moraes, 1979, p.72)

Se a leitora, identificada com as palavras da autora em sua adolescência vem a se ocupar, na fase adulta, de tarefas extra domésticas, tem por base que se desocupou de seus deveres "elementares", fundamentais - daí a própria expressão "extra" - distanciando-se do que consistiria em "ser mulher".

É sabido que, no estado mental culposos em geral, castigos embora duros, mas externos, são sentidos como menos aflitivos do que os internos, fantasiosos. Por isso, muitas vezes, na relação entre os sexos, se rompem certas conexões do tipo conhecimento-verdade-riqueza-poder. A exemplo de, num mundo capitalista, onde o dinheiro reina todo-poderoso,

onde se tem como obrigação primeira produzir riquezas, a partir das quais se proclamam as verdades, no cotidiano doméstico, quando a mulher é a maior (ou única) provedora, desmente-se o dito popular : "quem traz a grana manda na choupana", conforme observou Lengruber (1994). Até porque a mulher também não se sente à vontade na condição de provedora, pois, para além do fardo da responsabilidade dupla, do sofrimento pela "desproteção masculina", precisa suportar o mal-estar da usurpação.

Nesse sentido, citamos uma das entrevistadas, que precisou assumir os encargos com a família, e que deixa entrever a ambiguidade de sua posição, em alguns trechos de seu depoimento.

"Meu marido teve um enfarte e nessa época a gente tinha uma vida financeira muito boa e houve uma decadência ... [ ] ... o meu dinheiro era para pagar a minha terapia individual, a minha formação, o meu inglês, um balé, enfim, para manter as minhas coisas, mas não era para manter a casa... [ ] Então houve assim uma queda. Nesse momento eu comecei a trabalhar muito mais... [ ]... Tive que ficar na frente mesmo... [ ].. Na minha relação afetiva foi uma mudança brusca, porque de uma posição um pouco dependente, eu passei... de ter uma pessoa em quem eu me apoiava, de certa forma eu passei a ser um suporte dessa pessoa. Então é que eu vivi coisas que eu nunca podia imaginar que eu podia viver, quer dizer em termos do próprio posicionamento. Como é difícil... A mulher luta, luta por essa igualdade, mas quando ela começa... Foi tudo muito difícil e confuso."

Assim sendo, para essa entrevistada, como para várias outras, o ponto de referência fundamental de influência social, de relação com o mundo, de algum modo, revelou-se ser o homem. E tomar este lugar, destronar e desnudar o "rei" poderia significar entrar num jogo estranho, perigoso, proibido, enfim, ambivalente com o poder, permeado pela culpa .

## Solidão x Afiliação

### Ideal feminino - a importância do estágio pré-edípico

Esse conflito frequentemente observado e aqui designado como solidão x afiliação apresenta a gama de polaridades registradas nos discursos das entrevistadas, tais como: dependência x independência; onipotência x impotência; separação x união; liberdade x aprisionamento; autonomia x associação; individual x coletivo, que serão apreciadas através do enfoque psicanalítico sobre ideal do ego e sobre o período pré edípico da mulher, noções essas primordiais para um aprofundamento deste tema.

As variações do conceito ideal do ego na obra freudiana decorrem, em parte, da elaboração da noção de superego, sendo a gênese daquele anterior a deste.

Em “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução”, Freud (1914) apresenta a expressão ideal do ego para designar uma formação intrapsíquica de origem narcísica - o que o ser humano projetaria como ideal seria o substituto do narcisismo perdido e irrecuperável da infância, do estágio de plenitude arcaica onde o seu próprio ideal era ele mesmo. Diz ele, neste estudo, em dois trechos:

“...Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despontar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um **ego ideal**. O que ele projeta diante de si mesmo como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido da infância na qual ele era o seu próprio ideal.” (Freud, 1914, p.111).

“ Nós não nos surpreenderíamos se encontrássemos um agente psíquico especial que realizasse a tarefa de assegurar a satisfação narcisista proveniente do ideal do ego, e que, com essa finalidade em vista, observasse constantemente o ego real, medindo-o por aquele ideal ”. (Freud, 1914, p.112).

No último trecho verifica-se que a noção de superego já estava, de certo modo implícita - uma combinação entre esse “agente psíquico” e o ideal, que era visto, na ocasião, como uma instância destacada. Esse destaque é mantido em 1921, no ensaio “ Psicologia de Grupo e Análise do Ego”, sendo o ideal considerado uma formação diferenciada do ego, a qual explicaria a fascinação amorosa para com alguém (líder, chefe) que seria colocado no lugar de ideal - processo que fundamentaria a constituição do grupo humano. Neste texto é observado que, em decorrência da identificação com pais, com educadores e com outros indivíduos, cada um, fazendo parte de vários grupos, estaria ligado por identificações várias e construiria o seu ideal do ego de acordo com os mais diversos modelos.

Foi em “O Ego e o Id” (Freud , 1923) que o ideal do ego e o superego apresentaram-se como sinônimos - uma única instância formada por identificação com os pais, subsequente ao Complexo de Édipo e, portanto, sua herdeira, englobando as funções de interdição e de ideal. A partir desta absorção pelo superego, pouco se avançou na conceituação do ideal na obra freudiana, embora muitos foram os seguidores que se propuseram a examiná-la, incluindo aqueles que se detém na diferenciação dos termos “ego ideal”- substituto do narcisismo e ‘ideal do ego’- componente-sinônimo do superego. No entanto, aqui serão referidos apenas as proposições de Chasseguet-Smirgel (1992), Chodorow (1990) e Bleichmar (1988) por se aproximarem muito das idéias que serão desenvolvidas a respeito do conflito focalizado.

Chasseguet-Smirgel (1992) apresenta um estudo amplo sobre o ideal do ego, diferenciando-o do superego, relacionando-o ao narcisismo primário e recolocando-o na posição de seu herdeiro - herança da ilusão de onipotência infantil e dos sentimentos de plenitude e bem estar a ela inerente. Citando Lamp de Groot, adverte que, se o superego aponta para restrições - “o que se deve ser” - e o ideal do ego para gratificações - “o que se deseja ser”-, este não poderia estar contido naquele, ressaltando-se que sua origem, na própria obra freudiana, foi diversa e anterior.



Para a autora, este anseio permanente atravessaria as fronteiras de quadros clínicos e estaria na base das realizações humanas. A procura incessante para repor a ilusão original da fusão perdida desembocaria, pois, na idéia de projeto. A respeito de esperança e de projeto, assim se pronuncia:

“O conjunto evoca a idéia de desenvolvimento, de evolução. De fato, é a mãe que incube essencialmente - pelo menos no início da vida - o cuidado de conduzir o filho a projetar o Ideal do Ego sobre os modelos sucessivos mais e mais evoluídos. Frustrações e gratificações bem dosadas devem levar a criança a se desligar de certas satisfações ligadas à aquisição de certas funções e a um certo ‘modo de ser’ para adquirir novos. Cada etapa de seu desenvolvimento deve-lhe fornecer suficientes gratificações para que não tenha necessidade de voltar atrás, e suficientes frustrações para que não tenha necessidade de se deter (fixar). Em suma, para conservar a esperança, que permite à criança continuar subindo os degraus da sua evolução. A criança é assim guiada pela mãe, que a ajuda a projetar ‘para além de si mesma’ seu Ideal do Ego, alimentando seu papel motor, quer dizer, procedendo de tal maneira que continue a guardar seu aspecto de ‘promessa’. (Chasseguet-Smirgel, 1992, p. 32)<sup>(\*)</sup>

Destacamos, ainda, uma idéia da autora que será retomada adiante: a de que o ideal do ego seria um “conceito dobradiça entre o individual e o coletivo”. Argumenta ela que a vida grupal organiza-se não ao redor de uma figura paterna como líder - revivência da horda primitiva destacada por Freud - mas na reunião fantasiosa com a mãe - grupo como fenômeno auto-gerado, organizado em torno de si próprio, sendo ele mesmo a mãe onipotente, uma esperança de fusão entre o ego e o ideal do ego.

Analisando o desenvolvimento psicológico diferencial de meninos e meninas, Bleichmar (1988) aprofunda o conceito do “ego ideal feminino primário”. Enfatiza a existência de uma feminilidade precoce-especular com a mãe, a qual, segundo ela, não recebeu a suficiente atenção na obra freudiana, ainda que o tema fosse tratado.

Com efeito, em seus últimos escritos sobre a mulher, Freud (1931, 1933) confirma a importância desta fase pré edípica:

---

<sup>(\*)</sup> Os grifos são da autora.

“À luz das discussões prévias podemos concluir que a atitude hostil para com a mãe não é consequência da rivalidade implícita no Complexo de Édipo, senão que se origina na fase anterior, e simplesmente encontrou um reforço e uma oportunidade na situação edipiana”. (Freud, 1931, p.213).

“A identificação de uma mulher com sua mãe permite-nos distinguir duas camadas: a **pré-edipiana**, sobre a qual se apóia a vinculação afetiva com a mãe e esta é tomada como modelo, e a camada subsequente, advinda do Complexo de Édipo, que procura eliminar a mãe e tomar-lhe o lugar junto ao pai. Sem dúvida justifica-se dizermos que **muita coisa de ambas subsiste no futuro e nenhuma das duas é adequadamente superada no curso do desenvolvimento**. A fase da ligação afetiva pré-edipiana, contudo, é **decisiva para o futuro de uma mulher: durante essa fase são feitos os preparativos para a aquisição das características com que mais tarde exercerá seu papel na função sexual e realizará suas inestimáveis tarefas sociais.**” <sup>(\*)</sup> (Freud, 1933, p. 164 ).

Nesta duplicidade primitiva com a mãe - modelo de ideal de gênero precoce e objeto de amor de importância primordial, com poderes para oferecer e retirar prazeres, residem segundo Bleichmar (1988), as raízes psicológicas da ambivalência da mulher na relação eu-outro, posto que a relação de “ser a ser”, de “ser-outro”, na qual um alguém fica colocado na posição de modelo ou ideal tem, para os gêneros, implicações diferentes. Muito embora para ambos seja consignada uma valorização fantasmática da mãe, para as mulheres esta seria mais prolongada, mais intensa, mais exclusiva e mais conflituada. Conforme ela argumenta:

“Para a menina a mãe é um duplo absoluto, já que tanto o discurso materno como o cultural falarão das duas sob o mesmo gênero gramatical; usará o mesmo tipo e cor de roupa, o mesmo comprimento de cabelo, etc. Contudo, não será só um duplo total, mas um duplo superior ao outro gênero, cheio de poderes e atributos: um ideal. **A menina vive o paraíso de ser igual ao ideal** <sup>(\*\*)</sup>, com quem, em virtude da estrutura narcisista (especular, de desconhecimento) da organização de seu Ego, tenderá a se fundir e se confundir. (pp.76-77)

Para Bleichmar (1988), tal como o citado quando examinamos o conflito (re)ativação “masculina” x resgate do “feminino”, há uma feminilidade precoce por identificação

<sup>(\*)</sup> O grifo é nosso

<sup>(\*\*)</sup> O grifo é da autora.

primária ou especular com a mãe - tempo de completude em que nada faltava. No desenlace edípico, em relação ao gênero e para o estabelecimento de sua feminilidade, a menina não trocaria de objeto. Esta troca se daria para a organização de sua heterossexualidade, de seu gozo. A busca do pai, do homem, ficaria, então, ligada ao desejo de reconhecimento narcísico, já que a feminilidade toda-poderosa foi questionada pela crise da castração. O ideal do ego feminino secundário, seria marcado, pois, pela sujeição às convenções sociais e à moral, pela desvalorização da mãe e por uma ferida narcísica que a mulher procuraria aplacar, conforme destacaremos ao abordarmos, neste capítulo, a relação com o companheiro. Aqui apenas reproduzimos palavras bem significativas da autora:

“O menino só buscará na mãe-mulher o objeto de satisfação pulsional e será de seu pai de quem obterá a valorização, quem, por sua vez, se encontra socialmente instituído para outorgá-la e para oferecer-se como ideal do Ego; enquanto a menina dirigirá sua busca sexual e narcisista sobre o mesmo objeto, quem, por esta peculiaridade de outorgar tanto o gozo como a valorização, não pode deixar de ser erigido, de alguma forma, em seu ideal.”<sup>(\*)</sup> Bleichmar, 1988, p.24)

Chodorow (1990), por sua vez, conclui, em seus estudos em que faz uma revisão da proposta tradicional psicanalítica sobre o Complexo de Édipo, destacando bases familiares onde as mulheres maternam e os pais são figuras mais remotas, que a estrutura relacional das mulheres é mais intrincada, contendo mais questões pendentes. Segundo ela, as capacidades relacionais diminuídas nos meninos em razão do conflito edípico, permanecem nas meninas - ansiedade, apego intenso e exclusivo, dedicação. Além da fase pré edípica ser mais longa nas mulheres, estas tendem a manter, no curso de sua vida, pontos relacionados à maternação, em termos de:

“sentimentos de identificação primária, falta de separabilidade ou diferenciação, problemas do ego e limite do ego físico, e amor primário isento do tãção do princípio de realidade. A menina não apenas se identifica com a mãe ou quer ser semelhante a ela. Pelo contrário, mãe e filha mantém elementos de seu relacionamento primário, o que significa que elas sentem de modo semelhante sob aspectos fundamentais. As relações objetais e os conflitos no período edípico erguem-se sobre essa base pré-edípica.”(Chodorow, 1990, p.143).

---

<sup>(\*)</sup> O grifo é nosso

## O Elo da Maternidade

Alguns relatos de nossas entrevistadas reafirmam a importância da relação primitiva mãe - filha, totalizante e de “caráter imaginário-individual”, conforme Bleichmar (1988), de múltiplas formas. Associação, fusão, indiferenciação, homogeneidade, unidade, continuidade são experimentadas em dupla via - tanto de mãe para filha com desta para aquela, desde tenra idade, através dos intercâmbios de cuidados com a alimentação e higiene, após o parto é uma toda-poderosa gravidez onde, de resto, ambas se confundiam. No primeiro trecho abaixo destacado, podemos observar este registro no sentido da maternidade, enquanto que no segundo, da filiação.

“...Então eu achava que eu tinha que estar sempre presente, cercando, sabe? aquela coisa muito doida...Eu acho que eu fiquei muito preocupada dela ter saído da minha barriga, né? Tinha que voltar, eu sei lá que ‘doideras’ que eu passei...Foi um peso muito grande. Devo ter feito muito mal a ela, tanto ou mais do que fiz a mim com isto tudo...”

“...Era ainda bem pequena e já percebia o tratamento diferente, bem diferente de minha mãe comigo e com meus irmãos. Eles podiam sair, se afastar. Eram tratados com mais rigor. E não era porque eram mais velhos, pois o outro era até um ano mais novo que eu. Eu era mais ‘dengada’, sei lá, mimada... -‘Agarrada na saia da mamãe’, dizia uma tia minha. Se tinha um doce só, era pra mim....[ ]...Minha mãe era assim...muito elegante, embora sempre estivesse muito em casa... Era uma figura bonita, muito perfeccionista. Até hoje lembro do seu jeito, acanhado e feminino de ser e o meu conceito de estética feminina ainda está, em algum ponto, ligado a ela, ao dela...”

Embora possam ser mais pregnantas com as filhas do que com os filhos, tais laços de dependência mútua são estendidos também a estes, e ambivalentemente vividos quer como angústia por uma eventual separação, quer por lutas pelo poder entre mãe e filha, quer por culpas de uma hostilidade que às vezes não consegue sequer expressar-se. Através da fala

atual de certas recordações das entrevistadas em torno de atuações maternas - suas próprias ou de suas mães - captou-se que o conflito ainda se faz presente, de algum modo.

Destacaremos um exemplo, por ser bem característico do que acabamos de apontar. No início do seu depoimento, uma entrevistada diz:

“Então é... eu estudei no Conservatório Brasileiro de Música, fiz um curso completo de piano, estudei inglês, estudei francês e a minha mãe ia sempre comigo às aulas, e era normal que as mães fossem, todas elas, com as filhas. Enquanto as filhas tinham aulas, as mães ficavam conversando do lado de fora. Acho até que elas gostavam, porque não deviam ter nada pra fazer, então ficavam lá batendo papo e tal. Eu acho que isto é um ‘saco’, né? Eu, se hoje... se eu nascesse naquela época acharia um tremendo ‘saco’. Mas, enfim...”

Depois, relatando sobre um afastamento seu da família de origem, para acompanhar o marido, assim se expressa:

“ Eu sabia que minha mãe, então... ela ia ficar desesperada, porque ela não fazia nada, quer dizer, ela ia assim pra igreja de manhã, depois se reunia com umas amigas, depois...ela não tinha uma vida própria, né? **A vida dela sempre foi a minha vida**”.

Mais adiante, ao colocar as dificuldades atuais de cuidar da mãe enferma, incluindo as pressões familiares para tal, fala:

“ Ai eu cheguei a pensar: **Eu vou ter que parar tudo. Vou ter que ficar com a minha mãe.** Eu não suportava a idéia de ter que parar tudo aquilo que eu já tinha começado que pra mim era importante, pra ter que ficar com a minha mãe. E o quadro que eu tava vendo... e eu comecei a pensar na vida da minha mãe - **a vida dela foi viver pra família. Ela não teve momento nenhum ...**Ai eu comecei a perguntar: ‘Será que essa doença é por causa disso?’... ”

E, ao final, após salientar aspectos diversos de sua vida e de seus projetos, incluindo esforços para garantir certa autonomia através do trabalho, retomado de forma descontínua, deixa escapar, no tocante a sua relação com a filha:

“Na verdade a terapia está me ajudando a lidar com os meus medos. Porque se eu cortar o cordão inteiramente com ela eu tenho medo de acontecer algo. **Preciso aprender a separar os meus momentos dos dela. As coisas ainda estão muito juntas. Até parece o controle que a minha mãe exercia comigo...**”

Houve outras menções a respeito da psicoterapia como um agente de distinção e separação na relação de fusão mãe-filho, durante as entrevistas, tais como:

“Agora, eu contei com um suporte de uma pessoa maravilhosa, de uma terapeuta maravilhosa...[ ] ..Se eu tenho uma relação familiar muito sadia com os meus filhos, eu devo isso a essa terceira pessoa na relação, e com uma visão muito diferente de um psicanalista comum. Ela interferia mesmo. Se eu dizia assim: ‘- Pois o...(nome do filho) - que já tinha 4 anos - entrou na banheirinha dele e ...’ E ela interrompia: ‘- Como, tem 4 anos e tem uma banheirinha que ele toma banho?’. E eu só conseguia me dar conta das coisas quando ela estranhava. **Eu tava tão metida e tão solitária naquela relação com os meninos, que ela foi fundamental pra gente se estruturar.**”

No contexto em que a maioria das entrevistadas criou os filhos, verificou-se o fenômeno da ausência paterna e da maternação, tal como analisada por Chodorow (1990). No entanto, uma alteração desta composição familiar no tocante aos papéis da “nova” mulher, foi relevante: de exclusivamente mãe e esposa, ela incorporou vários outros, como cidadã, estudante, profissional, chefe, colega e demais. E, exercendo duplas responsabilidades - domésticas e públicas - muitas dessas mulheres passaram a incorporar atitudes deste duplo, reforçando uma onipotência que não raro mostrava a outra face - a impotência. Ou seja, as mulheres revelavam momentos de um sentimento de onipotência, quando pretendiam dar conta plena dos dois papéis, alternado com um sentimento de impotência, expresso através das dificuldades externas e da culpa com relação à maternidade.

Nos depoimentos, algumas deixaram entrever bastante orgulho pelo bom desempenho em tudo, por serem eficientes no duplo papel. Outras foram ambivalentes quanto a esta condição, deixando escapar queixas de “solidão”, “sufoco”, “cansaço”, “doença”, relacionadas aos cuidados maternos que ficavam basicamente a seu encargo (às vezes com

o auxílio da mãe e/ou empregada), sem uma participação mais efetiva do companheiro, ora ausente por separação; ora por manutenção da condição tradicional de distanciamento paterno.

Muitos foram os depoimentos que expressaram o conflito onipotência-impotência, cujas raízes apontam para o ideal feminino primário, de acordo com formulações de Bleichamar, - anseio impreenchível de recuperar o estado pleno mãe - filha, e as de Chodorow (1990) - manutenção, num contínuum, do relacionamento dual pré-edípico. Seleccionamos alguns trechos para demonstrar a constância deste conflito - dentro da diversidade de situações e de estilos narrativos - além de sua intensidade:

“...eu tenho um universo familiar numeroso, entende, então acontecem coisas assim...É difícil, né, **ficar vendo todo mundo, conversando com todo mundo**, na medida que eu fico viajando para lá e para cá, viajando, trabalhando que nem uma doida...**Aí eu acho que tem uma perda, eu deixo de estar...**, eu deixo, sei lá, de ir à praia, de conversar..., **de fazer coisas que a gente gosta juntas**, está claro...Olha eu acho que esta conciliação sobrecarrega a mulher, sim, muito mais do que sobrecarrega o homem...[ ]...elas já nasceram com uma atividade consolidada minha... Eu me lembro muito de estar estudando piano, meu instrumento de trabalho, com elas em volta... Embaixo do piano virava casinha de boneca.”

“Realmente para mim, eu não consigo ver a minha filha, de maneira nenhuma, um impecilho. Quem diz isso é porque não está conseguindo os problemas de outra ordem e o filho passa a ser o grande pretexto pra justificar todos os limites, entende?... **Porque eu criei uma ‘infra’ perfeita aqui em casa.**”

“ Apesar de dependente financeiramente eu fui a luta - me lembrei muito do rifle de meu pai, uma das heranças. Entrei de cabeça no mercado de trabalho. **Passei a mão nas minhas duas filhas**, porque, surpreendentemente eu achava que **elas eram mais minhas do que dele** e fui trabalhar. Passei por problemas terríveis, porque sofri vários processos judiciais de abandono do lar...Inexperiência minha... [ ] ...Então eu abandonei o lar mesmo. Eu passei as mãos nelas e me ‘mandei’. Deixei todo o resto para lá. Recomecei mesmo.[ ]... E tive que segurar a ‘onda’ da minha cabeça, e da cabeça delas. Elas tiveram problemas...[ ] ...Com isso exigei muito de mim. Nunca quis ocupar o espaço do pai, não, que esse espaço é inalienável, mas, por exemplo, o espaço da segurança que o pai, a figura de homem <sup>que</sup> **há** minha cabeça tinha, elas tem numa mulher .”

“Então foi uma época..foi um inferno...porque eu tinha acabado de vir para a ....(nome da instituição de trabalho), eu era a única mulher, praticamente a única pessoa que tinha filhos no Departamento. Então era uma coisa horrível... **Mas eu consegui ficar com essas crianças e criar elas sem ninguém, inteiramente sozinha**, durante sete anos, que foi o tempo que levei para ter meu terceiro casamento. Que também não era uma pessoa que me desse nenhuma atitude de apoio de infra estrutura familiar, não... Era mais um filho que eu tinha.. [ ]. Então, às vezes ainda passo as noites em claro por conta de como resolver esse problema do ... (nome do filho mais novo), porque a relação dele com o pai é ... o pai dele é uma pessoa muito ausente, já passou 3 anos sem vê-lo.. [ ]...É complicado ... Mas é uma questão de mais dois, três anos e aí eu sinto que sou livre e terei um pouco mais de autonomia na minha vida.”

O conflito sob a nuance de autonomia x dependência apareceu frequentemente na relação presente com os filhos adolescente e adultos. Esta foi, muitas vezes, descrita de modo idealizado, como um “final feliz” para o esforço e a dedicação dispensados nos múltiplos desdobramentos mãe-mulher-profissional.

“ Agora que eles cresceram, já sai daquele ‘sufoco’, posso respirar mais tranquila, me sentir mais livre com o meu tempo e tudo mais. Posso te dizer que a **nossa relação é ótima**. Democrática, um interagindo com o outro sem dominar o outro. Minha filha hoje diz: ‘mãe, você é tão minha amiga’ ... Mas os limites são ainda colocados, e as decisões muito elaboradas, enquanto morarmos juntos, porque eu sou a mãe, e não uma ‘amiguinha’, lógico...”

“... Realmente essa minha mudança toda é... causou alguns transtornos pros meninos, mas eles hoje também já encaram isso como parte da história deles e são, como eu te disse, meus aliados, um inclusive resolveu seguir a minha carreira. É, sem que eu tivesse sugerido isso...E os outros ...tem uma que tem uma carreira totalmente diferente, é atriz...[ ] ... eles são meus incentivadores e **a gente tem uma relação muito amiga, muito...**”

“Nós temos um nível de relacionamento, de sinceridade, de abertura dentro da minha casa que eu não vejo, não conheço em nenhuma outra casa. Sabe, um nível de integridade no relacionamento. Não é fácil, é difícil, todo mundo se coloca, fala, conversa, se respeita, é muito bom, muito bom. **Talvez seja a coisa que eu ache que até hoje fiz de melhor, foi a minha relação com meus meninos.**”



Outras vezes foi colocado quase que um resgate mágico para completar uma relação “faltosa” e promover um bem-estar na junção com os filhos, situação sempre almejada, mas nunca inteiramente cumprida, tal como neste trecho em que uma entrevistada, mãe atual de adultos, sonha reuni-los em uma viagem familiar, sem levar em conta a disponibilidade deles para tal e a coerência da proposta.

“ Agora tenho, ah...alguns desejos em relação a minha família. É, de fazer...É uma coisa que eu nunca consegui fazer, por incrível que pareça, até hoje: é viajarmos **juntos**; já viajei com um, já viajei com outro, mas nunca viajamos **todos juntos**. Isso é uma coisa que eu tenho muita vontade de fazer: **pegar os meninos** e ir fazer uma grande **viagem juntos**...Já consegui tirar férias o ano passado, mas ainda não saindo **todo mundo junto**. Fecha tudo e vamos embora. Isso é uma coisa que eu tinha vontade de fazer: **esquecer o escritório, esquecer tudo e viajar com eles, viajarmos todos juntos**...”

Em algumas entrevistas, porém, o momento presente com os filhos adultos, onde o forte elo da maternidade faz-se ainda sentir, é apresentado - mesmo de forma disfarçada, mas registrada nas falas e entrelinhas em momentos diferentes nos vários discursos - num tom de abandono, de solidão, de vazio, de nostalgia, de saudade, de sofrimento pela ruptura ou pela não retribuição afetiva intimamente desejada, embora camuflada para evitar, talvez, o estigma de “cobradora”, “castradora”, incompatível com uma mulher “moderna” e intelectual. Eis alguns exemplos:

“...a minha filha estava terminando a faculdade dela neste período difícil da família ... E tinha um ano que ela estava estudando fora do país... Ai eu fiquei um pouco mais **sozinha**, porque minha filha mais velha me ajudou muito...”

“ com aquela estrutura familiar toda montada, então acaba que o filho traz um amigo, a irmã traz um amigo, não sei quem...Então o tempo todo você está ocupada com essa estrutura. Eu não tinha tempo pra pensar em mim... [ ] ...Chegou num tempo que eles não queriam mais passar as férias comigo, cada um tem seu programa, tem um programa com um amigo, namorada, não sei o que... e até **nem querem que eu vá**... Então aí eu fui ficando **muito sozinha**...[ ] ... Então quando os meninos crescem, você mesmo trabalhando fora você tem uma impressão de que é aquela coisa chamada ‘**síndrome do ninho vazio**’ ... [ ] ... Então você chega em casa e, **na maioria das vezes, você está sozinha em casa**...”

“Agora eles estão saindo de casa, ano passado o mais velho se casou e então eu tive que viver isso, que é o rompimento, a saída de casa de um filho...[ ] ... Fiquei muito deprimida com o casamento de meu filho mais velho, muito deprimida. O fim de uma fase para mim. Foi uma coisa difícil de segurar...”

“ ... Estão todas elas encaminhadas, fazendo o que querem, e não tem mais gancho nenhum com a casa materna. Então, óbvio que quando ela veio morar aqui de novo foi um momento diferente, estranhei a presença dela dentro de casa, como estranhei muitíssimo a saída dela também, que aí dá uma coisa tristonha e de sensação de vazio, de falta dela”.

Com efeito, depreende-se das entrevistas que sentimentos e atitudes que vão de cuidados corpóreos com outro até o controle mais adulto de suas vidas, num processo algo simbiótico, se opõe, conflituadamente, ao desejo de autonomia, também ansiado pela “nova” mulher. E também, registrou-se que em alguns momentos da trajetória da “nova” mulher, a mãe onipotente fêz-se sentir, tomando para si a maternidade e a paternidade de sua prole. Atitude esta que coexistiu com o sentimento de “vazio”, da “falta”, enunciada em vários depoimentos.

Sobretudo, em alguns casos ficou patente que a autonomia intelectual e profissional não garantiu a individualidade frente aos membros da família, mantendo-se a entrevistada - responsável muitas vezes até pelo sustento do lar - certo nível de dependência emocional dos demais membros, percebendo-se atrelada, de algum modo, ao companheiro ou aos filhos fossem eles crianças, adolescentes ou adultos. Fenômeno que nos evoca o apego pré edípico refletindo-se nos relacionamentos afetivos da “nova” mulher.

### **Relação com o Companheiro: união - separação**

“Solidão” foi um termo frequentemente empregado pelas entrevistadas. No entanto, a grande maioria mantinha, na época da entrevista, uma relação estável, algumas vezes vivendo o casal em residências separadas. Quatro delas estavam sem marido, companheiro ou namorado nesta ocasião e demonstraram sentir falta de um parceiro, embora o tom da ausência reclamada recaísse mais sobre o afeto, a companhia, do que sobre a sexualidade - tema quase sempre evitado ou referido discretamente.

Rupturas conjugais foram questões frequentes nas entrevistas, haja visto que, da amostra total, apenas cinco mulheres mantinham-se em suas primeiras uniões, sendo que duas delas registraram histórico de separação desta única relação. E as polaridades liberdade x aprisionamento; independência x dependência; autonomia x junção estiveram subjacentes aos vários movimentos de união e separação relatados pelas entrevistadas.

Os rompimentos em geral foram vividos com sofrimento, segundo os depoimentos deixaram entrever, embora em grande parte deles nem sempre ficassem claras as razões atribuídas às separações e as iniciativas para tal. Infidelidade do marido, alcoolismo, desavenças, distanciamento, foram eventualmente referidas como móvel de ruptura de relações. A demanda para tratamento psicoterápico nessas ocasiões foi citada por diversas entrevistadas, o que faz supor a emergência de conflitos manifestos, nos quais, porém, não se detiveram, como se fossem feridas já cicatrizadas, principalmente quando se tratava de separações ocorridas há tempos.

Algumas psicoterapias parece que atuaram no sentido de libertar - pelo menos foram percebidas enquanto tais - a mulher dos laços invisíveis que a atrelavam ao outro, ainda que alguma ambivalência quanto a isso fosse registrada.

“ Foi um tremendo apoio a análise, sem ela eu não me libertaria daquele casamento. Fui criada em moldes muito tradicionais, quase bíblicos - ‘a mulher tem que seguir o seu homem’. Mas hoje, revendo tudo, não

tenho mais tanta certeza... Acho que quando o nível de insatisfação é muito grande a gente arranja forças não se sabe de onde”...

Figueira (1981, p. 210), discutindo o papel da psicanálise coloca que:

“A psicanálise opera como um organizador da individualidade, mas um organizador que deve ser paradoxal: deve transmitir regras que não são regras, mas regras de segundo grau, regras que permitam aos sujeitos se orientarem no universo contraditório de regras nas quais estão inscritos.”

Um certo nível de insatisfação manifestado por duas entrevistadas, a propósito das terapias procuradas neste período de suas vidas, parece de certo modo ligado a este paradoxo da prática psicanalítica, acoplado, certamente, a outros fatores. Disse uma delas:

“Eu já estava vivendo uma terrível confusão de sentimentos, além das dificuldades enfrentadas e tinha que correr pra lá e pra cá, pagar análise que se tornou pesada, com o orçamento apertado. Mas não foi só a questão do dinheiro, não, que me fez depois parar e adiante trocar. Naquela época eu estava precisando de alguém que me dissesse: ‘Olha, ... (seu próprio nome), vá em frente, você está certa.’ E o meu analista não dizia, nem era o papel dele, eu sei. Mas eu estava precisando, porque na minha família ninguém me apoiou muito na decisão, não. E eu fiquei assim... **completamente só...**”

Numa sociedade com uma pluralidade de inscrições em mutações velozes, a “nova” mulher viu-se, nas condições de ruptura com o companheiro, muitas vezes perdida, confundida no redemoinho do eu-outro, como se a autonomia, de certo modo, se opusesse à feminilidade e aos tradicionais papéis maternos e conjugais. Seguir o marido, ser seu complemento, ser tolerante, maleável e conformada, afinal, foram mensagens enviadas desde cedo, encaminhando os próprios ideais para os ideais do outro. Então, em alguns casos, a separação configurou uma mudança brusca, envolvendo sentimentos ambivalentes, embora estruturados em discursos lógicos, onde se valorizou a liberdade e autonomia conquistadas, como no exemplo abaixo, quando a entrevistada discorre, num trecho, sobre sua separação, mais ou menos recente, e, num outro, sobre o desejo de encontrar novo companheiro:

“A partir do momento que eu fiquei sozinha e que a gente se separou mesmo, que ele foi ter uma vida dele própria com outra pessoa, eu tive que enfrentar uma vida diferente, não planejada, nem projetada daquela maneira e eu acho que eu consegui dar o ‘pulo do gato’... Não era aquilo que eu almejava, nem aquilo que eu queria, mas dentro daquilo que me apareceu - de eu ter uma vida que eu me sinto relativamente bem... Embora muita coisa deixe a desejar, é uma **liberdade** totalmente diferente daquela que eu tinha até então. Agora eu sou ‘**dona do meu nariz**’ e faço o que eu quero. Não procurei, mas recebi de ‘mão beijada’, né” ?

“[ ]...Projeto de vida ... realmente eu sinto **falta de uma companhia, uma companhia masculina**. Pretendo encontrar alguém, mas não fico desesperadamente atrás. Acho até que sou muito fria pra isso. Acho que escolho muito... porque talvez seja um desses negócios de eu não querer crescer muito por causa disso, porque eu acho que **você intimida um pouco os homens quando você consegue uma posição mais segura, mais equilibrada financeiramente...**”

A delegação do ideal ao outro - amar o que falta ao eu para alcançar o ideal - já havia sido analisada desde Freud (1914), merecendo uma atenção especial no texto de Bleichmar (1988), que distingue duas situações decorrentes deste tipo de relação, onde se coloca o objeto no lugar do ideal do ego. Uma seria a da “mulher-menina”, que usufruiria vantagens da dependência, cuidando e protegendo o seu “protetor” para que ele “realize seu ideal”. Outra seria a mulher com personalidade mais histórica ou fálico-narcísica, que competiria pela atuação de papéis tradicionais masculinos.

Além deste tipo de relação, a referida autora destaca - como variantes de investimento narcisista de objeto, onde a mulher busca a restituição do narcisismo perdido do seu gênero - tanto a idealização do objeto sexual, como a constituição da masculinidade como ideal do ego. No primeiro caso, ela procurará o amor, o marido, tornar-se o centro da família e a mulher de alguém, como metas básicas. No segundo, mais frequente na atualidade, segundo a autora, a mulher incorpora, como metas próprias a serem conseguidas, características e procedimentos considerados convencionalmente como masculinos. Neste caso:

“A masculinidade perseguida refere-se a modos de ação na realidade, atividades, interesses, papéis e direitos, não ao desejo que se conserva heterossexual, ainda que a esfera da sexualidade possa ver-se afetada pela rivalidade com o homem. **Dentro deste setor ficariam situadas a maioria das mulheres de nossa época,**

com papéis de gênero em franca troca de geração em geração,<sup>(\*)</sup> assim como as chamadas personalidades históricas. Ou mulheres, cujas mães já vislumbraram um Ideal do Ego pós-convencional e estimularam um tipo de educação ou de socialização não tradicionalmente feminino, ou que pertencem a micro-culturas onde o feminismo já se incorporou às crenças populares, ou que, por forte ambição narcisista, desenvolveram individualmente um Ideal do Ego pós-convencional.” (Bleichmar, 1988, p.118).

Com efeito, certos trechos de vários depoimentos ora caracterizam idealizações, ora a busca, no outro, do próprio ideal. Contudo, não foi propósito deste estudo deter-se na questão da escolha amorosa das entrevistadas, nem verificar o tipo de relação estabelecido por elas com seus pares. As considerações acima foram apresentadas, porque se mostraram significativas para diversos depoimentos coletados, onde esteve presente o casamento com um parceiro nos moldes tradicionais, o desapontamento, o luto pela perda, a luta para reencontrar outro companheiro, o estabelecimento de novas relações em outras bases, enfim, novos encontros e desencontros, constatando-se a importância que a parceria amorosa teve e tem na vida da “nova” mulher .

Algumas entrevistadas permitiram inferir, através de seus relatos, que a competição no casamento foi marcante entre aquelas que manifestaram “ideal do ego pós convencional”, perseguindo metas “masculinas”, constituindo-se num fator preponderante para sua dissolução, pois, se o mando deixava de ser masculino, corria-se o risco de ruptura da relação. Se desautorizar o homem podia redundar em solidão, isto foi às vezes contornado, principalmente dentre as que mativeram o primeiro vínculo conjugal. Com efeito, o término de algumas relações, bem como conflitos conjugais, ocorreram a partir da ascensão profissional das entrevistadas, tal como no caso das duas seguintes.

“ Me casei e me separei três vezes. Coincidentemente eu me separei sempre que estava por um momento... num momento profissional importante: uma no mestrado, outra no doutorado e outra no pós-doutorado. Não acho que seja uma coincidência...”

“...E certamente uma das ... um dos fatores que abalavam o casamento naquela época é que eu estava indo de vento em popa na minha carreira e ele se sentia ficando um pouco pra trás. Ele ficou muito parado, talvez

---

(\*) O grifo é nosso

humilhado, sei lá...E eu mesma já não tinha para com ele...assim... uma coisa da admiração de antes. Eu tava indo melhor. Houve primeiro muita briga e sofrimento naquela época e a nossa relação foi esfriando depois..."

A esse respeito, as revistas estudadas por Moraes (1979), e já referidas quando do conflito poder x culpa, eram pródigas em conselhos, sugestões e providências a serem tomadas a fim de que o casamento fosse "salvo". Alertava-se para os cuidados a fim de não deixar o marido:

"inferiorizado diante de terceiros, mesmo quando estiverem discutindo um assunto que você domina melhor : você pode expressar suas opiniões sem desmerece-lo". (Cristina C. Costok, *Cláudia*, jan.1979, extraído de Moraes, 1979, p.74).

Ecoss de tais mensagens do final da década de 70, provavelmente lidas e assimiladas em algum nível, fizeram-se sentir nas entrevistadas, pois houve relatos de crises conjugais, insatisfações de parte a parte, caracterizando uma fase difícil, quando papéis masculino-feminino, protetor-protégida foram revertidos. Em um dos casos de conflito explicitado, manteve-se a união, primeira da entrevistada e segunda de seu marido, embora configurasse uma exceção.

"Eu fiquei completamente sem chão nessa época. Meu marido era uma figura muito forte dentro da relação e dentro de casa, e eu passei a ser a 'cabeça do casal'....[ ] ...Então eu fiquei muito sozinha, houve muitas brigas e tal, mas hoje eu confesso que tive uma participação. Primeiro porque eu achei que ele era 'fraquinho', entendeu? E eu é que tinha que ser a 'fodona', sabe como? (risos). Então eu botei o pênis em cima da mesa e saí, sabe, tipo - 'deixa comigo'...Crianças, tudo, tudo era comigo. E eu passei a vender coisas, a fazer, a trabalhar, a pagar e fechar negócios e tal... Então, de alguma forma, eu acho que eu o excluí um pouco, entendeu?...[ ]... Agora essa coisa já se reequilibrou... [ ] ..."

A relação já desfeita com o primeiro parceiro foi referida como iniciada e mantida em bases tradicionais, sendo comum as seguintes expressões relacionadas a ele ou à fase vivida: “protetor”, “figura forte”, “pai” “relação estável”, “bom homem”, “vida normal, cômoda, tranquila”, “relacionamento distante”, bem como a si própria: “aprisionada”, “submissa”, “sem vontades”, “meia dondoca”, “dependente”. Algumas revelaram um sentimento de liberdade muito forte, logo após a primeira separação, embora assumindo duplos encargos. Outras disseram do prolongamento do sentimento de cerceamento desta procurada liberdade, especialmente se experimentada numa fase em que era mais jovem.

“E eu me sentia muito aprisionada, vigiada, principalmente, porque eu era... imagine... uma mulher desquitada e isso trazia toda a sorte de ‘patrulhamento’. Como se eu tivesse meio prisioneira e de outro lado, uma certa pressão como se o fato de eu ter dado esse passo fora dos papéis, ou seja, ter ousado me desquitar de um bom homem, isto ... significasse que eu estava muito fragilizada e precisava de proteção ...”

Já as menções feitas aos segundos ou terceiros parceiros cujas uniões também acabaram, foram no sentido de uma pessoa “meiga”, “sensual”, “afetuosa”, “próximo”, mas, ao mesmo tempo, de alguém “fraco”, “dependente”, “um menino”, “homem-criança”, “imaturo”, “não firmado profissionalmente”. Em dois depoimentos foi assumido que a paixão por esse segundo companheiro - ambos mais jovens do que as entrevistadas - constituiu-se no deflagrador da ruptura do primeiro casamento.

“... E a iniciativa foi minha e, no final, nos últimos anos de casamento, eu comecei a ter casos sistematicamente, com A, com B, com C, e eu achava que não tinha nada a ver, porque eu não sou uma pessoa de vida dividida, entende? Então eu achava que aquilo era um sintoma de alguma coisa, e isso ficou claro num certo ponto - eu tive mais um caso, mas um caso que veio a se consolidar como meu segundo companheiro, a minha segunda relação estável. Aí era inviável e a gente rompeu. E nessa fase, nessa fase dessa segunda relação com uma pessoa mais nova do que eu, eu aprendi a ver a vida de uma outra maneira.



**inclusive o sexo também, porque era tudo mais inteiro, muito mais leve, muito mais gostoso, intenso, também fugaz...”**

Tal como esta entrevistada, outras caracterizaram esta segunda relação como um envolvimento apaixonado, porém instável. Tanto que os filhos geralmente foram da primeira união, não só pela etapa de vida (mais jovem), como pela solidez e segurança percebidas neste primeiro e tradicional laço conjugal. Ademais, a expressão “meu marido” é mantida, nos discursos, como referente ao primeiro parceiro, estando ou não unida a outro homem. Assim diz uma outra entrevistada sobre sua segunda relação:

**“Bom, a vida foi muito difícil nessa época. Eu me casei de novo. Me apaixonei e me casei. E o engraçado é que eu saí, nessa radicalidade que é uma tônica também, eu saí da figura do grande protetor, para a figura do homem-criança, do Peter-Pan, como chamam, do menino. Mas o menino sensível, o menino que me tocou exatamente na minha sensualidade. Eu me tornei mulher, no amplo sentido da palavra, depois dos trinta anos, depois que me separei. É onde eu comecei a cultivar o meu corpo, minhas zonas erógenas, em função desse homem muito sensível, desse homem muito parelha. Não que eu sentisse o meu marido muito lá em cima, não, mas eu sentia muito afastado. Esse homem estava muito próximo, eu me deixava tocar, ser olhada, e nesse particular, ele foi um grande revelador para mim - desse meu lado fêmea, desse meu lado da sensualidade, desse meu lado mulher. E, na época, eu era muito masculinizada, em função do tipo de vida, né? Então foi muito bom, porque houve um equilíbrio, um equilíbrio muito grande. Mas eu senti, quatro anos e meio depois, que ele era mais um menino do que um homem. Homem no sentido antigo meu, né?”**

Tratando-se da relação atual, se com o primeiro parceiro, tanto foi descrito um processo difícil, conflituado (especialmente em dois casos), como houve menções a um homem “compreensivo”, “incentivador”, “cooperador” ou similar. Se esta relação era recente, o parceiro foi mencionado como “um achado”, “alguém especialíssimo”, “um homem maravilhoso”, “diferente”, mesmo por veteranas em análise, fazendo-nos lembrar a frase

de Chasseguet-Smirgel (1992), utilizando o termo “idealidade” ao invés de “idealização”, numa tentativa de desvincular sua conotação negativa e patológica:

“ A doença da idealidade é universalmente espalhada: se não morremos todos disso, disso estamos todos contagiados”. ( p.12)

Muitos pontos aqui poderiam ainda ser destacados, visto que a conjugalidade e parceria amorosa ocupou um espaço considerável nos discursos das entrevistadas. Seleccionamos, porém, três trechos retirados de três depoimentos diferentes, os quais, em si, sintetizam significados bem relevantes ao tema união x separação afetivo-sexual da “nova”mulher - das idealizações às construções possíveis dentro da ambivalência autonomia-junção.

“ e nesta altura do campeonato, chegou o companheiro, na esquina, dentro de uma piscina. Eu brinco: caiu na piscina da ....(nome da entrevistada). Uma **pessoa maravilhosa**, com quem eu tenho uma relação **extremamente harmônica**, **misturamos nossos filhos**, **misturamos as nossas coisas**, **vivemos juntos**, **tem uma troca imensa**, **uma paz que eu nunca imaginei que eu pudesse ter numa relação**, pela conturbação que era.”

“ A questão afetiva, acho que ela está bem... [ ] ...É engraçado porque a gente pensa que a gente aprende com a vida e é curioso constatar que eu, com 50 anos, estou começando uma terceira relação estável e que existe toda uma dificuldade em construir essa coisa assim, de ajeitar as diferenças, de somar, de conhecer o outro, um ‘monte’ de aspectos. Embora as vezes a gente diga ‘eu já vi esse filme antes’, eu já passei por uma situação parecida, os dados de cada momento são sempre dados novos. Então você se vê engatinhando mesmo, e **procurando acertar e essa é uma tentativa forte**, sim, porque, afinal de contas, **o desmanchar de uma relação é sempre uma coisa penosa**. Uma pessoa que teve a história que eu tive...Sei lá, eu comecei a namorar o meu primeiro marido super cedo, então eu **realmente passei a maior parte da vida a dois mesmo**. Então, tem muito isso do **duplo como desejo ...**”

“Estou agora numa fase muito feliz, com um **homem especialíssimo**. Uma fase parecida com aquela música: ‘.....inha (diminutivo do próprio nome) de Jesus, deu uma queda foi ao chão. Acudiu três cavaleiros, todos três chapéu na mão. O primeiro foi seu **pai**, o segundo foi seu **filho** (risos), o terceiro foi aquele que a ..... (nome da entrevistada) deu a mão... [ ] ... Veja só, algumas mulheres, pessoas em geral, se queixam dos ‘fracassos’ de seus casamentos, mas eu acho que fui feliz com cada um - e também infeliz em algumas horas, à minha maneira de ser da época....E agora já posso me permitir encontrar, depois de **enlaces e desenlaces**, já estava preparada e pude encontrar não um ‘príncipe’, mas esta **pessoa especial** para mim, um homem que é uma **outra metade** mesmo, tão semelhante em tudo - mesma idade, valores, tudo muito bom, um **encaixe...**”.

### **Coletivo e Individual como Projeto**

As colocações de Chasseguet & Smirgel (1992), Chodorow (1990) e Bleichmar (1988), além dos dados encontrados em nossa pesquisa, permitem formular que, na impossibilidade de restaurar a fusão primitiva com a mãe processou-se a evolução do ideal da “nova” mulher - procura e escolha de modelos para suprir a perfeição perdida. Algumas puderam reviver com as filhas e filhos e até com os primeiros, segundos e terceiros parceiros, em outros termos, a fusão que viveu com a própria mãe.

E, de modo mais evoluído, a “nova” mulher tende a buscar este reencontro em outra alteridade, sob nova versão. No anseio de restabelecer a união eufórica e sem

impedimentos, ela atravessou um percurso onde a frustração esteve presente. Logo, a trajetória do ideal se deu, muitas vezes, não pela negação da alteridade, mas pela busca de um ideal de dedicação ao outro - companheiro, filhos, profissão, obra religiosa, filantrópica, ou um valor estético, político, científico, social, ético. E, na medida em que esta formação ideal não escolheu caminhos da descarga mais curta para a satisfação, supondo “adiamento, desvio e inscrição temporal”, ela evoca a idéia de projeto e progresso, conforme diz Chasseguet-Smirgel (1992) em vários momentos de seu estudo, tal como:

“Estudar o Ideal do Ego é estudar o que há de mais humano no homem, o que mais o afasta do animal, mais, sem dúvida ainda do que o Superego. [ ] ...Muitas vezes os psicanalistas reduzem o Ideal do Ego a um modelo que o sujeito deseja atingir. Parece-me que ele não pode ser assim compreendido se se o considera, com Freud, como ‘o substituto do narcisismo perdido de sua infância’. [ ]... A projeção deste ideal sobre um suporte é, por esta razão, sempre um pouco irrisória. Atingir o alvo (a semelhança com o modelo admirado e depois sua supressão) jamais é realmente e definitivamente satisfatório (e este pode ser um fator de progresso), pois, de fato, não se trata senão de representações efêmeras, parciais e substitutivas de um projeto bem mais grandioso e inatingível, a não ser talvez no orgasmo, na regressão mais profunda (a psicose) e na morte”.

(p. 13)

Em muitas entrevistas foram fartas as evidências desta busca, manifestando-se-se em várias dimensões a união com o outro como projeto, para além de uma conexão satisfatória e imediata com o companheiro, filhos, família e mesmo com a profissão. Este desejo mais amplo de expansão para o social configurou um potencial de encontro, de relação, onde se tentou, na multiplicidade de trocas eu-outro, conforme inferimos, um reencontro elaborado e evoluído do duplo total vivenciado com a mãe.

Independente de se perceberem mais ou menos acompanhadas por parceiros ou filhos, mais ou menos integradas no ambiente de trabalho por ocasião da entrevista, o engajamento em campanhas de caridade, em grupos literários, de poesia, de viagens, de lazer, a busca de “relacionamento profundo em grupos”, de “encontros harmoniosos,” de “ajudar e ser útil à coletividade”, “solidariedade” e demais foram referidos, alguns movimentos parecendo mais vagos, outros mais próximos às experiências das entrevistadas. Citamos trechos de três depoimentos, para exemplificar .

“Gostaria também de participar assim de uma campanha mais ampla de apoio a famílias de pacientes terminais, de AIDS e outros, uma coisa totalmente fora do meu cotidiano de trabalho, mas que eu acho que eu não encararia como mais um trabalho, não sei... algo que me faria bem. Às vezes eu penso nisso ...”

“Mesmo nos bastidores, eu estou ajudando a uma coisa importante acontecer neste país - as pessoas desenvolverem solidariedade, acreditarem nisso dentro das empresas. Eu estou podendo trabalhar com isso, eu assessoro um hospital, assessoro uma favela dentro do projeto favela-bairro, trabalhando com as pessoas...[ ]  
Eu me sinto muito bem desenvolvendo estes planos...”

“Tive um contato com um grupo de oração, de mães, só de mães de dependentes químicos muito significativo...[ ] Recuperei um pouco o meu vínculo com a coisa da religião, que é ... que estava um pouco apagada, afastada, e ali eu recuperei até a minha capacidade de poder rezar, porque eu já tinha vergonha de rezar, cheia de preconceitos, de defesas racionais ...[ ] ...Então hoje o meu projeto de vida está muito voltado para essa questão da dependência, dum lado mais espiritual da vida, das relações com os amigos, das relações humanas em si, né? ”

De qualquer modo, este encontro com a alteridade é sinalizado em vários discursos com difícil e complexo. Uma das entrevistadas deixou claro que estava numa fase da vida em que se propunha a superar tal dificuldade, embora sua fala ainda seja contraditória, posto que deixou escapar o descompasso entre a emoção e o ritmo racional da exposição. Assim discorreu sobre o seu momento e seu projeto:

**“ Um projeto isolado é um processo muito pobre, muito mediocre, muito precário. Essa coisa do outro não é só teórica. Isso tem que funcionar. Na minha cabeça eu tive muita dificuldade com isso, desde a infância, mas tenho que superar. Seja lá que outro for. Não é só um homem, não. É a comunidade, é Deus, é um partido...Eu ando muito intolerante com tudo, mas sempre exercitando essas idéias. No local de trabalho eu tento elaborar um projeto comum - eu participo, faço palestra, vou, aconteço, mas permeada por uma insatisfação muito grande...Esse negócio do outro tá ficando assim um terror...[ ]... As pessoas não estão preparadas para doações, generosidades. O ser humano hoje em dia está muito carente... Você sai para conversar com as pessoas e elas quase que te vampirizam e isto me deixa muito nervosa, muito inquieta, muito descentrada, porque eu não sou assim com as pessoas...[ ] E eu acho que essa minha pesquisa está sendo iniciada para ver se, com um grupo de pessoas muito próximas a mim, a coisa vai deslançando... [ ] ... A gente tem uma fraternidade, uma filia aristotélica muito forte. Eu me sinto integrada nesse grupo, aceita, amada, me sinto bem. É um tipo de outro. Talvez eu esteja até me desviando para esse outro, anônimo e afetivo, em vez de procurar um outro concreto e individual, já que estou tendo capacidade de me abrir para este outro...”**

Verificamos, outrossim, que algumas vezes a “nova” mulher contrapôs este intenso desejo de encontrar-se num coletivo a um outro, igualmente forte, de retirar-se e isolar-se. “Reencontrar a mim mesma”, “rever os meus próprios desejos e vontades sozinha”, “resgatar a liberdade” foram expressões utilizadas, demonstrando um movimento para um tipo de solidão bem vinda, um tipo de retiro para achar o roteiro individual daquela que

esteve muito tempo esquecida, confundida e fundida no ideal do outro. Tal como sugerem os três depoimentos que se seguem:

“ Você tendo uma estrutura profissional que ocupa você mais de oito horas por dia - é um trabalho que eu gosto, que eu gosto muito, mas te ocupa. Tendo uma estrutura familiar toda montada também, então eu não tinha tempo pra **pensar em mim**. De alguma forma eu pensei em mim o tempo todo, mas era **eu com outros**. Então vou percebendo que estou mudando, os filhos cresceram e eu quero estar também um pouco mais comigo mesma, pensar no que vou fazer daqui pra frente em termos próprios.[ ]... Às vezes **gosto de ficar só** num fim de semana para me defrontar comigo, meus limites e potenciais. ”

“...como se eu tivesse vendo o mundo hoje com outra ótica, quer dizer, o que eu queria realizar quando jovem de dezessete anos eu vejo agora a perspectiva de viver isso e não ter uma decisão só intelectual - ‘eu quero isso’. Dizer ‘eu quero’, saber que eu quero , mas com a perspectiva de realizar, hoje, **muito mais livre, sem interferências dos outros**. ”.

“ Ficou muito vago isso, muito flutuante, no meu cotidiano eu não tinha mais a posse das coisas. Fui **entregando tudo, tudo, tudo**. Eu não sentia o prazer de ter.[ ] ... Eu pensava em mim nas horas que sobravam... [ ] ... tudo isso me deixou muito de lado. **Me deixou eu mesma, comigo mesma, bastante devedora**, nesse sentido de procurar **me realizar mais como pessoa individual**...[ ] ...Eu acho que eu já consegui muito esse espaço na vida, mas eu estou querendo muito esse espaço físico também. **Um lugar que seja meu, eu vivendo sozinha**. Esse é um plano de futuro. É **um plano assim, um pouco ambicioso**, que vai exigir mais disponibilidade financeira...”

Plano-projeto esse ambicioso para além dos aspectos materiais, posto que demanda uma descontinuação do relacionamento dual da infância desta e de outras entrevistadas, que necessitarão de suficientes recursos emocionais para levá-lo adiante...

## Discussão Final

Inúmeras transformações ocorreram no perfil socio-cultural das camadas médias e altas dos grandes centros urbanos do país, nas últimas décadas, diretamente relacionadas com a trajetória da “nova mulher” - o casamento como união formal foi escasseando, a família mais extensa se diluindo, a presença feminina no lar se tornando menos frequente, sendo deslocada para o âmbito público.

Diante dos diversos arranjos dessas mulheres para fazerem frente às demandas inerentes às novas dinâmica da esfera conjugal, familiar e profissional e das possíveis mudanças nas concepções de vida que acompanharam tais transformações, tecemos várias indagações. Interrogamos como, na meia idade, engajadas profissionalmente, com diploma de curso superior, participantes de movimentos socio-políticos, atendendo às múltiplas demandas da vida pública e privada, lidavam tanto com possíveis confrontos socio-culturais, como com seus prováveis conflitos pessoais, num trajeto de mão dupla. E, também, como projetavam suas vidas futuras.

Nossa pesquisa centralizou-se nos discursos de 20 entrevistadas, tipificadas como “novas” mulheres em processo de envelhecimento e procurou apreender, através da análise de seus conteúdos e do recorte temático dela decorrente, quais seriam os principais desafios referidos direta ou indiretamente por essas mulheres, para que fossem respondidas as indagações propostas.



Confirmando as questões contidas na revisão de literatura, verificou-se que, socializadas numa ordem onde os valores masculinos foram preponderantes, essas entrevistadas mantêm fortes referências tradicionais a respeito do papel da mulher e do homem que, muitas vezes, se incompatibilizam com suas próprias exigências e as do meio social em que circulam.

Para lidar com preconceitos e resistências existentes na sociedade, elas engendraram vários esforços, participando mais direta ou indiretamente de uma revolução cultural que, no decorrer das últimas décadas, atingiu todos os domínios - científico, ético, religioso, jurídico, político.

A "nova" mulher experimentou diversos dilemas, quer no plano de sua atuação profissional, quer no familiar, onde diferentes posições foram confrontadas, ao defender o respeito às diferenças dos gêneros, ao criar espaços intelectuais, ao procurar derrubar hierarquias e verdades estabelecidas, ao buscar aquilo que acreditou ser seus direitos.

Os discursos das entrevistadas permitem concluir que, até a etapa de meia-idade da "nova mulher", houve inúmeras tentativas e realizações concretas, no sentido de ruptura com os modelos tradicionais. Como se essas mulheres de mais alta escolaridade e engajadas profissionalmente se sentissem imbuídas de criar um mundo novo, modelado por suas necessidades e pelos desejos insatisfeitos de suas ancestrais, tornando-se, a seus próprios olhos, figuras algo heróicas e desbravadoras, tal como coloca uma delas:

" Eu estou vivendo o fechamento de um ciclo: escrever essa tese pra mim é como assim ... é quase como assim prestar contas, não no sentido da cobrança, mas assim... de prestar contas a mim mesma de alguma coisa que parece uma missão - uma coisa assim tão forte que eu até comecei a minha tese escrevendo isso, pegando uma

fala da Clarice Linspector que diz assim : 'me perguntam porque eu me preocupo com o mundo. Eu acho que eu nasci incumbida'."

Incumbência esta que se desdobrou em múltiplos afazeres e construções tanto para esta como para outras entrevistadas, que esbarravam, muitas vezes, em obstáculos incontornáveis de sua cultura ou paradoxos arraigados em si próprias.

Tais impasses foram discutidos neste trabalho, sob a forma de quatro polaridades - apogeu idealizado x envelhecimento; (re) ativação masculina x resgate do feminino; poder x culpa; solidão x afiliação - extraídas dos temas mais contemplados nas entrevistas: maternidade, conjugalidade e profissionalização.

E, diante da diversidade das entrevistadas - na posição social da família de origem, no tipo de trajetória educacional, na área de atuação profissional, no estágio atingido na carreira, no número de filhos e de relações conjugais, na presença ou ausência de um companheiro atual, no estilo narrativo e nos assuntos tratados, a convergência nessas dualidades em sendo tão destacada, mereceu um olhar atento.

Através deste olhar, verificou-se que, entre o papel de vítima submissa - cristalizado - e o de rebelde heroína - glorificado - a "nova" mulher vem procurando condições para legitimar sua inserção no mundo-mando masculino, numa trama concreta de relações sociais. Mas, além disso, vem lidando com seus próprios impedimentos e recusas, pois seu ideal do ego está comprometido com uma imagem de mulher passiva, recatada, afetuosa, submissa - sua mãe que foi objeto de amor do seu pai poderoso, de quem recebeu filhos e proteção. E está voltado, também, para uma imagem contendo traços masculinos com a qual se identificou - uma figura empreendedora, decidida, competitiva, capaz, enérgica.

Em meio a alta tecnologia e informação veloz do mundo contemporâneo, onde a influência social se exerce maciçamente através de sistemas de comunicação que se mantêm em constante transformação e divulgação de valores novos e verdades provisórias e descartáveis, há um choque entre valores tradicionais e os inovadores que competem numa tensão intensa, tanto interna como externa. E podemos concluir, tal como em princípio conjecturamos, que a “nova” mulher na meia-idade vive um momento crítico, onde estão presentes movimentos de disputa e conciliação entre o que há de mais arcaico e moderno em si mesma, acarretando inquietações e culpas, em relação a situações do passado, aspectos do presente e suposições futuras. Ao mesmo tempo, muita energia e expectativa é colocada em movimento, nas buscas pelo que considera seus direitos e prazeres.

Porém, para que as oportunidades oferecidas institucionalmente se concretizem não vem sendo suficiente que estejam formalmente formuladas. Além de conhecer, reivindicar e estabelecer direitos, é necessário que se viabilizem possibilidades. E o que foi verificado é que o “currículum oculto” - expressão contida em Villanueva & Gallego (1994), designando auto imposição de presença e responsabilidades domésticas e familiares, cuja importância é, por sua vez, desvalorizada - vem dificultando essas profissionais a escalam os postos mais altos em suas carreiras.

Este currículum foi tão assimilado pela “nova” mulher, que ela, a despeito da aparente ruptura com valores patriarcais e posições conservadoras, e para além de ser estigmatizada em seu acesso e desenvolvimento profissional, tornou-se cúmplice deste complicado processo, internalizando sua posição externa ao lar como deslocada do foco primordial - esposa-mãe. A ponto de deixar transparecer, em seu discurso, dificuldade em lidar com a liderança, o êxito profissional, o poder. A ponto de subestimar, sobretudo, o próprio salário ou de manter uma relação ambivalente com o dinheiro que, algumas vezes,

garantiu e garante a sobrevivência de uma família da qual se tornou chefe, em meio às transformações sociais e as de sua história pessoal.

Notou-se uma tendência da “nova” mulher em assumir muitas tarefas e ter uma sobrecarga de trabalhos, como se fosse necessário demonstrar uma capacidade produtiva compensadora de sua “saída” do âmbito doméstico. Evidenciou-se, nos depoimentos, cansaço e desconforto diante desta atitude, bem como dificuldade de desfrutar de tempo para o lazer.

Investindo na maternidade e na profissão com tenacidade e mesmo sofreguidão e vivenciando tensões, a maioria considerou que a psicoterapia foi e vem sendo fundamental para aliviar sofrimentos, clarificar questões já vividas, libertar-se de pressões familiares e sociais, rever aspectos experimentados fragmentariamente, aplacar ansiedades por não corresponder às expectativas do outro e de si própria. Além do mais, é referida como um auxílio importante para conseguir percorrer novos e intrincados labirintos, experimentando, sem culpas, a sexualidade e o poder e desligando-se, sem excessiva dor, da simbiose relacional com filhos e parceiros

As entrevistadas tanto deixaram entrever que procuraram castigos por haver transgredido as regras parentais, pela ruptura com as tradições - que de uma forma ou de outra se reatualizam - como revelaram tentativas de reconciliação algo mágicas com a figura da mãe - aquela que permaneceu no “seu lugar”. Esta reconciliação foi enunciada das mais variadas maneiras - no despojamento de sucessos obtidos e desistência de novos empreendimentos profissionais; no resgate de uma união familiar hipotética e improvável; através de rituais cotidianos do universo feminino tradicional; na procura da simplicidade e da paz; por meio de um encontro com o doméstico e com a natureza; na busca de respostas através do mistério, do esotérico, do intuitivo.

Mas, ao mesmo tempo, com a ambivalência inerente ao processo de identificação, elas demonstraram quererem manter-se afastadas dessa mãe que invejou o poder do pai, mas dele abdicou, resignando-se à submissão e confinando-se ao âmbito doméstico. E, então, se agarraram à “capa” de lobo mau, que adotaram por identificação com o objeto perdido em meio às mudanças socio-culturais, onde o homem forte, protetor, provedor, passou a ser ela mesma. E, como se sua inserção no mundo masculino representasse um campo de batalha, que a desafia constantemente a consolidar o espaço conquistado, utiliza em seu discurso, com frequência, expressões designando luta, guerra, briga, combate.

Os confrontos e as rupturas com os companheiros foram freqüentes na trajetória de vida da “nova” mulher, expressando a dificuldade de ser mantida a relação homem-mulher, quando esta última ocupou um duplo espaço masculino-feminino, tanto pela recusa do parceiro em aceitar um papel secundário ou meramente diferente da figura paterna, como por parte dela própria, pouco a vontade se submissa a um marido forte-autoritário e deslocada quando ao lado de um homem frágil-dependente. A procura de um companheiro, porém, foi marcante na trajetória desta mulher, verificando-se a consumação de repetidas relações, de caráter mais ou menos duradouro, substitutas de uma primeira que se configurou em moldes mais conservadores. Tal busca, além de representar a força das convenções no que concerne à respeitabilidade e “normalidade” na formação de um casal, significava que a solidão confinaria a “nova” mulher num lugar desconfortável, pois não lhe restava o consolo de ser considerada virtuosa, como suas ancestrais, numa época de alta valorização da liberação e do prazer sexual. Sobretudo, poderia representar, ainda, o atestado de suas faltas, o “final infeliz” por suas desobediências (enquanto nos contos de fada todos os finais eram felizes...). Também por isso, os novos encontros, especialmente os da fase de meia-idade, vem sendo vividos com intensidade e percebidos como uma regalia - às vezes inesperada - mas sempre muito bem-vinda. E, quando mantidas as

primeiras uniões, tanto foram referidos conflitos, como gratos sentimentos pela flexibilidade e disponibilidade reconhecida nos parceiros de uma longa convivência.

De qualquer modo, instigada pelas idealizações de um encontro afetivo-sexual pleno e suas possibilidades concretas de realização, avaliadas como difíceis, principalmente pelas atuais solitárias, além de regida pelas severas leis introjetadas no sentido do cumprimento de seus deveres maternos e nesta etapa já parcialmente desobrigadas de compromissos com os filhos, geralmente adolescentes ou adultos, a “nova” mulher procura o seu vir a ser.

Seus projetos pessoais passam por muitas dimensões, especialmente por duas oposições. Uma delas diz respeito a um tipo de união com um outro mais coletivo, onde, dentro possibilidades efetivas de encontro (grupos de poesia, filosofia, lazer, ajuda-mútua, cidadania, comunidade) fluirá o desejo de uma convivência mais intensa e obtenção de uma intimidade, supostamente não realizável, nos moldes almejados, com seus filhos e seus atuais ou potenciais companheiros, diante das condições contemporâneas. Um outro configura um acalentado recolhimento e uma esperada solidão, onde seriam revistos comportamentos padronizados e redescobertos os anseios próprios, diluídos nos ideais alheios, a partir do que algumas metas seriam recompostas.

Quanto ao encaminhamento futuro da vida profissional, revelou-se uma ambivalência, marcada pelo desejo de prosseguir, reengajando-se em atividades pertencentes ao domínio masculino, ainda que descritas ou imaginadas como mais prazerosas do que as atuais, bem como pelo desejo de despojar-se de suas conquistas e retirar-se para um mundo “feminino”, referido como uma espécie de recanto onde reinaria a ordem, a leveza, o equilíbrio, a paz. Uma espécie de sonho, de nostalgia remetida ao modelo tradicional não vivido, onde seria possível cuidar da casa, ver novela, conversar, ter tempo livre.

Nesta etapa de meia-idade, diante do fato de não mais ser percebida ou se perceber como uma imutável "mulher maravilha" (figura que acoplava os mitos de encantador objeto sexual, eficiente esposa-mãe e competente cidadã produtora) ou de jamais vir a ter (ser) a "feminilidade" sonhada, com vínculo pleno de prazer, e tampouco obtendo o "prêmio merecido esforços dispendidos", torna-se complexo arrancar a pele fálica com que se revestiu. No entanto, a respeitável capa de lobo-mau, pela qual aspirou e lutou, vem sendo ambivalentemente um fardo, do qual quer e não quer se livrar, para recuperar a tão sonhada "vovozinha" - poderosa senhora da sabedoria e do amor.

Eis uma das contradições da "nova" mulher que se sente impelida a e impedida de despojar-se de certos personagens profundamente arraigados tanto no imaginário social, como em sua subjetividade: ingênua e passiva como Chapeuzinho Vermelho; poderosa e distante, além de "engolida pelo lobo-mau", como a vovozinha. E, ainda, se identificada com este lobo que a conduziu, entre lutas e disputas, transgressões e culpas, a um apogeu idealizado, onde desfrutou do banquete dos homens-deuses, hesita em retirar esta "capa", num mundo onde permanece a valorização dos papéis masculinos e onde ela conquistou o direito de ser olhada e admitida como "um deles".

Essas identificações com ideais culturais desarmônicos entre si, atravessou os relatos das entrevistadas, sob várias formas. Registraram-se, em muitos momentos, inquietações, dores, temores, inseguranças, culpas, bem como forças ressurgidas para resistir aos impecilhos e buscar os novos-antigos ideais jamais inteiramente alcançáveis. Como nos disse uma entrevistada, com muita propriedade:

"A gente, sei lá, é uma geração de muita ruptura. Então eu acho que a gente tem a angústia, tem o desejo, tem o medo e tem o prazer, entendeu? E vivemos o tempo inteiro batalhando, dentro e fora, com a gente mesmo e

com os outros. Eu agora me sinto muito lúcida para enxergar isto, só não sei bem aonde vou chegar, mas vou procurando...”

Assim, a “nova” mulher vai postergando o “encontro marcado” com a “vovozinha”, onde se refaria uma síntese de plenitude tranquilizadora: ela mesma seu ego ideal inatingível e ora acenado como a bondosa-poderosa velhinha. Encontro pelo qual anseia desde sempre e se destaca nesta fase de transição: de um turbilhão de encargos e responsabilidades - que, para além do que lhe foi exigido, em penitenciando-se, creditou a si própria - para uma etapa que não sabe ou não deseja definir.

Indefinição marcada, porquanto o envelhecimento, como um mal desnecessário, esteve reticente ou foi omitido nos discursos do horizonte existencial das entrevistadas - exorcisado como um fantasma de decomposição daquilo que foi arduamente conquistado: o trabalho e a valorização no âmbito extra-doméstico. Enfim, praticamente banido como representante de um indesejado afastamento de um apogeu idealizado e de um caminho para um ostracismo melancólico. Até porque também persistem dúvidas se, na versão atual de Chapeuzinho Vermelho, a filha de seus filhas e noras ainda estará disponível para “levar uma cesta de frutas” para uma avó debilitada, por instruções de sua mãe. Desde que ela está ciente, como participante e observadora de uma esfera tanto pública como privada, que os códigos morais, as crenças e valores também se alteram nos artefatos tecnológicos e nas altas potências dos meios de comunicação do mundo do descartável e do substituível em que vive.

Várias entrevistadas demonstram que procuram dar o salto para um lugar almejado de “paz” e “equilíbrio”, agarrando-se, indecisas, ao trapézio que até então as sustentavam. No



balançar para o salto, às vésperas das aposentadorias de suas duplas funções - mãe e profissional - reabrem suas feridas narcísicas, para elas procurando remédio, cicatrização.

Entretanto, a “nova” mulher deixa indícios, em sua fala, de que essa cicatriz só será possível num confronto de forças de idealização e de possibilidades concretas. Ou, melhor dizendo, dentro das facilidades e dos obstáculos que puder encontrar como sujeito da crítica de sua crise, dando lugar às condições psicossociais de sujeição e modificação.

Algumas simbolizam a fase que atravessam como o fechamento de um ciclo ou encerramento de um patamar, evocando para tal, o cumprimento de mais uma etapa de trabalho, muitas vezes adiada, pela priorização de encargos do universo feminino. Outras confirmam que se encontram num ponto do ciclo vital, onde, se prosseguir é difícil, retornar é impossível e por isso se esforçam para aproveitar o momento presente, investindo em seus aspectos positivos. Outras mais deixam apenas entrever uma sensação de confiança, como se atravessassem o atual percurso com vitalidade e esperança, por terem adquirido, ao longo dos anos, uma experiência que está sendo útil para remover os entraves e promover descobertas.

Recuando, avançando, reorganizando valores, reconciliando-se com raízes religiosas e familiares, procurando disposição para aprender e renovar, experimentam-se, pois, os confrontos sociais e os próprios conflitos, que atravessam a particular trajetória de vida de cada entrevistada. Conflitos que, em sendo condição da estrutura psíquica - pois houve, há e haverá defasagens entre o idealizado e o realizável, além de impossibilidade de unificação plena do eu - não se restringem, nem se esgotam numa específica perspectiva histórica. Porém, conforme examinamos, por ela são, de certo modo, configurados, isto é, as referências ideais contraditórias são consoantes a um determinado contexto histórico-

cultural. E, assim, sem estar na dependência direta dos confrontos sociais decorrentes das transformações da atualidade, os conflitos da “nova”mulher emergiram em meio a eles.

Ao examinarmos, pois, os conflitos existentes e a articulação de suas polaridades mais marcantes - apogeu idealizado x envelhecimento; (re) ativação “masculina” x resgate do “feminino”; poder x culpa; solidão x afiliação - apresentamos um panorama do mal estar típico de sujeitos concretos - a “nova”mulher - na civilização contemporânea. Mal estar parcialmente calcado numa ética de complementariedade dos papéis de gênero internalizada precocemente, a qual foi questionada na profusão de atitudes viabilizadas em dado contexto histórico-cultural e engendradas por uma geração de mulheres das camadas médias.

Mas estamos cientes de que muito ainda se terá a dizer sobre a infinita rede discursiva desta e de outras sempre renováveis mulheres. Até porque significações como novo-velho; masculino-feminino, a partir das quais formulamos este estudo, vão adquirindo contornos diversos, dentro de outras perspectivas temporais e culturais.

A propósito das primeiras, trazemos uma observação de Deutsch (1963), contida em sua carta à Dra Grete Bibring, em que pedia para ela, então Presidente da American Psychoanalytic Association, transmitir aos sócios desta associação, sua gratidão por lhes haverem conferido a honra de receber o prêmio Menninger. Eis o texto em questão, com o qual termina a carta:

“ The origins of the ‘new’ are contained in the ‘old’, and vice-versa, the ‘new’ carries the legacy of the ‘old’. In the artificial dichotomy of old and new my work is certainly a typical representative of the ‘old’. If, therefore, the Award has meaning wích I read into it, the pleasure wích it gives me lies above all in fact that acknowledges the value of the ‘old’ for the growth of ‘new’.”( Deutsch, 1963, p.228).

Sobre as significações masculino-feminino, Freud (1938), no final de sua obra, deixou como legado, a explicação:

“ Para distinguir entre masculino e feminino, na vida mental, usamos o que é, sem dúvida alguma, **uma equação empírica, convencional e inadequada**; chamamos de masculino tudo o que é forte e ativo, e de feminino tudo o que é fraco e passivo”.<sup>(\*)</sup> (p.216)

E, em torno de ambas, as palavras de uma de nossas entrevistadas, com as quais finalizamos essa investigação:

“ Esta sobrecarga do masculino e feminino, nos dias de hoje está ficando menos sofrida pra mim, mas me desgastei muito, como as mulheres de nossa geração ‘bucha-de-canhão’, a frente do batalhão. As chamadas **virtudes femininas do passado** eu tenho dentro de mim - carinho, parcimônia, vaidade, cuidado com os meus. E as masculinas também estão aqui - muita luta, força, ação e disposição. Até porque como seria a sobrevivência dos meus filhos se eu não tivesse ativado o lado do **\*pai provedor\***? Como é que ia ser? Hoje eu acho que eles levam **uma imagem de mulher muito forte na cabeça deles, como eu tinha do meu pai**. Mas, ao mesmo tempo, essa mulher que deu limites era a mãe carinhosa, que acolhia e chorava com eles. Não sei o que bom ou de mal isto vai acarretar pra eles. Não sei como ficará isto no futuro...”

---

(\*) O grifo é nosso

## ANEXO

### I. Principais temáticas das Entrevistas

- Observações:**
1. O número das entrevistas foi alterado a fim de evitar possibilidade de identificação das entrevistadas.
  2. Ao lado do item consta, entre parêntesis, o número da página da transcrição onde está localizado o tema.

#### Entrevista 1

idade :negação - defesa (1)  
 identidade profissional - discurso racional - aula - (1)  
 análise - outros tipos (2) (3)  
 múltiplos projetos profissionais - afiliação: projeto de socializar a maternidade - (3)  
 maternidade - relativização da - racionalização - (5) (7)  
 período sem afeto - batalha - (11)  
 relação homem-mulher - (10)  
 arte como hobby - (13)  
 tradicional x novo - (14) (15) (21)  
 sexo - solidão - (19)  
 sexualidade na velhice - (21) (23)  
 onipotência - marido-filho-aluno - (21) (22)  
 menstruação - (22)  
 netos - avó - (24) (25)  
 cidade do interior - (26)  
 racionalização da retirada de funções masculinas: grupos de poesia - (26) (27)  
 volta ao tradicional - eterno feminino, trabalho manual - (27)  
 hiperatividade profissional para sair do modelo materno x despir-se de papéis (29)  
 envelhecer -morrer “bem” - contradição explícita - (29) (30) (31)  
 ruptura da relação - mulher superior financeiramente - (36)  
 relação com o dinheiro: mensagem de mãe-tensão no casamento-reversão de papéis  
 (33)(34) (35) (36)  
 política - (37) (38)

#### Entrevista 2

culpa x poder - sucesso e separações - (1) (3)  
 análise - (1)  
 dupla jornada x maternidade - (2)  
 impossibilidade de planos de longo prazo - (3)  
 maternidade solitária - “marido-filho” - onipotência - (4) (7) (10)  
 análise - gratidão - (5) - aspiração (12) (15)  
 importância da maternidade - (6)  
 saída dos filhos, fim de fase, crise (6)

velhice precipitada por perda - (6)  
 liberdade e autonomia - (7) (10)  
 culpa x despir capa de papéis masculinos- (9) (10) - dificuldade de despir - (21)  
 menopausa - (6) (9)  
 culpa x prejuízo pessoal - (9) (10) (22)  
 descoberta de si própria - (10) (12)  
 solidão x afiliação x companheiro x sexualidade - (10) (12)  
 homem idealizado: maravilhoso - (15) (20) Identificação profissional através do pai e da tia  
 saída do modelo materno- (17)(18 )  
 casamento para sair de casa - liberdade - (21)  
 perda dos atrativos - (21)  
 machismo na instituição - (21)  
 harmonia - Paz - (21) (22)  
 avó - netos - (22)

### Entrevista 3

política - (1)  
 liberdade - saída do modelo familiar pelo trabalho (2) (3)  
 maternidade solitária - infidelidade do marido - solidão -crise (7) (14)  
 maternidade x dupla jornada x ambivalência da maternidade - (7) (28) contradição (29) -  
 importância da maternidade - (28) (29)  
 ambivalência no trabalho - (8) (9)  
 poder x culpa - (10) (11) (21)  
 papel da Psicanálise - relativização - (11) (39)  
 racionalização para despir-se de papéis masculinos - ambivalência - largar a atividade x  
 reativar- se - (13) (17)  
 tranquilidade - cidade do interior - retornar ao passado - música - (14)  
 machismo na instituição de trabalho - (17) (18)  
 descaracterização no trabalho - (21)  
 infidelidade contida - (24) (25)  
 prejuízo pessoal e descoberta de si própria - (26) (27)  
 maternidade x culpa - (26) (27) (32) - "cobrança interna de amor materno" - (28)  
 modelo antigo - tradição - (28)  
 envelhecimento - medo explícito - (33) (34) (35)  
 morte - (38)  
 mapa astral - astrologia - (38)  
 saída do modelo materno - (39)

### Entrevista 4

análise (1) (2) (19)  
 poder X culpa (2)  
 maternidade solitária (4) - importância da (6) (24) - onipotência da (7)  
 liberdade, ginástica, lazer (10)  
 solidão X afiliação (12) (14) (23)  
 espiritualidade (12) (14)

preconceito à mulher (15)  
 maternidade X culpa (17)  
 religião - transcendência - místico (20) (21)  
 guerreira - - dificuldade de retirar-se de papéis (21) (22) (25)  
 novo X tradicional (23) (24)  
 relação com o dinheiro (23)  
 paz - eterno feminino (25)

### Entrevista 5

identidade profissional - (1)  
 velhice - (1)  
 aula - discurso racional - (1)  
 identificação com o pai - (2)-Luta - (2)  
 dinheiro x relação homem-mulher - tradição - (4) (5) (6) (13) - alienação: dona-de-casa e não dona da casa - (7) - “cabeça de D. Sinhá” - (8) (9) - ambivalência - dependência x independência - (12) (13)  
 política - (11)  
 maternidade - importância - onipotência - extensão do conceito “grande-mãe” - (12)  
 onipotência e solidão - (14) (16)  
 moderno x identificação com a mãe - (13)  
 ruptura do casamento com o crescimento da mulher - (14)  
 culpa - (16)  
 marido-filho - sensível - (18) (19)  
 despír a capa de papéis masculinos pela sensualidade e pela sensibilidade - (18) - dificuldade (23)  
 volta ao tradicional - (18) (19) (27)  
 análise - ruptura da relação - (19)  
 solidão x afiliação - (8) (19) (20) (24) - racionalização do encontro- (23) (24) (25) (26) (27)

### Entrevista 6

tradição x Novo (1) (7)  
 liberdade pelo trabalho (2) (4)  
 relação com o dinheiro(2) (8)  
 espiritualidade, harmonia (3) (9)  
 crise(2)  
 ruptura da relação- mulher forte (4)  
 culpa x Poder (5)(9)  
 maternidade - onipotencia (6), solitária (7) (9), importância(15)  
 duplo papel (8)  
 análise (14)  
 guerreira (9) (11)  
 resgate feminino (19) (20)  
 solidão x Afiliação (17) (20)

### Entrevista 7

identidade profissional-Arrojada-Ambivalência(3)-(4)Faculdade-Ambiente favoravel(4)-(5)  
 maternidade Conflituosa-“...me confundiu imensamente...”(6)-(7)  
 trabalho X Maternidade X Dinheiro(6)-(7)-(10)  
 onipotência profissional“...Eu era um departamento...”(7)  
 maternidade como encargo-Cobrança- Pseudo-agente de felicidade filial(7)  
 maternidade X Culpa(7)”...Devo ter feito muito mal a ela...”  
 conjugue secundarizado(7)  
 poder X culpa(8)-(12)  
 culpa X onipotência maternal(8)  
 auto valorização pelo trabalho(11)  
 papel da Psicanálise- importância(12)

### Entrevista 8

tradicional X novo (1)  
 política (1)- política doméstica(3)-ambivalência(relação informal)(4a)(5)  
 terapia (1a) - importância (7)  
 feminismo(2)-(3a)  
 dinheiro X poder(2a)-ambivalência (3a)-(4)-(10a)-  
 tradicional X novo- medo de ser mãe solteira(3a)-(6a)-(7a)  
 casa de praia(4)- vida bucólica- feliz(16)  
 maternidade-solidão(7)  
 guerreira-batalha (9)-(10a) dificuldade de largar papéis masculinos (13)-(13a)  
 projeto- fechamento- afiliação(mágica)- Mestrado- Doutorado((13)-(13a)  
 pequenas coisas (13)- livre (13)-(14a)  
 relação com o parceiro - final feliz(15)

### Entrevista 9

papel do analista (3)  
 necessidade de liberdade - saída modelo tradicional (3)  
 incentivo do marido(4)-(23)  
 importância da maternidade X trabalho(4)  
 morte do filho(4)  
 poder X culpa(4)  
 dupla jornada(5)- dificuldade com a maternidade(5)  
 preconceito institucional- (idade, mulher )-(7)-(9)-(13)  
 relação com dinheiro-desprendimento-ambivalência- “velha X nova” (10)-(11)  
 onipotência(13)-(19)-(22)-(27)  
 inversão e confusão dos papéis masculino - feminino- (13)-(19)-(20)-(26)  
 projeto de vida- profissional(18)

volta ao tradicional- busca do eterno feminino-dificuldade de retirar-se de papéis masculinos(21)-(24)-(26)-(27)-(28)-(29)  
 aposentadoria(24)  
 avó(25)  
 guerra-combate(26)  
 maternidade X culpa(27)  
 vida tranquila(27)-(28)

### **Entrevista 10**

relação frouxa e tradicional com dinheiro - identidade profissional (1) (11) - dinheiro e casamento (11) (14) (15)  
 mapa-astral (1)  
 arte X profissão (2)  
 política - onipotência da juventude (2)  
 casamento como liberdade e ruptura com a tradição (3)  
 ambivalência moderno X tradicional (4) (11)  
 maternidade X culpa (5)  
 maternidade temporã - importância da (6) (7)  
 sexualidade X maternidade (8) (9)  
 dupla jornada X libido (9)  
 solidão na maternidade (9) (10)  
 culpa e poder (12) (16) (17)  
 conflitos de aposentadoria (13) (14) (16)  
 solidão (14)  
 aposentadoria e dificuldade de despojar-se dos papéis masculinos (15)  
 terapia - análise (16)  
 tranquilidade - serenidade (17)

### **Entrevista 11**

tradição (1)  
 afiliação política (2)  
 culpa (3) - divisão de papéis (8) - resgate de (10) (11)  
 identidade profissional (4)  
 guerreira (5) (6) papéis masculinos X tradição (8)  
 preconceito à mulher (5) (16)  
 poder X culpa (7)  
 maternidade X profissão (7) - maternidade solitária (8) (9) dor da (17) importância da (19)  
 onipotência (7)  
 espiritualidade - harmonia (9) - onipotência - missão (10)  
 tranquilidade (10)  
 o grande feminino (11)  
 homem maravilhoso (11)  
 afiliação (12)  
 relação com o dinheiro (13)  
 duplo papel masculino-feminino (13) (14) (15)



ruptura relação - mulher forte, homem fraco (14) (15)  
 terapia (16) (17)

### Entrevista 12

ruptura com padrões tradicionais (1)  
 papel da psicoterapia (1) (9)  
 ânsia de liberdade (2) poder e culpa (2) (4) (15)  
 identidade profissional (4) (11)  
 tradicional X novo (5)  
 marido: uso emblemático (5)  
 maternidade X trabalho (5) (6) (7) família X marido X trabalho (14) (15)  
 maternidade X culpa (7)  
 rainha do lar X guerreira (7)  
 importância da tradição (10) (16)  
 solidão X afiliação (12)  
 ausência de modelo (13)  
 guerreira - batalha - (18) (19) (7)  
 onipotência X impotência (18)  
 medo do futuro (20) (19)

### Entrevista 13

tradicional X novo (1) (3)  
 identidade profissional (2)  
 luta independência - iniciativa (4) (5) (8)  
 preconceito da velhice (6)  
 psicoterapia (10) (12) (13) (16) (17)  
 cobrança de maternidade e casamento (11)  
 ansiedade, depressão (12)  
 solidão X afiliação (13)  
 feminismo (15)  
 culpa e medo (17) (18)  
 liberdade e realização (18)

### Entrevista 14

maternidade X universo psicologizado (1)  
 onipotência (1) (2) (4) (8) - duplo masculino e feminino (8) (12) (13)  
 culpa X maternidade (3)  
 solidão X afiliação (3) (4)  
 solidão - falta do companheiro (5) (6)  
 recuperar algo que falta, algo perdido (5)  
 projeto, descobrimento dos desejos (5)  
 maternidade (6) - importância da (8)

culpa - boicote ao companheiro (6)  
 movimento político (7)  
 geração de mudança (9) (10) - onipotência da geração  
 independência X solidão (9)  
 rivalidade com mulher mais jovem (10) (14)  
 psicoterapia (13)  
 despojar-se dos papéis masculinos (13)  
 preconceito parceiro mais novo (14)  
 aposentadoria X solidão X afiliação (16)  
 atividade física como auxílio à crise (17)

### Entrevista 15

crise-transição (1) salada de frutas (35)  
 espiritualidade (1) (2) (8) - magia (3) - integração - outro sentido para a vida (14) (15) (38)  
 dinheiro (1)  
 relação com o dinheiro (2) (20) (21) (23) (24) dinheiro podre (25)  
 homem fragilizado (2)  
 solidão X afiliação (5) (12) - projeto grupal (14) (15) (36) - ajuda para sair da crise (17)  
 solidão (18)  
 tradição (5) - retorno às raízes (6)  
 retirar X reativar (6)  
 terapia (9) (10) (38) (39)  
 mudança de papéis - protegida para protetor (10)  
 liberdade - retomada da (12)  
 natureza - caminhadas de lazer (13)  
 casamento X separações (16)  
 maternidade solitária (17)  
 maternidade X culpa (18) (32) (33)  
 onipotência X culpá (18) (19)  
 onipotência X impotência (19) (21) “empregada, secretária, mãe, tudo...” (24)  
 mulheres desvalorizadas na família (22)  
 desvalorização masculina do feminino (26) (30)  
 culpa e poder (30) (31)  
 mensagem para a nova geração-crise (34)

### Entrevista 16

crise (1) ambivalência da liberdade  
 poder X culpa (2)  
 segurança X insegurança (2)  
 solidão (3) - desprazer (6)  
 dificuldade de companheiro - poder afasta - preferência por jovens (3) (7)  
 tradicional X novo (5)  
 identidade profissional -masculino (4) (5)

terapia fugaz (6)  
 vida doméstica X profissional (10)  
 decepção com o casamento - a outra mais jovem (14)  
 maternidade e profissão (16)  
 avó (18)

### Entrevista 17

volta à adolescência (1)  
 momentos políticos (1)  
 trabalho e crise - rugas (2) (5)  
 afiliação X solidão (2) (3) (4) - solidão (11)  
 velhice (3)  
 identidade profissional (4) - onipotência (6) - vida e trabalho (14)  
 relação com o dinheiro (5)  
 tradição (6) (7)  
 importância dos filhos - falta da maternidade (7)  
 paz (7) (8) calma (11) - simples, doméstico, feminino (12) (13) descompromisso (12) (13) -  
 leveza, eterno feminino (15)  
 falta do companheiro (8) - dificuldade pelo envelhecimento (8)  
 psicoterapia - análise (9) (10) (11)  
 dificuldade de despojar-se dos papéis masculinos (11) (12) (13)  
 necessidade de autonomia - liberdade (14)

### Entrevista 18

relação com o dinheiro (2)  
 culpa e poder (2)  
 despir papéis masculinos- conflito(3) - aposentadoria (9)  
 culpa (3) (4)  
 moderno X tradicional (5)  
 maternidade (6) - solidão na (7)  
 trabalho X família X afeto (6) - sobrecarga (8)  
 terapia (8)  
 paz - equilíbrio - tempo livre (8) (10)  
 ciclo cumprido - vazio (9)  
 independência pela separação (10)

### Entrevista 19

tradicional X moderno (1) (4) (41) - nostalgia do tradicional (4)  
 crise como oportunidade (1)  
 identificação por oposição à mãe (2) (13)  
 liberdade (2)  
 virgem (8)

sacrifício pelo trabalho do marido (11)  
 volta ao feminino (13)  
 esforço de fidelidade (17) (20)  
 solidão (20)  
 submissão (23)  
 religião (24)  
 projeto de estudo (24)  
 afiliação (27) (32) (34) (37) - ajudar outros (32)  
 terapia (27) (30) (33)  
 liberdade x culpa x demanda social para dedicação (28)  
 cobrança de ser boa filha , mãe doente, crise(30) (31)  
 projeto vago - livro (31)  
 harmonia - transcendência (35)  
 culpa e poder (35) (43)  
 dificuldade em despojar-se de papéis masculinos (37)  
 maternidade X culpa (43)

### Entrevista 20

ambiguidade de dar depoimento - “fase de vida interessante”(1)  
 terapia (1) (11)  
 culpa com o trabalho e consigo mesma - dupla jornada (2)  
 relação com o dinheiro X casamento (5) (6)  
 solidão - bem vinda (6)  
 dívida consigo própria (7)  
 casamento como opressão (8)  
 maternidade X culpa (9) (10)  
 culpa (11)  
 projeto de vida vago (13)  
 vida mais plena - viver o momento (13) (14)  
 poder X culpa (15) (16) (17) (18)  
 relação com o dinheiro (20) (21)  
 dona-de-casa e dono da casa (21) (24)  
 submissão voluntária (21) (22) (23)

## II. Sumário dos Temas

**Observação:** Na margem esquerda figura o número da entrevista e, ao lado do item, a página da transcrição de onde foi extraído

### Solidão, parceria, conjugalidade, afiliação

- 1) múltiplos projetos profissionais - afiliação: projeto de socializar a maternidade (3)
- 1) relação homem-mulher (10) sexo - solidão (19)
- 1) ruptura da relação -mulher superior financeiramente (36)
- 1) relação com o dinheiro: mensagem de mãe-tensão no casamento - reversão de papéis: (33)(34) (35) (36)
- 2) solidão x afiliação x companheiro x sexualidade (10) (12)
- 2) homem idealizado: maravilhoso (15) (A) casamento para sair de casa - liberdade (A)
- 3) maternidade solitária - infidelidade do marido - solidão (7)
- 3) infidelidade contida (24) (25)
- 4) solidão X afiliação (12) (14) (23)
- 5) dinheiro x relação homem-mulher - tradição (4) (5) (6) (13) alienação: dona-de-casa e não dona da casa (7) "cabeça de D. Sinhá" (8) (9) ambivalência - dependência x independência (12) (13) onipotência e solidão (14) (16)
- 5) ruptura do casamento com o crescimento da mulher (14)
- 5) marido - filho - sensível (18) (19) análise - ruptura da relação (19)
- 5) solidão x afiliação (8) (19) (20) (24) racionalização do encontro (23)(24)(25)(26)(27)
- 6) ruptura de relação - mulher forte (4) solidão X afiliação - liberdade (17) (20)
- 7) conjugue secundarizado (7)
- 8) maternidade - solidão (7)
- 8) afiliação (mágica) (13)
- 8) relação com o parceiro - final feliz (15)
- 9) incentivo do marido (4) (23)
- 10) dinheiro e casamento (11) (14) (15)
- 10) casamento como liberdade e ruptura com a tradição (3) solidão (14)
- 11) homem maravilhoso (11) afiliação (12)
- 11) ruptura relação - mulher forte, homem fraco (14) (15)
- 12) marido: uso emblemático (5)
- 12) maternidade X trabalho (5) (6) (7) família X marido X trabalho (14) (15)
- 12) solidão X afiliação (12)
- 13) solidão X afiliação (13)

- 14) solidão X afiliação (3) (4) solidão - falta do companheiro (5) (6)
- 14) culpa - boicote ao companheiro (6) independência X solidão (9)
- 14) preconceito parceiro mais novo (14) aposentadoria X solidão X afiliação (16)
- 15) homem fragilizado (2)
- 15) solidão X afiliação (5)(12) -projeto grupal (14)(15)(36) -ajuda para sair da crise (17)
- 15) solidão (18)
- 15) mudança de papéis - protegida para protetor (10) casamento X separações (16)
- 15) maternidade solitária (17)
- 16) solidão (3) - desprazer (6)
- 16) dificuldade de companheiro - poder afasta - preferência por jovens (3) (7)
- 16) decepção com o casamento - a outra mais jovem (14)
- 17) afiliação X solidão (2) (3) (4) - solidão (11)
- 18) maternidade (6) - solidão na (7) trabalho X família X afeto (6) - sobrecarga (8)
- 18) independência pela separação (10)
- 19) sacrifício pelo trabalho do marido (11)
- 19) esforço de fidelidade (17) (20) solidão (20) submissão (23)
- 19) afiliação (27) (32) (34) (37)- ajudar outros (32)
- 20) relação com o dinheiro X casamento (5) (6)
- 20) solidão - bem vinda (6) casamento como opressão (8)
- 20) submissão voluntária (21) (22) (23)

## Maternidade

- 1) múltiplos projetos profissionais - afiliação: projeto de socializar a maternidade (3)
- 1) maternidade - relativização da - racionalização (5) (7)
- 2) dupla jornada x maternidade (2)
- 2) maternidade solitária - "marido-filho" - onipotência (4) (7) (10)
- 2) importância da maternidade (6)
- 3) maternidade solitária - infidelidade do marido - solidão (7)
- 3) maternidade x dupla jornada x ambivalência da maternidade (7) (28) contradição (29)
- importância da maternidade (28) (29)
- 3) maternidade x culpa - (26) (27) (32) - "cobrança interna de amor materno" (28)
- 4) maternidade solitária (4) - importância da (6) (24) - onipotência da (7)
- 4) maternidade X culpa (17)
- 5) maternidade - importância - onipotência - extensão do conceito "grande-mãe" (12)
- 6) maternidade - onipotência (6), solitária (7) (9), importância da (15)
- 7) maternidade conflituosa-"...me confundi imensamente..." (6) (7)
- 7) trabalho X maternidade X dinheiro (6) (7) (10)
- 7) maternidade como encargo - cobrança - pseudo-agente de felicidade filial (7)
- 7) maternidade X Culpa (7) "...Devo ter feito muito mal a ela..."
- 8) tradicional X novo - medo de ser mãe solteira (3a) (6a) (7a)
- 8) maternidade - solidão (7)
- 9) importância da maternidade X trabalho (4)
- 9) dupla Jornada (5) - dificuldade com a maternidade (5) maternidade X culpa (27)
- 10) maternidade X culpa (5) maternidade temporã - importância da (6) (7)
- 10) sexualidade X maternidade (8) (9) solidão na maternidade (9) (10)
- 11) maternidade X profissão(7) maternidade solitária(8)(9)dor da (17)importância da(19)

- 12) maternidade X trabalho (5) (6) (7) família X marido X trabalho (14) (15)
- 12) maternidade X culpa (7)
- 13) cobrança de maternidade e casamento (11)
- 14) maternidade X universo psicologizado (1) culpa X maternidade (3)
- 14) maternidade (6) - importância da (8)
- 15) maternidade solitária (17) maternidade X culpa (18) (320) (33)
- 16) maternidade e profissão (16)
- 17) importância dos filhos - falta da maternidade (7)
- 18) maternidade (6) - solidão na (7)
- 19) maternidade X culpa (43)
- 20) maternidade X culpa (9) (10)

### **Envelhecimento**

- 1) idade -negação (1) - sexualidade na velhice (21) (23)
- 1) netos - Avó (24) (25)
- 1) envelhecer - morrer "bem" - contradição explícita (29) (30) (31)
- 2) velhice precipitada por perda (6) menopausa (6) (9)
- 2) perda dos atrativos (21) Avó - netos (22)
- 3) envelhecimento - medo explícito (33) (34) (35) morte (38)
- 5) velhice- negação (1)
- 9) aposentadoria (24) Avó (25)
- 10) conflitos de aposentadoria (13) (14) (16)
- 13) preconceito da velhice (6)
- 14) rivalidade com mulher mais jovem (10) (14)
- 14) preconceito com parceiro mais novo (14) aposentadoria X solidão X afiliação (16)
- 16) avó (18)
- 17) crise - rugas (2) velhice (3)
- 17) falta do companheiro (8) - dificuldade pelo envelhecimento (8)

### **Identidade Profissional**

- 1) identidade profissional - discurso racional - aula (1)
- 1) múltiplos projetos profissionais - afiliação: projeto de socializar a maternidade (3)
- 2) dupla jornada x maternidade (2) impossibilidade de planos de longo prazo (3)
- 2) identificação profissional através do pai e da tia - saída do modelo materno (A)
- 2) machismo na instituição (A)
- 3) ambivalência no trabalho (8) (9)
- 3) machismo na instituição de trabalho (17) (18) descaracterização no trabalho (21)
- 5) identidade profissional (1) aula - discurso racional (1)
- 7) identidade profissional-arrojada-ambivalência (3)(4) faculdade - ambiente favorável (4)(5)
- 7) trabalho X maternidade X dinheiro (6) (7) (10)
- 7) onipotência profissional "...Eu era um departamento..." (7)
- 7) auto valorização pelo trabalho (11)
- 8) projeto - fechamento - afiliação (mágica) - Mestrado - Doutorado (13) (13a)
- 9) importância da maternidade X trabalho (4)

- 9) preconceito Institucional - (idade, mulher ) (7) (9) (13)
- 9) projeto de vida - profissional (18) aposentadoria (24)
- 10) identidade profissional (1) (11) - dinheiro e casamento (11) (14) (15)
- 10) arte X profissão (2)dupla jornada X libido (9)conflitos de aposentadoria (13)(14)(16)
- 11) identidade profissional (4) maternidade X profissão (7)
- 12) identidade profissional (4) (11)
- 12) maternidade X trabalho (5) (6) (7) família X marido X trabalho (14) (15)
- 13) identidade profissional (2) luta idependência - iniciativa (4) (5) (8)
- 16) identidade profissional - dificuldade de despojar-se (4) (5) vida doméstica X profissional (10)
- 16) maternidade e profissão (16)
- 17) identidade profissional (4) - onipotência (6) - vida e trabalho (14)
- 18) trabalho X família X afeto (6) - sobrecarga (8)
- 19) projeto de estudo (24)
- 20) culpa com o trabalho e consigo mesma - dupla jornada (2)

### **Papéis “Masculinos” (competição, luta, batalha)**

- 1) período sem afeto - batalha - (11)
- 1) racionalização da retirada de funções masculinas: grupos de poesia (26) (27)
- 1) hiperatividade profissional para sair do modelo materno x despir-se de papéis
- 2) culpa x despir-se papéis masculinos (9) (10)
- 3) Papéis masculinos- racionalização para despir-se - ambivalência - largar a atividade x reativar-se (13) (17)
- 4) guerreira - dificuldade de retirar-se da atividade (21) (22) (25)
- 5) identificação com o pai (2) luta (2)
- 5) despir-se de papéis masculinos pela sensualidade e pela sensibilidade (18) dificuldade (23)
- 6) guerreira (9) (11)
- 8) guerreira-batalha (9) (10a) dificuldade de largar papéis masculinos (13) (13a)
- 9) inversão e confusão dos papéis masculino - feminino - (13) (19) (20) (26)
- 9) volta ao tradicional - busca do eterno feminino - dificuldade de retirar-se de papéis masculinos (21) (24) (26) (27) (28) (29) guerra-combate (26)
- 10) aposentadoria e dificuldade de despojar-se da identidade profissional(15)
- 11) guerreira (5) (6) papéis masculinosX tradição (8)
- 12) rainha do lar X guerreira (7) guerreira - batalha - (18) (19) (7)
- 14) despojar-se dos papéis masculinos (13)
- 15) retirar x reativar (6)
- 16) identidade profissional - masculino(4) (5)
- 17) dificuldade de despojar-se dos papéis masculinos (12) (13)
- 18) despir papéis masculinos, conflito (3) - aposentadoria (9)
- 19) dificuldade em despojar-se de papéis masculinos (37)

### **Onipotência**

- 1) onipotência - marido-filho-aluno (21) (22)
- 2) maternidade solitária - “marido-filho” - onipotência (4) (7) (10)



- 4) maternidade solitária (4) - importância da (6) (24) - onipotência da (7)
- 5) maternidade - importância - onipotência - extensão do conceito "grande-mãe" (12) onipotência e solidão (14) (16)
- 6) maternidade - onipotência (6), solitária (7) (9), importância da (15)
- 6) duplo papel (8)
- 7) onipotência profissional "...Eu era um departamento..." (7)
- 7) culpa X onipotência maternal (8)
- 9) onipotência (13) (19) (22) (27)
- 10) política - onipotência da juventude (2)
- 11) onipotência (7) duplo papel masculino-feminino (13) (14) (15)
- 12) onipotência X impotência (18)
- 14) onipotência (1) (2) (4) (8) - duplo masculino e feminino (8) (12) (13)
- 14) geração de mudança (9) (10) - onipotência da geração - independência X solidão (9)
- 15) mudança de papéis - protegida para protetor (10) onipotência X culpa (18) (19)
- 15) onipotência X impotência (19) (21) empregada, secretária, mãe, tudo... (24)
- 16) segurança X insegurança (2)
- 17) identidade profissional (4) - onipotência (6) - vida e trabalho (14)
- 18) trabalho X família X afeto (6) - sobrecaraga (8)
- 19) projeto de estudo (20)
- 20) dona-de-casa e dono da casa (21) (24)

#### **"Eterno Feminino" ( espiritualidade, tranquilidade, bucolismo, etc.)**

- 1) arte como hobby (13) cidade do interior (26)
- 1) volta ao tradicional - eterno feminino, trabalho manual (27)
- 2) descoberta de si própria (10) (12) harmonia - Paz (21) (22)
- 3) tranquilidade - cidade do interior - retornar ao passado - música (14)
- 3) prejuízo pessoal e descoberta de si própria (26) (27) mapa astral - astrologia (38)
- 4) espiritualidade (12) (14) religião - transcendência - místico (20) (21)
- 4) paz - eterno feminino (25)
- 5) volta ao tradicional (18) (19) (27)
- 6) espiritualidade, harmonia (3) (9) resgate feminino (19) (20)
- 8) casa de praia(4) - vida bucólica - feliz (16) pequenas coisas (13) livre (13) (14a)
- 9) volta ao tradicional - busca do eterno feminino - dificuldade de retirar-se dos papéis masculinos (21) (24) (26) (27) (28) (29) vida tranquila (27) (28)
- 10) mapa-astral (1) arte X profissão (2) tranquilidade - serenidade (17)
- 11) espiritualidade - harmonia (9) - onipotência - missão (10)
- 11) tranquilidade (10) O grande feminino (11)
- 14) recuperar algo que falta, algo perdido (5) projeto, descobrimento dos desejos (5)
- 14) paz - eterno feminino (25)
- 15) espiritualidade (1) (2) (8) - magia (3) - integração - outro sentido para a vida (14) (15) (38)
- 15) tradição (5) - retorno às raízes (6) natureza - caminhadas de lazer (13)
- 17) paz (7) (8) calma (11) - simples, doméstico, feminino (12) (13) descompromisso (12) (13) - leveza, eterno feminino (15)
- 18) paz - equilíbrio - tempo livre (8) (10) ciclo cumprido - vazio (9)

- 19) volta ao feminino (13) religião (24) harmonia - transcendência (35)  
 20) vida mais plena - viver o momento (13) (14)

### **Tradição**

- 1) tradicional x novo (14) (15) (21)  
 3) modelo antigo - tradição (28) saída do modelo materno (A)  
 4) novo X tradicional (23) (24)  
 5) dinheiro x relação homem-mulher - tradição (4) (5) (6) (13) alienação: dona-de-casa e não dona da casa (7) "cabeça de D. Sinhá" (8) (9) ambivalência - dependência x independência (12) (13) moderno x identificação com a mãe (13)  
 6) tradição X novo (1) (7)  
 8) tradicional X novo (1) tradicional X novo - medo de ser mãe solteira (3a) (6a) (7a)  
 9) relação com dinheiro - desprendimento - ambivalência - "velha X nova" (10) (11)  
 10) relação frouxa e tradicional com dinheiro - identidade profissional (1) (11) - dinheiro e casamento (11) (14) (15)  
 10) casamento como liberdade e ruptura com a tradição (3)  
 10) ambivalência moderno X tradicional (4) (11)  
 11) tradição (1)  
 12) ruptura com padrões tradicionais (1) tradicional X novo (5)  
 12) importância da tradição (10) (16)  
 13) tradicional X novo (1) (3)  
 15) tradição (5) - retorno às raízes (6)  
 16) tradicional X novo (5)  
 17) tradição (6) (7)  
 18) moderno X tradicional (5)  
 19) tradicional X moderno (1) (4) (41) - nostalgia do tradicional (4)

### **Relação com dinheiro**

- 1) relação com o dinheiro: mensagem de mãe-tensão no casamento - reversão de papéis (33) (34) (35) (36)  
 4) relação com o dinheiro (23)  
 5) dinheiro x relação homem-mulher - tradição (4) (5) (6) (13) alienação: dona-de-casa e não dona da casa (7) "cabeça de D. Sinhá" (8) (9) ambivalência - dependência x independência (12) (13)  
 6) relação com o dinheiro (2) (8)  
 7) trabalho X maternidade X dinheiro (6) (7) (10)  
 8) dinheiro X poder (2a) - ambivalência (3a) (4) (10a)  
 9) relação com dinheiro - desprendimento - ambivalência - "velha X nova" (10) (11)  
 10) relação frouxa e tradicional com dinheiro - identidade profissional (1) (11) - dinheiro e casamento (11) (14) (15)  
 11) relação com o dinheiro (13)  
 15) dinheiro (1) relação com o dinheiro (2) (20) (21) (23) (24) dinheiro podre (25)  
 17) relação com o dinheiro (5)  
 18) relação com o dinheiro (2)  
 20) relação com o dinheiro X casamento (5) (6) relação com o dinheiro (20) (21)

## Sexualidade

- 1) sexo - solidão (19) sexualidade na velhice (21) (23) menstruação (22)
- 2) solidão x afiliação x companheiro x sexualidade (10) (12) perda dos atrativos (21)
- 3) infidelidade contida (24) (25)
- 4) sexualidade - importância (11) liberdade e sexualidade(20)
- 8) lidar com a sexualidade (6) (14)
- 10) sexualidade X maternidade (8) (9) dupla jornada X libido (9)
- 15) Sexualidade e casamento (17)
- 18) sexualidade diferenciada nos relacionamentos (14)
- 19) virgem (8) esforço de fidelidade- sexualidade contida (18)

## Terapia

- 1) análise e outros tipos (2) (3)
- 2) análise (1) análise - gratidão (5) aspiração (12) (15)
- 3) papel da Psicanálise(11) - relativização da terapia (31)
- 4) análise (1) (2) (19)
- 5) análise - ruptura da relação (19)
- 6) análise (14)
- 7) papel da Psicanálise - importância (12)
- 8) terapia (1) importância (7)
- 9) papel do analista(3)
- 10) terapia - análise (16)
- 11) terapia (16) (17)
- 12) papel da psicoterapia (1) (9)
- 13) psicoterapia (10) (12) (13) (16) (17)
- 14) psicoterapia (13)
- 15) terapia (9) (10) (38) (39)
- 16) terapia fugaz (6)
- 17) psicoterapia- análise (9) (10) (11)
- 18) terapia (8)
- 19) terapia (27) (30) (33)
- 20) terapia (1) (11)

## Liberdade

- 2) liberdade e autonomia (7) (10)
- 2) casamento para sair de casa, liberdade (21)
- 3) liberdade - saída do modelo familiar pelo trabalho (2) (3)
- 4) liberdade, ginástica, lazer (10)
- 6) liberdade pelo trabalho (2) (4)
- 6) solidão X afiliação - liberdade (17) (20)
- 9) necessidade de liberdade - saída modelo tradicional (3)
- 12) ansia de liberdade (2) liberdade, poder e culpa (2) (4) (15)
- 13) liberdade e realização (18)

- 15) liberdade - retomada da (12)
- 16) crise (1) ambivalência da liberdade
- 17) necessidade de autonomia - liberdade (14)
- 19) liberdade (2) liberdade X culpa X demanda social para dedicação (28)

### Política

- 1) política (37) (38)
- 3) política (1)
- 5) política (11)
- 8) política (1)- política doméstica (3) ambivalência (relação informal) (4a) (5)
- 10) política - onipotência da juventude (2)
- 11) afiliação política (2)
- 14) movimento político (7)
- 17) momentos políticos (1)

### Feminismo

- 2) machismo no trabalho, preconceito à mulher (15)
- 4) preconceito à mulher (15)
- 8) feminismo (2) (3a)
- 11) preconceito à mulher (5) (16)
- 13) feminismo (15)
- 15) mulheres desvalorizadas na família (22)
- 15) desvalorização masculina do feminino (26) (30)

### Culpa

- 2) culpa x poder - sucesso e separações (1) (3)
- 2) culpa x prejuízo pessoal (9) (10) (A)
- 3) poder x culpa (10) (11) (21)
- 3) maternidade x culpa - (26) (27) (32) - "cobrança interna de amor materno" (28)
- 4) poder X culpa (2) maternidade X culpa (17)
- 5) culpa (16)
- 6) culpa X poder (5) (9)
- 7) maternidade X Culpa (7) "...Devo ter feito muito mal a ela..."
- 7) poder X culpa (8) (12) culpa X onipotência maternal (8)
- 9) poder X culpa (4) maternidade X culpa (27)
- 10) maternidade X culpa (5) culpa e poder (12) (16) (17)
- 11) culpa (3) - divisão de papéis (8) - resgate de (10) (11) poder X culpa (7)
- 12) ânsia de liberdade (2) poder e culpa (2) (4) (15) maternidade X culpa (7)
- 13) culpa e medo (17) (18)
- 14) culpa X maternidade (3) culpa - boicote ao companheiro (6)
- 15) maternidade X culpa (18) (32) (33) onipotência X culpa (18) (19)
- 15) culpa e poder (30) (31)
- 16) poder X culpa (2)

- 18) culpa e poder (2) culpa (3) (4)
- 19) liberdade X culpa X demanda social para dedicação (28)
- 19) culpa e poder (35) (43) maternidade X culpa (43)
- 20) dívida consigo própria (7) maternidade X culpa (9) (10) culpa (11)
- 20) poder X culpa (15) (16) (17) (18)

### **Crise**

- 2) saída dos filhos, fim de fase, crise ( 6)
- 3) infidelidade do marido, solidão crise (7) ( 14).
- 6) crise (2)
- 9) morte do filho (4)
- 12) medo do futuro (20) (19)
- 13) ansiedade, depressão (12)
- 14) atividade física como auxílio à crise (17)
- 15) crise - transição (1) salada de frutas (35) mensagem para a nova geração (34)
- 17) volta à adolescência (1) trabalho e crise- rugas (2) (5)
- 18) ciclo cumprido - vazio (9)
- 19) crise como oportunidade (1)
- 19) cobrança de ser boa filha, mãe doente, crise (30) (31)
- 20) ambiguidade de dar depoimento, fase de vida “interessante” (1) (2)

**Observação :** Crise incluída no tópico **Terapia** das seguintes entrevistas 2,3, 4, 5, 7, 10, 12, 16, 18, 19.

## BIBLIOGRAFIA

- Abraham, K. (1959). *Psicoanálisis Clínico*. Buenos Aires, Paidós.
- Aburdene, P. & Naisbitt, J. (1993). *Megatendências para Mulheres*. Rio de Janeiro, Ed. Rosa dos Ventos.
- Adorno, T.W. & Horkheimer. (1974). *La Dialectique de la Raison*. Paris, Gallimard.
- Aguiar, N (1984). *Mulher na Força de Trabalho na América Latina*. Petrópolis, Vozes.
- Almeida, M.I.M. (1987). *Maternidade : um destino inevitável?* Rio de Janeiro, Campus.
- Ariès, P. (1986). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara.
- Ariès, P. & Béjin, A. (org.) (1985). *Sexualidade Ocidental*. São Paulo, Ed. Brasiliense.
- Bachrach, A.J. (1972) *Fundamentos Experimentais da Psicologia Clínica*. São Paulo, Herder.
- Bandura, A. (1971). *Psychological Modeling: conflicting theories*. Chicago, Aldine-Atherton Publ. Co.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Edições 70, Ltda.
- Barroso, C. L.de M.(1975). A Participação da Mulher no Desenvolvimento Científico Brasileiro. *Ciência e Cultura*, 27 (5).
- \_\_\_\_\_ (1978). Sozinhas ou Mal Acompanhadas: a situação das mulheres chefes de família. Em: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 4, *Anais*, Belo Horizonte, 457- 472.
- Barroso, C.L. de M & Bruschini, M.C. (1981) Sexualização das Ocupações: o caso brasileiro. *Cadernos de Pesquisa*. ( 28) : 55-20, out.
- Beauvoir, S. (1990). *A Velhice*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira

- Bem, S.L.(1974). The Measurement of Psychological Androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*. 42(2), 155-162.
- \_\_\_\_\_. (1975). Sex Role Adaptability: one consequence of psychological androgeny. *Journal of Personality and Social Psychology*. 31(4), 634-643.
- Benedek, T. (1980). Climaterium: a development phase. *The Psicanalytic Quarterly*, (1): 43-67.
- Berelson, B. (1954). Content Analysis. In Lindzey, g. (Ed.) *Handbook of Social Psychology*. Reading Massachusetts: Addison-Wesley. pp. 488-518.
- Berger, P (1978). *Perspectivas Sociológicas. Uma visão humanística*. Petrópolis, Vozes.
- Bettelheim, B. (1990). *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. São Paulo, Paz e Terra.
- Biaggio, A. ( 1976). *Psicologia do Desenvolvimento*. Petrópolis, Vozes.
- Bleger, J. (1971). *Metodos de Investigación en psicología y en psicopatología*. Buenos Aires, Ed. Nueva Visión.
- Bleichmar, H. (1987). *O Narcisismo: estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Porto Alegre. Artes Médicas.
- Bleichmar, E. (1988). *O Feminismo Expontâneo da Histeria*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Bosi, E. (1979). *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. São Paulo, EDUSP.
- Brandão, C.R.( 1981) *Pesquisa Participante*. Sao Paulo, Brasiliense
- Brink, T.L. (1983). *Psicoterapia Geriátrica*. Rio de Janeiro, Imago.
- Bruschini, M.C. & Rosemberg, F. (1980) *Vivência: Sexualidade e Imagens Femininas*. São Paulo, Brasiliense.
- Burin, M. (1987). *Estudios sobre la Subjetividad Feminina*. Buenos Aires, Paidós.
- \_\_\_\_\_. (1990). *El Mal Estar de las Mujeres: la tranquilidad recetada*. Buenos Aires, Paidós.
- Burmeister, T.(1987). *Década da Mulher: 1976-1985 - Avaliação*, Rio de Janeiro NEM/PUC/RIO.
- Castro, L. R. (1990). Desenvolvimento Humano: Por Um Retorno ao Imaginário. *Psicologia Clínica: Pós Graduação e Pesquisa*, Rio de Janeiro, 5, 11-17.
- Chasseguet-Smirgel (1992). *O Ideal do Ego*. Porto Alegre, Artes Médicas.

- Chodorow, N. (1979). Estrutura Familiar e Personalidade Feminina. Em Rosaldo, M & Lamphere, L. (org.) *A Mulher, a Cultura e a Sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_ (1990). *Psicanálise da Maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos.
- Coria, C (1986). *El Sexo Oculto del Dinero: Formas de la dependencia femenina*. Grupo Editor Latinoamericano, Buenos Aires.
- Costa, A. O. & Bruschini, C. (orgs.) (1992). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos.
- Coupland, Coupland & Giles (1991). Formulating Age: discursive dimensions of age identity. Em Coupland, Coupland & Giles. *Language, Society and the Elderly*. Oxford, Blackwell.
- D'Avila Neto, M.I.(1980) *O Autoritarismo e a Mulher - o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil*. Rio, Achiamé.
- Da Matta, R (1979). *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Dauster, T. (1984) *A Experiência Obrigatória (notas sobre o significado do filho em camadas médias urbanas)*. Museu Nacional, PPGAS.
- Dolto, F (1989) *Sexualidade Feminina*. São Paulo, Martins Fontes.
- Deutsh, H. (1952). *La Psicología de la Mujer*. Buenos Aires. Ed.Lousada.
- \_\_\_\_\_ (1963). From Helene Deutsch. *Journal of American Psycho. Association*, 11: 4; p. 226 -228.
- \_\_\_\_\_ (1984). The Menopause. *Int. Journal Psycho-Anal.* 65:1 pp 55-62.
- Devereux, G. (1977). *De la Ansiedad al Método en las Ciencias del Comportamiento*. México, Siglo XXI Ed.
- Duarte, L.F.(1985) *Da Vida Nervosa: pessoa e modernidade nas classes trabalhadoras urbanas*. Tese de Doutorado, Museu Nacional, Rio de Janeiro.



- Dumont, L (1985). *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco.
- Erikson, E. H.(1976). *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro. Zahar.
- \_\_\_\_\_ (1987). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro. Ed. Guanabara .
- Féres-Carneiro, T. (1983). *Família: Diagnóstico e Terapia*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Ferreira, M.C.R. & Martins, L.A.F. (1988). Quantas Caras tem a Velhice? Uma Revisão Crítica de Estudos sobre o Envelhecimento e o Velho no Brasil. *Anais da 10 a. Reunião Anual de Psicologia*. Ribeirão Preto, São Paulo, 193-199.
- Figueira, S.A. (1981a). *O Contexto Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- \_\_\_\_\_ (1981b). Modernização da Família e Desorientação; Uma das Raízes do Psicologismo no Brasil. Em Figueira, S. A. (org.). *Cultura da Psicanálise*. São Paulo, Brasiliense.
- \_\_\_\_\_ (1984). *The Study of Psychoanalytic Diffusion*. Tese para a obtenção do grau PhD na Universidade de Londres.
- \_\_\_\_\_ (1985). Introdução: psicologismo, psicanálise e ciências sociais na cultura psicanalítica. Em Figueira, S. (org.). *Cultura da Psicanálise*. São Paulo, Brasiliense.
- \_\_\_\_\_ (org.). (1987). *Uma Nova Família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar.
- \_\_\_\_\_ (1988). Psicanalistas e Pacientes na Cultura Psicanalítica. Em Figueira, S. A. (org.). *Efeito Psi. A Influência da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Campus.
- \_\_\_\_\_ (1991). *Nos Bastidores da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago.
- Foucault, M. (1980). *História da Sexualidade: I - a vontade de saber*. Edições Graal, Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_ (1984). *Un Parcours Philosophique*. Ed. Gallimard, Paris .
- \_\_\_\_\_ (1993). *Microfísica do Poder*. Edições Graal . Rio de Janeiro.
- Freire Costa, J. (1979). *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro. Graal.
- \_\_\_\_\_ (1984). *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro. Graal..
- \_\_\_\_\_ (1988). Narcisismo em Tempos Sombrios. Em Birman, J. (org.). *Percursos na História da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Taurus.
- \_\_\_\_\_ (1989). *Psicanálise e Contexto Cultural*. Rio de Janeiro, Campus.

- Freud, S. (1895). Sobre os Critérios para Destacar de Neurastenia uma Síndrome Particular Intitulada "Neurose de Angústia". *Edição Standart*, 2.
- \_\_\_\_\_. (1898). A Sexualidade na Etiologia das Neuroses. *Edição Standart*, 3.
- \_\_\_\_\_. (1899). Cartas a Wilhelm Fliess, Manuscritos y Notas de los Años 1887 a 1902. *Obras Completas*, 22, Buenos Aires, Santiago Rueda.
- \_\_\_\_\_. (1900). A Interpretação dos Sonhos. *Edição Standart*, 5.
- \_\_\_\_\_. (1904). O Método Psicanalítico de Freud. *Edição Standart*, 7.
- \_\_\_\_\_. (1905). Sobre a Psicoterapia. *Edição Standart*, 7.
- \_\_\_\_\_. (1907). Atos Obsessivos e Práticas Religiosas. *Edição Standart*, 9.
- \_\_\_\_\_. (1908). Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna. *Edição Standart*, 9.
- \_\_\_\_\_. (1910). Leonardo da Vinci e uma Lembrança da sua Infância. *Edição Standart*, 11.
- \_\_\_\_\_. (1911). Notas Psicanalíticas Sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia (Dementia Paranoides). *Edição Strandart*, 12.
- \_\_\_\_\_. (1912). Tipos de Desencadeamento das Neuroses. *Edição Standart*, 12.
- \_\_\_\_\_. (1913). A Ocorrência, em Sonhos, de Material Oriundo de Contos de Fadas. *Edição Standart*, 12.
- \_\_\_\_\_. (1912-1913). Totem e Tabu. *Edição Standart*, 13.
- \_\_\_\_\_. (1914). Sobre o Narcisismo: uma Introdução. *Edição Standart*, 14.
- \_\_\_\_\_. (1915). Reflexões para os Tempo de Guerra e Morte. *Edição Standart*, 14.
- \_\_\_\_\_. (1916). O Problema Econômico do Masoquismo. *Edição Standart*, 14.
- \_\_\_\_\_. (1916,a). Lições Introdutórias sobre Psicanálise. *Edição Standart*, 15.
- \_\_\_\_\_. (1916,b). Alguns Tipos de Caráter Encontrados no Trabalho Psicanalítico. *Edição Standart*, 14.
- \_\_\_\_\_. (1917). Luto e Melancolia. *Edição Standart*, 14.
- \_\_\_\_\_. (1921). Psicologia de Grupo e Análise do Ego. *Edição Standart*, 18.
- \_\_\_\_\_. (1923). O Ego e o Id. *Edição Standart*, 19.
- \_\_\_\_\_. (1924). A Dissolução do Complexo de Édipo. *Edição Standart*, 19.
- \_\_\_\_\_. (1924,a). O Problema Economico do Masoquismo. *Edição Standart*, 19.

- \_\_\_\_\_. (1925). Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos. *Edição Standart*, 19.
- \_\_\_\_\_. (1929 - 1930). O Mal Estar na Civillização. *Edição Standart*, 21
- \_\_\_\_\_. (1931). Sexualidade Feminina. *Edição Standart*, 21.
- \_\_\_\_\_. (1932). Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. *Edição Standart*, 22.
- \_\_\_\_\_. (1933). Feminilidade. Conferência XXIII. *Edição Standart*, 22.
- \_\_\_\_\_. (1937). Análise Terminável e Interminável. *Edição Standart*, 23.
- \_\_\_\_\_. (1938). Esboço de Psicanálise. *Edição Standart*, 23.
- Friedan, B. (1993). *The Fountain of Age*. New York, Simon & Schuster.
- Fundação IBGE. (1991). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD)*. Rio de Janeiro, IBGE.
- Garcia, C.A. (1993). Sexualidade Feminina e a Questão do Ideal em Freud. Em Figueira, S.A. (org). *A palavra e o Silêncio - Construções do Saber Psicanalítico na Universidade*. Rio de Janeiro, Dumará.
- Gay, P. (1991). *Freud: Uma Vida Para o Nosso Tempo*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Goffman, E (1975). *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, Vozes.
- Goldemberg, M. (1990). *A Outra: Um Estudo Antropológico Sobre a Amante do Homem Casado*. Rio de Janeiro. Revan.
- \_\_\_\_\_. (1991). *Ser Homem e Ser Mulher Dentro e Fora do Casamento*. Rio de Janeiro, Revan.
- Goldin. (1994). Avó na Flor da Idade. *Jornal do Brasil*, Seção Estilo de Vida., p.1., 8/5/1994, Rio de Janeiro.
- Guattari, F. (1991). *Caosmose- Um Novo Paradigma Estético*. Rio de Janeiro, Editora 34.
- Gutiérrez., E. (1992). *Mulher na Menopausa: Declínio ou Renovação ?* Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos.
- Haddad, E.G.M. (1986). *A Ideologia da Velhice*. São Paulo, Cortez.
- Halsenbach, G. & Silva, N.V. (1984). Industrialização, Emprego e Estratificação Social no Brasil. *Série Estudos*, fev. Rio de Janeiro, IUPERJ.
- Holsti, O. L. (1969). *Content Analysis for Social Sciences and Humanities*. Massachusetts, Addison-Wesley.

- Horney, K. (1991). *Psicologia Feminina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, S.A.
- Jablonski, B. (1988). Algumas Considerações Sobre a Crise do Casamento Contemporâneo e a Emancipação Feminina. Em Negreiros, T.C. (org.). *Emancipação da Mulher : uma luta*. NEM/PUC, Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. (1991). *Até Que a Vida Nos Separe: a crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro, Agir.
- Jacques, E. (1966). La Muerte y la crisis de la mitad de la vida. *Revista de Psicoanálisis*, t.IV., Buenos Aires.
- Jung, C. G. (1969). *The Structure and Dynamics of the Psyche*. London, 2nd Ed., Princeton University Press.
- Kaplan, H.I. & Sadock, B.J. (1990). *Compêndio de Psiquiatria*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Kernberg, O. (1989). *Mundo Interior e Realidade Exterior - teoria aplicada às relações objetais*. Rio de Janeiro, Imago.
- Kohlberg, L. (1966). A Cognitive-Developmental Analysis of Children's Sex-role Concepts and Attitudes. Em: Maccoby, E. *The Development of Sex Differences*. Califórnia, Stanford Univ. Press.
- Langenbach, M & Negreiros, T. C. (1990). Os Psicólogos Brasileiros nos Anos 80. *Arquivo Latinoamericano de Historia de la Psicología y Ciencias Afines*. Vol. 2, no. 1, 87-101.
- Langer, M. (1981). *Maternidade e Sexo*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (1983). *Vocabulário da Psicanálise*. Livraria Martins Fontes Editora, São Paulo.
- Lasch, C. (1984). *O Mínimo Eu*. São Paulo, Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. (1991). *Refúgio Num Mundo Sem Coração. A Família: Santuário ou Instituição Sitiada?* Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Leal, M.G.S. (1994). O Envelhecer na Instituição Religiosa Feminina. *Tese de Doutorado*. PUC/ S. P., São Paulo.
- Lemos, R. (1994). *Quarenta - A Idade da Loba*. São Paulo, Ed. Globo, S.A.
- Lengruber, V. (1994). *Womanhood in Brazil* - Trabalho apresentado no simpósio: Women in developing and developed nations - XIV World Congress of Social Psychiatry, Hamburgo - Alemanha.

- Lewin, H.(1980) Educação e Força de Trabalho Feminina no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*.(32): 45-59, maio.
- \_\_\_\_\_ et al.(1977). *Mão de Obra no Brasil - um inventário crítico*. Rio de Janeiro, Vozes.
- Lewin, K (1965). *Teoria de Campo em Ciências*. São Paulo, Livraria Pioneira Ed.
- \_\_\_\_\_ (1978). *Problemas de Dinâmica de Grupo*. São Paulo, Cultrix.
- Linhares, L. (1991). Família e Valores na Crise Institucional da Sociedade Brasileira. *Atualidade em Debate*. 12, 8-20, Rio de Janeiro, Centro João XXIII.
- Lins e Barros, M. (1981). Testemunho de Vida: Um Estudo Antropológico de Mulheres na Velhice. Em *Perspectivas Antropológica da Mulher*. Rio de Janeiro, Zahar.
- \_\_\_\_\_ (1987). *Autoridade e Afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Lo Bianco, A.C. (1985). A Psicologização do Feto. Em Figueira, S. A. (org.) *Cultura da Psicanálise*. São Paulo, Brasiliense.
- \_\_\_\_\_ et alii. (1988). A Ação Perfeita: Um Estudo Sobre a Virgindade Feminina no Rio de Janeiro. Em Negreiros, T. C. (org.) *Emancipação da Mulher: Uma Luta*. NEM/PUC, Rio de Janeiro.
- Luz, M. T. (org). (1982). *O Lugar da Mulher*. Rio de Janeiro, Graal.
- Machado, L (1992). Psicanálise e Velhice: Resistência ou Re-Existência? *Tese de Mestrado*. Depto de Psicologia, PUC/RIO, Rio de Janeiro.
- Magalhães, D. (1987). *A Invenção Social da Velhice*. Rio de Janeiro, Ed. do Autor.
- Marques, J.C.& Mardini, H. (1987). A Mulher na Carreira Universitária: Categorias Docentes e Áreas Profissionais. *Ciência e Cultura*.29 (9): 77-84, set.
- Massi, M. (1992). *Vida de Mulheres: Cotidiano e Imaginário*. Rio de Janeiro, Imago.
- Michelat, G. (1987). Sobre a Utilização da Entrevista não Diretiva em Sociologia. Em Thiollent, M. (org.). *Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*. São Paulo, Ed. Polis.
- Mitchell, J. (1979). *Psicanálise e Feminismo*. Belo Horizonte, Interlivros.
- \_\_\_\_\_ (1988). *Psicanálise da Sexualidade Feminina*. Rio de Janeiro, Campus.
- Money, J & Ehrhardt, A. (1972). *The Differentiation and Dimorphism of Gender Identity from Conception to Maturity*. Baltimore, John Hopkins Univ. Press.

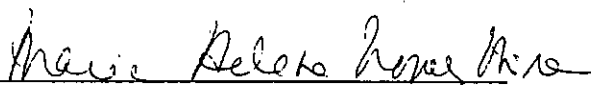
- Monteiro, M. P.(1990). *Mulher Profissão Mulher*. Petrópolis, Vozes.
- Moraes, M. Q. (1979). *A "nova" moral sexual das revistas femininas*. Em : Manatega, G (Coord). *Sexo e Poder*. Brasiliense, São Paulo, 1979.
- \_\_\_\_\_. (1981). Família e Feminismo. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, (37) : 44-51, maio.
- Nazio, J.D. (1992). *Os Sete Conceitos Cruciais da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Negreiros, T. C. (1985). Mulher: Procriação e Criação - Implicações Psico-Sociais da Maternidade. *Boletim Intercâmbio*. Rio de Janeiro, 4 (21), 39-49, jan/mar.
- \_\_\_\_\_. 1988). Demanda Feminina para Psicoterapia e Casamento. Em *Emancipação da Mulher: Uma Luta*. Rio de Janeiro, NEM/PUC.
- \_\_\_\_\_. (1990). *Brazilian Woman : Psychosocial Crisis and Demand for Therapy*. Mimeo. Apresentação no " Fourth Interdisciplinary Congress on Woman", Costa Rica.
- \_\_\_\_\_. (1992). *Velhice: conceito, preconceito, busca de novas concepções*. Depto de Psicologia, PUC/Rio, mimeo.
- Neri, A.L. (1991). *Envelhecer num País de Jovens - Significados de Velho e Velhice Segundo Brasileiros Não Idosos*. Campinas, Ed. da UNICAMP.
- Neves, S. P. (1986). *Homem, Mulher e Medo: Metáforas da Relação Homem-Mulher*. Petrópolis, Vozes.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (1987). *Sujeito e Cotidiano - Um Estudo da Dimensão Psicológica Social*. Rio de Janeiro, Campus.
- Novaes, M.H. (1995). *Conquistas Possíveis e Rupturas Necessária : psicologia da terceira idade*. Rio de Janeiro, Grifho Edições e Publicações Ltda .
- Oliver, R. (1977). The Empty-Nest Syndrome . Em : *Psychoterapy: Theory, Research and Practice*, Vol.14, n.1., Nova York., Spring .
- Oliveira, L.S.(1983). *Masculinidade, Feminilidade, Androgenia*. Rio de Janeiro, Achiamé.
- Oliveira, R. D.(1991). *Elogio da Diferença: o feminino emergente*. São Paulo, Brasiliense.
- Parsons, T (1964). Age and sex in social structure. Em: Coser, R.L. (ed.) . *The family, its Structure and Functions*. New York, St. Martin 's Press.
- Pereira, M.L.C.; Pimentel, R.M.C.L.B.; Fontes, M.C.O.(1994). *Mulher: 40 graus à Sombra - reflexões sobre a vida a partir dos 40 anos*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva.

- Ribeiro Coutinho, A.M. (1985). Pressupostos da Noção de Subjetividade. Em Figueira, S. A. (org.). *Cultura da Psicanálise*. São Paulo, Brasiliense.
- Richardson, R. J ; Peres, J.A.; Correia, L; Peres, M.H. ; Wanderley, J.C. (1985) . *Pesquisa Social- métodos e técnicas*. São Paulo, Atlas.
- Riley, M. (1987). Overview and Highlights of a Sociological Perspective. Em Sorensen, Weinert and Sherod (eds). *Human Development and the Life Course*. London, Lawrence Erlbaum.
- Saffioti, H. (1979). *A Mulher na Sociedade de Classes : mito e realidade*. Petrópolis, Vozes.
- Salas, O (1990). *A Feminilidade - uma revisão da fase fálica*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Salem, T. (1980). *O Velho e o Novo: um estilo de papéis e conflitos familiares*. Petrópolis, Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1985). A Trajetória do Casal Grávido: de sua Constituição à Revisão do seu Projeto. Em Figueira, S. A. (org.) *Cultura da Psicanálise*. São Paulo, Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. (1986). Família em Camadas Médias: Uma Perspectiva Antropológica . *B.I.P.* Rio de Janeiro, no. 21, 25-39, 1º semestre.
- Segal, H. (1958). Fear of Death Notes of Analysis of an Old Man. *International Journal of Psychoanalysis*. 39: 178-81.
- Sontag, S. (1979). The Double Standard of Aging. Em Williams, W. & Norton ( eds.) *Psychology of Woman*. Nova York.
- Sorj, B. (1992). O feminismo na Encruzilhada da Modernidade e Pós Modernidade. Em Costa, A.O. & Bruschini, M.C. *Uma questão de Gênero*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos.
- Souza, O (1994). *Fantasia de Brasil*. Escuta, Rio de Janeiro.
- Stengers, I (1990). *Quem Tem Medo da Ciência?- ciências e poderes*. Rio de Janeiro, Siciliano.

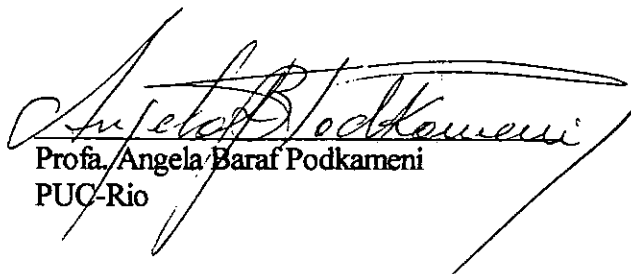
- Tabak, F. (1987). *Mulher e Democracia no Brasil*. Rio de Janeiro. PUC-Rio, Núcleo de Estudos sobre a mulher.
- \_\_\_\_\_. (1989). *A Mulher Brasileira no Congresso Nacional*. Brasília, Câmara dos Deputados.
- \_\_\_\_\_. (1994). A Lei como Instrumento de Mudança Social. Em: Tabak, F. & Verucci, F. (orgs.). *A Dificil Igualdade: Os Direitos da Mulher como Direitos Humanos* Rio de Janeiro, Dumará.
- Toscano, M. & Goldemberg, M. (1992). *A Revolução das Mulheres - Um Balanço do Feminismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Revan.
- Tucker, P & Money, J. (1981). *Os Papéis Sexuais*. São Paulo, Brasiliense.
- Velho, G. (1981). *Individualismo e Cultura: Notas Para Uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1983). Aliança e Casamento na Sociedade Moderna: Separação e Amizade em Camadas Médias Urbanas. *Bol. Mus. Nac.*, (39): 1-11.
- \_\_\_\_\_. (1985). A Busca de Coerência: Coexistência e Contradições entre Códigos em Camadas Médias Urbanas. Em Figueira, S. A. (org.) *Cultura da Psicanálise*. Paulo, Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. (1989). *A Utopia Urbana: um estudo de Antropologia Social*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Vilhena, J. (org.) (1991). *Escutando a Família: Uma Abordagem Psicanalítica*. Rio de Janeiro, Dumará.
- Villanueva, C.F & Gallego, M. (1994). Obstáculos para o Exercício dos Direitos da Mulher. Em Tabak, F & Verucci, F. (orgs.). *A Dificil Igualdade : Os Direitos da Mulher como Direitos Humanos*. Rio de Janeiro, Dumará.
- Weyne, V.C. (1975). Estudo sobre Psicoterapia de Velhos: Uma Fenomenologia da Velhice. *Tese de Mestrado*. Depto de Psicologia, PUC/RIO.



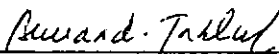
Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Teresa Creusa de Góes Monteiro Negreiros, intitulada "A 'nova' mulher em processo de envelhecimento: confrontos e conflitos", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



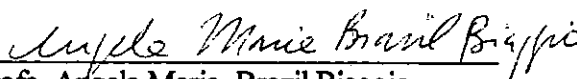
Prof. Maria Helena Novaes Mira  
Orientadora - PUC-Rio



Prof. Angela Baraf Podkameni  
PUC-Rio



Prof. Bernardo Jablonski  
PUC-Rio




Prof. Angela Maria Brazil Biaggio  
URGS



Prof. Fany Tabak  
UNIRIO

Visto e permitida a impressão  
Rio de Janeiro, 09 de fevereiro de 1996.



Prof. Jurgen Heye  
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de Teologia e Ciências Humanas